DA MAGIA À SEDUÇÃO

Alice Hoffman



Tradução de
Claudia Martinelli Gama

Rio de Janeiro - 1999

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Da Magia a Sedução

Superstição

Por mais de duzentos anos, as mulheres Owens haviam sido responsabilizadas por tudo o que saía errado na cidade. Se sobrevinha uma primavera úmida, se as vacas no pasto davam leite que gotejava com sangue, se um potro morria de cólica, ou um bebê nascia com uma mancha na face, todos acreditavam que o destino devia ter sido torcido, pelo menos um pouco, por aquelas mulheres da rua Magnólia. Não importava qual era o problema — relâmpagos, gafanhotos ou uma morte por afogamento. Não importava se a situação podia ser explicada pela lógica, pela ciência ou por mera má sorte. Assim que havia um sinal de dificuldade ou o mais leve infortúnio, as pessoas começavam a apontar os dedos e a lançar culpa. Dentro em breve, elas haviam se convencido de que não era seguro passar diante da casa das Owens, depois do anoitecer, e somente os vizinhos mais tolos ousariam espreitar por sobre a grade de ferro batido preto, que circundava o jardim como uma cobra.

No interior da casa, não havia relógios nem espelhos, e em cada uma das portas havia três fechaduras. Ratos viviam sob as tábuas do assoalho e nas paredes e, frequentemente, podiam ser encontrados nas gavetas da cômoda, onde roíam as toalhas de mesa bordadas, assim como os debruns rendados dos jogos americanos de linho. Quinze espécies diferentes de madeira foram usadas para os assentos, nos vãos das janelas e consolos da lareira, inclusive carvalho dourado, freixo prateado e uma cerejeira singularmente perfumada, que desprendia o odor de fruta madura mesmo no rigor do inverno, quando todas as árvores no lado de fora nada mais eram do que um pau preto desfolhado. Não importava o quanto o resto da casa pudesse estar empoeirado, nenhuma parte do madeiramento jamais precisava de lustro. Se a pessoa olhasse de relance, podia ver a própria imagem refletida bem ali, nos lambris da sala de jantar e no corrimão em que se apoiava, enquanto subia a escada. Todos os cômodos eram escuros, mesmo ao meio-dia, e frios durante todo o calor de julho. Qualquer pessoa que ousasse postar-se na varanda, onde a hera crescia desordenadamente, poderia tentar, por horas, olhar através das janelas e não veria nada. Era a mesma coisa, ao se olhar para fora. O vidro das janelas, de tom verde, era tão velho e tão grosso que tudo do outro lado

parecia um sonho, inclusive o céu e as árvores.
As menininhas que viviam no sótão eram irmãs, com diferença de idade de apenas treze meses. Nunca lhes diziam para ir para a cama antes da meia-noite ou lhes lembravam de escovar os dentes. Ninguém se incomodava se suas roupas estavam amarrotadas, ou se elas cuspiam na rua. Durante todo o tempo em que essas menininhas estavam crescendo, era-lhes permitido dormir de sapatos e desenhar, com creions pretos, caretas nas paredes de seu quarto de dormir. Elas podiam tomar Dr Peppers gelado como café da manhã, se fosse o que desejassem, ou comer tortas de marshmallow como jantar. Podiam subir no telhado e encarapitar-se no cimo de ardósia, inclinando-se para trás o máximo possível, a fim de avistar a primeira estrela. Ali permaneciam nas ventosas noites de março ou nas úmidas tardes de agosto, sussurrando, discutindo se era plausível que mesmo o menor desejo um dia se realizasse.
As meninas estavam sendo criadas pelas tias, que, por mais que quisessem, simplesmente não podiam mandar as sobrinhas embora. As crianças, afinal, eram órfãs de pais descuidados, que estavam tão apaixonados a ponto de não perceberem a fumaça desprendendo-se das paredes do bangalô, onde tinham ido desfrutar de uma segunda lua-de-mel, depois de deixarem as meninas em casa com uma babá. Não era de surpreender que as Irmãs sempre partilhassem uma cama, durante as tempestades. Ambas aterrorizavam-se com trovões e nunca conseguiam falar acima de um sussurro, assim que o céu começava a ribombar. Quando enfim dormitavam, os braços passados uma em volta da outra, com frequência tinham exatamente os mesmos sonhos. Havia momentos em que podiam completar as frases uma da outra. Certamente cada uma podia fechar os olhos e adivinhar o que a outra mais desejava, como sobremesa, em qualquer dado dia.
Contudo, apesar de sua intimidade, as duas irmãs eram inteiramente diferentes na aparência e no temperamento. A parte os belos olhos cinzentos pelos quais as mulheres Owens eram conhecidas, ninguém teria motivo para imaginar que as irmãs eram aparentadas. Gillian era clara e loura, ao passo que o cabelo de Sally era tão negro quanto o pêlo dos mal-educados gatos, pois as tias permitiam que eles se ocultassem pelo jardim e puxassem os cortinados na sala de visitas. Gillian era preguiçosa e gostava de dormir além do meio-dia. Economizava o

dinheiro de sua mesada, depois pagava a Sally para fazer seu dever de casa de matemática e passar seus vestidos de festa. Tomava garrafas de Yoo-Hoo e comia grudentas barras de Hershey, enquanto se esparramava no piso frio do porão, contente em observar Sally espanar as prateleiras de metal, onde as tias guardavam picles e conservas. O que Gillian mais gostava no mundo era deitar-se no assento da janela, almofadado de veludo, no patamar superior, onde as cortinas eram confeccionadas em damasco, e um retrato de Maria Owens, que há tanto tempo construíra a casa, acumulava poeira em um canto. Era ali que ela podia ser encontrada nas tardes de verão, tão à vontade e lânguida que as traças pousavam nela, confundindo-a com uma almofada, e passavam a fazer minúsculos buracos em sua camiseta e no jeans.

Sally, trezentos e noventa e sete dias mais velha do que a irmã, era tão conscienciosa quanto Gillian era preguiçosa. Ela nunca acreditava em nada que não pudesse ser provado com fatos e números. Quando Gillian apontava uma estrela cadente, era Sally quem lhe lembrava que o que estava caindo na terra era apenas uma velha rocha, aquecida por sua descida pela atmosfera. Desde o início, Sally era o tipo de pessoa que tomava iniciativa. Ela não gostava da confusão e da desordem que enchiam, do sótão ao porão, a velha casa das tias.

Desde a época em que cursava a terceira série, e Gillian a segunda, era Sally quem preparava saudáveis jantares de bolo de carne, vagens frescas e sopa de cevada, usando receitas de um exemplar de Alegria de cozinhar, que conseguira levar às escondidas para casa. Todas as manhãs, arrumava as suas lancheiras, embrulhando sanduíches de peru com tomate em pão de trigo integral, acrescentando palitos de cenoura e biscoitos de aveia com glacê. Gillian jogava tudo no lixo, no instante seguinte em que Sally colocava o lanche em sua sala de aula, já que preferia os empapados sanduíches e bolinhos de chocolate com nozes, vendidos na cantina da escola, pois com frequência surrupiava, dos bolsos dos casacos das tias, suficientes moedas de dez e de vinte e cinco centavos para comprar o que desejava.

Noite e Dia, chamavam-nas as tias, e embora nenhuma das meninas risse dessa brincadeirinha nem a achasse um pouco engraçada, elas reconheciam a verdade que ela continha e eram capazes de compreender, mais cedo do que a maioria das irmãs, que a lua sempre

tem ciúme do calor do sol, assim como o sol anseia por algo escuro e profundo. Elas guardavam bem os segredos uma da outra; faziam o sinal-da-cruz sobre o coração e esperavam morrer se cometessem um lapso e os contassem, mesmo se o segredo fosse apenas um rabo de gato puxado ou uma dedaleira roubada do jardim das tias.

As irmãs poderiam ter se tocaiado por causa de suas diferenças, poderiam ter se tornado maldosas, em seguida terem se separado, se tivessem podido ter amigos, mas as outras crianças da cidade as evitavam. Ninguém ousaria brincar com as irmãs, e a maioria das meninas e meninos cruzava os dedos quando Sally e Gillian se aproximavam, como se esse tipo de coisa fosse alguma proteção. Os meninos mais corajosos e impetuosos seguiam as irmãs até a escola, exatamente de uma certa distância que lhes permitia virar-se e correr, se necessário fosse. Esses meninos gostavam de lançar maçãs de inverno ou pedras nas meninas, mas mesmo os melhores atletas, aqueles que eram os astros de suas equipes da Pequena Liga, nunca conseguiam um golpe certeiro, quando faziam pontaria nas meninas Owens. Toda pedra, toda maçã sempre iam parar aos pés das irmãs.

Para Sally e Gillian, os dias eram preenchidos por pequenas humilhações. Nenhuma criança usaria um lápis ou creiom, imediatamente após ter sido tocado por uma menina Owens. Ninguém sentava junto a elas na cantina ou durante reuniões, e algumas meninas até soltavam um grito estridente, quando entravam despreocupadas no banheiro das meninas, para fazer xixi, ou fofocar ou escovar o cabelo, e descobriam que haviam topado com uma das irmãs. Durante os jogos, Sally e Gillian nunca eram escolhidas para as equipes, embora Gillian fosse a corredora mais veloz da cidade e conseguisse acertar uma bola de beisebol acima do telhado da escola, sobre a rua Endicott. Nunca eram convidadas para festas ou encontros de bandeirantes, ou chamadas para participar de jogos, brincar de amarelinha ou subir em uma árvore.

— Danem-se todos — dizia Gillian, com seu belo narizinho para o ar, enquanto os meninos faziam ruídos de duendes fantasmagóricos, quando as irmãs passavam por eles nos corredores da escola, a caminho da aula de música ou de arte. — Deixe que nos humilhem. Espere para ver. Um dia, eles nos implorarão para convidá-los a nossa casa e riremos nas suas caras.

Às vezes, quando estava se sentindo particularmente maldosa, Gillian virava-se de repente e gritava: — Bu —, e algum menino sempre mijava na calça e ficava muito mais humilhado do que Gillian algum dia ficara. Mas Sally não tinha coragem de revidar. Ela usava roupas escuras e tentava não ser notada. Fingia não ser inteligente e, na sala de aula, nunca erguia a mão. Disfarçava tão bem a própria natureza que, após certo tempo, ficou em dúvida a respeito da sua capacidade. A essa altura, era tão calada quanto um camundongo. Quando abria a boca na sala, só conseguia guinchar respostas erradas. Com o correr do tempo, fazia questão de sentar no fundo da sala e manter a boca firmemente fechada.

Ainda assim, não a deixavam em paz. Quando Sally estava na quarta série, alguém colocou um formigueiro aberto em seu armário no vestiário, de modo que, durante semanas, ela encontrou formigas esmagadas entre as páginas de seus livros. Na quinta série, um bando de meninos deixou um rato morto sobre a sua carteira. Uma das crianças mais cruéis colara uma etiqueta com nome nas costas do rato. Sali havia sido rabiscado com letras toscas, mas Sally não teve o menor prazer com a grafia errada do seu nome. Gritara diante do pequeno corpo enroscado, com seus minúsculos bigodes e patas perfeitas, mas quando a professora perguntara o que havia, ela apenas encolhera os ombros, como se tivesse perdido a capacidade de falar.

Em um belo dia de abril, quando Sally estava na sexta série, todos os gatos das tias seguiram-na até a escola. Depois disso, mesmo os professores não passavam por ela, em um corredor vazio, e arranjavam uma desculpa para rumar na outra direção. Enquanto fugiam para longe, os professores sorriam-lhe estranhamente, talvez tivessem medo de não fazê-lo. Gatos pretos podem fazer isso com algumas pessoas; fazem com que fiquem todas trêmulas e apavoradas e lembram-lhes noites escuras e perigosas. Os gatos das tias, no entanto, não eram particularmente assustadores. Eram mimados e gostavam de dormir nos sofás, e todos tinham nomes de aves. Havia Cardeal e Gralha, Corvo e Ganso. Havia um gatinho desajeitado chamado Pombo, e um gato mal-humorado chamado Pega, que sibilava para os outros e os mantinha acuados. Seria difícil acreditar que tal punhado sarnento de criaturas houvesse aparecido com um plano para envergonhar Sally, mas era o que parecia ter acontecido, embora talvez a tivessem seguido, naquele

dia, simplesmente porque ela preparara um sanduíche de atum, apenas para si mesma, pois Gillian fingia estar com amigdalite e se achava em casa, de cama, onde não deixaria de ficar durante a maior parte da semana, lendo revistas e comendo barras de doce, sem qualquer cuidado para que não caísse chocolate nos lençóis, já que era Sally que se responsabilizava pela lavagem de roupa.

Nessa manha, Sally sequer sabia que os gatos estavam atrás dela, até sentar-se à sua carteira. Alguns dos colegas estavam rindo, mas três meninas haviam pulado para cima do aquecedor e gritavam estridentemente. Qualquer pessoa teria pensado que um bando de demônios entrara na sala, mas eram apenas aquelas criaturas, picadas por pulgas, que haviam seguido Sally até a escola. Eles desfilaram pelas cadeiras e carteiras, negros como a noite e uivando como banshees[1]. Sally enxotou-os, mas os gatos simplesmente chegaram mais perto. Andaram de um lado para o outro à sua frente, as caudas no ar, miando com vozes tão horríveis que o som poderia ter coalhado o leite na xícara.

— Passa — sussurrou Sally, quando Pega pulou em seu colo e começou a correr as patas pelo seu melhor vestido azul. — Vá embora — suplicou-lhe ela.

Contudo, mesmo quando a srta. Mullins entrou e golpeou a carteira com uma régua e usou sua voz mais dura, sugerindo que era melhor Sally deixar a sala livre dos gatos — tout de suíte — ou se arriscaria a uma retenção, os animais revoltados recusaram-se a ir embora. Espalhara-se um pânico, e os colegas mais irascíveis de Sally já estavam cochichando sobre bruxaria. Uma bruxa, afinal de contas, era sempre acompanhada por um espírito familiar, um animal que cumprisse a sua ordem mais maligna. Quanto mais espíritos familiares houvesse, mais maldosa a ordem seria, e ali estava toda uma multidão de criaturas repugnantes. Várias crianças haviam desmaiado; algumas teriam fobia de gatos pelo resto da vida. Foi chamado o professor de ginástica, e ele brandiu uma vassoura por toda parte, mas ainda assim os gatos não se foram.

Um menino no fundo da sala, que exatamente naquela manhã havia roubado uma caixa de fósforos do pai, serviu-se do caos na classe e aproveitou oportunidade para pôr fogo na cauda de Pega. O odor de pêlo queimado rapidamente impregnou a sala, mesmo antes de Pega começar a gritar agudamente. Sally correu para o gato. Sem parar para pensar, ela ajoelhou-se e abafou as chamas com seu vestido azul

predileto.
— Espero que lhe aconteça alguma coisa horrível — ela gritou para o menino que incendiara Pega. Sally ergueu-se, com o gato aninhado em seus braços como um bebê, seu rosto e o vestido sujos de fuligem. — Então você verá o que é isso — disse ela ao menino. — Saberá como é.
Justo nesse instante, as crianças na sala de aula diretamente acima começaram a bater os pés (de alegria, uma vez que haviam sabido que seus testes de ortografia foram comidos pelo buldogue da sua professora de inglês) e uma laje caiu na cabeça do detestável menino. Ele desabou no chão, com o rosto cinzento apesar da cútis sardenta.
— Ela fez isso! — gritaram algumas das crianças, e as que não falaram em voz alta estavam com as bocas abertas e os olhos arregalados.
Sally fugiu da sala com Pega nos braços, e os outros gatos a seguiram. Os gatos ziguezaguearam debaixo e em torno de seus pés todo o caminho de casa, pelas ruas Endicott e Peabody, passando pela porta da frente e escada acima, e durante toda a tarde arranharam a porta do quarto de Sally, mesmo depois de ela ter-se trancado por dentro.
Sally chorou por duas horas seguidas. Amava os gatos, essa era a questão. Surrupiava-lhes pires de leite e levava-os ao veterinário na rua Endicott, em uma sacola de tricô, quando eles brigavam e se laceravam, e as cicatrizes infeccionavam. Adorava aqueles horríveis gatos, sobretudo Pega, no entanto sentada na sala de aula, inacreditavelmente embaraçada, teria observado com prazer cada um deles ser afogado em um balde de água gelada ou levar um tiro de uma pistola a ar comprimido. Ainda que tivesse saído, logo que se recobrara, para cuidar de Pega, limpando sua cauda e envolvendo-a em gaze de algodão, sabia que, em seu coração, ela o traíra. Daquele dia em diante, Sally se deu menos valor. Não pedia favores especiais às tias nem solicitava aquelas pequenas recompensas que merecia. Sálly não poderia ter conseguido um juiz mais intratável e intransigente. Considerara-se deficiente em compaixão e firmeza, e o castigo era a abnegação, daquele momento em diante.
Depois do incidente dos gatos, Sally e Gillian passaram a ser mais temidas do que ignoradas. Na escola, as outras meninas não mais implicavam; em vez disso, afastavam-se rapidamente, quando as irmãs Owens passavam, e todas mantinham os olhos baixos. Boatos de bruxaria espalhavam-se, em bilhetes passados de carteira em carteira;

acusações eram cochichadas nos corredores e banheiros. As crianças que possuíam gatos pretos suplicaram aos pais um animal de estimação diferente, um collie ou um porquinho-da-índia ou mesmo um peixinho dourado. Quando a equipe de futebol americano perdia, quando um forno explodia na sala de arte, todos olhavam na direção das meninas Owens. Mesmo os meninos mais desordeiros não ousavam acertá-las com bolas no recreio ou mirar bolas de papel mascado em sua direção; nem um só jogava maçãs ou pedras. Em festas e reuniões de bandeirantes, havia aqueles que juravam que Sally e Gillian podiam induzir um transe hipnótico, que faria com que a pessoa latisse como um cachorro ou saltasse de um penhasco, se assim o desejassem. Podiam enfeitiçar uma pessoa com uma única palavra ou uma inclinação de suas cabeças. E, se uma das irmãs estivesse verdadeiramente zangada, tudo o que precisava fazer era recitar a tabuada dos nove invertida, e isso seria o fim da pessoa. Os olhos em sua cabeça derreter-se-iam. A carne e os ossos se transformariam em pudim. No dia seguinte, ela seria servida na cantina da escola, e ninguém teria percebido.

As crianças da cidade podiam cochichar quaisquer boatos que desejassem, mas a verdade era que a maioria das suas mães, ao menos uma vez na vida, fora visitar as tias. De quando em quando, poderia aparecer alguém que queria chá de pimentão para um estômago delicado ou erva-borboleta para os nervos, mas toda mulher da cidade sabia qual era o verdadeiro negócio das tias: a sua especialidade era amor. As tias não eram convidadas para jantares, em que cada pessoa contribuía com um prato, ou para arrecadações de fundos para a biblioteca, mas quando uma mulher da cidade discutia com o amante, quando se via grávida de alguém que não era o seu marido, ou descobria que o homem com quem casara era infiel e desprezível, então lá estaria ela, na porta dos fundos das Owens, logo após o crepúsculo, a hora em que as sombras poderiam ocultar os seus traços, de modo que ninguém a reconhecesse, enquanto ficava sob a glicínia, uma trepadeira emaranhada que crescera acima da porta há mais tempo do que qualquer pessoa na cidade houvesse estado viva.

Não importava se uma mulher era professora da quinta série na escola primária, ou se era a esposa do pastor, ou talvez a namorada de muito tempo do ortodentista da rua Peabody. Não importava que as pessoas jurassem que pássaros pretos caíam do céu, prontos a arrancar seus

olhos com o bico, quando uma pessoa se aproximava da casa das Owens vindo do Leste. O desejo tinha um modo de tornar as pessoas estranhamente corajosas. Na opinião das tias, ele podia infiltrar-se sorrateiramente em uma mulher adulta e transformá-la, de uma criatura sensata em algo tão tolo quanto uma mosca, que não para de perseguir o mesmo cachorro velho. Assim que alguma tomava a decisão de ir à porta dos fundos, ela estaria mais do que disposta a beber chá de poejo, preparado com ingredientes que não poderiam sequer ser ditos em voz alta, que seguramente causariam sangramento naquela noite. Ela já decidira permitir que uma das tias picasse o terceiro dedo da sua mão esquerda com uma agulha de prata, se isso fosse necessário para, mais uma vez, trazer de volta o seu amado.

As tias cacarejavam como galinhas sempre que uma mulher avançava pelo atalho de arenito cinzento. A meio quilômetro de distância, elas conseguiam perceber o desespero. Uma mulher que estava transtornada e queria assegurar-se de que seu amor era correspondido ficaria contente em entregar um camafeu que, durante gerações, estivera em sua família. Uma que houvesse sido traída pagaria ainda mais. Mas aquelas mulheres que queriam o marido de uma outra, elas eram as piores. Fariam absolutamente qualquer coisa por amor. Ficavam completamente enroladas, como elásticos, apenas pelo calor do seu desejo, e não davam a mínima para convenções ou boas maneiras. Assim que as tias avistavam uma dessas mulheres avançando pelo atalho, mandavam as meninas diretamente para o sótão, mesmo nas noites de dezembro, quando o crepúsculo surgia bem antes das quatro e meia.

Nesses anoiteceres sombrios, as irmãs nunca protestavam que era cedo demais, ou que ainda não estavam cansadas. Subiam a escada na ponta dos pés, de mãos dadas. Do patamar, sob o velho retrato empoeirado de Maria Owens, as meninas davam boa-noite. Iam para os seus quartos, enfiavam as camisolas pela cabeça, em seguida iam diretamente para a escada dos fundos, de modo que pudessem descer furtivamente outra vez, comprimiam os ouvidos contra a porta e prestavam atenção a cada palavra. Ás vezes, quando era um anoitecer extremamente escuro, e Gillian estava sentindo-se particularmente valente, ela entreabria a porta com o pé, e Sally não ousava fechá-la de novo, de medo que pudesse ranger e denunciá-las.

— Isso é tão bobo — sussurrava Sally. — E pura bobagem — decretava ela.
— Então vá para a cama — Gillian sussurrava imediatamente em resposta. — Vamos — propunha ela, sabendo que Sally não ousaria perder nada do que acontecesse em seguida.
Do ângulo da escada dos fundos, as meninas conseguiam ver o velho fogão preto, a mesa e o tapete feito à mão, onde as clientes das tias frequentemente caminhavam de um lado ao outro. Elas podiam ver como o amor controlava uma pessoa, da cabeça aos dedos dos pés, para não mencionar cada parte sua no meio.
Por causa disso, Sally e Gillian haviam aprendido coisas que a maioria das crianças da sua idade não aprendera: que era sempre prudente recolher aparas de unhas, que haviam outrora sido o tecido vivo do seu amado, como precaução, se ele metesse na cabeça afastar-se; que uma mulher poderia querer tanto um homem que conseguiria vomitar na pia da cozinha, ou chorar tão furiosamente até formar sangue nos cantos dos seus olhos.
Nas noites em que a lua alaranjada estava subindo no céu, e alguma mulher chorava na cozinha, Sally e Gillian entrelaçavam os dedos mindinhos e prometiam solenemente nunca serem dominadas por suas paixões.
— Credo — as meninas cochichavam uma para a outra, quando uma cliente das tias se lamentava ou erguia a blusa, para mostrar as marcas em carne viva, onde cortara o nome do seu amado na pele, com uma gilete.
— Não nós — juravam as meninas, entrelaçando os dedos com ainda mais força.
Durante o inverno em que Sally tinha doze anos e Gillian quase onze, elas aprenderam que, às vezes, a coisa mais perigosa de todas, em questões de amor, era ser concedido o desejo do coração de uma pessoa. Esse foi o inverno em que uma jovem mulher que trabalhava na drugstore fora visitar as tias. Durante dias, a temperatura estivera caindo. O motor da caminhonete Ford das tias estralejava e recusava-se a virar, e os pneus estavam colados no piso de concreto da garagem. Os ratos não se arriscavam a sair do calor das paredes do quarto de dormir; os cisnes no parque bicavam ervas geladas e ainda ficavam com fome. A estação era tão fria, e o céu tão impiedoso e púrpura que fazia as

jovens meninas tremerem só de olhar para cima.
A cliente que chegou em um anoitecer escuro não era bonita, mas era conhecida pela bondade e pelo temperamento doce. Distribuía refeições aos idosos e cantava em um coro, com uma voz semelhante à de um anjo, e sempre colocava um jato extra de calda no copo, quando as crianças pediam Coca-Cola com baunilha no balcão. Mas quando lá chegou, à noitinha, essa moça simples e meiga estava em tamanha agonia que se enroscou no tapete feito à mão. Seus punhos estavam cerrados com tanta força, que pareciam com as patas de um gato. Ela jogou a cabeça para trás, e seu cabelo lustroso caiu sobre o rosto, como uma cortina. Mastigou o lábio até a carne sangrar. Estava sendo devorada viva pelo amor e já perdera cerca de treze quilos. Por causa disso, as tias pareceram apiedar-se dela, algo que raramente acontecia. Embora a moça não tivesse muito dinheiro, deram-lhe a poção mais forte que conseguiram, com instruções exatas sobre como fazer com que o marido de outra mulher se apaixonasse por ela. Em seguida, advertiram-na de que o que era feito nunca podia ser desfeito e, portanto, ela devia ter certeza.
— Tenho certeza — disse a moça, com a sua calma e bela voz, e as tias deviam ter ficado satisfeitas, porque lhe entregaram o coração de um pombo, colocado em um dos seus melhores pires, do tipo com os salgueiros azuis e o rio de lágrimas.
Sally e Gillian sentaram-se na escada dos fundos no escuro, os joelhos se tocando, os pés sujos e nus. Estavam tremendo, mas ainda assim sorriram e sussurraram, junto com as tias, um encantamento que conheciam o bastante para recitar no seu sono:
— Este alfinete o coração do meu amante vai sentir, e sua devoção eu vou conseguir. Não haverá meio de ele dormir ou descansar, até que venha comigo falar. Só quando acima de tudo me amar, encontrará paz e, na paz, irá serenar.
Gillian fazia pequenos movimentos de punhalada, que era o que a moça devia fazer com o coração do pombo, quando repetisse essas palavras por sete noites seguidas, antes de ir para a cama.
— Nunca dará certo — Sally cochichou mais tarde, enquanto elas tateavam o caminho no escuro, escada acima e pelo corredor, até os seus quartos.
— Talvez dê certo — Gillian cochichou em resposta. — Embora ela não

seja bonita, ainda está dentro do domínio da possibilidade.
Sally empertigou-se. Era mais velha e mais alta, e sempre decidia.
— Vamos averiguar isso.
Durante, aproximadamente, duas semanas, Sally e Gillian vigiaram a moça perdida de amor. Como detetives contratados, ficavam sentadas durante horas no balcão da drugstore e gastavam todo o seu dinheiro miúdo em Coca-Cola e batatas fritas, para que pudessem ficar de olho nela. Seguiam-na, quando ela voltava para o apartamento que dividia com outra moça, que trabalhava na tinturaria de lavagem a seco. Quanto mais acompanhavam seu itinerário, mais Sally começava a sentir que estava invadindo a privacidade da moça, mas as irmãs continuavam a acreditar que estavam realizando importante pesquisa, embora de vez em quando Gillian ficasse confusa acerca de qual realmente era o objetivo de ambas.
— E simples — disse-lhe Sally. — Precisamos provar que as tias não possuem poder algum.
— Se as tias são cheias de conversa fiada — Gillian sorriu largamente —, então nós somos exatamente como todos os demais.
Sally balançou a cabeça, concordando. Estava longe de exprimir o quanto sentia profundamente a respeito desse assunto, uma vez que ser igual a todos os outros era seu desejo de coração. A noite, Sally sonhava com casas de fazenda e cercas de estacas brancas, quando acordava de manhã, olhava pela janela e via as pontas de metal negro que as rodeavam, lágrimas formavam-se em seus olhos. Outras meninas, ela sabia, banhavam-se com sabonete Ivory e o perfumado Camay, enquanto ela e Gillian eram obrigadas a usar o sabonete preto, que as tias preparavam duas vezes por ano, no queimador traseiro do seu fogão. Outras meninas tinham mães e pais que não davam a menor importância para desejo e destino. Em nenhuma outra casa na sua rua ou na sua cidade, havia uma gaveta abarrotada de camafeus, entregues em pagamento por desejos satisfeitos.
Tudo o que Sally podia esperar era que, talvez, sua vida não fosse tão inteiramente anormal quanto se afigurava. Se o encantamento de amor não desse certo para a moça da drugstore , então talvez as tias estivessem apenas simulando os seus poderes. Assim, as irmãs esperaram e rezaram para que nada acontecesse. E, quando parecia certo que nada aconteceria, o diretor da sua escola, o sr. Halliwell,

estacionou sua caminhonete do lado de fora do apartamento da moça, exatamente quando a luz estava desaparecendo. Ele entrou despreocupadamente, mas Sally notou que ele fez questão de olhar por sobre o ombro. Seus olhos estavam turvos, como se não houvesse dormido por sete noites.

Naquele anoitecer, as meninas não foram para casa jantar, apesar de Sally ter prometido às tias que prepararia costeletas de carneiro e feijões ao forno. O vento aumentou, e uma chuva glacial começou a cair. Ainda assim, as meninas permaneceram no outro lado da rua, diante do apartamento da moça. O sr. Halliwell só saiu depois das nove e tinha uma expressão estranha no rosto, como se não soubesse perfeitamente onde estava. Passou direto pelo próprio carro, sem reconhecê-lo, e só quando estava a meio caminho de casa, lembrou-se de que estacionara em algum lugar e, em seguida, levou quase uma hora para localizar o local esquecido. Depois disso, ele aparecia todo anoitecer, à mesma exata hora. Uma vez, teve o atrevimento de ir à drugstore no almoço e pedir um cheeseburger e uma Coca-Cola, embora não tivesse dado nem uma mordida, em vez disso, ficou fitando ansiosamente a moça que o enfeitiçara. Permaneceu ali sentado no primeiro banquinho, tão ardente e enamorado, que o tampo de linóleo do balcão onde apoiava os cotovelos começou a borbulhar. Quando por fim notou Sally e Gillian observando-o, exigiu que as irmãs rumassem de volta para a escola e estendeu a mão para o seu sanduíche, mas ainda não conseguia afastar os olhos da moça. Fora atingido por alguma coisa, sem dúvida. As tias haviam-no alcançado tão seguramente quanto se o tivessem abatido com um arco e flecha.

— Coincidência — insistiu Sally.

— Não sei disso. — Gillian deu de ombros. Qualquer pessoa podia ver que a moça da drugstore parecia toda iluminada por dentro, enquanto preparava sundaes com calda de chocolate e registrava na caixa receitas de antibióticos e xarope para tosse. — Ela conseguiu o que desejava. Seja como for que tenha acontecido.

Contudo, como se veio a saber, a moça não obteve exatamente o que desejava. Ela retornou às tias, mais atormentada do que nunca. O amor era uma coisa, o casamento era bem diferente. O sr. Halliwell, ao que parecia, não estava convencido de que podia deixar a esposa.

— Não acho que queira acompanhar isso — Gillian sussurrou para Sally.

— Como sabe?
As meninas estavam sussurrando no ouvido uma da outra. Experimentavam uma sensação amedrontada que em geral não tinham, quando espiavam da segurança da escada.
— Eu vi, uma vez. — Gillian parecia particularmente pálida. Seu cabelo louro projetava-se da cabeça em uma nuvem.
Sally distanciou-se da irmã. Ela compreendeu por que as pessoas diziam que o sangue podia transformar-se em gelo.
— Sem mim?
Frequentemente Gillian ia à escada dos fundos sem a irmã para se pôr à prova, verificar o quanto podia ser destemida.
— Achei que você não quereria. Algumas das coisas que elas fazem são bastante repulsivas. Você não seria capaz de aguentar.
Depois disso, Sally tinha de permanecer ao lado da irmã mais nova na escada, ao menos para provar que seria capaz.
— Veremos quem consegue aguentar, e quem não consegue — sussurrou ela.
Mas Sally nunca teria permanecido, teria corrido até o seu quarto e trancado a porta com um ferrolho, se tivesse sabido que, a fim de forçar um homem a se casar quando ele não o deseja, algo horrível tem de ser feito. Ela fechou os olhos assim que trouxeram a pomba selvagem. Ela cobriu os ouvidos com as mãos para que não a tivesse de ouvir guinchar, enquanto a seguravam sobre a bancada. Disse a si mesma que cozinhara costeletas de carneiro, grelhara frango, e isso não era tão diferente. Mesmo assim, depois daquele anoitecer, Sally nunca mais comeu carne bovina ou de ave, ou sequer peixe, e tinha uma sensação aterrorizadora sempre que um bando de pardais ou cambaxirras, pousados nas árvores, sobressaltavam-se e punham-se em fuga. Muito tempo depois, ainda procurava a mão da irmã quando o céu começava a escurecer.
Durante todo aquele inverno, Sally e Gillian viram a moça da drugstore com o sr. Halliwell. Em janeiro, ele deixou a esposa para se casar com ela, e eles se mudaram para uma casinha branca na esquina da Terceira com a Endicott. Logo que se tornaram marido e mulher, raramente se separavam. A todo lugar que a moça ia, ao mercado ou ao ensaio, o sr. Halliwell acompanhava, como um cão bem treinado que não necessita de correia. Assim que a escola fechava, ele rumava para a drugstore.

Aparecia em horas irregulares, com um punhado de violetas ou uma caixa de nuga e, às vezes, as irmãs podiam ouvir sua nova esposa falar-lhe com aspereza, apesar dos seus presentes. Não podia perdê-la de vista por um minuto? Era o que ela sibilava para o seu amado. Não podia dar-lhe um minuto de paz?

Quando a glicínia começara a florir na primavera seguinte, a moça estava de volta. Sally e Gillian estavam ocupadas no jardim ao cair da noite, colhendo cebolas da primavera para um ensopado de legumes. O tomilho na parte traseira do jardim começara a desprender seu delicioso odor, como sempre fazia nessa época do ano, e o alecrim estava menos áspero e quebradiço. A estação estava tão úmida que os mosquitos entravam em atividade com todo ímpeto, e Gillian batia nos insetos que haviam pousado na sua pele. Sally teve de dar puxões na manga da blusa da sua irmã, para fazer com que ela notasse quem estava avançando, pelo atalho de arenito cinzento.

— Uh-uh — disse Gillian. Ela parou de dar tapas em si mesma. — Ela parece horrível.

A moça da drugstore sequer parecia mais uma moça, parecia velha. Seu cabelo não estava brilhante, e sua boca tinha uma forma esquisita, como se ela houvesse mordido algo amargo. Esfregava as mãos; talvez a pele estivesse rachada, porém parecia que ela estava nervosa de um modo espantoso. Sally pegou o cesto de vime com cebolas e observou, enquanto a cliente das tias batia na porta dos fundos. Ninguém atendeu, então ela esmurrou a madeira, frenética e zangada.

— Abram! — gritava ela, repetidamente. Continuava a bater, e o som ecoava, não respondido.

Quando a moça notou as irmãs e se encaminhou para o jardim, Gillian ficou branca, como um fantasma, e agarrou-se à irmã. Sally manteve sua posição, uma vez que não havia, afinal de contas, para onde ir. As tias haviam pregado na cerca uma caveira de cavalo, para manter afastadas as crianças da vizinhança com predileção por morangos e hortelã. Agora Sally se viu desejando que também mantivesse afastados os espíritos malignos, porque era isso que a moça da drugstore se afigurava, era o que parecia ser enquanto se lançava sobre elas, naquele jardim onde alfazema, alecrim e alho espanhol já cresciam em abundância, ao passo que a maioria dos quintais vizinhos permaneciam lamacentos e desfolhados.

— Vejam o que elas fizeram comigo — gritou a moça. — Ele não me deixa em paz por um minuto. Retirou todas as fechaduras, até da porta do banheiro. Não consigo dormir ou comer, porque ele está sempre me observando. Quer foder-me constantemente. Estou dolorida por dentro e por fora.

Sally deu dois passos para trás, quase tropeçando em Gillian, que ainda se agarrava a ela. Não era assim que as pessoas em geral falavam com as crianças, mas essa moça obviamente não dava a mínima para o que era certo ou errado. Sally podia ver que os seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar. Sua boca parecia dura, como se somente palavras injuriosas pudessem sair de seus lábios.

— Onde estão as bruxas que fizeram isso comigo? — disse a moça.

As tias estavam olhando pela janela, observando o que a avareza e a estupidez podiam fazer a uma pessoa. Sacudiram as cabeças tristemente, quando Sally olhou de relance para a janela. Não desejavam se envolver mais com essa moça. Algumas pessoas não podem ser advertidas para se afastarem da desventura. Pode-se tentar, pode-se oferecer todos os alertas, mas elas ainda assim seguem seus próprios planos.

— Nossas tias saíram de férias — disse Sally com uma voz frágil e incerta. Ela nunca dissera uma mentira antes, e isso deixou um travo escuro em sua garganta.

— Vá chamá-las — berrou a moça. Ela não era mais a pessoa que costumava ser. No ensaio do coro, chorava durante os seus solos e tinha de ser conduzida ao estacionamento de carros, para que> não desordenasse todo o programa. — Faça isso já, ou lhe darei palmadas até você ficar imbecil.

— Deixe-nos em paz — disse Gillian, da segurança do seu esconderijo, atrás de Sally. — Se não deixar, colocaremos uma maldição pior em você.

Ao ouvir isso, a moça da drugstore avançou. Tentou agarrar Gillian e ergueu a mão contra ela. Mas foi Sally quem ela esbofeteou, acertou-a com tanta força que Sally cambaleou, pisando o alecrim e a verbena. Por trás do vidro da janela, as tias recitaram as palavras que lhes foram ensinadas quando crianças, para silenciar as galinhas. Houvera todo um cercado de esqueléticos espécimes castanhos e brancos, mas quando as tias terminaram com elas, nunca guincharam novamente. Na verdade,

foi o seu silêncio que permitiu que fossem mortas por cães desgarrados no meio da noite.
— Oh — disse Gillian, ao perceber o que acontecera à irmã. Uma marca vermelho-sangue estava se formando na face de Sally, mas foi Gillian quem começou a chorar. — Sua criatura horrível — disse ela à moça. — Você é absolutamente horrível!
— Não me ouviram? Tragam-me as suas tias!
Ou, pelo menos, foi isso o que a moça tentou dizer, mas ninguém ouviu uma palavra. Nada saiu de sua boca. Nem um berro ou um grito estridente, nem certamente uma escusa. Ela levou a mão à garganta, como se alguém a estivesse estrangulando, mas na realidade estava se sufocando com todo aquele amor de que pensara necessitar tanto.
Sally observou a moça, cujo rosto já se tornara branco de medo. Como se veio a saber, a moça da drugstore nunca falou novamente, embora às vezes emitisse pequenos ruídos de arrulho, como o pio de uma rola ou pombo, ou, quando estava verdadeiramente furiosa, um guincho estridente que não era diferente do som aterrorizado que as galinhas emitem, quando são perseguidas e, depois, apanhadas para serem untadas e grelhadas. Seus amigos do coro lamentaram a perda da sua bela voz, mas com o correr do tempo começaram a evitá-la. Suas costas tornaram-se arqueadas, como a espinha de um gato que houvesse pisado sobre um carvão incandescente. Ela não conseguia ouvir uma palavra amável sem cobrir os ouvidos com as mãos e bater o pé, como uma criança mimada.
Pelo resto da vida, seria seguida em toda parte por um homem que a amava demais, e não poderia sequer dizer-lhe para ir embora. Sally sabia que as tias nunca abririam a porta para essa cliente, nem se ela voltasse mil vezes. Essa moça não tinha direito de exigir mais nada. O que ela pensara, que o amor era um brinquedo, uma coisa fácil e doce, apenas para se divertir? O verdadeiro amor era perigoso, dominava uma pessoa por dentro e agarrava-se firmemente e, se ela não se livrasse dele com suficiente rapidez, poderia ficar disposta a fazer qualquer coisa em seu benefício. Se a moça da drugstore tivesse sido esperta, teria pedido, de início, um antídoto, não um encantamento. No fim, obtivera o que havia desejado e, se ainda não aprendera uma lição com isso, havia uma pessoa nesse jardim que aprendera. Havia uma menina que sabia o bastante para entrar, trancar a porta três vezes e não derramar uma

única lágrima, enquanto picava as cebolas, que de tão acres fariam qualquer outra pessoa chorar a noite inteira.
Uma vez por ano, na véspera do solstício de verão, um pardal penetrava na casa das Owens. Não importava como alguém tentasse impedi-lo, o pássaro sempre conseguia introduzir-se. Podiam dispor pires de sal nos peitoris das janelas e contratar um faz-tudo para consertar as calhas e o telhado, e ainda assim o pássaro surgia. Entrava na casa ao crepúsculo, a hora da aflição, e sempre chegava em silêncio, no entanto com uma estranha resolução, desafiando tanto o sal como os tijolos, como se a pobre criatura não tivesse escolha, exceto pousar nas cortinas e no empoeirado lustre, do qual gotas de vidro tombavam como lágrimas.
As tias mantinham as vassouras à mão, a fim de escorraçar o pássaro pela janela, mas o pardal voava alto demais para ser capturado. Enquanto ele circundava a sala de jantar, as irmãs contavam, pois sabiam que três vezes ao redor significava dificuldade, e era sempre três vezes ao redor. Dificuldade, naturalmente, não era nada de novo para as irmãs Owens, especialmente à medida que cresciam. No momento em que as meninas iniciaram a escola secundária, os meninos que as haviam evitado durante todos aqueles anos, subitamente, não conseguiam manter-se afastados de Gillian. Ela podia ir ao mercado, em busca de uma lata de sopa de ervilha, e voltar namorando firme o rapaz que arrumava as prateleiras de comida congelada. Quanto mais velha ficava, pior a coisa se tornava. Talvez fosse o sabonete preto com que se banhava que fazia sua pele parecer iluminada. Qualquer que fosse a razão, ela era quente ao toque e impossível de ignorar. Os rapazes olhavam-na e ficavam tão tontos que tinham de ser levados às pressas para a sala de primeiros socorros, a fim de receber oxigênio ou um pouco de sangue. Homens que haviam sido venturosamente casados, e eram velhos o bastante para ser seu pai, de súbito metiam na cabeça propor-lhe casamento e oferecer-lhe o mundo, ou pelo menos a sua versão dele.
Quando Gillian usava saias curtas, provocava acidentes de carro na rua Endicott. Quando passava, cães presos em canis, com grossas correntes de metal, esqueciam-se de rosnar e morder. Em um escaldante Dia em Memória dos Mortos na Guerra, Gillian cortou a maior parte do seu cabelo, de modo que ficou tão curto quanto o de um rapaz, e praticamente todas as moças da cidade a copiaram. Mas nenhuma

delas conseguia parar o trânsito, ao exibir seu pescoço bonito. Nenhuma delas podia usar o seu esplêndido sorriso, a fim de ser aprovada em biologia e estudos sociais, sem fazer uma única prova ou sequer um trabalho de casa. Durante o verão em que Gillian tinha dezesseis anos, toda a equipe principal de futebol americano passava todos os sábados no jardim das tias. Ali eles podiam ser encontrados, todos em fila, grandalhões, silenciosos e loucamente apaixonados, arrancando ervas daninhas entre as fileiras de beladona e verbena, atentos para evitar as chalotas, que eram tão causticantemente fortes que queimariam a pele dos dedos de um rapaz, se ele não estivesse prestando atenção.

Gillian partia corações, como outras pessoas partiam gravetos para lenha. Quando estava no último ano da escola secundária, era tão rápida e perita nisso que alguns rapazes sequer sabiam o que estava acontecendo, ate serem deixados em um grande acabrunhamento emocional. Se alguém pegasse todas as dificuldades, em que as moças se metiam quando adolescentes, e as reduzisse por fervura por vinte e quatro horas, acabar-se-ia com algo do tamanho de uma barra Snickers. Mas se fundisse todas as dificuldades em que Gillian Owens se meteu, para não mencionar todo o desgosto que causou, ter-se-ia um prato pegajoso tão alto quanto o edifício da Assembleia Legislativa em Boston.

As tias não se preocupavam nem um pouco com a reputação de Gillian. Nem ao menos pensaram em lhe impor um horário ou um bom pito. Quando Sally obteve a licença de motorista, ela usava a caminhonete para apanhar as compras na mercearia e transportar entulho para o depósito de lixo, mas assim que Gillian pôde dirigir, ela pegava o carro toda noite de sábado e só voltava para casa ao amanhecer. As tias ouviam Gillian entrar sorrateiramente pela porta da frente e elas encontravam garrafas de cerveja escondidas no porta-luvas do Ford. As moças sempre seriam moças, era como as tias encaravam isso, o que era especialmente verdadeiro para uma Owens. O único conselho que as tias ofereciam: é mais fácil evitar um bebê do que criá-lo; e mesmo Gillian, tão temerária como era, podia enxergar a verdade disso.

Era com Sally que as tias se preocupavam. Sally, que todas as noites preparava jantares nutritivos e depois lavava os pratos, que fazia as compras de mercado, às terças-feiras, e pendurava a roupa lavada do lado de fora, às quintas-feiras, de modo que os lençóis e as toalhas tivessem um cheiro agradável. As tias tentavam estimulá-la a não ser tão

boa. A bondade, na sua opinião, não era uma virtude, mas meramente falta de firmeza e medo, disfarçados como humildade. As tias julgavam que havia coisas mais importantes com que se preocupar do que porções de poeira sob as camas, ou folhas caídas amontoando-se na varanda. As mulheres Owens ignoravam as convenções, eram voluntariosas e obstinadas e deviam ser assim. Aquelas primas que se casaram sempre insistiram em manter o próprio nome, e suas filhas eram igualmente Owens. Regina, a mãe de Sally e Gillian, havia sido particularmente difícil de controlar. As tias piscavam para conter as lágrimas, sempre que pensavam em como Regina caminhava ao longo da balaustrada da varanda, de meias e sem sapatos, quando bebia um pouco a mais de uísque, os braços estendidos para se equilibrar. Talvez tivesse sido tola, mas Regina sabia como se divertir, uma capacidade de que as mulheres Owens se orgulhavam. Gillian herdara a veia rebelde da mãe, mas Sally não reconheceria uma diversão se a visse diante de si.

— Saia — instavam as tias nas noites de sábado, quando Sally estava enroscada no sofá com um livro da biblioteca. — Divirta-se — sugeriam elas, com suas vozes fracas e ásperas, que conseguiam afugentar os caracóis de seu jardim, mas não conseguiam tirar Sally do sofá.

As tias tentavam ajudar Sally a se tornar mais sociável. Elas começaram a recolher jovens educados, como outras senhoras idosas recolhiam cães desgarrados. Colocavam anúncios nos jornais das faculdades e telefonavam para associações de estudantes. Todos os domingos, realizavam recepções ao ar livre, com sanduíches de carne e garrafas de cerveja preta, mas Sally simplesmente ficava sentada em uma cadeira de metal, de pernas cruzadas, com a mente em outro lugar. As tias compravam-lhe batons cor-de-rosa e sais de banho da Espanha. Encomendavam pelo reembolso postal vestidos de festa, combinações de renda e botas de camurça macia, mas Sally dava tudo a Gillian, que podia melhor aproveitar esses presentes, e continuava a ler livros nas noites de sábado, exatamente como lavava roupa nas quintas-feiras.

Isso não quer dizer que Sally não se esforçasse ao máximo para se apaixonar. Era meditativa e reservada, com assombrosa capacidade de concentração e, durante certo tempo, aceitou convites para ir ao cinema e a bailes, e para passear em torno do pequeno lago no parque. Rapazes, que marcavam encontro com Sally na escola secundária,

ficavam estarrecidos com o tempo que ela podia concentrar-se em um simples beijo, e não podiam deixar de se perguntar de que mais ela seria capaz. Vinte anos depois, muitos deles ainda estavam pensando em Sally, quando não deviam, mas ela nunca se interessara por um só e não conseguia lembrar seus nomes. Não saía duas vezes com o mesmo rapaz, porque na sua opinião isso não seria justo e, já então, ela acreditava em coisas como justiça, mesmo em assuntos tão estranhos e incomuns como o amor.

Observar Gillian passar por metade da cidade fez com que Sally se perguntasse se talvez ela teria apenas granito, no lugar em que deveria estar o seu coração. Mas quando as irmãs deixaram a escola secundária, ficou claro que, embora Gillian pudesse apaixonar-se, ela não conseguia permanecer assim por mais de duas semanas. Sally começou a pensar que eram igualmente amaldiçoadas e, considerados o seu ambiente e criação, realmente não era surpresa que as irmãs tivessem tamanha má sorte. As tias, afinal, ainda conservavam, sobre sua cômodas, fotografias dos jovens que haviam outrora amado, irmãos que tinham sido orgulhosos demais para se abrigar, durante um piquenique tempestuoso. Os rapazes haviam sido fulminados por um raio no parque da cidade, que era onde estavam então enterrados, sob uma lápide polida e redonda, onde pombas selvagens reuniam-se ao amanhecer e ao cair da noite. Todo agosto, os raios eram novamente atraídos para lá, e os amantes se desafiavam a atravessar correndo o parque, sempre que surgiam nuvens escuras de tempestade. Os namorados de Gillian eram os únicos suficientemente cegos de amor para se arriscarem a serem fulminados, e dois deles se encontraram no hospital, depois de suas corridas pelo parque, seus cabelos para sempre arrepiados, seus olhos arregalados daquele momento em diante, mesmo enquanto dormiam.

Quando Gillian tinha dezoito anos, permaneceu apaixonada durante três meses, tempo suficiente para decidir escapar para Maryland e casar-se. Tinha de fugir já que as tias haviam recusado dar sua bênção. Em seu juízo, Gillian era jovem e estúpida e engravidaria em tempo recorde — todos os pré-requisitos para uma vida infeliz e medíocre. Como se veio a saber, as tias tinham razão apenas sobre á sua estupidez e juventude. Gillian não teve tempo para engravidar — duas semanas depois do casamento, ela abandonou o marido pelo mecânico que consertou o seu

Toyota. Foi a primeira de muitas desventuras matrimoniais, mas na noite em que ela fugiu qualquer coisa parecia possível, até a felicidade. Sally ajudou a amarrar uma corda de lençóis brancos, atados uns aos outros, para que Gillian pudesse escapulir. Sally considerava a irmã mais nova sôfrega e egoísta; Gillian julgava Sally presunçosa e puritana, mas ainda eram irmãs e, nesse momento em que estavam prestes a se separar, ficaram paradas diante da janela aberta e abraçaram-se e choraram, em seguida prometeram solenemente que ficariam afastadas só por um breve tempo.

— Quisera que você fosse conosco. — A voz de Gillian estivera sussurrante, da maneira como ficava durante tempestades de trovoadas e raios.

— Não tem de fazer isso — dissera Sally. — Se não tem certeza.

— Estou farta das tias. Quero uma verdadeira vida. Quero ir para onde ninguém jamais tenha ouvido falar nas Owens.

Gillian estava usando um vestido curto branco, que tinha de ficar puxando para baixo, sobre as coxas. Em vez de soluçar, ela remexeu na bolsa até encontrar um amarfanhado maço de cigarros. Ambas as irmãs piscaram, quando ela acendeu o fósforo. Ficaram paradas no escuro e observaram a incandescência alaranjada do cigarro, e a cada vez que Gillian inalava, Sally não se deu o trabalho de mostrar que cinzas quentes estavam caindo no chão, que ela varrera cedo nesse dia.

— Prometa-me que não permanecerá aqui — disse Gillian. — Ficará toda amarfanhada, como um pedaço de papel. Destruirá a sua vida.

No jardim embaixo, o rapaz com quem Gillian estava prestes a fugir ficava nervoso. Gillian era conhecida por voltar atrás, quando chegava o momento de se comprometer. Na realidade, era famosa por isso. Somente nesse ano, três universitários haviam-se convencido, cada um, de que ele era aquele com quem Gillian pretendia casar, e cada um lhe levara um anel de diamante. Por um bom tempo, Gillian usou três anéis em uma corrente de ouro, mas no final devolveu todos, partindo corações em Princeton, Providence e Cambridge, todos exatamente na mesma semana. Os outros estudantes da sua turma de graduação aceitavam apostas sobre quem seria seu par no baile de formandos, já que ela estivera, durante meses, acolhendo e recusando convites de vários pretendentes.

O rapaz no jardim, que em breve seria o primeiro marido de Gillian,

começou a atirar pedras no telhado, e o eco soava exatamente como uma tempestade de granizo. As irmãs lançaram os braços em volta uma da outra. Tinham a impressão de que o destino as estava erguendo do chão, chocalhando-as ao redor, depois soltando-as em futuros completamente alternativos. Passar-se-iam anos antes que se vissem novamente. Seriam então mulheres adultas, velhas demais para cochichar segredos ou subir ao telhado no meio da noite.
— Venha conosco — disse Gillian.
— Não — respondeu Sally.— Impossível. — Ela sabia com certeza de determinados fatos do amor. — Somente duas pessoas podem fugir.
Havia dúzias de pedras caindo no telhado; havia milhares de estrelas no céu.
— Sentirei tanto a sua falta — disse Gillian.
— Vá adiante — disse Sally. Ela seria a última pessoa no mundo a deter a irmã. — Agora vá.
Gillian abraçou Sally uma última vez e, em seguida, desapareceu pela janela. Elas haviam servido às tias sopa de cevada, misturada com uma generosa quantidade de uísque, de modo que as velhas mulheres estavam adormecidas no sofá. Não ouviram absolutamente nada. Mas Sally podia ouvir a irmã, correndo pelo caminho de arenito cinzento abaixo, e ela chorou toda aquela noite e imaginou que ouvia passos, quando nada se movia no lado de fora, exceto os sapos do jardim. Pela manhã, Sally saiu para recolher os lençóis brancos que Gillian deixara em uma pilha ao lado da glicínia. Por que era Sally quem sempre ficava para trás para lavar a roupa?

Por que se importava que houvesse manchas de sujeira no tecido, necessitando de alvejante extra? Nunca se sentira mais só ou abandonada. Se ao menos pudesse acreditar na salvação do amor, mas o desejo fora destruído para ela. Considerava o anseio uma obsessão, o fervor uma preocupação veemente. Desejava nunca ter se esgueirado pela escada dos fundos abaixo, para escutar, enquanto as clientes das tias choravam, suplicavam e faziam papel de bobas. Tudo isso servira apenas para torná-la imune ao amor e, francamente, ela achava que provavelmente nunca mudaria.
Nos dois anos seguintes, ocasionalmente chegavam cartões-postais de Gillian, com abraços-e-beijos e desejo-que-estivessem-aqui, mas sem

um endereço do remetente. Todo esse tempo, Sally tinha menos esperança de que sua vida desembocasse em algo, que não fosse preparar refeições, que as tias não queriam, e arrumar uma casa em que o madeiramento nunca necessitava de lustro. Tinha vinte e um anos. A maioria das moças da sua idade estava concluindo a faculdade, ou recebendo um aumento no trabalho, de modo que poderiam mudar-se para seus próprios apartamentos, porém a coisa mais emocionante que Sally fazia era caminhar até a loja de ferragens. Às vezes levava perto de uma hora para escolher entre alvejantes.

— O que acha? Qual é o melhor para um piso de cozinha? — ela perguntava ao balconista, um jovem bonito que ficava tão confuso com essa pergunta que simplesmente apontava o Lysol.

O balconista tinha l,93m e Sally nunca conseguia ver a expressão do seu rosto, enquanto ele lhe indicava o produto de limpeza preferido. Se fosse mais alta, ou tivesse subido na escada usada para abastecer as prateleiras, Sally teria reparado que, sempre que o balconista a olhava, sua boca estava aberta, como se houvesse palavras que ele desejava que transbordassem espontaneamente, para transmitir o que era tímido demais para falar.

Caminhando da loja de ferragens para casa, Sally chutava pedras. Um bando de pássaros pretos pôs-se a segui-la, soltando gritos estridentes e grasnando, a respeito de como ela era uma criatura ridícula e, embora se encolhesse a cada vez que os pássaros voavam acima da sua cabeça, Sally concordava com eles. Seu destino parecia estar determinado. Ficaria eternamente esfregando o chão e chamando as tias do jardim, nas tardes que eram frias e úmidas demais para que elas ficassem agachadas na terra, sobre as mãos e joelhos. Na realidade, os dias estavam parecendo cada vez mais semelhantes, até mesmo permutáveis. Ela mal notava a diferença entre inverno e primavera. Mas o verão na casa das Owens tinha a sua própria delineação — aquele pavoroso pássaro que invadia a sua paz — e, quando o anoitecer do solstício seguinte chegou, Sally e as tias estavam preparadas para seu indesejável convidado, como em todos os anos. Estavam esperando na sala de jantar que o pardal surgisse, e nada aconteceu. As horas passaram-se — elas podiam ouvir o relógio na sala de visitas — e, ainda assim, nenhuma chegada, nenhum adejar, nada de penas. Sally, com seu singular medo de pássaros em voo, amarrara um lenço em volta da

cabeça, mas então percebia que não havia necessidade disso. Nenhum pássaro entrou pela janela, ou pelo buraco no telhado que o faz-tudo não conseguira encontrar. Ele não voou ao redor três vezes para anunciar infortúnio. Sequer bateu de leve na janela com seu pequeno e agudo bico.

As tias entreolharam-se, intrigadas. Mas Sally riu alto. A ela, com sua insistência de prova, fora concedida uma convincente indicação: as coisas mudavam. Elas alteravam-se. Um ano não era exatamente como o seguinte, e o que vinha depois, e o que vinha depois daquele. Sally saiu correndo da casa e continuou correndo até chegar à frente da loja de ferragens, onde se chocou com o homem com que se casaria. Assim que olhou para ele, Sally sentiu-se tonta e teve de sentar-se no meio-fio, com a cabeça abaixada para não desmaiar, e o balconista que sabia tanto a respeito de lavar um piso de cozinha sentou-se bem ao seu lado, embora seu patrão berrasse para que voltasse ao trabalho, uma vez que já se formara uma fila na caixa registradora.

O homem por quem Sally se apaixonou chamava-se Michael. Era tão atencioso e afável que beijou as tias na primeira vez em que as encontrou e, imediatamente, perguntou se precisavam que seu lixo fosse levado para o meio-fio, o que as conquistou sem mais demora, sem perguntas a fazer. Sally casou-se com ele rapidamente, e mudaram-se para o sótão, que de súbito pareceu o único lugar no mundo em que Sally desejava ficar.

Que Gillian viajasse da Califórnia para Memphis. Que se casasse e se divorciasse três vezes seguidas. Que beijasse todo homem que cruzasse o seu caminho, e quebrasse toda promessa que algum dia fez sobre voltar para casa nas férias. Que sentisse pena da irmã, confinada naquela velha casa. Sally não se incomodava nem um pouco. Na opinião de Sally, era impossível existir no mundo e não estar apaixonada por Michael. Mesmo as tias haviam começado a prestar atenção ao som do seu assobio, quando ele voltava da loja de ferragens para casa, ao anoitecer. No outono, ele revolveu o jardim para as tias. No inverno, instalou as janelas adicionais protetoras e tapou as fendas em torno das velhas e embaçadas janelas, com massa de vidraceiro. Desmontou a antiga caminhonete Ford e remontou-a, e as tias ficaram tão impressionadas que lhe deram o carro, assim como sua permanente

afeição. Ele sabia o bastante para se manter fora da cozinha, sobretudo ao crepúsculo, e se reparou nas mulheres que chegavam à porta dos fundos, nunca interrogou Sally a seu respeito. Seus beijos eram lentos e profundos, e ele gostava de despir a roupa de Sally com a lâmpada da mesa-de-cabeceira acesa, e sempre fazia questão de perder quando jogava gamão com uma das tias.

Quando Michael mudou-se para lá, a própria casa começou a mudar, e até os morcegos no sótão sabiam disso e passaram a fazer ninhos fora, junto ao telheiro do jardim. No junho seguinte, rosas haviam começado a crescer ao longo da balaustrada da varanda, sufocando a ambrósia-americana, em vez de o contrário. Em janeiro, a corrente de ar na sala de visitas desapareceu, e o gelo não se formou no caminho de arenito cinzento. A casa permaneceu alegre e aquecida e, quando Antonia nasceu, em casa, uma vez que uma terrível nevasca estava armando-se do lado de fora, o lustre com as lágrimas de vidro movia-se, por conta própria, de um lado para o outro. Durante toda a noite, dir-se-ia que um rio estava fluindo pela casa. O barulho era tão bonito e tão real que os ratos saíram das paredes, para se certificar de que a casa ainda estava de pé, e que uma campina não tomara o seu lugar.

Antonia recebeu o sobrenome de Owens, por insistência das tias, de acordo com a tradição da família. As tias puseram-se imediatamente a mimar a criança, adicionando calda de chocolate às suas mamadeiras, permitindo-lhe brincar com pérolas desenfiadas, levando-a ao jardim, fazendo tortas de lama e colhendo alcachofras, logo que ela começou a engatinhar. Antonia teria sido completamente feliz em ser filha única para sempre, mas três anos e meio depois, exatamente à meia-noite, nasceu Kylie, e todos repararam de imediato como ela era fora do comum. Mesmo as tias, que não poderiam ter amado mais outra criança além de Antonia, predisseram que Kylie veria o que os outros não podiam ver. Ela inclinava a cabeça e prestava atenção na chuva antes que esta caísse. Apontava para o teto momentos antes de uma libélula aparecer, exatamente no mesmo local. Kylie era um bebê agradável que as pessoas que espiavam para dentro do seu carrinho sentiam-se tranquilas e sonolentas só de olhá-la. Os mosquitos nunca a mordiam, e os gatos pretos das tias não a arranhavam, mesmo quando ela tentava agarrar-lhes as caudas. Kylie era um doce de criança, tão encantadora e meiga que Antonia se tornava, a cada dia, mais sôfrega e mais egoísta.

— Olhem para mim! — gritava ela, sempre que se arrumava com os velhos vestidos de chiffon das tias, ou quando acabava com todas as ervilhas do seu prato.
Sally e Michael afagavam sua cabeça e ocupavam-se de cuidar do bebê, mas as tias sabiam o que Antonia queria ouvir. Levavam-na para o jardim à meia-noite, uma hora excessivamente tardia para uma criança boba, e mostravam-lhe como a beladona floria no escuro e como, se escutasse atentamente com seus ouvidos de menina crescida, que eram muito mais sensíveis ao som do que os de sua irmã menor algum dia seriam, poderia escutar as minhocas movendo-se através do solo.
Para comemorar a chegada do bebê, Michael convidara para uma festa todos os que trabalhavam na loja de ferragens, que agora administrava, e todas as pessoas do quarteirão. Para surpresa de Sally, todos apareceram. Mesmo aqueles convidados que haviam receado passar, mesmo apressadamente, por sua aléia da frente em noites escuras pareciam ansiosos por ir e comemorar. Eles tomaram cerveja gelada, comeram bolo e dançaram ao longo do caminho de arenito cinzento. Antonia estava vestida de organdi e renda, e um grupo de admiradores aplaudiu, quando Michael a ergueu até uma velha mesa de piquenique, para que ela pudesse cantar The Old Gray Mare e Yankee Doodle.
A princípio, as tias recusaram-se a participar e insistiram em acompanhar os festejos pela janela da cozinha, como pedaços de papel preto presos de encontro ao vidro. Eram velhas damas anti-sociais que tinham melhores coisas a fazer com seu tempo, ou assim afirmavam. Mas mesmo elas não conseguiram resistir a essa reunião e, quando afinal todo mundo ergueu um copo de champanhe em homenagem ao novo bebê, as tias entraram no jardim para o brinde, chocando a todos. No espírito da festa, atiraram os copos sobre o caminho, não se importando que, semanas depois, cacos surgiriam na terra entre as fileiras de repolho.
Você não acreditara como tudo mudou, confidenciou Sally à irmã. Ela escrevia a Gillian pelo menos duas vezes por mês, em papel azul-claro. As vezes, errava completamente, enviando as cartas para St. Louis, por exemplo, apenas para descobrir que a irmã já se mudara para o Texas. Parecemos tão normais, escreveu Sally. Acho que você talvez desmaiasse, se pudesse nos ver. Acho sinceramente.
Eles jantavam juntos todas as noites, quando Michael voltava do

trabalho para casa, e as tias já não sacudiam a cabeça ao ver os saudáveis pratos de legumes que Sally insistia em servir às filhas. Embora não dessem grande importância a boas maneiras, elas não estalavam a língua, quando Antonia tirava a mesa. Não reclamaram quando Sally inscreveu Antonia na escola maternal, no centro comunitário, onde lhe ensinaram a dizer “Por favor” e “Obrigada”, se quisesse biscoitos, e onde se sugeriu que talvez fosse melhor ela não carregar minhocas nos bolsos, se queria que as outras menininhas brincassem com ela. As tias, contudo, realmente bateram pé a respeito de festas infantis, uma vez que isso significaria monstros alegres e turbulentos perambulando pela casa, rindo e tomando limonada cor-de-rosa e deixando pilhas de confeitos entre as almofadas-do sofá.

Nos aniversários e feriados, Sally acostumou-se a dar festas na sala dos fundos da loja de ferragens, onde havia uma máquina de goma de mascar e um pônei de metal, que proporcionava cavalgadas gratuitas a tarde inteira, se a pessoa soubesse como chutá-lo nos joelhos. Todas as crianças da cidade cobiçavam um convite para uma dessas festas.

— Não se esqueça de mim — as meninas da turma de Antonia lembravam-lhe, quando se aproximava o dia do seu aniversário.

— Sou a sua melhor amiga — sussurravam elas, quando se avizinhavam o Dia das Bruxas e o Dia da Independência. Quando Sally e Michael levavam as crianças para passear, os vizinhos acenavam-lhes em vez de atravessar rapidamente a rua. Dentro em breve, eles viram-se convidados para jantares em que cada um contribuía com um prato e para festas de Natal e, certo ano, Sally foi até incumbida da barraca de tortas na Feira da Colheita.

E exatamente o que eu queria , escreveu Sally. Absolutamente todas as coisas. Venha nos visitar, suplicava ela, mas sabia que Gillian nunca voltaria por sua livre vontade. Gillian confessara que, quando se lembrava do nome da sua cidade, rebentava-lhe urticária. Apenas ver um mapa de Massachusetts deixava-a nauseada. O passado era tão deplorável que ela se recusava a pensar nele. Ainda acordava à noite, recordando-se de que orfãzinhas patéticas elas haviam sido. Esqueça uma visita. Esqueça qualquer tipo de relacionamento com as tias, que nunca compreenderam o que significava para as irmãs serem tão marginalizadas. Alguém teria de pagar a Gillian um quarto de milhão, dinheiro à vista, para conseguir que atravessasse de volta o Mississippi,

não importava o quanto adoraria conhecer as queridas sobrinhas, que estavam, evidentemente, sempre no seu coração.
A lição que há tanto tempo Sally aprendera na cozinha — ser cautelosa com o que se desejar — estava tão distante e tão esmaecida que se transformara em poeira amarela. Mas era a espécie de poeira que nunca pode ser varrida e, em vez disso, é impelida para os olhos daqueles a quem se ama, quando uma corrente de ar se desloca pela casa. Antonia estava com quase quatro anos, e Kylie estava começando a dormir a noite inteira, e a vida parecia inteiramente maravilhosa sob todos os aspectos, quando o anóbio foi encontrado junto à cadeira em que Michael com mais frequência se sentava ao jantar. Esse inseto, que demarca o tempo, dando estalidos como um relógio, emite o som que ninguém jamais quer ouvir junto a seu amado. O prazo de um homem na terra é bastante limitado, mas uma vez que se inicia o tiquetaquear do besouro, não há meio de detê-lo. Não há nenhuma tomada a puxar, nenhum pêndulo a parar, nenhuma mudança de comutador que faça voltar o tempo, que outrora se pensou possuir.
Durante várias semanas as tias ouviram o tiquetaque e, por fim, chamaram Sally à parte para lançar um aviso, mas Sally não deu atenção. — Tolice — disse ela, e riu alto. Tolerava as clientes que, de vez em quando, ainda vinham à porta dos fundos ao crepúsculo, mas não permitiria que a insensatez das tias afetasse a sua família. A prática das tias era disparate e mais nada, um mingau preparado para alimentar as ilusões dos desesperados. Sally não ouviria nem mais uma palavra a esse respeito. Não olharia, quando as tias insistiam em mostrar que um cachorro preto passara a ficar sentado na calçada todo anoitecer. Não daria ouvidos, quando elas juravam que o cachorro sempre virava a cara para o céu, todas as vezes em que Michael se aproximava, e que uivava ao avistá-lo e rapidamente recuava para longe de sua sombra, com o rabo entre as pernas.

Apesar da admoestação de Saliy, as tias colocaram murta sob o travesseiro de Michael e insistiram para que ele se banhasse com azevinho e uma barra do seu sabonete preto especial. No bolso de seu casaco, elas enfiaram furtivamente o pé de um coelho que haviam certa vez apanhado, comendo a sua alface. Misturaram alecrim aos flocos de cereal do seu café da manha, alfazema em sua xícara de chá noturna.

Ainda assim, ouviam o besouro na sala de jantar. Por fim, recitaram uma prece de trás para a frente, mas evidentemente isso teve consequências próprias: logo todos na casa ficaram com gripe, insônia e uma erupção que não desapareceria por semanas, nem mesmo quando uma mistura de calamina e bálsamo-de-meca foi aplicada na pele. No final do inverno, Kylie e Antonia começaram a chorar sempre que o pai tentava sair do aposento. As tias explicaram a Sally que ninguém que estivesse fadado conseguia ouvir o som do besouro, e era por isso que Michael insistia em que nada podia absolutamente desandar. Mesmo assim, ele deve ter sabido de alguma coisa: parou de usar relógio de pulso e atrasou todos os relógios de parede e mesa. Depois, quando o tiquetaque ficou mais alto, abaixou todos os estores da casa e manteve-os cerrados contra o sol e a lua, como se ele pudesse parar o tempo. Como se alguma coisa pudesse.

Saliy não acreditava em uma palavra que as tias diziam. Ainda assim, enervou-se com toda aquela conversa sobre morte. Sua pele tornou-se manchada, seu cabelo perdeu o brilho. Parou de comer e dormir, e detestava deixar Michael longe dos seus olhos. Agora, sempre que ele a beijava, ela chorava e desejava nunca ter se apaixonado. Isso tornara-a excessivamente indefesa, porque era o que o amor fazia. Não havia meio de contorná-lo nem de combatê-lo. Agora, se ela perdesse, perdia tudo. Não que fosse acontecer, só porque as tias disseram que aconteceria. Aliás, elas eram ignorantes. Saliy fora até a biblioteca pública e examinara todos as obras de referência entoipológicas. O anóbio roía madeira e nada mais. O que achariam as tias disso! A mobília e o madeiramento talvez estivessem em perigo, mas o corpo humano estava a salvo, ou assim Sally então acreditava.

Em uma tarde chuvosa, enquanto estava dobrando uma toalha de mesa branca, Sally pensou ouvir alguma coisa. A sala de jantar estava vazia, e ninguém mais se achava em casa, mas lá estava aquilo. Um estalo, um tinido, como uma pulsação ou um relógio. Ela cobriu os ouvidos com as mãos, deixando que a toalha de mesa tombasse ao chão em uma pilha de linho limpo. Recusava-se a acreditar em superstição, não acreditaria. No entanto, isso a estava solicitando, e foi aí que viu algo disparar sob a cadeira de Michael. Uma criatura indistinta, excessivamente veloz e ardilosa, para ser apanhada sob o tacão de uma bota.

Naquela noite, ao crepúsculo, Sally encontrou as tias na cozinha. Ela

caiu de joelhos e suplicou-lhes que a ajudassem, exatamente como todas aquelas mulheres desesperadas diante dela haviam feito. Ofereceu tudo o que possuía de algum valor: os anéis em seus dedos, suas duas filhas, seu sangue, mas as tias sacudiram a cabeça tristemente.

— Farei qualquer coisa — gritou Sally. — Acreditarei em qualquer coisa. Apenas me digam o que fazer.

Mas as tias já se haviam esforçado ao máximo, e o besouro ainda estava ao lado da cadeira de Michael. Alguns destinos são assegurados, não importa quem tente interferir. Em um anoitecer da primavera que era particularmente agradável e ameno, Michael desceu do meio-fio em seu caminho para casa, vindo do trabalho, e foi morto por um carro cheio de adolescentes que, em comemoração de sua coragem e juventude, haviam bebido demais.

Depois disso, Sally não falou por um ano inteiro. Ela simplesmente não tinha nada a dizer. Não conseguia olhar para as tias. Na sua opinião, elas eram deploráveis charlatonas, velhas que exerciam menos poder do que as moscas deixadas a morrer, nos peitoris das janelas, presas atrás do vidro, asas translúcidas batendo debilmente. Deixe-me sair. Deixe-me sair. Se ouvia o farfalhar das saias das tias anunciar a sua entrada em um cômodo, Sally saía. Se reconhecia seus passos na escada, quando vinham ver como estava ou desejar-lhe boa-noite, levantava-se da cadeira junto à janela a tempo de aferrolhar a sua porta, e nunca as ouvia bater. Meramente colocava as mãos sobre os ouvidos.

Sempre que Sally ia à drugstore em busca de pasta de dentes ou creme para assadura, via a moça atrás do balcão e seus olhos se cravavam. Sally compreendia então o que o amor podia fazer a uma pessoa. Compreendia bem demais para jamais permitir que isso lhe acontecesse novamente. A pobre moça da drugstore não poderia ter muito mais de trinta anos, mas parecia velha, seu cabelo já se tornara branco. Se precisava dizer algo a uma pessoa — um preço, por exemplo, ou o sundae especial da semana —, tinha de escrevê-lo em um bloco de papel. Seu marido ficava sentado no último banquinho do balcão, praticamente o tempo todo, espichando uma xícara de café durante horas. Mas Sally mal o notava. Era da moça que não conseguia tirar os olhos. Estava procurando aquela pessoa que aparecera pela primeira vez na cozinha das tias, aquela risonha e meiga moça, cheia de

esperança.
Em um sábado, quando Sally estava comprando vitamina C, a moça da drugstore passou-lhe furtivamente um pedaço de papel em branco junto com o seu troco. Ajude-me, escrevera ela, com letra impecável. Mas Sally não podia sequer ajudar a si mesma. Não podia ajudar as suas filhas, ou seu marido, ou a maneira como o mundo girara fora de controle. A partir de então, Sally não fazia compras na drugstore. Em vez disso, mandava entregar tudo de que necessitavam por um menino da escola secundária, que deixava a encomenda no caminho de arenito cinzento — com chuva, geada ou neve —, recusando-se a ir até a sua porta, mesmo que isso significasse perder o direito à sua gorjeta.
No decorrer daquele ano, Sally deixou que as tias cuidassem de Antonia e Kylie. Deixou que as abelhas fizessem ninhos nos caibros do telhado em julho e permitiu que a neve se acumulasse ao longo da aléia em janeiro, de forma que o carteiro, que sempre receou quebrar o pescoço, de um modo ou de outro, ao entregar a correspondência às Owens, não se arriscava além do portão. Ela não se preocupava com jantares saudáveis e horários de refeições. Esperava até ficar faminta, então comia ervilhas em conserva na lata, enquanto ficava parada perto da pia. Seu cabelo tornou-se permanentemente emaranhado, havia buracos em suas meias e luvas. Raramente saía e, quando o fazia, as pessoas tratavam de evitá-la. As crianças tinham medo da expressão vazia em seus olhos. Vizinhas que costumavam convidar Sally para tomar café, agora atravessavam a rua, se ela se aproximasse, e rapidamente murmuravam uma prece. Elas preferiam olhar direto para o sol e ficar temporariamente cegas, a ver o que lhe acontecera.
Uma vez por semana Gillian telefonava, sempre nas noites de terça-feira, às dez horas, o único horário que mantinha em anos. Sally segurava o fone junto ao ouvido e escutava, mas ainda assim nao falava.
— Você não pode cair aos pedaços — insistia Gillian, com sua voz cheia e premente. — Isso compete a mim.
Apesar de tudo, era Sally que não se banhava, não comia nem brincava de bater palmas ao som de uma canção com seu bebê. Era ela quem derramava tantas lágrimas, que havia manhãs em que não conseguia abrir os olhos. Todo anoitecer ela esquadrinhava a sala de jantar em busca do anóbio que se dissera ter causado todo esse desgosto.

Evidentemente, nunca o encontrou e, portanto, não acreditava nisso. Mas essas criaturas escondem-se nas dobras das saias pretas de uma viúva e sob os lençóis brancos onde uma pessoa dorme, agitadamente, sonhando com tudo o que ela nunca terá. Com o tempo, Sally deixou de acreditar em qualquer coisa e, então, o mundo inteiro tornou-se cinzento. Não conseguia enxergar o alaranjado ou o vermelho, e determinados tons de verde — seu suéter predileto e as folhas dos novos narcisos — estavam completa e absolutamente perdidos.

—- Acorde — dizia Gillian, quando telefonava na noite marcada. — O que tenho de fazer para tirá-la disso?

Realmente, não havia nada que Gillian pudesse dizer, embora Sally continuasse ouvindo, quando a irmã telefonava. Ela refletia sobre as palavras de conselho da irmã porque, ultimamente, a voz de Gillian era' o único som que desejava ouvir. Ela trazia um consolo que nada mais conseguia proporcionar, e Sally se via postada junto ao telefone às terças-feiras, aguardando a ligação da irmã.

— A vida é para os vivos — dizia-lhe Gillian. — A vida é o que você faz dela. Vamos. Apenas ouça o que estou dizendo. Por favor.

Sally refletia por longo tempo e com afinco, a cada vez que desligava o telefone. Pensava na moça da drugstore e no ruído. dos passos de Antonia na escada, quando ela ia para a cama sem um abraço de boa-noite. Pensava na vida de Michael e em sua morte, e em todos os segundos que haviam passado juntos. Considerava cada um dos seus beijos e todas as palavras que ele algum dia lhe dissera. Tudo ainda estava cinzento — as pinturas que Antonia trazia da escola para casa e enfiava por baixo da sua porta, o pijama de flanela que Kylie usava nas manhãs um pouco frias, as cortinas de veludo que mantinham o mundo acuado. Mas agora Sally começava a ordenar coisas em sua mente — dor e alegria, dólares e centavos, um choro de bebê e a expressão no seu rosto, quando se lhe atira um beijo, em uma tarde ventosa. Tais coisas talvez valessem algo, um vislumbre, uma espiada, um olhar mais profundo.

E, quando se passara um ano, precisamente no mesmo dia, desde o momento em que Michael descera do meio-fio, Sally enxergou folhas verdes do lado de fora de sua janela. Era uma parreira delicada, que sempre serpenteara pelo cano de escoamento acima, mas nesse dia Sally reparou como cada folha era tenra, absolutamente nova, de modo

que o verde era quase amarelo, e o amarelo intenso como manteiga. Sally passava uma boa parte de seus dias na cama, e já era quase de tarde. Observou a luz dourada filtrando-se pelas cortinas e a maneira como ela se espalhava em listras pela parede. Rapidamente, levantou-se da cama e escovou o longo cabelo negro. Colocou um vestido que não usara desde a primavera anterior, tirou o casaco do gancho junto à porta dos fundos e saiu para dar um passeio. 4 ’

Mais uma vez era primavera, e o céu estava tão azul que poderia tirar o fôlego de uma pessoa. Estava azul e ela conseguia enxergá-lo, a cor dos olhos dele, a cor das veias sob a pele, e da esperança e das camisas penduradas em uma corda de roupa lavada. Sally conseguia divisar quase todas as tonalidades e nuances que estiveram perdidas durante o ano, embora ainda não conseguisse enxergar o alaranjado, que era próximo demais da cor do desbotado sinal de parada, que os adolescentes não viram no dia em que Michael foi morto, e ela nunca veria de novo. Mas o alaranjado nunca foi uma das favoritas de Sally, uma pequena perda, considerando-se todas as outras.

Ela continuou caminhando, pelo centro da cidade, usando o velho casaco de lã e as botas pretas e altas. Era um dia quente e ventilado, quente demais para as roupas grossas de Sally, de modo que ela pendurou o casaco no braço. O sol atravessava a fazenda do seu vestido, uma cálida mão sobre a carne e os ossos. Sally tinha a impressão de que estivera morta e, agora que retornara, ficava particularmente sensível ao mundo dos vivos: o toque do vento contra a sua pele, os mosquitos no ar, o odor de lama e folhas novas, a suavidade dos azuis e verdes. Pela primeira vez em muito tempo, Sally pensou como seria agradável falar novamente, ler histórias para as filhas na hora de dormir, recitar um poema e chamar pelo nome todas as flores que floresceram no início da estação, lírio-do-vale, nabo selvagem e jacinto púrpura. Estava pensando em flores, aquelas brancas moldadas como sinos, quando, sem nenhuma razão específica, dobrou à esquerda na rua Endicott e rumou para o parque.

Nesse parque, havia um pequeno lago, onde imperava um casal de terríveis cisnes, uma área de lazer com escorrega e balanço e um campo verde, onde os meninos mais velhos realizavam importantes partidas de futebol e jogos de beisebol, que prosseguiam além do cair da noite. Sally podia ouvir as vozes das crianças brincando e entrou no

parque ansiosamente. Sua face estava rosada e seu longo cabelo negro ondulava às suas costas como uma fita. Por mais assombroso que parecesse, ela havia descoberto que ainda era jovem. Sally planejava descer o caminho até o lago, mas parou ao ver o banco de ferro batido. Sentadas ali, como faziam todos os dias, estavam as tias. Sally nunca pensara em perguntar o que elas faziam com as crianças o dia inteiro, enquanto permanecia na cama, incapaz de se arrastar de sob as cobertas, até as longas sombras da tarde caírem sobre a sua fronha.

Na saída desse dia, as tias haviam levado consigo o seu trabalho de tricô. Estavam ocupando-se de uma coberta para o berço de Kylie, feita da mais fina lã preta, uma colcha tão macia que, sempre que Kylie dormisse sob ela, sonharia com cordeirinhos pretos e campos de relva. Antonia estava ao lado das tias, as pernas cuidadosamente cruzadas. Kylie fora colocada na grama, onde se sentara imóvel. Todas usavam casacos de lã preta, e suas cútis se mostravam descoradas à luz da tarde. O cabelo vermelho de Antonia parecia particularmente brilhante, uma cor tão carregada e surpreendente que se afigurava inteiramente artificial ao sol. As tias não falavam uma com a outra, e as meninas sem dúvida não brincavam. As tias não viam finalidade em pular corda ou atirar uma bola de um lado para o outro. Na sua opinião, tais coisas eram um tolo desperdício de tempo. Melhor examinar o mundo em volta. Melhor observar os cisnes, o céu azul e as outras crianças, que gritavam e riam nas barulhentas brincadeiras de bola e de pique. Aprender a ficar tão parado quanto um camundongo. Concentrar-se até ficar tão silencioso quanto a aranha na grama.

Uma bola estava sendo arremessada por uma turma de meninos turbulentos e, por fim, foi chutada com força demasiada. Ela voou no translúcido céu azul e rolou pela grama, passando por um marmeleiro florido. Antonia estivera imaginando que ela era um gaio azul, livre entre os galhos de uma bétula. Ela alegremente saltou do banco e recolheu a bola, em seguida correu em direção a um menino que fora enviado para buscá-la. O menino não tinha mais de dez anos, mas estava tão imóvel como a morte, pálido como massa, quando Antonia se aproximou. Ela estendeu-lhe a bola.

— Aqui e$tá — disse Antonia.

A essa altura, todas as crianças no parque haviam interrompido suas brincadeiras. Os cisnes bateram suas grandes e belas asas. Mais de dez

anos depois, Sally ainda sonha com aqueles cisnes, um macho e uma fêmea que guardavam o laguinho ferozmente, como se fossem dobermans. Ela sonha com a maneira como as tias estalaram a língua, tristemente, já que sabiam o que estava prestes a acontecer.

A pobre Antonia olhava para o menino, que não se movera e sequer parecia estar respirando. Ela inclinou a cabeça, como se tentando imaginar se ele era estúpido ou simplesmente educado.

— Não quer a bola? — ela perguntou-lhe.

Os cisnes levantaram voo lentamente, enquanto o menino corria para Antonia, agarrava a bola e empurrava-a para o chão. Seu casaco preto flutuou por trás dela, seus sapatos pretos soltaram-se dos pés.

— Pare com isso! — Sally gritou. Suas primeiras palavras em um ano.

Todas as crianças na área de lazer a ouviram. Elas começaram a correr juntas, o mais longe possível de Antonia Owens, que poderia embruxar uma pessoa se esta a prejudicasse; de suas tias, que poderiam cozer sapos de jardim e enfiá-los, furtivamente, no ensopado de uma pessoa; e de sua mãe, que estava tão zangada e protetora que poderia simplesmente congelar uma pessoa no tempo, assegurando que ficasse para sempre presa na grama verde, com a idade de dez ou onze anos.

Naquela mesma noite, Sally arrumou as suas roupas. Amava as tias e sabia que elas tinham boas intenções, mas o que desejava para as suas meninas era algo que as tias nunca poderiam fornecer. Queria uma cidade onde ninguém apontasse, quando suas filhas caminhassem pela rua. Queria a sua própria casa, onde festas de aniversário pudessem ser realizadas na sala de estar, com enfeites, um palhaço contratado e um bolo, e uma vizinhança onde todas as casas fossem iguais e nem uma só tivesse um telhado de ardósia, onde esquilos faziam abrigos, ou morcegos no jardim, ou madeiramento que nunca necessitava de lustro.

Pela manhã, Sally telefonou a um corretor imobiliário em Nova York, em seguida arrastou suas maletas para a varanda. As tias insistiam que, não importava o que houvesse, o passado seguiria Sally por toda parte. Ela acabaria como Gillian, uma alma desolada que somente se tornava mais triste a cada nova cidade. Não podia fugir, foi o que lhe disseram, mas na opinião de Sally não havia prova disso. Por mais de um ano ninguém guiara a velha caminhonete, mas ela pegou imediatamente e estava estralejando como uma chaleira, enquanto Sally instalava as meninas no banco de trás. As tias asseveraram que ela seria infeliz e sacudiram-lhe

os dedos. Mas assim que Sally foi embora, as tias começaram a encolher, até ficarem como pequenos cogumelos pretos, acenando adeus na extremidade mais afastada da rua, onde Sally e Gillian costumavam brincar de amarelinha, nos quentes dias de agosto, quando só tinham uma à outra como companhia e todo o asfalto à sua volta estava derretendo em poças pretas.

Sally chegou à Estrada 95 e seguiu para o sul, e só parou quando Kylie acordou, suada, confusa e extremamente superaquecida sob o cobertor de lã preta, que cheirava a alfazema, o odor que sempre aderia às roupas das tias. Kylie sonhara que estava sendo perseguida por um rebanho de carneiros. Ela gritou — Béé, béé — com voz aterrorizada, em seguida pulou no banco para ficar mais perto da mãe. Sally aquietou-a com um abraço apertado e a promessa de sorvete, mas não era tão fácil lidar com Antonia.

Antonia, que amava as tias e sempre fora sua favorita, recusava-se a ser consolada. Estava usando um dos vestidos pretos que elas lhe haviam costurado na loja da modista em Peabody, e seu cabelo vermelho projetava-se da cabeça em mechas raivosas. Ela desprendia um odor azedo e cítrico, que era uma mistura de partes iguais de fúria e desespero.

— Eu a desprezo — ela informou a Sally, quando estavam sentadas na cabina da barca, que as levou para o outro lado do estreito de Long Island.

Era um daqueles estranhos e surpreendentes dias de primavera que, de’súbito, se tornam quase tão quentes como o verão. Sally e suas filhas estavam comendo pegajosos pedaços. de tangerina e tomando as Coca-colas que haviam comprado no bar, mas com as ondas se tornando mais violentas, seus estômagos estavam revirando. Sally acabara de completar um cartão-postal que planejava enviar a Gillian, embora não tivesse certeza se a irmã ainda se achava em seu último endereço. Finalmente o fiz , rabiscou ela, com uma letra que era mais descuidada do que qualquer pessoa teria esperado de alguém tão metódico. Amarrei os lençóis uns aos outros epulei!

— Eu a odiarei pelo resto da minha vida — prosseguiu Antonia^ e suas mãozinhas tomaram a forma de punhos.

— E prerrogativa sua — disse Sally animadamente, embora bem no fundo estivesse magoada. Ela abanou o cartão-postal diante do rosto a

fim de se acalmar. Antonia de fato conseguia influenciá-la, mas dessa vez Sally não ia permitir que isso acontecesse. — Realmente acho que vai mudar de opinião.
— Não — disse Antonia. — Não vou. Nunca a perdoarei.
As tias haviam amado Antonia, porque ela era bonita e impertinente. Elas estimulavam-na a ser mandona e egocêntrica e, naquele ano em que Sally estivera demasiadamente triste e desalentada, para falar com as filhas, ou ao menos se interessar por elas, permitiram que Antonia ficasse acordada além da meia-noite e dominasse os adultos. Como jantar, ela comia Butterfingers e batia ria irmã caçula com um jornal enrolado, por brincadeira. Por algum tempo, estivera fazendo apenas o que lhe agradava e era suficientemente esperta para saber que tudo isso mudara, a partir desse exato dia. Ela jogou sua tangerina no convés e esmagou-a com o pé e, quando isso não funcionou, chorou e suplicou para ser levada para casa.
— Por favor — ela implorou à mãe. — Eu quero as tias. Leve-me de volta para lá. Serei boa — jurou ela.
A essa altura, Sally também estava chorando. Quando ela era menina, haviam sido as tias que a velavam, quando tinha uma infecção no ouvido ou uma gripe. Contavam-lhe histórias e preparavam-lhe caldo de carne e chá quente. Eram elas que ninavam Gillian, quando ela não conseguia adormecer, sobretudo no início, logo que as meninas foram morar na casa na rua Magnólia, e Gillian não conseguia pregar os olhos.

Houvera uma tempestade na noite em que Sally e Gillian foram informadas de que seus pais não voltariam, e foi má sorte de ambas que outro temporal caísse quando estavam no avião, a caminho de Massachusetts. Sally tinha quatro anos, mas se lembra dos relâmpagos que atravessaram voando. Pode fechar os olhos e evocá-los sem qualquer dificuldade. Estavam bem alto no céu, ao lado daquelas ameaçadoras linhas brancas, sem nenhum lugar para se esconder. Gillian vomitara várias vezes e, logo que o avião começou a aterrissar, ela pôs-se a dar gritos agudos. Sally teve de manter a mão sobre a boca da irmã e prometer-lhe balas de goma e bastões de alcaçuz, se apenas ficasse quieta por mais alguns minutos.

Sally escolhera os seus melhores vestidos de festa para usar na viagem. O de Gillian era violeta-claro, o de Sally cor-de-rosa enfeitado com renda marfim. Elas estavam de mãos dadas, enquanto caminhavam pelo terminal do aeroporto, prestando atenção ao estranho ruído que suas crinolinas faziam cada vez que davam um passo, quando viram as tias esperando-as. As tias estavam nas pontas dos pés, para melhor enxergar sobre as barreiras. Tinham balões de borracha atados às mangas, para que as crianças as reconhecessem. Depois de abraçarem as meninas e recolherem suas pequenas valises de couro, as tias agasalharam Sally e Gillian com dois casacos de lã preta, depois enfiaram a mão nas bolsas e apresentaram balas de goma e alcaçuz vermelho, como se soubessem exatamente do que as meninazinhas precisavam ou, de qualquer maneira, exatamente o que poderiam querer.

Sally estava grata por tudo o que as tias haviam feito, realmente estava. Apesar disso, tomara uma decisão. Apanharia, com o corretor de imóveis, a chave da casa que mais tarde compraria, em seguida conseguiria alguns móveis. Posteriormente teria de arranjar um emprego, mas ainda tinha algum dinheiro da apólice de seguros de Michael e, francamente, não ia pensar no passado ou no futuro. Estava pensando na rodovia à sua frente. Estava pensando na sinalização da estrada e nas curvas para a direita e, simplesmente, não tinha condições de ouvir quando Antonia começou a berrar, o que fez com que Kylie também começasse. Em vez disso, ligou o rádio, cantou junto e disse a si mesma que, às vezes, a coisa certa parecia totalmente errada até estar terminada e encerrada.

Quando dobraram na entrada de automóvel de sua nova casa, já era o fim do dia. Um grupo de crianças estava brincando com bola na rua, e quando Sally desceu do carro acenou para elas, e as crianças acenaram em resposta, todas elas. Um tordo estava no gramado da frente, dando puxões na grama e nas ervas daninhas e, em toda a extensão da rua, luzes estavam sendo acesas e mesas eram postas para o jantar. O cheiro de carne assada, galinha com páprica e lasanha flutuava no ar ameno. As meninas de Sally haviam adormecido no banco traseiro, os rostos manchados de poeira e lágrimas. Sally comprara-lhes sorvetes de casquinha e pirulitos, contara-lhes histórias durante horas e parara em duas lojas de brinquedos. Ainda assim, levaria anos até que a

perdoassem. Elas caçoaram da pequena cerca branca, que Sally ergueu na beira do gramado. Antonia pediu para pintar de preto as paredes do seu quarto, e Kylie suplicou por um gatinho preto. Ambos os desejos foram negados. O quarto de Antonia foi pintado de amarelo e Kylie ganhou um peixinho dourado, chamado Luz do Sol, mas isso não significava que as meninas houvessem esquecido de onde vinham, ou que não ansiassem ainda por aquilo.

Todo verão, em agosto, elas visitavam as tias. Prendiam a respiração logo que dobravam a esquina da rua Magnólia e podiam avistar a grande e velha casa, com sua cerca preta e as janelas de um verde diluído. As tias sempre preparavam um bolo de chocolate embebido em vinho e davam muitos presentes a Antonia e Kylie. Não havia horários de dormir, naturalmente, nem refeições bem equilibradas. Não se propunham regras a respeito de desenhar no papel de parede, ou encher tanto a banheira que bolhas e água morna se esparramassem pelos lados e pingassem através do teto da sala de estar. Todo ano, as meninas estavam mais altas na época da visita — elas sabiam disso, porque as tias estavam parecendo sempre menores — e todo ano ficavam sem controle: dançavam em meio ao jardim de ervas, jogavam softball no gramado da frente e ficavam acordadas além da meia-noite. Às vezes, não comiam nada além de Snickers e Milky Ways, quase a semana toda, até que seus estômagos começassem a doer e, finalmente, elas pediam uma salada ou um copo de leite.

Durante as férias de agosto, Sally insistia em tirar as meninas da casa, pelo menos nas tardes. Levava-as em excursões de um dia, à praia em Plum Island, aos barcos puxados por cisnes em Boston, à baía azul em Gloucester em barcos a vela alugados. Mas as meninas sempre pediam para retornar à casa das tias. Ficavam amuadas e tornavam a vida de Sally lamentável, até ela se dar por vencida. Não era o mau humor das meninas que convencia Sally a regressar à casa, era que elas estavam unidas em algo. Isso era tão incomum e tão encantador de se ver, que Sally simplesmente não conseguia negar.

Sally havia esperado que Antonia fosse uma irmã mais velha da mesma forma que ela fora, mas esse não era o estilo de Antonia. Antonia não sentia responsabilidade para com ninguém, não era guarda de ninguém. Desde o começo, implicava com Kylie sem piedade e conseguia levar a irmã mais nova às lágrimas com uma olhadela. Era somente na casa das

tias que as meninas se tornavam aliadas, talvez mesmo amigas. Ali, onde tudo era usado e desgastado, exceto o reluzente madeiramento, as meninas passavam horas juntas. Colhiam alfazemas e faziam piqueniques na sombra do jardim. No fim do dia, sentavam-se na fresca sala de estar, ou escarrapachavam-se no patamar do segundo andar, onde havia tênues faixas de luz solar citrina, jogando infindáveis partidas de gamão.

Sua proximidade talvez fosse o resultado de partilharem o quarto do sótão, ou somente porque as meninas não podiam escolher outros companheiros de brincadeira, já que as crianças da cidade ainda atravessavam para o outro lado da rua, ao passar pela casa das Owens. Qualquer que fosse a razão, dava a Sally grande alegria ver as meninas à mesa da cozinha, as cabeças curvadas suficientemente próximas para se tocarem, enquanto montavam um quebra-cabeça ou preparavam um cartão para enviar a Gillian, em seu novo endereço em Iowa ou no Novo México. Logo, estariam atacando-se, discutindo a respeito de insignificantes privilégios ou alguma maldosa travessura de Antonia — um opilião deixado sob a manta de bebê de Kylie, a que ela continuava apegada aos onze e mesmo aos doze anos, ou terra e pedras enfiadas no fundo de suas botas. E, assim, Sally consentia que as meninas fizessem o que quisessem, por toda aquela semana em agosto, ainda que soubesse, no final, que não era em seu benefício.

Todo ano, enquanto as férias iam passando, as meninas sempre dormiam cada vez mais fora de hora. Círculos escuros apareciam em torno dos seus olhos. Começavam a se queixar do calor, que as deixava cansadas demais para caminhar até a drugstore , a fim de tomar sundaes e garrafas de Coca-cola gelada, embora achassem a velha mulher que lá trabalhava fascinante, já que nunca dizia uma palavra e conseguia preparar uma banana split em segundos, descascando a banana e derramando as caldas e o creme de marshmallow antes que se pudesse piscar os olhos. Pouco depois, Kylie e Antonia passavam a maior parte do seu tempo no jardim, onde a beladona e a dedaleira sempre haviam crescido ao lado de hortelã-pimenta, e os gatos que as tias amavam tão ternamente — inclusive duas rabugentas criaturas da infância de Sally, Pega e Corvo, que simplesmente se recusaram a morrer — ainda cavoucavam o monte de lixo em busca de cabeças de peixe e ossos.

Há sempre um momento em que Sally sabe que elas têm de ir embora. Todo agosto, surge uma noite em que ela acorda de um sono profundo e, quando vai até a janela, vê que as filhas estão lá fora sozinhas, ao luar. Há sapos entre os repolhos e as zínias. Há lagartas verdes mascando ruidosamente as folhas, preparando-se para se transformar em mariposas brancas, que se lançarão ás janelas de telas e às luzes acesas, brilhantemente, perto das portas dos fundos. Há a mesma caveira de cavalo pregada à cerca, agora de um branco descorado e revertendo a pó, porém ainda mais do que suficiente para manter as pessoas afastadas.
Sally sempre espera as meninas entrarem na casa, antes de se enfiar de volta na cama. Na manha seguinte, apresentará as suas desculpas e partirá um ou dois dias antes do planejado. Acordará as filhas e, embora resmunguem a respeito da hora antecipada e do calor e, sem dúvida, fiquem emburradas o dia inteiro, elas se empilharão no carro. Antes de sair, Sally beijará as tias e prometerá telefonar com frequência. As vezes, sua garganta se fecha completamente, ao reparar como as tias estão envelhecendo, ao ver todas as ervas daninhas no jardim e o modo como a glicínia está definhando, uma vez que ninguém jamais pensa em lhe colocar água ou um pouco de palha seca nas raízes. Ainda assim, nunca tem a impressão de ter cometido um erro, depois de guiar pela rua Magnólia abaixo. Não se permite um único remorso, nem mesmo quando as filhas choram e reclamam. Sabe para onde está indo e o que tem de fazer. Poderia, afinal de contas, encontrar o caminho para a Estrada 95 Sul de olhos vendados. Poderia fazer isso no escuro, com bom ou mau tempo: poderia fazê-lo mesmo quando parece que vai ficar sem gasolina. Não importa o que as pessoas digam. Não importa o que poderiam dizer. As vezes, é preciso sair de casa. As vezes, fugir significa que se está rumando exatamente para a direção certa.

Premonições

Xacas cruzadas, dispostas sobre a mesa de jantar, significam que ocorrerá uma desavença, como também duas irmãs vivendo sob o mesmo teto, particularmente quando uma delas é Antonia Owens. Aos dezesseis anos, Antonia é tão bonita que é impossível a qualquer pessoa estranha, que a veja pela primeira vez, imaginar o quanto ela

pode tornar infelizes aqueles que a cercam. E agora mais impertinente do que quando era uma menininha, porém seu cabelo tem a mais espetacular tonalidade de vermelho, e seu sorriso é tão magnífico que todos os meninos, na escola secundária, querem sentar a seu lado, embora assim que o façam, esses meninos paralisem-se completamente, simplesmente porque estão tão próximos dela, e não conseguem deixar de se embaraçarem ao fitá-la, de olhos esbugalhados e rosto redondo, enrabichados de forma inacreditável.
Faz sentido que a irmã mais nova de Antonia, Kylie, que logo terá treze anos, passe horas trancada no banheiro, chorando a respeito do quanto é feia. Kylie tem um centímetro a menos de l, 80 m, uma gigante, na sua maneira de ver. É tão magra quanto uma cegonha, com joelhos que se chocam, quando ela caminha. O nariz e os olhos estão geralmente cor-de-rosa como os de um coelho, devido a todo o seu choro soluçante de ultimamente, e ela acaba de desistir quanto a seu cabelo, que encrespou devido à umidade. Ter uma irmã que é perfeita, pelo menos do lado externo, é suficientemente ruim. Ter uma que consegue fazer com que a pessoa se sinta como um grão de poeira, com algumas palavras maldosas bem es-

Parte do problema é que Kylie nunca consegue pensar em um troco inteligente, quando Antonia suavemente indaga se ela considerou dormir com um tijolo sobre a cabeça ou pensou em comprar uma peruca. Ela tentou, até treinou diversos revides maldosos com seu único amigo, um menino de treze anos chamado Gideon Barnes, que é um mestre na arte de repugnar as pessoas, e ainda assim ela não consegue fazê-lo. Kylie é o tipo de espírito sensível, que chora quando alguém pisa em uma aranha. Em seu universo, magoar outra criatura é um ato antinatural. Quando Antonia implica com ela, tudo o que Kylie-consegue fazer é abrir e fechar a boca, como um peixe que foi lançado em terra firme, antes de se trancar no banheiro para chorar mais uma vez. Nas noites tranquilas, ela enrosca-se na cama, agarrada à sua velha manta de bebê, a de la preta que ainda não tem um único buraco, já que de algum modo parece repelir as traças. De um lado ao outro da rua, os vizinhos podem ouvi-la chorar. Eles sacodem a cabeça e lastimam -se, e algumas das mulheres

do quarteirão, sobretudo aquelas que cresceram com irmãs mais velhas, levam bolinhos e biscoitos de chocolate caseiros, esquecendo o que um prato cheio de doces pode causar à pele de uma jovem, pensando somente no próprio alívio do som do choro, que ecoa através das sebes e sobre as cercas.

Essas mulheres da vizinhança respeitam Sally Owens e, o que é mais importante, gostam sinceramente dela. Ela tem uma expressão séria, mesmo quando ri, e longo cabelo escuro, e não faz idéia de como é atraente. Sally é sempre o primeiro genitor relacionado na cadeia de neve, já que é melhor ter alguém responsável encarregado de avisar os outros pais, quando a escola ficará fechada em tempo tempestuoso, em vez de uma dessas mães tontas que são propensas a julgar que a vida se arranjará completamente bem, sem qualquer intervenção de uma pessoa sensata. Em toda a vizinhança, Sally é bem conhecida tanto por sua bondade quanto pelos modos prudentes. Se a pessoa realmente necessitar, ela tomará conta do seu bebê de uma hora para outra, em uma tarde de sábado; ela pegará seus garotos na escola secundária, ou lhe emprestará açúcar ou ovos. Ela sentará com a pessoa na varanda dos fundos, se ela encontrasse o número do telefone de uma mulher, escrito em uma tira de papel na gaveta da mesinha-de-cabeceira do marido, e será esperta o bastante para ouvir em vez de oferecer algum conselho simplório. Mais importante, nunca mencionará novamente as dificuldades da pessoa ou repetirá uma palavra do que disse. Quando se pergunta sobre o seu casamento, ela fica com uma expressão sonhadora no rosto, completamente distinta da sua expressão costumeira. — Isso foi há séculos — é tudo o que dirá. — Isso foi outra existência.

Desde que deixou Massachusetts, Sally tem trabalhado como assistente do vice-diretor da escola secundária. Em todo esse tempo, teve menos de uma dúzia de encontros e todas essas tentativas de romance foram organizadas por vizinhos, arranjos que não foram a parte alguma, a não ser de volta à sua própria porta da frente, muito antes de ser esperada em casa. Sally agora descobre que está freqüentemente cansada e mal-humorada e, embora ainda pareça formidável, não está ficando nem um pouco mais jovem. Ultimamente, tem estado tão tensa que os músculos no seu pescoço dão a impressão de fios de arame que alguém esteve torcendo.

Quando seu pescoço começa a se manifestar, quando ela acorda em pânico de um sono profundo, e fica tão solitária que o velho porteiro da escola secundária começa a parecer bom, Sally lembra a si mesma com quanto afinco tem trabalhado para proporcionar uma vida satisfatória às meninas. Antonia é tão popular que, por três anos consecutivos, foi escolhida para interpretar o papel principal na peça da escola. Kylie, embora não pareça ter amigos íntimos além de Gideon Barnes, é a primeira colocada em ortografia no Condado de Nassau e presidente do clube de xadrez. As filhas de Sally têm sempre desfrutado de festas de aniversário e aulas de balé. Ela faz absoluta questão de que nunca faltem a seus horários no dentista e que, em todas as manhãs da semana, estejam na escola na hora. Espera-se que façam seu dever de casa antes de assistir à televisão, e não lhes é permitido ficar acordadas além da meia-noite, ou perambular ociosamente no pedágio ou pela rua comercial fechada ao trânsito. As filhas de Sally estão arraigadas ali. São tratadas como todos os demais, simplesmente garotas normais, como quaisquer outras no quarteirão. Foi por isso que Sally deixou Massachusetts e as tias. Por isso recusa-se a pensar no que poderia estar faltando â sua vida.

Nunca olhe para trás, é o que ela tem dito a si mesma. Não pense em cisnes ou em ficar sozinha no escuro. Não pense em tempestades, ou raio e trovão ou no verdadeiro amor que jamais terá. A vida é escovar os dentes, preparar o café da manhã para as filhas e não pensar nessas coisas e, como se verifica, Sally é excelente em tudo isso. Faz com que as coisas estejam prontas, e prontas a tempo. Ainda assim, frequentemente sonha com o jardim das tias. No canto mais afastado, havia limão-cravo, verbena odorífera, tomilho e erva-cidreira. Quando Sally sentava ali, de pernas cruzadas, e fechava os olhos, o odor cítrico era tão penetrante que ela às vezes ficava tonta. Tudo no jardim tinha uma finalidade, mesmo as viçosas peônias, que protegiam contra o mau tempo e enjoo em viagens, e eram conhecidas por evitar o mal. Sally não tem certeza de que ainda consiga especificar todas as variedades de ervas que crescem ali, embora ache que conseguiria reconhecer tussilagem e confrei à primeira vista, alfazema e alecrim por seu odor característico.

O seu jardim é simples e frio, ele é exatamente da maneira como ela o quer. Há uma sebe de apáticos lilases, alguns cornisos e um pequeno

canteiro de legumes, onde só crescem tomates amarelos e alguns espigados pepinos. Nessa última tarde de junho, os brotos de pepino parecem secos devido ao calor. E tão bom ter os verões livres. Compensa tudo o que ela tem de aguentar na escola secundária, onde se tem sempre de manter um sorriso no rosto. Ed Borelli, o vice-diretor e superior imediato de Sally, sugeriu que todos os que trabalham no gabinete tenham um largo sorriso aplicado cirurgicamente, a fim de estarem preparados para a chegada dos pais e suas reclamações. Simpatia conta, Ed Borelli lembra às secretárias nos dias péssimos, quando alunos indisciplinados estão sendo suspensos, reuniões superpõem-se e a junta de educação ameaça prorrogar o ano letivo, devido aos dias de neve. Mas falsa animação é extenuante e, se se finge por tempo suficiente, há sempre a possibilidade de se tornar um autômato. No final do período letivo, Sally em geral se vê dizendo “O Sr. Borelli logo estará com você” no sono. E quando ela começa a contar os dias até o verão, é quando mal pode esperar que a última campainha toque.

Desde que o semestre terminou, vinte e quatro horas antes, Sally devia estar sentindo-se ótima, mas não está. Tudo o que consegue perceber é a palpitação do próprio pulso e a batida do rádio no quarto de Antonia, no andar de cima. Alguma coisa não está certa. Não é nada evidente, nada que surja e acerte a pessoa em cheio no rosto. E menos como um buraco em um suéter do que uma bainha puída, que se desfiou em uma trapalhada de linha. O ar da casa dá a impressão de estar carregado, de modo que o cabelo na parte de trás do pescoço de Sally se arrepia, e a sua camiseta branca emite pequenas faíscas.

Durante toda a tarde, Sally acha que está esperando uma desgraça. Diz a si mesma para se libertar disso. Ela sequer acredita que seja possível predizer infortúnio futuro, já que nunca houve nenhuma documentação científica de que tais fenômenos visionários existissem. Mas, ao fazer as compras, ela agarra uma dúzia de limões e, antes que se possa conter, começa a chorar, ali no setor de frutas e legumes, como se estivesse subitamente saudosa daquela velha casa na rua Magnólia, depois de todos esses anos. Ao sair da mercearia, Sally guia pelo campo da ACM, onde Kylie e seu amigo Gideon estão jogando futebol. Gideon é o vice-presidente do clube de xadrez, e Kylie suspeita de que ele possa ter entregue o jogo decisivo em seu favor, para que ela pudesse ser

presidente. Kylie é a única pessoa na terra que parece capaz de tolerar Gideon. Sua mãe, Jeannie Barnes, passou a fazer terapia duas semanas depois de ele nascer; vê-se como ele era difícil e continua a ser. Simplesmente recusa-se a ser como qualquer outra pessoa. Decididamente não permitirá isso. Agora, por exemplo, raspou todo o cabelo e está usando botas de campanha e uma jaqueta de couro preto, embora deva estar fazendo 32° à sombra.

Sally nunca fica à vontade perto de Gideon. Acha-o grosseiro e detestável, e sempre o considerou má influência. Mas, ao vê-lo jogar futebol com Kylie, ela sente uma onda de alívio. Kylie ri, quando Gideon tropeça nas próprias botas ao correr atrás da bola. Ela não está ferida ou raptada, está ali naquele campo de grama, correndo tão velozmente quanto consegue. E uma quente e ociosa tarde, um dia como qualquer outro, e Sally faria bem em se descontrair. E tola de ter tido tanta certeza de que algo estava prestes a desandar. Isso é o que diz a si mesma, mas não é no que acredita. Quando Antonia chega em casa, entusiasmada por ter arranjado um emprego de verão, na sorveteria no Pedágio, Sally fica tão desconfiada que insiste em telefonar ao proprietário e descobrir quais serão o horário e as responsabilidades de Antonia. Ela pede igualmente informações sobre a história pessoal do proprietário, inclusive endereço, estado civil e número de dependentes.

— Obrigada por me embaraçar — diz Antonia friamente, quando Sally desliga o telefone. — Meu chefe achará que sou realmente madura, com a minha mãe a me investigar.

— Nos últimos tempos, Antonia só usa preto, o que faz com que seu cabelo vermelho pareça ainda mais luminoso. Na semana anterior, para pôr à prova sua fidelidade às roupas pretas, Sally comprou-lhe um suéter de algodão branco, enfeitado com renda, pelo qual sabia que qualquer das amigas de Antonia ficaria louca. Antonia jogou o suéter dentro da máquina de lavar com um pacote de corante Rit, em seguida atirou a coisa cor de carvão dentro da secadora. O resultado foi uma peça tão pequena que, sempre que ela a usa, Sally se atormenta que Antonia acabará fugindo com alguém, exatamente como fez Gillian. Preocupa Sally pensar que uma de suas filhas possa seguir os passos de sua irmã, uma trilha que conduziu somente à autodestruição e a desperdício de tempo, inclusive três breves casamentos, nenhum dos quais rendeu um centavo de pensão.

Sem dúvida, Antonia é sôfrega da maneira como as moças bonitas às vezes são e tem a melhor opinião de si mesma. Mas agora, nesse quente dia de junho, está subitamente repleta de dúvidas. E se não for tão especial quanto pensa ser? E se sua beleza se desvanecer assim que ela passar dos dezoito anos, da maneira como ocorre com algumas moças, que não fazem idéia de que estão definhando, até tudo acabar, quando elas olham de relance no espelho e descobrem que não mais se reconhecem. Ela sempre admitiu que um dia será atriz. No dia seguinte à formatura, irá para Manhattan ou Los Angeles e receberá um papel principal, exatamente como tem recebido durante toda a escola secundária. Agora, não tem tanta certeza. Não sabe se tem talento, ou mesmo se importa. Francamente, nunca gostou muito de representação. O fato de todos a olharem fixamente é que era tão empolgante. Era saber que eles não conseguiam afastar os olhos dela.

Quando Kylie chega em casa, completamente suada, suja de grama e aparvalhada, Antonia sequer se dá o trabalho de insultá-la.

— Não queria dizer-me algo? — pergunta Kylie hesitantemente, quando elas se encontram no corredor.

Seu cabelo castanho está espetado para cima e sua face está afogueada e manchada com o calor. Ela é um alvo perfeito e sabe disso.

— Pode usar o chuveiro primeiro — diz Antonia, com uma voz tão triste e sonhadora que nem parece a sua.

— O que se espera que isso signifique? — diz Kylie, mas Antonia já deslizou pelo corredor, a fim de pintar as unhas de vermelho e refletir sobre seu futuro, algo que nunca fizera antes.

Por volta da hora do jantar, Sally praticamente esqueceu a sensação de apreensão que carregou consigo durante o dia. Nunca acredite no que não pode ver, esse tem sido sempre o lema de Sally. Não se tem nada a temer a não ser o próprio medo, citava ela repetidamente, quando as filhas eram pequenas e estavam convencidas de que monstros habitavam a segunda prateleira do armário para roupa suja, no corredor. Mas exatamente quando ela está descontraída o bastante para cogitar de tomar uma cerveja, todos os estores da cozinha fecharam-se repentina e simultaneamente, como se houvesse um acúmulo de energia nas paredes. Sally preparou uma salada de feijão e tofu, palitos de cenoura e brócolis marinados, com bolo de claras como sobremesa. O

bolo, contudo, é agora duvidoso. Quando os estores cerraram-se repentinamente, o bolo começou a afundar, primeiro de um lado, depois do outro, até ficar tão achatado quanto um prato de servir.

— Não é nada — diz Sally às filhas a respeito da maneira como os estores parecem ter sido acionados por uma força estranha, mas sua voz soa insegura, mesmo para ela própria.

O anoitecer está tão úmido e denso que a roupa no varal só ficará mais molhada, se deixada do lado de fora durante a noite. O céu é de um azul carregado, uma cortina de calor.

— E alguma coisa, sem dúvida — diz Antonia, porque um tipo esquisito de vento acaba de surgir.

Ele entra pela porta de tela e pelas janelas abertas, fazendo retinir os talheres e os pratos do jantar. Kylie tem de ir correndo buscar um suéter. Embora a temperatura ainda esteja subindo, o vento lhe dá arrepios. Está fazendo com que calafrios lhe percorram a pele.

Lá fora, nos quintais dos vizinhos, balanços são arrancados e gatos arranham portas dos fundos, desesperados para que os deixem entrar. A meio caminho quarteirão abaixo, um álamo racha em dois e mergulha para o chão, atingindo um hidrante e chocando-se com a janela de um Honda Civic estacionado. E quando Sally e as filhas ouvem as batidas. As meninas olham para o teto, em seguida voltam-se para a mãe.

— Esquilos — assegura-lhes Sally. — Se abrigando no sótão.

Mas as batidas continuam, e o vento também continua, e o calor aumenta cada vez mais. Por fim, perto da meia-noite, a vizinhança aquieta-se. Enfim as pessoas podem dormir um pouco. Sally é um dos poucos que ficam acordados até tarde, a fim de preparar uma torta de maçã — completada com seus ingredientes secretos, pimenta-do-reino e noz-moscada —, que irá congelar e ter pronta para levar à festa do quarteirão no Dia da Independência. Mas até Sally em breve adormece, apesar do tempo. Estica-se sob um fresco lençol branco e mantém as janelas do quarto abertas, de modo que a brisa entre e envolva o aposento. Os primeiros grilos da estação sossegaram, e os pardais estão fazendo ninhos nos arbustos, seguros dentro de um abrigo de galhos que são frágeis demais para suportar o peso de um gato. E, exatamente quando as pessoas estão começando a sonhar, com grama cortada, torta de arando e leões que se deitam ao lado de cordeiros, um anel surge em volta da lua.

Um halo em volta da lua é sempre um sinal de ruptura, seja uma mudança no tempo, uma febre a surgir, ou um período de má sorte que não passará. Mas quando é um anel duplo, completamente emaranhado e entrelaçado, como um arco-íris agitado ou um caso de amor malsucedido, qualquer coisa pode acontecer. Em momentos como esse, não é prudente atender ao telefone. As pessoas que sabem o bastante para serem cautelosas sempre fecham as janelas. Trancam as portas e nunca ousam beijar seus amados por sobre um portão de jardim, ou estender a mão para afagar um cão perdido. A inquietação é exatamente como o amor. Chega sem se anunciar e assume o controle, antes que se tenha uma oportunidade de reconsiderar, ou ao menos pensar.

Muito acima do bairro, o anel já começou a se enroscar em torno de si mesmo, uma iluminada cobra de possibilidade, em laço duplo e bem retesada pela gravidade. Se as pessoas não estivessem dormindo profundamente, poderiam ter contemplado por suas janelas e admirado o belo círculo de luz, mas elas continuam dormindo, distraídas, não notando a lua, ou o silêncio, ou o Oldsmobile que já avançara pela entrada de carros da casa de Sally Owens, para estacionar atrás da Honda, que Sally comprara alguns anos antes, para substituir a velha caminhonete das tias. Em uma noite como essa, é possível uma mulher descer do seu carro tão silenciosamente que nenhum dos vizinhos a ouça. Quando está assim tão quente em junho, quando o céu está assim tão escuro e cerrado, uma batida na porta de tela sequer ecoa. Cai dentro dos sonhos, como uma pedra dentro de um regato, de modo que a pessoa acorda subitamente, o coração batendo rápido demais, o pulso enlouquecendo, submergindo no próprio pânico.

Sally senta-se na cama, sabendo que deveria permanecer exatamente onde está. Esteve novamente sonhando com cisnes, estava observando-os levantar voo. Durante onze anos, ela tem feito as coisas certas, tem sido conscienciosa e leal, racional e bondosa, mas isso não significa que não consiga reconhecer o sulfuroso cheiro da inquietação. Que é o que está agora do lado de fora de sua porta da frente, inquietação, pura e não diluída. Está chamando-a, como uma mariposa chocando-se contra uma tela, e ela simplesmente não pode ignorar isso. Ela veste uma calça jeans e uma camiseta branca e recolhe o cabelo escuro em um rabo-de-cavalo. Vai censurar-se por isso, e o sabe. Vai perguntar-se por que não pode simplesmente ignorar essa sensação dissonante que a invade e

por que é sempre compelida a tentar pôr as coisas em ordem.
Essa gente que adverte que uma pessoa não pode fugir, porque o seu passado seguirá a sua pista talvez esteja precisamente no alvo. Sally olha pela janela da frente. Ali na varanda está a garota que poderia meter-se em mais dificuldades do que qualquer pessoa, completamente adulta. Passaram-se muitos anos, passou-se uma eternidade, mas Gillian está tão bonita como sempre, apenas empoeirada, agitada e com os joelhos tão fracos que, quando Sally escancara a porta, Gillian tem de apoiar-se na parede de tijolos.
— Oh, meu Deus, é você — diz Gillian, como se Sally fosse uma visitante inesperada. Em dezoito anos, elas só se encontraram três vezes, quando Sally foi ao oeste. Nem uma vez Gillian atravessou de volta o Mississippi, exatamente como prometeu, solenemente, quando deixou a casa das tias. — E realmente você!
Gillian cortou o cabelo louro mais curto do que nunca. Ela cheira a açúcar e calor. Tem areia nos ressaltos das botas vermelhas e uma pequena cobra verde tatuada no pulso. Ela abraça Sally fortemente, antes que Sally possa ter tempo de considerar o adiantado da hora e o fato de que talvez Gillian pudesse ter telefonado, se não para dizer que estava chegando, então ao menos em algum momento do mês anterior, somente para avisar a Sally que ainda estava viva. Dois dias atrás, Sally remeteu uma carta para o endereço mais recente de Gillian, em Tucson. Ela fez Gillian passar o diabo nessa carta, a respeito de sua trilha de planos desfeitos e oportunidades perdidas. Falou energicamente demais e disse demais, e agora está aliviada por ser uma carta que Gillian nunca recebeu.
Mas sua sensação de alívio seguramente não dura muito. Logo que Gillian começa a falar, Sally sabe que algo está gravemente errado. A voz de Gillian está esganiçada, o que não é de modo algum característica sua. Gillian sempre foi capaz de inventar uma boa desculpa ou um álibi em segundos, porque tinha de lisonjear os egos de todos os seus namorados. Em geral, é impassível e serena, mas agora está quase sobressaltada.
— Tenho um problema — diz Gillian.
Ela olha por cima do ombro, depois passa a língua pelos lábios. Está nervosa como um maníaco, apesar de ter um problema não ser nada particularmente novo. Gillian pode criar problemas apenas caminhando

pela rua. Ainda é o tipo de mulher que corta o dedo ao fatiar um cantalupo e, em seguida, é levada às pressas para o hospital, onde o médico que deu pontos no seu dedo se apaixona completamente por ela, antes que a sutura esteja pronta.
Gillian detém-se para dar uma boa olhada em Sally.
— Não consigo acreditar o quanto senti sua falta.
Dir-se-ia que a própria Gillian está surpresa em descobrir isso. Está enfiando as unhas nas palmas das mãos, como para despertar de um mau sonho. Se não estivesse desesperada, não estaria ali, recorrendo à irmã mais velha em busca de ajuda, quando passou a vida inteira tentando ser tão auto-suficiente quanto uma pedra. Todos os demais têm famílias e vão para o leste ou o oeste, ou simplesmente descem o quarteirão para a Páscoa ou o Dia de Ação de Graças, mas não Gillian. Pode-se sempre contar com ela para aceitar uma substituição em feriado e, posteriormente, ela sempre se vê arrastada parao melhor bar da cidade, onde são servidos hors d 3 oeuvres especiais para ocasiões festivas, ovos cozidos tingidos de cor-de-rosa e azul-esverdeado, ou pequenas corcorocas, peru e arando. Em um Dia da Ação de Graças, Gillian mandou fazer a tatuagem no pulso. Era uma tarde quente em Las Vegas, Nevada, e o céu estava da cor de um prato de torta, e o rapaz na sala de tatuagem prometeu-lhe que não doeria, mas doeu.
— Tudo está tão enrascado — admite Gillian.
— Bom, sabe de uma coisa? — diz Sally à irmã. — Sei que não acreditará, e sei que não se importará, mas de fato tenho os meus próprios problemas.
A conta de luz, por exemplo, que começou a refletir o crescente uso que Antonia faz do rádio, que nunca está por um instante desligado. O fato de que em quase dois anos Sally não teve um encontro, nem mesmo com um primo ou amigo de Linda Bennett, a vizinha da casa ao lado, e já não consegue pensar no amor como uma realidade, ou sequer uma possibilidade, por mais remota que seja. Durante todo o tempo em que estiveram separadas, levando vidas independentes, Gillian esteve fazendo o que lhe agradava, fodendo quem quer que lhe interessasse e acordando ao meio-dia. Não teve de ficar acordada a noite inteira com menininhas que estão com catapora, ou negociar horários de dormir, ou colocar o despertador para a hora apropriada, porque alguém precisa de café da manhã ou uma boa bronca. Naturalmente Gillian parece ótima.

Ela pensa que o mundo gira à sua volta.
— Acredite em mim. Os seus problemas nem se comparam aos meus. Dessa vez é realmente sério, Sally.
A voz de Gillian está ficando cada vez mais fraca, mas ainda é a mesma voz que chegava a Sally, durante aquele ano horrível em que ela não conseguia falar. E a voz que a estimulava todas as terças-feiras à noite, não importava o que houvesse, com veemente dedicação, da maneira que só se adquire quando se compartilhou o passado.
— Certo. — Sally suspira. — Deixe-me saber.
Gillian respira fundo.
— Estou com Jimmy no carro. — Ela chega mais perto, de modo que possa sussurrar no ouvido de Sally. — O problema é… — Esse é difícil, realmente é. Ela tem de apenas trazê-lo para fora e dizê-lo, sussurrando ou não. — Ele está morto.
Sally imediatamente se afasta da irmã. Isso não é nada que alguém queira ouvir em uma quente noite de junho, quando os vaga-lumes estão avançando pelos gramados. A noite está enevoada e profunda, mas agora Sally tem a impressão de que tomou um bule de café até a última gota. Seu coração está batendo furiosamente. Qualquer outra pessoa podería supor que Gillian está mentindo ou exagerando ou apenas estupidificada por drogas. Mas Sally conhece a irmã. Sabe que não é bem assim. Há um homem morto no carro. Com toda certeza.
— Não faça isso comigo — diz Sally.
— Acha que planejei isso?
— Então estava seguindo adiante, encaminhando-se para a minha casa, imaginando que enfim nos veríamos, e simplesmente por casualidade ele morreu?
Sally nunca se encontrou com Jimmy e não pode dizer que alguma vez lhe tenha de fato falado. Certa vez, ele atendeu o telefone quando ela telefonou para Gillian em Tucson, mas seguramente não foi loquaz. Logo que ouviu a voz de Sally, gritou para Gillian vir pegar.
— Venha cá, garota. — Foi o que ele disse. — E a sua maldita irmã no telefone.
Tudo o que Sally consegue lembrar que Gillian lhe contou sobre ele é que cumpriu pena na penitenciária, por um crime que não cometeu, e que era tão bonito e tão insinuante que podia dominar qualquer mulher, simplesmente olhando-a da maneira certa. Ou da maneira errada,

dependendo de como se quisesse avaliar as consequências e se, por acaso, se estava ou não casado com essa mulher, quando Jimmy aparecia e a roubava, antes que se tivesse uma vaga ideia do que estava ocorrendo.

— Aconteceu em um ponto de parada em Nova Jersey. — Gillian está tentando parar de fumar, então tira um pedaço de goma de mascar e o enfia na boca. Ela possui uma boca proeminente que é rósea e encantadora, mas nessa noite seus lábios estão ressecados. — Ele era tão merda — diz ela, pensativamente. — Meu Deus. Você não acreditaria nas coisas que ele fazia. Certa vez, estávamos tomando conta de uma casa para algumas pessoas em Phoenix, e elas tinham um gato que o estava aborrecendo… Acho que fez xixi no chão. Ele colocou-o na geladeira.

Sally senta-se. Está um pouco tonta, ouvindo todas essas informações sobre a vida da irmã, e o alpendre de concreto é fresco e faz com que se sinta melhor. Gillian sempre teve a capacidade de aliciá-la, mesmo quando ela tentava lutar contra essa atração. Gillian senta-se a seu lado, joelho com joelho. Sua pele é ainda mais fresca do que o concreto.

— Eu mesma não podia acreditar que ele de fato faria uma coisa assim — diz Gillian. — Tive de me levantar da cama no meio da noite e deixá-lo sair da geladeira, ou a criatura teria morrido de frio. Tinha cristais de gelo no pêlo.

— Por que tinha de vir aqui? — diz Sally pesarosamente. — Por que agora? Vai arruinar tudo. Eu realmente trabalhei com afinco por tudo isso.

Gillian observa a casa, desinteressada. Sinceramente detesta estar na Costa Leste. Toda essa umidade e folhagem. Ela faria praticamente qualquer coisa para evitar o passado. Muito provavelmente, nessa noite dera consigo sonhando com as tias. Aquela velha casa na rua Magnólia, com seu madeiramento e seus gatos, voltará à sua mente e ela começará a ficar irrequieta, talvez até em pânico, precisando dar o fora, que é como ela acabou no Sudoeste. Pegou um cmibus assim que deixou o mecânico da Toyota por quem deixara o seu primeiro marido. Precisava ter calor e sol para neutralizar sua infância bolorenta, com suas tardes escuras, cobertas por longas sombras verdes e suas meias-noites ainda mais escuras. Precisava estar muito, muito distante.

Se tivesse disposto de dinheiro, Gillian teria saído correndo daquele

ponto de parada em Nova Jersey e teria continuado correndo até chegar ao aeroporto em Newark, em seguida teria voado para algum lugar quente. Nova Orleans, talvez, ou Los Angeles. Infelizmente, pouco antes de saírem de Tucson, Jimmy informou-a de que estavam sem vintém. Ele gastara cada centavo que ela ganhara nos últimos cinco anos, o que é bastante fácil de fazer quando se está investindo em drogas, álcool e qualquer joia de que se goste, inclusive o anel de prata que ele sempre usava — que custara quase uma semana de salário de Gillian. A única coisa que tinham, depois que ele acabou de gastar era o carro, e este estava em seu nome. Aonde mais ela poderia ter ido em uma noite tão negra como essa? Quem mais a receberia, sem fazer perguntas — ou, pelo menos, nenhuma para a qual não possa imaginar uma resposta — até que retome pé?

Gillian suspira e renuncia a sua luta contra a nicotina, pelo menos temporariamente. Tira um dos Lucky Strikes de Jimmy do bolso de sua blusa, em seguida acende e aspira tao profundamente quanto pode. Amanhã parará.

— Estávamos prestes a começar uma nova vida, foi por isso que íamos para Manhattan. Eu ia telefonar-lhe assim que estivéssemos instalados. Você era a primeira pessoa que planejei receber para visitar o nosso apartamento.

— Sem dúvida — diz Sally, mas ela não acredita em uma palavra.

Quando Gillian se livrou do seu passado, se livrou também de Sally. A última vez em que elas deviam reunir-se foi exatamente antes de Jimmy e da mudança para Tucson. Sally já havia comprado as passagens para ela e as meninas voarem até Austin, onde Gillian estava trabalhando como zeladora em treinamento no Hilton. O plano havia sido passarem o Dia de Ação de Graças juntas — que teria sido um primeiro —, mas Gillian telefonou a Sally, dois dias antes de ela e as meninas partirem, e disse a ela que simplesmente esquecesse aquilo. Em dois dias, ela sequer estaria mais em Austin. Gillian nem mesmo se preocupou em explicar o que saíra errado, se foi o Hilton, ou Austin, ou meramente uma compulsiva necessidade de se mudar. Ao lidar com Gillian, Sally acostumou-se à decepção. Ela ficaria inquieta se não tivesse havido um empecilho.

— Bem, eu estava planejando telefonar-lhe — diz Gillian.

— Acredite ou não. Mas tínhamos-de sair de Tucson realmente

depressa, porque Jimmy estava vendendo estramônio aos garotos da universidade, dizendo-lhes que era peiote ou LSD, e houve como que um problema, com pessoas morrendo, a respeito de quê, eu não fazia idéia, até ele dizer: “Faça as malas, imediatamente.” Eu teria telefonado antes de chegar à soleira da sua porta. Simplesmente fiquei apavorada quando ele desfaleceu naquele ponto de parada. Eu não sabia para onde ir.

— Podia tê-lo levado a um hospital. Ou que tal à polícia? Podia tê-la chamado.

Sally consegue ver no escuro que as azaléias que plantou recentemente já estão murchando, as folhas tornando-se marrons. Na sua opinião, tudo desanda se lhe for dado tempo suficiente. Feche os olhos, conte até três, e as possibilidades são de que haverá algum tipo de desgraça acercando-se furtivamente.

— E, certo. Provavelmente eu poderia ir à polícia. — Gillian exala — pequenas baforadas de staccato. — Eles me dariam de dez a vinte. Talvez até perpétua, considerando-se o que aconteceu em Nova Jersey. — Gillian fita o céu, de olhos arregalados. — Se eu ao menos pudesse ter arranjado dinheiro suficiente, teria ido para a Califórnia. Teria partido, antes que eles viessem à minha procura.

Não são só as azaléias que Sally poderia perder. São onze anos de trabalho e sacrifício. Os anéis em torno da lua estão de tal modo brilhantes que Sally está convencida de que, em breve, todos na vizinhança acordarão. Ela agarra o braço da irmã e crava as unhas na pele de Gillian. Tem duas garotas que dependem dela, adormecidas na casa. Tem uma torta de maçã que deve levar no fim de semana seguinte à festa do quarteirão, no Dia da Independência.

— Por que eles viriam à sua procura?

Gillian estremece e tenta afastar-se, mas Sally não solta. Por fim, Gillian dá de ombros e baixa os olhos e, no que diz respeito a Sally, essa não é uma forma muito satisfatória de responder a uma pergunta.

— Está tentando dizer-me que você é responsável pela morte de Jimmy?

— Foi um acidente — insiste Gillian. — Mais ou menos — acrescenta ela, quando Sally crava as unhas mais profundamente. — Está bem — admite ela, quando Sally começa a tirar sangue. — Eu o matei. — Gillian está ficando bastante trêmula, como se sua pressão tivesse começado a

cair um ponto por segundo. — Agora você sabe. Certo? Como de costume, é tudo culpa minha.
Talvez seja apenas a umidade, mas os anéis em torno da lua estão ficando ligeiramente verdes. Algumas mulheres acreditam que uma luz verde no leste pode reverter o processo de envelhecimento e, efetivamente, Sally tem a impressão de ter quatorze anos. Está tendo pensamentos que nenhuma mulher adulta deveria ter, sobretudo não uma que passou a vida inteira sendo boa. Ela repara que há equimoses de alto a baixo nos braços de Gillian. No escuro, elas parecem borboletas púrpuras, algo bonito.
— Nunca me envolverei com outro homem — diz Gillian. Quando Sally lhe lança um olhar, Gillian continua a insistir que não quer nada com o amor. — Aprendi a minha lição — diz ela. — Agora que é desgraçadamente tarde demais. Só quisera poder dispor desta noite, e chamar a polícia amanhã. — Sua voz está soando novamente fatigada e, mesmo, mais fraca do que antes. — Eu poderia cobrir Jimmy com um cobertor e deixá-lo no carro. Não estou preparada para me entregar. Não acho que consiga fazer isso.
Gillian realmente parece estar sofrendo um colapso. Tem um tremor na mão, que a está impossibilitando de acender outro cigarro.
— Você tem de parar de fumar — diz Sally. Gillian ainda é sua irmã mais nova, mesmo então. Ela é sua responsabilidade.
— Ah, que se foda. — Gillian consegue acender o fósforo, depois o cigarro. — Provavelmente pegarei prisão perpétua. Os cigarros só abreviarão a sentença que tenho de cumprir. Eu devia fumar dois de cada vez.
Embora as meninas não fossem muito mais do que bebês, quando seus pais morreram, Sally tomava decisões de improviso, que pareciam suficientemente vigorosas, para impelir ambas adiante. Depois que a babá com quem haviam sido deixadas ficou histérica, e Sally teve de falar ao telefone com o policial para ouvir a notícia da morte dos pais, ela disse a Gillian para escolher seus dois bichinhos de pelúcia preferidos e jogar fora todos os outros, porque dali em diante teriam de viajar com pouca bagagem, e só levar aquilo de que elas próprias pudessem cuidar. Foi ela quem disse à tola babá para procurar o número do telefone das tias na agenda da mãe, e insistiu para que lhe fosse permitido ligar e participar às tias que ela e Gillian poderiam se tornar tuteladas do

Estado, a menos que um parente, por mais distante que fosse, se apresentasse para reclamá-las. Tinha então a mesma expressão no rosto que tem agora, uma inverossímil combinação de devaneio e firmeza.
— A polícia não precisa saber — diz Sally. Sua voz soa estranhamente segura.
— É mesmo? — Gillian examina o rosto da irmã ?/ mas em momentos como esse Sally não deixa escapar nada. E impossível decifrá-la. — E sério? — Gillian chega mais perto de Sally, em busca de consolo. Ela olha em direção ao Oldsmobile. — Quer vê-lo?
Sally estica o pescoço. Há um vulto no banco do carona, sem dúvida.
— Ele realmente era atraente. — Gillian amassa o cigarro e começa a chorar. — Oh, garoto — diz ela.
Sally não consegue acreditar, mas ela de fato quer vê-lo. Quer ver que tal parece um homem assim. Quer saber se uma mulher racional como ela poderia sentir-se atraída por ele, ao menos por um segundo.
Gillian segue Sally até o carro e elas inclinam-se para a frente a fim de dar uma boa olhada em Jimmy pelo pára-brisa. Alto, moreno, bonito e morto.
— Você tem razão — diz Sally. — Ele era atraente.
Ele é, decididamente, o camarada de melhor aparência que Sally já viu, morto ou vivo. Ela pode afirmar, pelo arco de suas sobrancelhas e pelo sorriso afetado, que ainda está em seus lábios, que ele com toda a certeza sabia disso. Sally aproxima o rosto do vidro. O braço de Jimmy - está jogado sobre o banco, e Sally pode ver o anel no quarto dedo da mão esquerda — é um grande pedaço de prata com três retângulos: um cacto gigante está gravado a água-forte em um retângulo lateral, uma cascavel enovelada no outro e, no centro, há um vaqueiro a cavalo. Mesmo Sally compreende que não se quereria ser atingido, se um homem estivesse usando aquele anel. A prata rasgaria o lábio, cortaria muito profundamente.
Jimmy importava-se com sua aparência, isso é evidente. Mesmo após horas afundado no carro, sua calça jeans está tão esticada que parece que alguém acabou de tentar com empenho passá-la a ferro. Suas botas são de pele de cobra e obviamente custaram uma fortuna. Têm sido muito bem cuidadas. Se alguém acidentalmente derramasse uma cerveja sobre essas botas, ou levantasse poeira demais, haveria

confusão, pode-se afirmar ao olhar o couro lustrado. Pode-se afirmar apenas olhando para o rosto de Jimmy. Morto ou vivo, ele é quem é: alguém com quem uma pessoa não quer meter-se. Sally afasta-se do carro. Teria medo de ficar sozinha com ele. Teria medo de que uma palavra errada o fizesse explodir e, então, ela não saberia o que fazer.

— Ele parece um tanto malvado.

— Oh, meu Deus, é — diz Gillian. — Mas só quando bebia. No resto do tempo, ele era ótimo. Valia a pena, e não estou brincando. Então tive uma idéia, para impedi-lo de ser malvado. Comecei a lhe dar um pouquinho de beladona na comida todas as noites. Isso fazia com que fosse dormir antes que pudesse começar a beber. Durante todo esse tempo, ele estava perfeitamente bem, mas devia estar acumulando-se na corrente sanguínea e, então, ele simplesmente apagou. Estávamos sentados ali no ponto de parada e ele estava procurando no porta-luvas o isqueiro, que lhe comprei no mês passado no mercado de pulgas em Sedona, e ficou curvado e parecia não poder endireitar-se. Depois parou de respirar.

No quintal de alguém, um cachorro começa a latir. E um som rouco e frenético que já se infiltra nos sonhos das pessoas.

— Você devia ter telefonado às tias e indagado sobre a dosagem correta — diz Sally.

— As tias me detestam. — Gillian passa a mão pelo cabelo, para dar-lhe um pouco de volume, mas com a umidade ele permanece bem escorrido. — Eu as decepcionei sob todos os aspectos.

— Eu também — diz Sally.

Sally achava que as tias a julgavam excessivamente normal para ter qualquer interesse verdadeiro. Gillian tinha certeza de que a consideravam comum. Por causa disso, as meninas sempre se sentiram temporárias. Tinham a sensação de que era melhor que tomassem cuidado com o que diziam e o que revelavam. Certamente nunca partilharam seu medo de tempestades com as tias, como se depois de pesadelos e vírus estomacais, febres e alergias a alimentos, essa fobia pudesse ser a gota d’água para as tias, que nunca haviam particularmente desejado crianças. Mais uma queixa poderia fazer com que as tias fossem correndo buscar as maletas das irmãs, que estavam guardadas no sótão, cobertas de teias de aranhas e poeira, mas feitas de couro italiano e ainda bastante apresentáveis para serem bem

utilizadas. Em vez de recorrerem às tias, Sally e Gillian recorriam uma à outra. Elas sussurravam que nada de mau aconteceria, contanto que conseguissem contar até cem em trinta segundos. Nada poderia acontecer se permanecessem sob as cobertas, se não respirassem sempre que o trovão estrondeava acima delas.
— Não quero ir para a cadeia.
Gillian tira outro Lucky Strike e o acende. Devido a sua história familiar, ela sofre de uma verdadeira ansiedade de abandono, por isso é sempre a primeira a ir embora. Sabe disso, passou bastante tempo em terapia e gastou bastante grana para discuti-la em profundidade, mas isso não significa que alguma coisa tenha mudado. Não existe um homem que tenha tomado a dianteira e rompido com ela primeiro. Esse é o seu direito à fama. Francamente, Jimmy foi quem chegou mais próximo. Ele está liquidado, e ali ela ainda está, pensando nele e pagando o preço por fazê-lo.

— Se me mandarem para a cadeia, endoidarei. Ainda nem vivi. Não de verdade. Quero arranjar um trabalho e ter uma vida normal. Quero ir a churrascos. Quero ter um filho.
— Bem, devia ter pensado nisso antes. — Esse é exatamente o conselho que Sally vem dando a Gillian o tempo todo, por isso suas conversas ao telefone passaram, nos últimos anos, de breves a inexistentes. Foi isso que escreveu na sua carta mais recente, a que Gillian nunca recebeu. — Devia realmente tê-lo deixado.
Gillian balança a cabeça, concordando.
— Nunca devia ter-lhe dito olá. Esse foi o meu primeiro
erro.
Sally examina cuidadosamente o rosto da irmã ao luar verde. Gillian talvez seja bonita, mas tem trinta e seis anos e esteve apaixonada com excessiva frequência.
— Ele lhe batia? — pergunta Sally.
— Isso realmente tem importância?
Bem de perto, Gillian seguramente não parece jovem. Passou tempo demais ao sol do Arizona e seus olhos estão movendo-se rapidamente, embora ela não esteja mais chorando.
— Sim — diz Sally. — Tem. Tem importância para mim.
— Aqui está o essencial.

Gillian vira de costas para o Oldsmobile porque, se não o fizer, lembrará que, apenas algumas horas antes, Jimmy estava cantando juntamente com uma fita de Dwight Yoakam. Era aquela canção que ela podia escutar repetidamente, aquela sobre um palhaço, e, na sua opinião, Jimmy a cantava cerca de um milhão de vezes melhor do que Dwight jamais poderia cantar, o que era dizer verdadeiramente muito, já que é louca por Dwight.

— Eu estava realmente apaixonada por este. Bem no fundo do meu coração. E tão triste, realmente. E patético. Eu o queria o tempo todo, como se estivesse louca ou algo assim. Como se eu fosse uma daquelas mulheres.

Na cozinha, ao crepúsculo, aquelas mulheres caíam de joelhos e suplicavam. Elas juravam que nunca quereriam nada de novo em suas vidas, se pudessem ter o que então queriam. Era então que Gillian e Sally costumavam entrelaçar os dedos mindinhos e prometer solenemente que nunca seriam tão desgraçadas e infelizes. Nada poderia fazer-lhes aquilo, era o que costumavam sussurrar, enquanto ficavam sentadas na escada dos fundos, no escuro e na poeira, como se o desejo fosse uma questão de escolha pessoal.

Sally considera o seu gramado da frente e a esplêndida noite quente. Ainda sente calafrios percorrendo-lhe a parte posterior do pescoço, mas eles não a estão incomodando mais. Com o correr do tempo, pode-se acostumar a qualquer coisa, inclusive ao medo. Essa é sua irmã, afinal de contas, a menina que às vezes se recusava a ir dormir a menos que Sally cantasse uma canção de ninar, ou sussurrasse os ingredientes para uma das poções ou encantamentos das tias. Essa é a mulher que lhe telefonava todas as terças-feiras à noite, exatamente às dez, durante um ano inteiro.

Sally pensa em como Gillian se agarrava à sua mão quando elas, pela primeira vez, seguiram as tias pela porta dos fundos da velha casa na rua Magnólia. Os dedos de Gillian estavam pegajosos, devido às balas de goma, e frios de medo. Ela recusava-se a largar. Mesmo quando Sally ameaçou beliscá-la, ela simplesmente segurou com mais força.

— Vamos levá-lo para os fundos — diz Sally.

Elas arrastam-no até onde os lilases crescem e asseguram-se de não molestar nenhuma das raízes, da maneira como as tias lhes ensinaram. A essa altura, todos os pássaros que têm ninhos nos arbustos estão

acordados. Os besouros estão enroscados nas folhas do marmeleiro e dos cornisos. Do jeito que as irmãs trabalham, o ruído de suas pás tem um ritmo desapressado, como um bebê batendo palmas ou lágrimas rolando. Só há um momento verdadeiramente ruim. Não importa o quanto Sally se esforce, ela não consegue fechar os olhos de Jimmy. Ela ouviu dizer que isso acontece quando um morto deseja ver quem é o próximo a segui-lo. Por causa disso, Sally insiste para que Gillian olhe para o outro lado, enquanto ela começa a lhe atirar a terra por cima. Pelo menos, assim somente uma delas o terá, olhando-a fixamente todas as noites, em seus sonhos.

Quando terminam e recolocam as pás na garagem, e não há nada além de terra recém-revolvida debaixo dos lilases, Gillian tem de sentar-se no pátio dos fundos e colocar a cabeça entre as pernas para não desmaiar. Ele sabia exatamente como bater em uma mulher, de modo que dificilmente se notavam as marcas. Sabia também como beijá-la, de modo que o seu coração principiava a disparar, e ela começaria a pensar em perdão a cada fôlego. São surpreendentes os lugares a que o amor transportará uma pessoa. É espantoso descobrir exatamente até onde se está disposto a ir.

Em certas noites, é melhor parar de pensar no passado e em tudo o que foi ganho e perdido. Em noites como essa, simplesmente meter-se na cama, enfiar-se entre lençóis brancos limpos, é um grande alívio. E apenas uma noite de junho como qualquer outra, exceto pelo calor, e a luz verde no céu, e a lua. Todavia, o que acontece com os lilases enquanto todos dormem é extraordinário. Em maio havia alguns botões desanimados, mas agora os lilases florescem novamente, fora da estação e da noite para o dia, em um único ímpeto intenso, produzindo flores tão perfumadas que o próprio ar se torna púrpura e cheiroso. Em breve, as abelhas ficarão estonteadas. Os pássaros não se lembrarão de seguir para o norte. Durante semanas, as pessoas ver-se-ão atraídas para a calçada diante da casa de Sally Owens, arrancadas de suas cozinhas e salas de jantar pelo aroma dos lilases, lembradas do desejo e do verdadeiro amor e de mil outras coisas que há muito esqueceram e, às vezes, agora almejam ter ainda esquecido.

Na manhã do décimo terceiro aniversário de Kylie Owens, o céu está infinitamente lindo e azul, mas muito antes de o sol nascer, antes de os despertadores dispararem, Kylie já está acordada. Há horas está

acordada. Está tão alta que facilmente poderia passar por ter dezoito anos, se tomasse emprestadas as roupas da irmã, o batom da mãe e as botas vermelhas de vaqueiro de sua tia Gillian. Kyliesabe que não deve precipitar as coisas, tem a vida inteira à sua frente. Ainda assim, tem avançado para esse exato momento em alta velocidade durante a sua existência, tem estado completamente concentrada nisso, como se essa única manha em julho fosse o centro do universo. Certamente vai ser muito melhor uma adolescente do que foi uma criança. Tem acreditado parcialmente nisso toda a sua vida e, agora, a tia leu-lhe as suas cartas de taro e elas prediziam enorme boa sorte.

Durante as últimas duas semanas, Gillian, a tia de Kylie, tem compartilhado o seu quarto, por isso Kylie sabe que Gillian dorme como uma menininha, escondida sob um grosso acolchoado, embora a temperatura tenha estado em 32° desde que chegou, como se tivesse trazido consigo um pouco do Sudoeste que tanto adora, na mala do carro. Elas arrumaram o lugar como fariam duas companheiras de quarto, com tudo exatamente pela metade, exceto que Gillian necessita de espaço extra no guarda-roupa e pediu a Kylie para fazer um pouquinho de redecoração. O cobertor preto de bebê que sempre foi mantido aos pés da cama de Kylie está agora dobrado e guardado em uma caixa no porão, junto com o tabuleiro de xadrez, que Gillian disse ocupar espaço demasiado. O sabonete preto, que as tias enviam todos os anos de presente, foi retirado da saboneteira e substituído por um sabonete transparente, com fragrância de rosas, proveniente da França.

Gillian tem preferências e aversões muito pessoais e uma opinião a respeito de tudo. Dorme bastante, pega coisas emprestadas sem pedir e prepara ótimos bolinhos de chocolate com M&M misturado na massa. É bonita e ri cerca de mil vezes mais do que a mãe de Kylie ri, e Kylie quer ser exatamente como ela. Segue Gillian por toda parte, examina-a e está pensando em cortar fora todo o seu cabelo, isto é, se tiver peito. Se fosse concedido a Kylie um único desejo, seria acordar e descobrir que seu cabelo pardacento milagrosamente se tornou do mesmo magnífico louro que Gillian tem a sorte de possuir, como feno deixado ao sol ou pedaços de ouro.

O que torna Gillian ainda mais admirável é que ela e Antonia não se dão bem. Concedido o tempo suficiente, elas talvez passem a se desprezar. Na semana anterior, Gillian pegou emprestada a saia preta curta de

Antonia para usar na festa do quarteirão no Dia da Independência, derramou acidentalmente uma Coca Diet sobre a saia, depois disse a Antonia que ela era intolerante quando ela ousou reclamar. Agora Antonia perguntou à mãe se pode colocar um cadeado na porta do seu guarda-roupa. Ela informou à Kylie que a tia é um zero, uma derrotada, uma criatura patética.

Gillian aceitou um emprego na Barraca do Hambúrguer, no Pedágio, onde todos os adolescentes apaixonaram-se loucamente por ela, pedindo cheeseburgers que não querem e galões de refrigerantes e Coca-cola só para ficar por perto.

— Trabalhar é o que as pessoas têm de fazer, a fim de ter grana para festas — proclamou Gillian na noite anterior, uma atitude que já atrapalhou seu plano de rumar para a Califórnia, uma vez que é atraída para ruas comerciais (sapatarias, em particular, tendem a provocá-la) e não parece conseguir economizar um centavo.

Nessa noite, elas estavam comendo cachorros-quentes feitos de tofu e uma espécie de feijão que se supõe ser saudável, embora tenha gosto, na opinião de Kylie, de pneus de caminhão. Sally recusa-se a servir carne, peixe ou ave em sua mesa, apesar das reclamações das filhas. Ela tem de fechar os olhos quando passa pelas coxas de galinha embaladas no mercado e, ainda assim, é sempre lembrada da pomba que as tias usaram para o seu mais sério encantamento de amor.

— Diga isso a um cirurgião do cérebro — replicara Sally ao comentário da irmã sobre o limitado valor do trabalho. — Diga isso a um físico nuclear ou a um poeta.

— Certo. — Gillian ainda estava fumando, embora todas as manhãs fizesse novos planos de parar, e dava-se conta perfeitamente de que a fumaça enlouquecia a todos, exceto Kylie. Ela soltava as baforadas rapidamente, como se isso reduzisse a aversão de alguém. — Encontre-me um poeta ou um físico. Existe algum neste bairro?

Kylie ficou satisfeita com esse menosprezo por seu amorfo subúrbio, um lugar sem-começo nem fim, mas com fartura de mexeriqueiros. Todos estão sempre fazendo seu amigo Gideon passar maus momentos, ainda mais agora que raspou a cabeça. Ele dizia que não dava a mínima e insistia em que a maioria dos vizinhos possuía cérebros tão pequenos quanto os das doninhas, mas ultimamente ficava atarantado quando alguém lhe falava diretamente e, quando andavam junto ao Pedágio e a

buzina de um carro tocava, ele às vezes se sobressaltava, como se de algum modo houvesse sido insultado.

As pessoas encarregavam-se de falar, por qualquer motivo. Qualquer coisa diferente ou ligeiramente incomum serviria. A maioria das pessoas da sua rua já discutira o fato de que Gillian não usava a parte superior do traje de banho quando tomava sol no quintal. Todos sabiam exatamente como era a tatuagem em seu pulso, e que ela tomara pelo menos seis garrafas na festa do quarteirão — talvez até mais — e, depois, rejeitara categoricamente Ed Borelli, quando ele a convidou para sair, embora fosse o vice-diretor e também chefe da sua irmã. Linda Bennett, vizinha das Owens, recusava-se a aceitar que o optometrista, com quem estava saindo, viesse a sua casa para buscá-la antes que escurecesse, de tão nervosa que estava por ter alguém como Gillian morando na casa ao lado. Todos concordavam que a irmã de Sally era desconcertante. Havia vezes em que uma pessoa a encontrava na mercearia, e ela insistia para que aparecesse em sua casa e a deixasse colocar as cartas de taro, e outras vezes em que a pessoa a cumprimentava na rua somente para que ela olhasse através dela, como se estivesse a um milhão de quilômetros de distância, digamos em um lugar como Tucson, onde a vida era bem mais interessante.

No que dizia respeito a Kylie, Gillian possuía a capacidade de tornar qualquer local interessante. Mesmo um depósito de lixo, como o seu quarteirão, podia parecer cintilante ao tipo certo de luz. Os lilases ficaram absolutamente sem controle, desde a chegada de Gillian, como se homenageando a sua beleza e encanto, e transbordaram do quintal para a parte da frente, um caramanchão púrpura estendendo-se sobre a cerca e a entrada de carro. Os lilases não deviam florescer em julho, esse era um simples fato botânico, pelo menos havia sido até então. As moças da vizinhança começaram a cochichar que, se se beijasse o rapaz amado sob os lilases das Owens, ele seria seu para sempre, quer o quisesse ou não. A Universidade Estadual, em Stony Brook, enviara dois botânicos para estudar as estruturas dos botões dessas plantas espantosas, enlouquecendo fora da estação, tornando-se mais altas e mais viçosas e cada hora que se passava. Sally recusara-se a deixar os botânicos entrarem no quintal. Ela borrifara-os com a mangueira do jardim para fazer com que fossem embora, mas ocasionalmente os cientistas estacionavam no lado oposto da entrada de carro, cismando

sobre os espécimes que eles não podiam chegar, debatendo se era ético ou não atravessar correndo o gramado, com tesouras grandes de jardinagem, e tirar o que desejavam.

De algum modo, os lilases afetaram a todos. Tarde da noite anterior, Kylie acordou e ouviu choro. Ela levantou-se da cama e foi até a sua janela. Lá, junto aos lilases, estava sua tia Gillian, em lágrimas. Kylie observou por certo tempo, até Gillian enxugar os olhos e tirar um cigarro do bolso. Enquanto se enfiava de novo na cama, Kylie teve certeza de que, um dia, ela também estaria chorando em um jardim à meia-noite, ao contrário de sua mãe, que estava sempre na cama às onze e que não parecia ter nada na vida sobre que valesse a pena chorar. Kylie perguntou-se se a mãe algum dia chorara pelo seu pai, ou se talvez o momento de sua morte foi quando ela perdeu a capacidade de lamentar.

Lá no quintal, noite após noite, Gillian ainda estava chorando por Jimmy. Simplesmente parecia não poder conter-se, mesmo então. Ela, que prometera solenemente nunca permitir que a paixão a controlasse, fora fisgada. Estivera tentando reunir a coragem e o sangue-frio para sair pela porta, durante tanto tempo, quase todo esse ano. Escrevera o nome de Jimmy em um pedaço de papel e o queimara na primeira sexta-feira de cada mês, em que havia uma quadratura da lua, para tentar livrar-se de seu desejo por ele. Mas isso não a ajudou a parar de querê-lo. Depois de mais de vinte anos de namoricos e promiscuidade, recusando-se a jamais se comprometer, tinha de ir apaixonar-se por alguém como ele, alguém tão mau que, no dia em que transferiram sua mobília para a casa alugada em Tucson, todos os ratos haviam fugido, porque mesmo os ratos silvestres tinham mais bom senso do que ela.

Agora que está morto, Jimmy parece muito mais encantador. Gillian continua a se recordar de como seus beijos eram abrasadores, e meramente a lembrança consegue virá-la pelo avesso. Ele podia fazê-la arder viva. Podia fazê-lo em exatamente um minuto, e isso não é fácil de esquecer. Ela tem esperado que os malditos lilases parem de florescer, porque o odor se filtra pela casa e por todo o quarteirão, e às vezes ela jura que pode até senti-lo na Barraca do Hambúrguer, nada menos que meio quilômetro além do Pedágio. As pessoas da vizinhança estão completamente alvoroçadas a respeito dos lilases — já houve uma fotografia na primeira página do Newsday —, mas o cheiro saturante está enlouquecendo Gillian. Está entrando em suas roupas e no cabelo,

e talvez seja por isso que ela tem fumado tanto, para substituir esse odor de lilás por um que é mais sujo e mais cheio de fogo.
Ela não consegue parar de pensar em como Jimmy costumava manter os olhos abertos quando a beijava — chocava-a perceber que ele a estava observando. Um homem que não fecha os olhos, mesmo para um beijo, é um homem que deseja manter controle o tempo todo. Os olhos de Jimmy tinham pontinhos frios no centro e, a cada vez que o beijava, Gillian se perguntava se o que estava fazendo não era um pouco como estabelecer um pacto com o diabo. Era o que às vezes dava a impressão, sobretudo quando ela via uma mulher que podia ser autêntica em público, sem temer que o marido ou o namorado lhe falasse asperamente. — Eu lhe disse para não estacionar aqui — dizia uma mulher ao marido, diante de um £ çema ou mercado de pulgas, e essas palavras provocavam lágrimas em Gillian. Que maravilha dizer o que se queria sem ter de ensaiá-lo na mente, repetidamente, para se assegurar de que isso não o faria explodir.
Ela reconhecerá que lutou o melhor que pôde contra o que simplesmente não podia derrotar sozinha. Tentou tudo para impedir que Jimmy bebesse, os antigos remédios bem como os novos. Ovos de coruja, mexidos e disfarçados com molho Tabasco e pimenta-malagueta como huevos rancheros. Alho deixado sob seu travesseiro. Uma pasta de sementes de girassol em seus flocos de cereal. Esconder as garrafas, sugerir os Alcoólatras Anônimos, ousar provocar uma briga com ele, quando sabia que não podia vencer. Tentara até o favorito especial das tias: esperar até que ele estivesse bem de porre, então enfiar sorrateiramente um peixinho vivo em sua garrafa de uísque. As guelras do peixe pararam abruptamente no momento em que a pobre criatura se chocou com a bebida, e Gillian ficara torturada de culpa por isso, mas Jimmy não notara qualquer coisa errada. Ele tomou aquele peixinho de um grande gole, sem sequer piscar, depois ficou extremamente indisposto pelo resto da noite, embora posteriormente seu gosto pela bebida parecesse ter dobrado. Foi então que ela teve a idéia da beladona, apenas uma pequena coisa para abrandá-lo e fazê-lo dormir antes que ficasse bem bêbado.
Quando fica sentada à noite junto aos lilases, Gillian está tentando decidir se tem ou não a sensação de que cometeu um assassinato. Bem, não tem. Não houve intenção nem premeditação. Se Gillian pudesse

reviver tudo, ela o faria, embora alterasse algumas coisas enquanto estivesse às voltas com isso. Sente-se de fato mais amistosa para com Jimmy do que se sentia há muito tempo. Há uma proximidade e uma ternura que sem dúvida não estavam ali antes. Ela não quer deixá-lo totalmente sozinho na terra fria. Quer estar perto e contar-lhe o seu dia, e ouvir as piadas que ele costumava contar quando estava de bom humor. Ele odiava advogados, já que nenhum o livrara de cumprir pena na prisão, e colecionava piadas sobre procuradores. Sabia um milhão delas e nada conseguia impedi-lo de contar uma, se estivesse disposto a isso. Pouco antes de estacionarem no ponto de parada em Nova Jersey,

Jimmy perguntara-lhe o que era marrom e preto e ficava bem sobre um advogado.

— Um rottweiler — dissera-lhe ele. Parecia tão feliz naquele momento, como se tivesse a vida inteira diante de si. — Pense a respeito — dissera ele. — Compreendeu?

Às vezes, quando Gillian senta na grama e fecha os olhos, poderia jurar que Jimmy está a seu lado. Quase pode senti-lo estendendo as mãos para ela, da maneira como costumava fazer quando estava bêbado e louco, e queria bater-lhe ou fodê-la — ela nunca sabia inteiramente qual seria, até o exato último momento. Mas assim que ele começava a girar aquele anel de prata no dedo, ela sabia que era melhor ter cuidado. No momento em que ele parece demasiadamente real, ali no quintal, e Gillian começa a pensar sobre como as coisas eram — de verdade —, a presença de Jimmy não parece mais amistosa. Quando isso acontece, Gillian corre para dentro, tranca a porta dos fundos e olha os lilases por trás da segurança do vidro. Ele costumava amedrontá-la bastante, costumava obrigá-la a fazer coisas que ela jamais diria em voz alta.

Verdadeiramente, ela está contente por estar dividindo um quarto com a sobrinha. Tem medo de dormir sozinha, de modo que está satisfeita por fazer a permuta e não dispor de muita privacidade. Nessa manhã, por exemplo, quando Gillian abre os olhos, Kylie já está sentada na beira da cama, olhando-a fixamente. São apenas sete horas e Gillian só tem de voltar ao trabalho na hora do almoço. Ela geme e puxa o acolchoado sobre a cabeça.

— Tenho treze anos — diz Kylie com surpresa, como se ela própria estivesse aturdida por isso lhe ter acontecido. E a coisa que ela quis durante a sua vida inteira e agora de fato a conseguiu.
Gillian imediatamente senta na cama e abraça com força a sobrinha. Lembra exatamente a surpresa que foi crescer, como era perturbador e emocionante, tão repentino.
— Sinto-me diferente — sussurra Kylie.
— Claro que se sente — diz Gillian. — Você está diferente.
Cada vez mais a sobrinha tem confiado nela, talvez porque dividam um quarto e podem cochichar uma para a outra, tarde da noite, depois que as luzes são apagadas. Gillian fica comovida pela maneira como Kylie a examina, como se ela fosse um manual sobre como ser uma mulher. Não consegue lembrar-se de ninguém tê-la admirado antes, e a experiência é, ao mesmo tempo, extasiante e embaraçosa.
— Feliz aniversário — proclama Gillian. — Ainda será o melhor.
O odor daqueles malditos lilases misturou-se com o desjejum, que Sally já está preparando na cozinha. Mas há também café, de modo que Gillian se arrasta para fora da cama e recolhe as roupas que deixou espalhadas pelo chão na noite anterior.
— Espere até mais tarde — Gillian diz à sobrinha. — Quando receber seu presente de mim, ficará completamente transformada. Cento e cinqüenta por cento. As pessoas a verão na rua e ficarão entusiasmadas.
Em homenagem ao aniversário de Kylie, Sally preparou panquecas, suco de laranjas frescas e salada de frutas encimada com coco e passas. No início da manhã, antes que os pássaros estivessem acordados, ela foi ao fundo do quintal e cortou alguns lilases, que arrumou em um vaso de cristal. As flores parecem reluzir, como se cada pétala emitisse um raio de luz da cor de ameixa. Elas são hipnóticas, se se olhar por tempo demasiado. Sally sentou-se à mesa fitando-as e, antes que se desse conta, tinha lágrimas nos olhos, e sua primeira leva de panquecas havia queimado na chapa.
Na noite anterior, Sally sonhou que o chão abaixo dos lilases tornou-se vermelho como sangue, e a grama soltava um som de grito quando o vento começava a soprar. Sonhou que os cisnes que a assediavam em noites insones estavam arrancando suas penas brancas, uma a uma. Estavam construindo um ninho grande o bastante para um homem. Sally

despertou para descobrir que seus lençóis estavam úmidos de suor. Sua testa dava a impressão de que estivera apertada em um torno de bancada. Mas isso nada era comparado à noite anterior, quando ela sonhou que havia um homem morto à sua mesa, e ele não estava satisfeito com o que ela lhe servira como jantar, que era lasanha vegetariana. Com um sopro feroz, ele empurrou todos os pratos para fora da mesa. Em um instante, havia louça quebrada por toda parte, um cortante e selvagem tapete, juncado pelo chão.

Ela tem sonhado tanto com Jimmy, visto seus frios e claros olhos, que às vezes não consegue pensar em mais nada. Tem levado esse sujeito consigo de um lado para o outro, quando, para começar, nunca o conheceu, e isso não parece justo. O horrível é que sua relação com esse homem morto é mais profunda do que qualquer coisa que teve com qualquer outro homem nos últimos dez anos, e isso é assustador.

Nessa manhã, Sally não tem certeza se está trêmula devido aos sonhos com Jimmy, ou se é o café que já tomou que a está afetando, ou se é simplesmente porque sua caçula completou treze anos. Talvez seja a potência de todos os três fatores combinados. Bem, treze ainda é nova, não significa que Kylie esteja completamente crescida. Pelo menos, é o que Sally está dizendo a si mesma. Mas quando Kylie e Gillian entram para o café da manhã, os braços passados em volta uma da outra, Sally desata a chorar. Há um fator que ela se esqueceu de incluir em sua equação de ansiedade: o ciúme.

— Bem, bom-dia para você também — diz Gillian.

— Feliz aniversário — Sally diz a Kylie, mas ela parece realmente taciturna.

— Ênfase em “feliz”— Gillian lembra à Sally, enquanto se serve de uma enorme xícara de café.

Gillian avista sua imagem refletida na torradeira. Essa não lhe é uma hora favorável. Ela alisa a pele perto dos olhos. Daí em diante, só se levantará da cama às nove ou dez nunca mais cedo, embora depois do meio-dia fosse preferível.

Sally entrega a Kylie uma caixinha, envolta com fita cor-de-rosa. Sally fora particularmente cuidadosa, controlando os gastos de mercearia e evitando restaurante, a fim de oferecer esse coração de ouro em uma corrente. Não pode deixar de reparar que, antes de Kylie se permitir uma reação, ela olha para Gillian.

— Bonito — Gillian balança a cabeça. — Ouro de verdade? — pergunta ela.
Sally pode sentir algo quente e vermelho começar a se mover pelo seu peito e garganta. E se Gillian tivesse dito que o medalhão era um lixo: o que Kylie teria então feito?
— Obrigada, mamãe — diz Kylie. —■ É realmente bonito.
— O que é surpreendente, já que a sua mamãe em geral não tem gosto, quando se trata de jóias. Mas esse é realmente ouro. — Gillian segura a corrente junto ao pescoço e deixa o coração oscilar acima dos seus seios. Kylie começou a empilhar panquecas em um prato. — Vai comer todas essas? — pergunta Gillian. — Todos esses carboidratos?
— Ela tem treze anos. Uma panqueca não a matará. — Sally gostaria de estrangular a irmã. — Ela é nova demais para ficar pensando em carboidratos.
— Muito bem — diz Gillian. — Ela pode pensar nisso quando tiver trinta anos. Depois que for tarde demais.
Kylie vai para a salada de frutas. A menos que Sally esteja equivocada, ela está usando o lápis azul de Gillian passado sob os olhos. Kylie cuidadosamente serve duas ínfimas colheradas de frutas em uma tigela e como bocados pequeninos, miudinhos, embora tenha quase l,80m de altura e pese somente 53kg.
Gillian serve-se de uma tigela de frutas.
— Passe na Barraca do Hambúrguer às seis. Isso nos dará certo tempo antes do jantar.
— Ótimo — diz Kylie.
As costas de Sally estão um tanto eretas.
— Tempo para quê?
— Nada — diz Kylie, emburrada como uma adolescente plenamente desenvolvida.
— Conversa de garota — Gillian dá de ombros. — Ei — diz ela, enfiando a mão no bolso do seu jeans. — Quase esqueci.
Gillian tira uma pulseira de prata que adquiriu em uma loja de penhores a leste de Tucson, por apenas doze dólares, apesar do impressionante pedaço de turquesa no centro. Alguém devia ter estado liquidado para renunciar àquilo tão facilmente. Não lhe devia ter restado nenhuma boa sorte que fosse.

— Oh, meu Deus — diz Kylie, quando Gillian lhe entrega a pulseira. — E absolutamente incrível. Nunca vou tirá-la.
— Preciso falar com você lá fora — Sally informa a Gillian.
O rosto de Sally está afogueado até a raiz dos cabelos, e ela está contorcida em nós de ciúme, mas Gillian não nota que há algo errado. Ela lentamente reabastece sua xícara de café, acrescenta leite e creme, depois segue vagarosamente atrás de Sally para o quintal.
— Quero que dê o fora — diz Sally. — Entende o que estou dizendo? Está chegando até você?
Choveu na noite anterior e a grama está fofa e cheia de minhocas. Nenhuma das irmãs está calçando sapatos, porém é tarde demais para voltar atrás e entrar na casa.
— Não berre comigo — diz Gillian. — Não posso agüentar isso. Perderei o controle, Sally. Sou frágil demais para isso.
— Não estou berrando. Está certo? Estou simplesmente afirmando que Kylie é minha filha.
— Pensa que não me dou conta disso? — Gillian agora parece gélida, exceto pelo tremor na voz, que a trai.
Na opinião de Sally, Gillian realmente é frágil, essa é a parte pior. Ou pelo menos ela pensa que é, e isso é mais ou menos a mesma maldita coisa.
— Talvez ache que sou má influência — diz Gillian.— Talvez seja disso que se trate.
O tremor está piorando. Gillian fala da maneira como costumava falar, quando elas tinham de voltar da escola para casa no final de novembro. Já estaria escuro e Sally a esperava, para que ela não se perdesse, como fizera uma vez no jardim-de-infância. Naquela vez, afastara-se para longe e as tias só a encontraram depois da meia-noite, sentada em um banco diante da biblioteca fechada, chorando tão fortemente que não conseguia tomar fcdego.
— Olhe — diz Sally. — Não quero brigar com você.
— Sim, você quer. — Gillian está engolindo apressadamente o seu café. Só agora Sally repara como a irmã está magra. — Tudo o que faço é errado. Pensa que não sei disso?

Ferrei com a minha existência inteira, e todos que estão próximos de mim ficam completamente ferrados junto comigo.
— Ah, vamos. Não faça isso.
Sally pretende dizer algo a respeito de culpabilidade, bem como sobre todos os homens que Gillian tem ferrado ao longo dos anos, mas ela se cala quando Gillian se deixa cair na grama e começa a chorar. As pálpebras de Gillian sempre ficam azuis quando ela chora, o que faz com que pareça frágil e perdida, e ainda mais bonita do que de costume. Sally agacha-se a seu lado.
— Não acho que esteja ferrada — diz Sally à irmã. Uma mentirinha não conta se se cruzarem os dedos atrás das costas, ou se é dita para que alguém que se ama pare de chorar.
— Ah. — A voz de Gillian parte-se em dois, como um pedaço duro de açúcar.
— Realmente estou contente por você estar aqui.
Essa não é uma rematada mentira. Ninguém conhece tão bem uma pessoa como aquela com quem se partilhou a infância. Ninguém jamais a compreenderá inteiramente da mesma forma.
— Ah, é, certo.
Gillian assoa o nariz na manga da sua blusa branca. A blusa de Antonia, na verdade, que ela pegou emprestada no dia anterior, e que, como lhe fica tão bem, Gillian já começou a considerar sua.
— Falando sério — insiste Sally. — Quero que fique aqui. Quero que permaneça. Apenas, daqui em diante, pense antes de agir.
— Entendido — diz Gillian.
As irmãs abraçam-se e levantam-se da grama. Pretendem entrar na casa, mas seu olhar é atraído pela sebe de lilases.
— Isso é algo sobre o que não quero pensar — sussurra Gillian.
— Temos simplesmente de tirá-lo da lembrança — diz Sally.
— Certo — concorda Gillian, como se pudesse parar de pensar nele.
Os lilases cresceram tão alto quanto as linhas telefônicas, com florações tão profusas que alguns dos galhos começaram a vergar em direção ao solo.
— Ele nunca sequer esteve aqui — diz Sally.
Ela provavelmente pareceria mais segura de si mesma, se não fosse por todos os sonhos ruins, que continua tendo, e pelo risco de terra sob suas unhas que se recusa a ficar limpo. Isso, acrescido ao fato de que não

consegue parar de pensar na maneira como ele a olhou fixamente, daquele buraco no chão.
— Que Jimmy? — diz Gillian animadamente, embora as equimoses que ele lhe deixou nos braços ainda estejam ali, como pequenas sombras.
Sally vai para dentro, a fim de acordar Antonia e levar os pratos do café, mas Gillian permanece por algum tempo onde está. Ela inclina a cabeça para trás e fecha os olhos claros contra o sol, e pensa em como o amor pode ser louco. E assim que ela está, parada de pés nus na grama, com a marca de sal das lágrimas deixada na face, e uma estranha espécie de sorriso no rosto, quando o professor de biologia da escola secundária levanta o trinco do portão dos fundos, para que possa entrar e dar à Sally o aviso a respeito da reunião na cantina, no sábado à noite. Contudo, ele não passa além do portão — fica imobilizado ali no caminho e, daí em diante, sempre que sentir o cheiro de lilases, se lembrará desse momento. Como as abelhas estavam movendo-se em círculos acima dele, como de repente pareceu púrpura a tinta dos folhetos que está distribuindo, como percebeu, subitamente, o quanto uma mulher pode ser bela.
Todos os rapazes adolescentes na Barraca do Hambúrguer dizem: — Sem cebola — quando Gillian anota seus pedidos. Catchup está bem, assim como mostarda e outros condimentos. Picles como acompanhamento também são aceitáveis. Mas quando se está apaixonado, quando se está tão fixado que não se consegue ao menos piscar, não se quer cebola, e isso não é para assegurar que o beijo se mantenha doce. As cebolas despertam a pessoa, chocalham-na, falam-lhe com aspereza e disse-lhe para se tornar real. Vá achar alguém que a ame em retribuição. Saia e dance a noite inteira, depois passeie pelo escuro, de mãos dadas, e esqueça quem quer que a esteja enlouquecendo.
Esses rapazes no balcão são demasiado sonhadores e jovens, para fazer qualquer coisa a não ser dizer baboseiras, enquanto observam Gillian. E, para lhe fazer justiça, Gillian é particularmente amável para com eles, mesmo quando Ephraim, o cozinheiro, sugere que os expulse. Ela compreende que esses talvez sejam exatamente os últimos corações que irá partir. Quando se tem trinta e seis anos e se está cansada, quando se viveu em lugares onde a temperatura sobe a 43°, e o ar é tão seco que se tem de usar galões de hidratante, quando se foi

socada, tarde da noite, por um homem que adorava uísque, principia-se a perceber que tudo é limitado, inclusive o próprio encanto. Começa-se a olhar para rapazinhos com ternura, uma vez que eles sabem tão pouco e pensam que sabem tanto. Presta-se atenção às adolescentes e sentem-se arrepios de cima a baixo pelos braços — essas pobres criaturas nada sabem sobre tempo ou agonia ou o preço que terão de pagar por quase tudo.

E, assim, Gillian decidiu ir em socorro da sobrinha. Será a mentora de Kylie, enquanto ela deixa a infância para trás. Gillian nunca sentiu esse apego a uma criança antes. Para ser sincera, nunca conheceu nenhuma e seguramente nunca esteve interessada pelo futuro ou destino de mais ninguém. Mas Kylie suscita um estranho instinto de proteção e orientação. Há momentos em que Gillian se vê pensando que, se houvesse tido uma filha, teria desejado que fosse como Kylie. Apenas um pouco mais confiante e ousada. Um pouquinho mais como a própria Gillian.

Embora em geral esteja atrasada, no anoitecer do aniversário da sobrinha, Gillian tem tudo preparado, antes que Kylie chegue à Barraca do Hambúrguer. Ela até falou com Ephraim a respeito de sair mais cedo, a fim de que possam chegar a tempo no Del Vecchio para o jantar de aniversário. Mas primeiro há a questão do outro presente de Gillian, o que valerá muito mais do que a pulseira de turquesa. Esse presente levará nada menos do que duas horas e, como a maioria das coisas com que Gillian se envolve, também criará uma grande encrenca.

Kylie, que está vestindo um short, cortado de uma calça, e uma velha camiseta Knicks, obedientemente acompanha Gillian ao banheiro feminino, embora não tenha a menor idéia do que está para ocorrer. Está usando a pulseira que Gillian • lhe deu, bem como o medalhão para o qual a mãe economizou por tanto tempo. Tem uma sensação esquisita nas pernas. Quisera ter tempo para correr em torno do quarteirão uma ou duas vezes. Talvez então não tivesse a impressão de estar prestes a arder em chamas ou se despedaçar.

Gillian acende a luz, tranca a porta e procura debaixo da pia uma sacola de papel.

— Os ingredientes secretos — diz ela a Kylie, enquanto tira uma tesoura, um frasco de xampu e um pacote de descolorante. — O que diz? — pergunta ela, quando Kylie vai postar-se a seu lado. — Quer

descobrir como você é realmente bonita?
Kylie sabe que a mãe vai matá-la. Vai tiranizá-la pelo resto da sua vida e tirar os seus privilégios — nada de cinema nos fins de semana, nada de rádio, nada de televisão. Pior, a mãe ficará com aquele horrível ar de decepção no rosto: Veja o que aconteceu , é o que a sua expressão dirá. Depois de eu ter trabalhado com tanto afinco , para sustentar você e Antonia e educã-las corretamente.
— Claro — diz Kylie, despreocupadamente, como se o seu coração não estivesse funcionando a cento e cinqüenta quilômetros por hora. — Vamos fazer isso — diz ela à tia, como se toda a sua vida não estivesse prestes a dar uma cambalhota mortal.
E preciso muito tempo, para fazer praticamente qualquer coisa que valha a pena no cabelo de alguém, ainda mais tempo para uma mudança tão radical como essa, e assim Sally, Antonia e Gideon Barnes esperam durante quase uma hora em uma mesá no Del Vecchio, tomando Coca Diet e enfurecendo-se.

— Faltei ao treino de futebol por causa disso — diz Gideon, lamentosamente.
— Ah, quem se importa — diz Antonia.
Antonia trabalhou o dia inteiro na sorveteria e sente uma dor no ombro direito, devido a todas as conchas que serviu. Tampouco se sente como ela mesma nessa noite, embora não faça idéia de quem mais poderia ser. Há semanas que não é convidada para sair. Subitamente, os rapazes que estavam tão loucos por ela parecem estar interessados ou por moças mais jovens — que talvez não sejam tão atraentes quanto Antonia, mas que podem ficar impressionadas pela mais leve coisa, um estúpido prêmio do clube de computador ou um troféu da equipe de natação, e ficam com os olhos completamente revirados, se um rapaz lhes faz o mais pequenino elogio — ou por mulheres mais velhas, como a sua tia Gillian, que teve tantas experiências sexuais, mais do que uma moça da idade de Antonia, que um garoto da escola secundária poderia ficar excitado apenas tentando adivinhar o que ela lhe poderia ensinar na cama.
Esse verão não está sendo como Antonia esperava. Ela já pode afirmar

que essa noite é outra causa totalmente perdida. A mãe apressou-a para que chegassem a tempo para esse jantar, e Antonia estava em tamanha precipitação que agarrou as roupas na gaveta da cômoda sem olhar. E, agora, o que ela pensou que fosse uma camiseta preta se revelou uma horrível coisa verde-oliva, que normalmente ela não seria apanhada usando. Em geral, os garçons dali piscâvam para Antonia e lhe levavam cestas extras de torradas e pão de alho. Nessa noite, nenhum deles notou que ela está viva, exceto um horripilante auxiliar de garçom, que lhe perguntou se queria uma Coca ou outro refrigerante qualquer.

— Isso é tão típico de tia Gillian — ela diz à mãe, depois de terem esperado durante o que parece uma eternidade. — E tanta desconsideração.

Sally, que não tem absoluta certeza de que Gillian não estimularia Kylie a pular para dentro de um trem de carga ou viajar de carona para Virgínia Beach, sem nenhuma razão específica que não a de se divertir; está tomando vinho, algo que raramente faz.

— Bem, para o inferno com as duas — diz ela.

— Mae! — diz Antonia, chocada.

— Vamos pedir — Sally sugere a Gideon. — Vamos mandar trazer duas pizzas calabresas.

— Você não come carne — lembra-lhe Antonia.

— Então pedirei outro copo de Chianti — diz Sally. — E cogumelos recheados. Talvez um prato de massa.

Antonia vira-se para fazer um sinal ao garçom, mas imediatamente se vira de volta. Seu rosto está corado e ela passou repentinamente a suar. O sr. Frye, seu professor de biologia, está em uma das pequenas mesas do fundo, tomando uma cerveja e discutindo as virtudes dos rollatini de berinjela com o garçom, Antonia é louca pelo sr. Frye. Ele é tão brilhante que Antonia considerou ser reprovada em biologia I só para poder cursá-la de novo, até descobrir que ele estaria lecionando biologia II no outono. Não importa se é um tanto velho demais para ela. E tão inacreditavelmente bonito que, se todos os caras do último ano fossem enrolados juntos e atados com um grande laço, ainda assim não chegariam perto. Todos os dias, o sr. Frye corre ao anoitecer e sempre circunda três vezes o reservatório do outro lado da escola secundária. Antonia tenta não deixar de aparecer por lá, exatamente quando o sol se põe, mas ele nunca parece notá-la. Nunca sequer acena.

Naturalmente, tem de dar de cara com ele na noite em que não se preocupou com maquiagem e está usando essa horrível coisa verde-oliva, que, então percebe, não lhe pertence. Está ridícula. Até esse estúpido Gideon Barnes está olhando fixamente para a sua camiseta.
— O que está olhando? — pergunta Antonia tão ferozmente que Gideon recua a cabeça, como se esperasse ser esbofeteado. — Qual é o problema? — exclama ela, quando Gideon continua a olhar fixamente. Santo Deus, ela não consegue suportá-lo. Ele parece um trouxa quando pisca e, freqüentemertte, faz um ruído esquisito na garganta, como se estivesse prestes a cuspir.

— Acho que essa camiseta é minha — diz Gideon como quem se desculpa e, de fato, ela é sua.
Ele comprou-a em uma viagem a St. Croix, no último Natal, e deixou-a na casa das Owens na semana anterior, e assim ela se misturou com a roupa a ser lavada. Antonia ficaria completa e absolutamente mortificada se soubesse que, nas suas costas, está impresso SOU VIRGEM, em letras pretas.
Sally chama um garçom e pede duas pizzas — simples, sem lingüiça —, três porções de cogumelos recheados, uma cesta de torradas, pão de alho e duas saladas.
— Ótimo — diz Gideon, já que, como de costume, está esfomeado. — A propósito — diz ele a Antonia —, não precisa devolver-me a camiseta até amanhã.
— Puxa, obrigada. — Antonia não pode agüentar muito mais disso. — Como se, para começar, eu a quisesse.
Ela ousa olhar por sobre o ombro. O sr. Frye está observando o ventilador do teto, como se fosse a coisa mais fascinante do mundo. Antonia presume que isso tenha a ver com algum tipo de estudo científico da velocidade ou da luz, mas na verdade está diretamente relacionado com as experiências da juventude de Ben Frye, quando ele foi a San Francisco para visitar um amigo e ficou durante quase dez anos, tempo em que trabalhou para um muito conhecido fabricante de LSD. Essa foi a sua iniciação à ciência. E também a razão por que há momentos em que ele tem de diminuir a velocidade do mundo. E quando

pára e olha fixamente, para coisas como ventiladores de teto, gotas de chuva e vidraças. E quando se pergunta que diabo tem feito com a sua vida.
Nesse momento, enquanto observa o ventilador girar, está pensando na mulher que viu nesse dia, no quintal de Sally Owens. Ele recuou, como sempre faz, mas isso não acontecerá uma segunda vez. Se algum dia a vir novamente, se aproximará e lhe pedirá que se case com ele, é isso o que fará. Está farto de deixar o destino passar por ele. Durante anos, tem sido como esse ventilador de restaurante, girando ao redor e não chegando a lugar algum. Quando se trata exatamente disso, qual é a diferença entre ele e uma efemérida, que vive toda uma maldita existência adulta em vinte e quatro horas? Da maneira como Ben encara isso, exatamente nesse instante ele está quase passando pela décima nona hora, considerando-se as estatísticas para a longevidade de um homem. Se o que lhe resta são mais cinco horas, poderia viver, poderia dizer para o inferno com isso e, por uma vez, simplesmente sair e fazer como lhe aprouvesse.
Ben Frye está considerando tudo isso, assim como decidindo se pede ou não um cappuccino, já que isso significa que ficará acordado metade da noite, quando Gillian cruza a porta. Ela está usando a melhor camiseta branca de Antonia e um jeans velho, e tem no rosto o mais belo sorriso. Seu sorriso poderia derrubar um pombo de uma árvore. Poderia virar tão completamente a cabeça de um homem adulto, que ele poderia derrubar a sua cerveja e não reparar que uma poça estava espalhando-se, sobre a toalha da mesa e no chão.
— Preparem-se — diz Gillian, quando se aproxima da mesa onde estão esperando três clientes muito infelizes, com baixo teor de açúcar no sangue e sem absolutamente nenhum resto de paciência.
— Estamos preparados há quarenta e cinco minutos — diz Sally à irmã.
— Se tiver uma desculpa, é melhor que seja verdadeira.
— Não está vendo? — diz Gillian.
— Estamos vendo que não pensa em ninguém, a não ser em si mesma — diz Antonia.
— Ah, é mesmo? — diz Gillian. — Bem, sem dúvida você saberia dessas coisas. Saberia melhor do que ninguém.
— Puta merda — diz Gideon Barnes.
Nesse momento, ele esqueceu o seu estômago vazio e resmungador.

Não se incomoda mais que suas pernas estejam com câimbra por estarem ali, comprimidas durante tanto tempo. Alguém que se parece bastante com Kylie está caminhando em direção a eles, só que essa pessoa é espetacular. Essa pessoa tem cabelo louro, curto, e é magra, não da maneira como são as tegonhas, mas no estilo das mulheres que conseguem fazer com que a gente se apaixone por elas, mesmo quando as conhecemos pelo que parece uma eternidade, embora não sejamos muito mais do que uma criança.

— Puta que pariu — diz Gideon, enquanto essa pessoa chega mais perto. E realmente Kylie. Deve ser, porque, quando ela dá um sorriso largo, Gideon pode ver o dente que ela lascou no verão anterior, quando mergulhou para pegar a bola no treino de futebol.

Assim que repara na maneira como todos a estão olhando fixamente, boquiabertos, como peixes dourados em cujo aquário ela acabasse de ter sido lançada, Kylie sente algo formigando que se assemelha a embaraço, ou talvez seja arrependimento. Ela desliza para o banco ao lado de Gideon.

— Estou morta de fome — diz ela. — Vamos comer pizza?

Antonia tem de tomar um gole de água e, ainda assim, tem a impressão de que poderia desmaiar. Algo horrível aconteceu. Algo mudou tão intensamente que o mundo parece não estar girando mais no mesmo eixo. Antonia sentiu-se murchar na iluminação amarela do Del Vecchio. Já está tornando-se a irmã de Kylie Owens, aquela de cabelo excessivamente vermelho, que trabalha na sorveteria, tem pés chatos e um ombro prejudicado que a impede de jogar tênis ou fazer com eficiência a sua parte.

— Ora, ninguém vai dizer nada? — pergunta Gillian.— Ninguém vai dizer: “Kylie! Você está incrível! Está deslumbrante! Feliz aniversário?”

— Como pôde fazer isso? — Sally levanta-se para encarar a irmã. Talvez tenha tomado Chianti durante quase uma hora, mas nesse momento está sóbria. — Chegou a pensar em pedir a minha permissão? Chegou a pensar que ela talvez fosse jovem demais para começar a tingir o cabelo, usar maquiagem e fazer o que diabo mais, conduzindo-a pelo mesmo terrível caminho em que você esteve durante toda a sua vida? Chegou a pensar que eu não quero que ela seja como você e, se tivesse miolos, também não quereria isso para ela, sobretudo considerando o que acabou de passar, e sabe exatamente a que me

refiro. — A essa altura, Sally está histérica e não vai manter a voz baixa.
— Como pôde? — pergunta ela. — Como ousou! — grita.

— Não fique tão transtornada. — Decididamente essa não é a reação com que Gillian contava. Aplauso, talvez. Um tapi-nha nas costas. Mas não esse tipo de acusação. — Podemos passar uma tinta castanha por cima, se é tão grande coisa assim.
— É grande coisa.
Sally está tendo dificuldade para respirar. Ela olha para a menina no banco que é Kylie, ou que costumava ser Kylie, e sente que foi apanhada pelo coração. Ela inspira pelo nariz e expira pela boca, exatamente como lhe ensinaram nas aulas de método Lamaze, há tanto tempo.
— Privar alguém da sua juventude e inocência, eu consideraria isso importante. Diria que é grande coisa.
— Mãe — suplica Antonia.
Antonia nunca sofreu antes uma humilhação como essa. O sr. Frye está observando-as, como se a família estivesse encenando uma peça. E ele não é o único. Em todo o restaurante, provavelmente não há outra conversa prosseguindo. Melhor prestar atenção às Owens. Melhor assistir ao espetáculo à parte.
— Podemos simplesmente comer? — implora Antonia.
O garçom trouxe o pedido, que hesitantemente deposita sobre a mesa. Kylie esforça-se ao máximo para ignorar os adultos. Imaginou que a mãe ficasse furiosa, mas essa reação está em uma dimensão inteiramente diferente.
— Não está esfomeado? — cochicha ela para Gideon. Kylie espera que Gideon seja a única pessoa equilibrada à mesa, mas, assim que vê a expressão em seu rosto, compreende que não é em comida que ele está pensando. — O que há com você? — pergunta ela.
— E você — diz ele, e isso soa como uma acusação. — Está completamente diferente.
— Não estou — diz Kylie. — E só o meu cabelo.
— Não — diz Gideon. O choque está diminuindo e ele sente que houve um roubo. Onde está a sua companheira de jogos e amiga? — Você não

é exatamente a mesma. Como pôde ser tão estúpida?

— Vá para o inferno — diz Kylie, extremamente magoada.
— Muito bem — retruca Gideon. — Importa-se em me deixar sair para que eu possa chegar até lá?
Kylie move-se para que Gideon possa deslizar para fora do banco.
— Você é um idiota — diz-lhe ela, enquanto ele vai embora, e parece tão serena que espanta a si mesma. Até Antonia está fitando-a com algo que se assemelha a respeito.
— É assim que trata o seu melhor amigo? — pergunta Sally a Kylie. — Viu o que você fez? — diz ela a Gillian.
— Ele é um idiota — responde Gillian. — Quem vai embora de uma festa antes de ela sequer acontecer?
— Já aconteceu — diz Sally. — Não está vendo? Já acabou. — Ela procura a carteira na bolsa, em seguida joga algum dinheiro sobre a mesa para pagar a comida intocada. Kylie já agarrou um pedaço de pizza, que larga rapidamente ao ver como a mãe está carrancuda. — Vamos — diz Sally às filhas.
Ben Frye leva todo esse tempo para compreender que tem outra oportunidade. Sally e as filhas levantaram-se, e Gillian está sozinha à mesa. Ben aproxima-se displicentemente, como um homem cujo sangue não se aqueceu a um grau perigoso.
— Olá, Sally — diz ele. — Como vai?
Ben é um dos poucos professores que trata Sally como uma igual, embora ela seja apenas uma secretária. Nem todos são tão amáveis — Paula Goodings, a professora de matemática, tiraniza Sally, convencida de que é uma parasita atrás da mesa, disponível para executar tarefas para qualquer pessoa que passe por ali. Ben e Sally conhecem-se há anos e, quando Ben foi contratado pela escola secundária, cogitaram de sair juntos, antes de decidir que o que ambos realmente precisavam era de um amigo. Desde então, têm freqüentemente almoçado juntos e, nas reuniões na escola, são aliados. Gostam de sair para tomar cerveja e fofocar sobre o corpo docente e os funcionários.
— Estou indo realmente mal — diz-lhe Sally, antes de reparar que ele seguiu adiante sem esperar uma resposta. — Já que você está

perguntando — acrescenta ela.
— Oi — diz Antonia a Ben Frye quando ele passa. Genial, mas é o melhor que ela consegue fazer no momento.
Ben sorri-lhe inexpressivamente, mas continua andando, até chegar à mesa onde Gillian está olhando fixamente a comida intocada.
— Há algum problema com o seu pedido? — pergunta-lhe Ben. — Há alguma coisa que eu possa fazer?
Gillian ergue os olhos para ele. Há lágrimas correndo de seus olhos cinzentos claros. Ben dá um passo em sua direção. Está tão perdido, que não poderia recuar se o quisesse.
— Não há nenhum problema — assegura-lhe Sally, enquanto reúne as filhas e começa a marchar em direção à porta.
Se no momento o coração de Sally não estivesse tão fechado, ela sentiria pena de Ben. Ela o lastimaria. Ben já se sentou diante de Gillian. Tirou-lhe os fósforos da mão — que novamente tem aquele maldito tremor — e está acendendo o seu cigarro. Enquanto Sally conduz as filhas para fora do restaurante, julga ouvi-lo dizer: — Por favor, não chore — à irmã. Talvez até o ouça dizer: — Case-se comigo. Podemos fazê-lo esta noite. — Ou talvez esteja apenas imaginando que é isso que ele disse, já que ela sabe que é para onde está rumando. Todos os homens que já olharam para Gillian da maneira como Ben está olhando, nesse exato momento, fizeram um pedido de casamento de um tipo ou de outro.
Ora, da maneira como Sally encara isso, Ben é um homem adulto, pode cuidar de si mesmo ou, no mínimo, pode tentar. Suas filhas são um assunto totalmente diferente. Sally não está disposta a permitir que Gillian surja de parte alguma, com três divórcios e um cadáver em seu passado recente, para começar a se comportar irresponsavelmente com o bem-estar de suas filhas. Meninas como Kylie e Antonia são vulneráveis demais. Quebram-se ao meio meramente por palavras cruéis, são facilmente levadas a acreditar que não são suficientemente boas. Só de olhar o pescoço de Kylie, enquanto caminham pelo estacionamento, faz com que Sally tenha vontade de chorar. Mas não o faz. E, o que é mais importante, não o fará.
— Meu cabelo não está tão ruim assim — diz Kylie, assim que estão no Honda. — Não entendo o que há de tão horrível no que fizemos.
Ela está sentada sozinha no banco de trás e sente-se tão esquisita. Não

há espaço algum para as suas pernas e, a fim de caber, ela tem de encolher-se. Quase tem a impressão de que poderia saltar do carro e afastar-se. Poderia começar uma nova vida e jamais olhar de novo para trás.

— Se pensar a respeito, talvez você entenda — diz-lhe Sally. — Tem mais juízo do que a sua tia, portanto tem uma chance melhor de compreender o seu erro. Reflita.

É o que Kylie faz e, ao que tudo indica, isso é despeito. Ninguém quer que ela seja feliz, a não ser Gillian. Ninguém dá a mínima.

Elas seguem para casa em silêncio mas, depois que estacionaram na entrada de carro e estão caminhando para a porta da frente, Antonia não consegue mais ficar calada.

— Você está tão desarrumada — cochicha ela para Kylie. — E sabe qual é a pior parte? — Ela prolonga isso, como se estivesse prestes a proferir uma maldição. — Você se parece com ela.

Os olhos de Kylie ardem, mas ela não tem medo de retrucar à irmã. Por que deveria ter? Antonia parece estranhamente pálida nessa noite, e seu cabelo tornou-se seco, um feixe de palha da cor de sangue, seguro com prendedores. Ela não é tão atraente. Não é tão superior como sempre aparentou.

— Ora, muito bem — diz Kylie. Sua voz é melífica, tão tranqüila e suave. — Se sou como a tia Gillian, fico contente.

Sally ouve algo perigoso na voz da filha, mas evidentemente treze anos é uma idade perigosa. E a época em que uma menina pode falar asperamente, em que o bem pode transformar-se em mal sem nenhuma razão aparente e, se não se tiver cuidado, pode-se perder a própria filha.

— De manhã iremos à drugstore —- diz Sally. — Assim que conseguirmos um pacote de tintura castanha, você ficará completamente bem.

— Acho que essa é uma decisão minha. — Kylie está surpresa consigo mesma, mas isso não significa que esteja disposta a se dar por vencida.

— Bem, eu discordo — diz Sally.

Há um nó em sua garganta. Ela gostaria de fazer alguma coisa que não fosse ficar ali parada — esbofetear Kylie, talvez, ou abraçá-la com força, mas sabe que nenhuma dessas coisas é possível.

— Bem, tanto pior — replica Kylie imediatamente. — Porque é o meu cabelo.

Assistindo a tudo isso, Antonia tem um sorriso largo no rosto.
— Isso é da sua conta? — diz-lhe Sally. Ela espera que Antonia esteja dentro de casa, antes de se voltar para Kylie. — Discutiremos isso amanhã. Entre.
O céu está escuro e profundo. As estrelas começaram a aparecer. Kylie faz que não com a cabeça.
— Não vou entrar.
— Muito bem — diz Sally.
Está com a voz presa, mas sua atitude é direta e inflexível. Há semanas tem receado que poderia perder a filha, que Kylie preferiria o jeito descuidado de Gillian, que cresceria cedo demais. Sally planejara ser compreensiva e considerar esse comportamento uma fase passageira, mas agora que isso realmente aconteceu Sally está atordoada, ao descobrir o quanto está zangada. Depois de tudo o que fiz por você está cravado em algum lugar no seu cérebro e, muito pior, está igualmente no seu coração.
— Se é assim que quer passar o seu aniversário, muito
bem.
Depois que Sally entra, a porta cerra-se com um pequeno ruído sibilante, em seguida bate quando se fecha. Durante treze anos, Kylie tem estado viva sob esse céu e só nessa noite ela, realmente, olha para todas essas estrelas acima. Tira os sapatos, deixa-os no alpendre da frente, em seguida dá a volta até o quintal. Nunca anteriormente os lilases estiveram floridos no seu aniversário, e ela considera isso um sinal de boa sorte. Os arbustos estão tão exuberantes e crescidos, que tem de se abaixar para conseguir passar por eles. Por toda a sua vida, esteve medindo forças com a irmã, e não fará mais isso.
Esse é o presente que Gillian lhe deu nessa noite e pelo qual sempre será grata.
Qualquer coisa pode acontecer. Kylie então compreende isso. Por todo o gramado, há vaga-lumes e ondas de calor. Kylie estende uma das mãos e vaga-lumes reúnem-se em sua palma. Quando os sacode e eles se elevam no ar, pergunta-se se possui algo que as outras pessoas não possuem. Intuição ou esperança — não saberia como denominá-lo. Talvez o que possua seja a simples capacidade de saber que algo mudou e ainda está mudando, sob esse escuro e estrelado céu.
Kylie sempre foi capaz de decifrar as pessoas, mesmo aquelas que se

fecham hermeticamente. Mas agora, que completou treze anos, seu escasso dom intensificou-se. Em toda a noite, esteve vendo cores em torno das pessoas, como se estivessem iluminadas por dentro, exatamente como vaga-lumes. A orla verde do ciúme da irmã, a negra aura de medo quando a mãe viu que ela parecia uma mulher, não uma menininha. Essas faixas de cor afiguram-se tão reais a Kylie que ela tenta esticar a mão e tocá-las, mas as cores se espalham no ar e desaparecem. E nesse momento, enquanto está parada no quintal, vê que os lilases, essas belas criaturas, possuem uma aura própria, e é surpreendentemente escura. E púrpura, mas parece uma relíquia manchada de sangue e é impelida para cima como fumaça.

De súbito, Kylie não se sente tão inteiramente adulta. Tem vontade de estar na sua cama, até se descobre desejando que o tempo pudesse dar marcha à ré, pelo menos por um instantinho. Mas isso nunca acontece. As coisas não podem ser desfeitas. E absurdo, mas Kylie poderia jurar que há um estranho ali fora, no quintal. Ela recua até a porta, gira a maçaneta e, exatamente antes de entrar, olha para o gramado e o vê. Kylie pisca, mas sem dúvida ele está lá, sob o arco dos lilases, e parece o tipo de homem com que ninguém, em seu juízo perfeito, gostaria de topar em uma noite tão escura quanto essa. Ele tem muita petulância para estar em uma propriedade particular, para tratar esse quintal como seu. Mas, evidentemente, pouco se importa com coisas como decência e bom comportamento. Está ali sentado esperando e, se Kylie ou qualquer outra pessoa aprova ou desaprova, não interessa muito. Está ali sem dúvida, admirando a noite com seus deslumbrantes olhos frios, pronto para fazer alguém pagar.

Clarividência

Se uma mulher está em dificuldades, deve sempre usar azul como proteção. Sapatos azuis ou vestido azul. Um suéter da cor de um ovo de tordo ou um lenço da tonalidade do céu. Uma estreita fita de cetim, cautelosamente, passada pela bainha de renda branca de uma combinação. Qualquer um desses servirá. Mas se uma vela arde azul, isso é algo inteiramente diferente, não é sorte alguma, pois significa que há um espírito na casa. E se a chama bruxulear, depois se tornar mais forte a cada vez que a vela é acesa, o espírito está instalando-se. Sua essência está enroscando-se nos móveis e nas tábuas do assoalho, está reivindicando armários e guarda-roupas e, em breve^ estará chocalhando janelas e portas.

Às vezes, leva bastante tempo antes que alguém na casa perceba o que aconteceu. As pessoas querem ignorar o que não conseguem compreender. Procuram a lógica a qualquer preço. Uma mulher pode facilmente pensar que é tola o bastante para não se lembrar de onde guardou os brincos a cada noite. Ela pode convencer-se de que uma colher de pau extraviada é a razão por que a máquina de lavar louça está constantemente entupindo, e que o banheiro não pára de alagar devido a canos defeituosos. Quando as pessoas se provocam, quando batem portas umas na cara das outras e se xingam, quando não conseguem dormir à noite devido à culpa e aos maus sonhos, e o próprio ato de se apaixonar deixa-as nauseadas em vez de atordoadas e alegres, então é melhor considerar toda causa possível para tanta má sorte.

Se Sally e Gillian estivessem se falando, em vez de se evitarem no corredor e à mesa de jantar, onde uma sequer pediria à outra para passar a manteiga, ou os pãezinhos, ou as ervilhas, teriam descoberto à medida que julho transcorria, com grande agitação e silêncio, que estavam igualmente azaradas. As irmãs podiam acender uma lâmpada, sair do aposento por um segundo e voltar para a completa escuridão. Podiam dar partida nos seus carros, guiar meio quarteirão e descobrir que ficaram sem gasolina, ainda que apenas horas antes o tanque estivesse praticamente cheio. Quando qualquer das irmãs entrava no chuveiro, a água quente transformava-se em gelo, como se alguém houvesse brincado com a torneira. O leite coalhava, ao ser despejado da

vasilha. A torrada queimava. Cartas, que o carteiro havia entregue cuidadosamente, estavam rasgadas ao meio e com as bordas enegrecidas, como uma velha rosa murcha.
Dentro em breve, cada irmã estava perdendo o que lhe era mais importante. Certa manhã, Sally acordou e verificou que a fotografia das filhas, que sempre mantinha sobre a cômoda, havia desaparecido da moldura de prata. Os brincos de diamante, que as tias lhe deram no dia do seu casamento, não estavam mais no porta-jóias. Ela esquadrinhou o seu quarto inteiro e, ainda assim, não conseguiu achá-los em nenhum lugar. As contas que devia pagar antes do final do mês, anteriormente em uma pilha arrumada sobre a bancada da cozinha, pareciam ter desaparecido, embora ela estivesse convencida de que preenchera os cheques e selara todos os envelopes.
Gillian, que seguramente podia ser acusada de esquecimento e falta de ordem, estava sentindo falta de coisas que pareciam quase impossíveis de perder, mesmo para ela. As estimadas botas vermelhas de vaqueiro, que sempre mantinha ao lado da cama, simplesmente não estavam mais lá, quando ela acordou certa manhã, como se tivessem simplesmente decidido ir embora. As cartas de taro, que mantinha atadas em um lenço de cetim — e que certamente a haviam ajudado a sair de um ou dois apertos, sobretudo após o segundo casamento, quando não possuía um centavo e teve de instalar uma mesa de cartas em uma rua comercial, lendo a sorte por 2,95 dólares —, haviam evaporado como fumaça, todas exceto o Enforcado, que pode representar a sabedoria ou o egoísmo, dependendo da sua posição.
Pequenos objetos estavam desaparecendo, como a pinça e o relógio de pulso de Gillian, mas peças maiores apareciam fora de lugar. No dia anterior, ela saíra pela porta da frente ainda semi-adormecida e, quando ia entrar no Oldsmobile, este não se encontrava em nenhum lugar à vista. Estava atrasada para o trabalho e supôs que algum adolescente houvesse roubado o carro e, quando se achasse na Barraca do Hambúrguer, telefonaria para a polícia. Contudo, ao chegar lá, com os pés a matá-la já que não estava usando sapatos para caminhar, lá estava o Oldsmobile, estacionado bem na frente, como se estivesse à sua espera, impulsionado por um desígnio próprio.
Quando Gillian inquiriu Ephraim, que estivera trabalhando atrás da grelha desde o início daquela manhã, exigindo saber se ele vira alguém

entregar o seu carro, ela parecia crispada, talvez mesmo histérica.
— E uma brincadeira — achou Ephraim. — Ou alguém o roubou, e depois ficou com frio na barriga.
Ora, frio na barriga era sem dúvida algo que Gillian conhecia ultimamente. Cada vez que o telefone tocava, no trabalho ou na casa de Sally, Gillian pensava que era Ben Frye. Sentia calafrios só de pensar nele, sentia-os até os dedos dos pés. Ben enviara-lhe flores, rosas vermelhas, na manhã seguinte ao encontro dos dois no Del Vecchio, mas, quando lhe ligou, ela disse-lhe que não podia aceitá-las, nem qualquer outra coisa.
— Não me telefone — disse-lhe ela. — Nem mesmo pense em mim — exclamou.
Mas o que havia com Ben Frye — não a via como o fracasso que era? Ultimamente, tudo o que tocava se desfazia — animal, vegetal, mineral, não importava nem um pouco. Tudo se desfazia igualmente sob o seu toque. Abria o guarda-roupa de Kylie, e a porta desprendia-se das dobradiças. Colocava uma lata de sopa de arroz com tomate para cozinhar no queimador traseiro e as cortinás da cozinha pegavam fogo. Saía para o pátio, a fim de fumar um cigarro em paz, somente para pisar em um corvo morto, que parecia ter caído diretamente do céu no seu caminho.
Ela era má sorte, azarenta e desventurada como a peste. Quando ousava olhar de relance no espelho, parecia a mesma — ossos malares altos, grandes olhos cinzentos, boca generosa —, tudo isso familiar e, muitos diriam, bonito. Entretanto, uma ou duas vezes dera com os olhos em sua imagem um pouco rapidamente demais e, então, não gostou do que descobriu fitando-a de volta. De determinados ângulos, em determinados tipos de luz, viu o que imaginou que Jimmy devia ter visto, no final da noite, quando estava de porre e ela estava esquivando-se dele, as mãos erguidas, para proteger o rosto. Aquela mulher era uma boba e fútil criatura, que não se detinha para pensar antes de abrir a boca. Aquela mulher achava que podia modificar Jimmy ou, na pior das hipóteses, reordená-lo de algum modo. A tola completa. Não admira que não conseguisse manejar o fogão ou encontrar as botas. Não admira que houvesse conseguido matar Jimmy, quando tudo o que realmente queria era um pouco de ternura.
Para começar, Gillian fora louca em sentar-se à mesa do Del Vecchio

com Ben Frye, mas estivera tão transtornada que ficara até a meia-noite. No final daquela noite, eles haviam comido cada pedacinho da refeição que Sally pedira e haviam ficado de tal modo cativados um pelo outro que não repararam que cada um consumira uma pizza inteira. Comeram da maneira como talvez comessem pessoas que houvessem sido hipnotizadas, sem se dar o trabalho de olhar para os pedaços de salada e cogumelos que espetavam com os garfos, sem querer deixar a mesa se isso significava deixar um ou outro.

Gillian ainda não consegue acreditar inteiramente que Ben Frye é real. E diferente de qualquer outro homem com quem já esteve. Ele presta-lhe atenção, em primeiro lugar. E tão bondoso que as pessoas são atraídas para ele. As pessoas simplesmente pressupõem que ele é digno de confiança; todas as vezes que visita cidades em que nunca esteve antes, sempre pede orientação e é bem recebido pelos habitantes do lugar. E formado em biologia por Berkeley, mas também realiza espetáculos de mágica na enfermaria infantil do hospital da região, todas as tardes de sábado. As crianças não são as únicas que se amontoam, quando Ben chega, com seus lenços de seda, caixa de ovos e baralhos de cartas. E impossível atrair a atenção de qualquer das enfermeiras do andar. Algumas delas juram que Ben Frye é o solteiro mais bonito do estado de Nova York.

Por tudo isso, Gillian Owens decididamente não é a primeira a ter Ben no pensamento. Na cidade, há mulheres que estão há tempo interessadas nele, que memorizaram a sua rotina diária e todos os fatos da sua vida, e estão de tal modo obsedadas que, quando lhes é pedido o número do seu telefone, freqüentemente elas recitam o dele, em vez do seu. Na escola secundária, há professoras que lhe levam pratos de forno todas as sextas-feiras ao entardecer, e vizinhas recém-di-vorciadas que lhe telefonam, tarde da noite, porque todos os fusíveis queimaram e elas insistem que têm medo de se eletrocutarem sem a sua perícia científica.

Essas mulheres dariam qualquer coisa para que Ben Frye lhes enviasse rosas. Diriam que Gillian necessita ter a cabeça examinada por devolvê-las. Você tem sorte, é o que elas lhe diriam. Mas é uma espécie de sorte despropositada. No segundo em que Ben Frye se apaixonou por ela, Gillian soube que nunca poderia permitir que alguém tão maravilhoso como ele se envolvesse com uma mulher como ela. Considerando todas as encrencas que criou, apaixonar-se está agora permanentemente fora

de cogitação. A única maneira de alguém poder obrigá-la a se tornar uma esposa de novo seria acorrentá-la à parede de uma capela e apontar uma espingarda de caça para a sua cabeça. Quando chegou em casa do Del Vecchio, na noite em que conheceu Ben, fez uma promessa solene de nunca se casar novamente. Trancou-se no banheiro, acendeu uma vela preta e tentou lembrar-se de alguns dos encantamentos das tias. Quando não o conseguiu, repetiu: “Solteira para sempre”, três vezes, e isso parece ter dado resultado, porque continua a repeli-lo, apesar de como se sente por dentro.

— Vá embora — diz ela a Ben sempre que ele liga. Não pensa em como ele é, ou na sensação dos calos em seus dedos, aqueles causados por treinar nós para o número de mágica, quase todos os dias. — Encontre alguém que o faça feliz.

Mas nao é isso que Ben quer. Ele a quer. Telefona e telefona, até que todas pressupõem que é ele quem liga todas as vezes. Agora, sempre que o telefone toca na casa das Owens, quem quer que agarre o receptor não diz uma palavra, nem mesmo um alô. Cada uma delas apenas respira e aguarda. Chegou a ponto de Ben poder distinguir os seus estilos de respiração: a prática inspiração de ar de Sally; o resfolegar de Kylie, como um cavalo que não tem paciência para com o idiota do outro lado da cerca; a triste e trêmula inalação de Antonia, e, naturalmente, o som por que está sempre almejando — o exasperado e belo suspiro que escapa da boca de Gillian, antes de lhe dizer para deixá-la em paz, sumir. Faça o que quiser, apenas não me telefone mais.

Entretanto, sua voz está embargada e Ben pode afirmar que, quando ela corta a ligação, está triste e aturdida. Ele verdadeiramente não pode suportar o pensamento de sua infelicidade. Simplesmente a idéia de lágrimas em seus olhos deixa-o tão frenético que dobra os quilômetros que costuma correr. Caminha em torno do reservatório tantas vezes que os patos começaram a reconhecê-lo e já não levantam voo quando passa. É tão familiar quanto o crepúsculo e os cubos de pão branco. As vezes, enquanto corre, canta Heartbreak Hotel e, então, sabe que está em grande dificuldade. Certa vez, em uma convenção de mágicos em

Atlantic City, uma cartomante disse-lhe que, quando se apaixonasse seria para sempre, e ele riu da idéia, mas agora compreende que a leitura foi completamente no alvo.
Ben está tão confuso que começou a fazer truques de mágica involuntariamente. No posto de gasolina, procurou o seu cartão de crédito e sacou a dama de copas. Fez sua conta de luz desaparecer e incendiou a roseira no seu quintal. Tirou uma moeda de vinte e cinco centavos de trás da orelha de uma mulher idosa, enquanto a ajudava a atravessar o Pedágio, e

quase lhe provocou uma parada cardíaca. Pior de tudo, não é mais aceito no Café Owl, na extremidade norte do Pedágio, onde costuma tomar o desjejum, uma vez que ultimamente faz todos os ovos quentes rodopiarem e arranca as toalhas de todas as mesas, por onde passa a caminho do seu banco habitual.
Ben não consegue pensar em nada além de Gillian. Começou a carregar consigo uma corda, a fim de atar e desatar nós especiais, mau hábito que lhe volta sempre que está nervoso, ou quando não consegue obter o que deseja. Mas nem a corda está ajudando. Ele a quer tanto que a está fodendo em sua cabeça, quando deveria estar fazendo coisas como apertar o freio em um sinal vermelho, ou discutindo o afluxo de escaravelhos com a sra. Fishman, sua vizinha do lado. Está tão superaquecido que os punhos das suas camisas estão chamuscados. Está constantemente excitado, pronto para algo que dá a impressão de que nunca vai acontecer.
Ben não sabe o que fazer para conquistar Gillian, não tem nenhuma idéia, de modo que vai visitar Sally, disposto a implorar-lhe ajuda. Mas Sally sequer lhe abre a porta. Fala através da tela, com um tom distante, como se ele lhe tivesse surgido no alpendre com um aspirador de pó para vender, em vez de com o coração na mão.
— Aceite o meu conselho — sugere Sally. — Esqueça Gillian. Nem pense nela. Case com uma boa mulher.
Mas Ben Frye tomou uma decisão no minuto em que viu Gillian postada sob os lilases. Ou talvez não tivesse sido só a sua mente que foi tão intensamente afetada, mas agora cada pedaço seu a quer. E assim,

quando Sally lhe diz para ir para casa, Ben recusa-se a ir embora. Senta-se na varanda, como se tivesse algo a protestar ou todo o tempo do mundo. Fica ali o dia inteiro e, quando soa o apito das seis horas no posto de bombeiros além do Pedágio, ele ainda não se moveu. Ao retornar do trabalho para casa, Gillian nem mesmo lhe fala. Nesse dia, ela perdera o relógio e seu batom preferido. No trabalho, deixou cair no chão tantos hambúrgueres que poderia ter jurado que alguém estava derrubando os pratos das suas mãos. Agora, Ben Frye está ali e apaixonado por ela, e não pode ao menos beijá-lo ou passar-lhe os braços ao redor, porque ela é venenosa e sabe disso, é a sua sina.

Passa correndo por ele e tranca-se no banheiro, onde deixa a água correr para que ninguém possa ouvi-la chorar. Não é digna da sua devoção. Deseja que ele possa se dissipar no ar rarefeito. Talvez então não tivesse essa sensação profunda no íntimo, uma sensação que ela pode negar o quanto quiser, mas isso não a impedirá de ser desejo. Ainda assim, a despeito das suas constantes negativas, não pode deixar de espiar pela janela do banheiro, apenas para dar uma olhada em Ben. Lá está ele, à luz que desaparece, convicto do que quer, convicto dela. Se Gillian estivesse falando com a irmã ou, mais corretamente, se Sally estivesse falando com ela, Gillian a arrastaria até a janela para dar uma olhada. Ele não é bonito? E o que teria dito, se ela e Sally estivessem conversando. Eu quisera merecê-lo , teria sussurrado ao ouvido da irmã.

Desalenta Antonia completamente ver o sr. Frye na varanda da frente, tão obviamente apaixonado que parece ter posto seu orgulho e amor-próprio sobre o concreto, para qualquer um calcar. Antonia considera essa exibição de devoção extremamente repulsiva, ela de fato a considera. Quando passa por ele, a caminho do trabalho, nem se dá o incômodo de dizer olá. Suas veias estão cheias de água gelada, em vez de sangue. Ultimamente Antonia não se preocupa em escolher com cuidado a roupa. Não escova o cabelo mil vezes à noite, nem faz as sobrancelhas, nem se banha com óleo de sésamo, para manter a pele macia. Em um mundo sem amor, qual é a finalidade de qualquer dessas coisas? Ela quebrou o seu espelho e guardou as sandálias de salto alto. A partir de então, vai concentrar-se em trabalhar quantas horas puder, na sorveteria. Ali, pelo menos, as coisas são tangíveis. Cumpre-se o horário e pega-se o cheque de pagamento. Sem expectativas nem decepções e, nesse momento, é isso que Antonia quer.

— Está sofrendo um esgotamento nervoso? — pergunta Scott Morrison ao vê-la na sorveteria, no final dessa noite.
Scott veio de Harvard para passar as férias de verão em casa e está entregando calda de chocolate e cobertura de marshmallow , assim como raspas de chocolate, cerejas ao marasquino e nozes. Foi o rapaz mais inteligente que já se formou na escola secundária e o único até então aceito em Harvard. Mas e daí? Durante todo o tempo em que esteve crescendo no bairro, era tão inteligente que ninguém falava com ele, muito menos Antonia, que o julgava um lamentável chato.
Antonia esteve limpando metodicamente as colheres de sorvete, que alinhou todas seguidas. Não se deu o trabalho de olhar de relance para Scott, enquanto ele entregava os vasilhames de calda. Sem dúvida ela parece diferente de como costumava ser — era bonita e convencida, mas nessa noite dá a impressão de algo que foi deixado em uma tempestade. Quando ele lhe faz a pergunta completamente inocente a respeito do esgotamento nervoso, Antonia rompe em lágrimas. Debulha-se nelas. Não é nada além de água. Deixa-se escorregar para o chão, as costas apoiadas no refrigerador. Scott larga o carrinho de metal e vai ajoelhar-se a seu lado.
— Um simples sim ou não teria sido perfeito — diz ele.
Antonia assoa o nariz no avental branco.
— Sim.
— Posso ver isso — diz-lhe Scott. — Você é decididamente material psiquiátrico.
— Pensei que eu estava apaixonada por alguém — explica Antonia. Lágrimas continuam a escorrer-lhe dos olhos.
— Amor — diz Scott com desdém. Ele sacode a cabeça, repugnado. — O amor vale a soma de si mesmo e mais nada.
Antonia pára de chorar e olha-o.
— Exatamente — concorda ela.
Em Harvard, Scott ficara chocado ao descobrir que existiam centenas, se não milhares, de pessoas tão inteligentes quanto ele. Durante anos, havia escapado impune, usando um décimo de sua capacidade cerebral e, então, tinha efetivamente de trabalhar. Estivera tão ocupado, competindo o ano inteiro, que não dispusera de tempo para a vida diária — repudiara coisas como café da manhã e cortes de cabelo, com as consequências de que perdeu nove quilos e tem o cabelo à altura dos

ombros, que seu patrão faz com que amarre atrás, com um pedaço de couro, para que não desagrade os clientes.
Antonia olha-o fixa e intensamente, descobrindo que Scott parece completamente diferente e exatamente o mesmo. Lá fora, no estacionamento, o sócio de verão de Scott, que há vinte anos cobre esse percurso de entrega e nunca teve um ajudante que recebesse nota tão alta no teste de aptidão para a faculdade, apóia-se na buzina.
— Trabalho — diz Scott pesarosamente. — O inferno com um cheque de pagamento.
Isso é suficiente. Antonia segue-o, quando ele vai buscar o carrinho de metal. Ela tem a impressão de que seu rosto está quente, embora o ar-condicionado esteja ligado.
— Até a semana que vem — diz Scott. — Vocês estão com pouca calda.
— Você podería vir antes disso — diz-lhe Antonia. Há certas coisas que ela não esqueceu, apesar da sua depressão e da trapalhada com sua tia Gillian e o sr. Frye.
— Eu poderia — concorda Scott, percebendo, antes de rumar para o caminhão, que Antonia Owens é muito mais profunda do que jamais teria imaginado.
Nessa noite, depois do trabalho, Antonia corre todo o caminho até em casa. Está subitamente cheia de energia, está absolutamente carregada. Quando dobra a esquina da sua rua, pode sentir o cheiro dos lilases, e o odor faz com que ria das tolas reações provocadas por algumas absurdas florescências fora de época. A maioria das pessoas do bairro acostumou-se ao inacreditável tamanho das flores. Elas já não reparam que há horas do dia em ‘que toda a rua ressoa, com o ruído de abelhas zumbidoras, e a luz se torna particularmente púrpura e suave. No entanto, algumas pessoas retornam repetidas vezes. Há mulheres que ficam paradas na calçada e choram à vista dos lilases, sem razão alguma, a ainda outras que têm uma profusão de razões para se lamentar em voz alta, embora nenhuma o admitisse, se indagadas.
Um vento quente está ziguezagueando pelas árvores, sacudindo os galhos, e começaram a surgir relâmpagos a leste. E uma noite curiosa, tão quente e tão pesada que parece mais condizente com os trópicos mas, apesar do tempo, Antonia vê duas mulheres, uma de cabelo branco e outra que não é muito mais do que uma menina, indo contemplar os lilases. Quando Antonia passa apressada, pode ouvir choro e acelera o

passo, entra na casa, em seguida tranca a porta atrás de si.
— Patético — decreta Antonia, enquanto ela e Kylie espiam pela janela da frente, observando as mulheres que choram na calçada.
Desde o seu jantar de aniversário, Kylie tem estado mais retraída do que de costume. Ela sente falta de Gideon, tem de obrigar-se a não sucumbir e telefonar-lhe. Sente-se péssima mas, se há alguma diferença, tornou-se ainda mais bonita. Seu cabelo louro cortado rente já não é tão chocante. Ela parou de andar encurvada para esconder o quanto é alta e, agora que afirma a sua plena postura, seu queixo geralmente se inclina para cima, de modo que ela parece estar apreciando o céu azul ou as rachaduras no teto da sala de estar. Ela aperta os olhos verde-acinzentados a fim de enxergar através do vidro. Tem um interesse particular por essas duas mulheres, uma vez que há semanas elas vêm, todas as noites, postar-se na calçada. A mulher mais velha tem uma aura branca à sua volta, como se houvesse neve caindo unicamente sobre ela. A moça, que é sua neta e acabou de concluir a faculdade, tem pequenas e rosadas faíscas de confusão elevando-se de sua pele. Elas estão ali para chorar pelo mesmo homem — filho da mulher mais velha, pai da moça —, alguém que passou da condição de menino à de homem sem jamais mudar sua atitude, convencido até o fim de que o universo girava exclusivamente à sua volta. As mulheres na calçada mimaram-no, as duas, depois se acusaram quando ele foi descuidado o bastante para se matar em um barco a motor no estreito de Long Island. Agora, são atraídas para os lilases porque as flores fazem com que se lembrem de uma noite de junho, anos atrás, quando a moça ainda era muito nova e desajeitada e a mulher ainda possuía basto cabelo negro.

Naquela noite, havia um jarro de sangria sobre a mesa e os lilases no quintal da avó estavam todos floridos, e o homem que ambas amavam, tão ternamente que o arruinaram, tomou a filha nos braços e dançou com ela na grama. Naquele momento, sob os lilases e o céu sereno, ele era tudo o que poderia ter sido, se elas não lhe houvessem cedido noite e dia, se houvessem uma vez sugerido que arranjasse um emprego, ou agisse com bondade, ou pensasse em alguma pessoa além de si mesmo. Estavam chorando por tudo o que ele poderia ter sido e por tudo

o que poderiam ter sido em sua presença e a seu lado. Observando-as, percebendo que perderam o que possuíram apenas por um breve momento, Kylie chora junto com elas.
— Ah, por favor — diz Antonia.
Desde o encontro com Scott, ela não pôde deixar de sentir-se um tanto presumida. Amor não correspondido é tão enfadonho. Choramingar sob um céu azul-escuro é para trouxas ou malucos.
— Quer pôr os pés no chão? — aconselha ela à irmã. — Elas são duas absolutas desconhecidas, provavelmente doidas. Ignore-as. Abaixe o estore. Cresça.
Mas isso é exatamente o que aconteceu com Kylie. Ela cresceu para descobrir que sabe e sente demasiadamente. Não importa aonde vá — ao mercado fazer uma compra, ou à piscina municipal para nadar um pouco à tarde —, é confrontada com as mais íntimas emoções das pessoas, que se coam de sua pele para formar vagas do lado de fora e pairar-lhes acima, como nuvens. Ainda no dia anterior, Kylie passou por uma mulher idosa que levava a passear o seu velho poodle, estropiado por artrite e que mal conseguia mover-se. O desgosto da mulher era tão esmagador — no final da semana ela levaria o cachorro ao hospital de animais para sacrificá-lo — que Kylie achou que não conseguiria dar outro passo. Sentou-se no meio-fio e permaneceu ali até o cair da noite e, quando finalmente voltou para casa, sentia-se tonta e fraca.
Ela almeja poder sair, jogar futebol com Gideon e não sentir a aflição das outras pessoas. Almeja ter novamente doze anos, e que os homens não berrassem pelas janelas dos carros, sempre que ela caminha pelo Pedágio, o quanto gostariam de fodê-la. Almeja ter uma irmã que agisse como um ser humano, e uma tia que não chorasse com tal frequência, até dormir, que seu travesseiro tem de ser torcido todas as manhãs.
Acima de tudo, Kylie deseja que o homem no quintal vá embora. Ele está lá fora nesse exato instante, enquanto Antonia se dirige à cozinha, para fazer um lanche. Kylie pode vê-lo da janela, que permite uma vista tanto do jardim da frente quanto do lateral. O mau tempo, nem nada o afeta; ele antes se compraz no céu escuro e vento. A chuva não o incomoda nem um pouco. Ela parece atravessá-lo, cada gota tornando-se de um azul luminoso. Suas botas engraxadas têm apenas a mais leve camada de pó. A camisa branca parece engomada e passada. Não obstante, ele está fazendo uma confusão com tudo. Cada vez que respira, coisas

horríveis saem de sua boca. Sapinhos verdes. Gotas de sangue. Chocolates embrulhados em bonito papel laminado, mas com centros venenosos, que desprendem um cheiro fétido, cada vez que ele quebra um ao meio. Ele está destroçando coisas simplesmente ao estalar dos dedos. Está fazendo com que coisas se desintegrem. Dentro das paredes, os canos estão enferrujando. O piso de ladrilhos, no porão, está transformando-se em pó. As bobinas da geladeira foram retorcidas e nada se conserva. Os ovos estão deteriorando-se dentro das cascas, todos os queijos se esverdearam.

Esse homem no jardim não possui aura própria, mas com frequência estende as mãos e as mergulha na sombra vermelho-púrpura, que lhe fica acima, para se besuntar completamente com a aura dos lilases. Ninguém exceto Kylie consegue vê-lo, mas ele ainda é capaz de atrair todas essas mulheres de suas casas. E ele quem lhes sussurra tarde da noite, enquanto elas estão dormindo em suas camas. Benzinho , diz ele, mesmo àquelas que nunca imaginaram que ouviriam um homem falar-lhes assim novamente. Entra no interior da mente de uma mulher e permanece ali, até ela se descobrir chorando na calçada, louca pelo aroma dos lilases, e mesmo assim ele não

vai a lugar algum. Pelo menos; não em breve. Ele decididamente ainda não terminou.

Desde o seu aniversário, Kylie vem observando-o. Ela compreende que ninguém mais consegue vê-lo, embora os pássaros o percebam e evitem os lilases, e os esquilos estaquem abruptamente sempre que chegam perto demais. As abelhas, por outro lado, não o temem. Parecem atraídas por ele, pairam por perto, e qualquer pessoa que se aproxime muito dele, seguramente se arriscaria a uma ferroada, talvez mesmo duas. E mais fácil ver o homem no jardim em dias chuvosos, ou tarde da noite, quando ele surge do ar rarefeito, como uma estrela para a qual se esteve olhando fixamente mas só então se enxerga, bem no centro do céu. Ele não come nem dorme nem bebe, mas isso não significa que não existam coisas que queira. Seu querer é tão forte que Kylie pode senti-lo, como faixas de eletricidade agitando o ar ao seu redor. Recentemente, ele também passou a olhá-la fixamente. Sempre que faz

isso, ela fica aterrorizada. Fica completamente gelada. Ele está fazendo isso cada vez mais, encarando e encarando. Não importa onde ela esteja, atrás da janela da cozinha ou no caminho para a porta dos fundos. Se quiser, pode observá-la vinte e quatro horas por dia, já que nunca precisa piscar — nem mesmo por um segundo, nunca mais.

Kylie começou a colocar pratos com sal nos peitoris das janelas. Salpica alecrim do lado de fora de todas as portas. Ainda assim, ele consegue entrar na casa quando todas estão adormecidas. Kylie fica de pé depois que todas estão na cama, mas não pode permanecer acordada eternamente, embora não seja por falta de esforço. Com frequência, pega no sono enquanto ainda está vestida, com um livro aberto a seu lado, a luz do teto acesa, já que sua tia Gillian, que ainda está dividindo o seu quarto, recusa-se a dormir no escuro e ultimamente tem insistido em que as janelas também sejam bem fechadas, mesmo em noites sufocantes, para impedir que o aroma daqueles lilases entre.

Em algumas noites, todas na casa têm um pesadelo precisamente no mesmo instante. Em outras noites, todas dormem tão profundamente que os despertadores não conseguem tirá-las da cama. Em qualquer caso, Kylie sempre sabe que ele esteve por perto, ao acordar e descobrir que Gillian está chorando no sono. Ela sabe, quando segue pelo corredor até o banheiro e verifica que o vaso está entupido e, quando é dada a descarga, o corpo de um pássaro ou morcego morto vem à superfície na água. Há lesmas no jardim, pequenas baratas no porão e ratos começaram a fazer ninho nas botas de Gillian, as de verniz preto que ela comprou em Los Angeles. Olhe em um espelho e a imagem começa a se mexer. Passe junto a uma janela e o vidro retine. E o homem no jardim que é responsável, quando a manhã principia com uma praga resmungada a meia voz, ou uma topada de um dedo do pé, ou um vestido favorito rasgado tão metodicamente que se pensaria que alguém cortara o tecido, com uma tesoura ou uma faca de caça.

Nessa manhã, a má sorte proveniente do jardim é particularmente detestável. Não só Sally descobriu os brincos de diamante que lhe foram presenteados no dia do seu casamento, enfiados no bolso da jaqueta de Gillian, como Gillian achou seu cheque de pagamento da Barraca do Hambúrguer picado em mil pedaços, espalhados sobre o guardanapo de renda na mesinha de centro.

O silêncio com que Sally e Gillian mutuamente concordaram no jantar de

aniversário de Kylie, quando fecharam a boca em fúria e desespero, está então terminado. Durante esses dias de silêncio, ambas as irmãs sofreram de enxaquecas. Têm tido expressões rabugentas e olhos intumescidos, e ambas perderam peso, uma vez que pulam o desjejum de modo a não ter de se defrontar de manhã cedo. Mas duas irmãs não podem viver na mesma casa e se ignorar por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, elas sucumbirão e terão a briga que deviam ter tido no princípio. Desamparo e raiva conduzem a comportamento previsível: crianças na certa se empurrarão e puxarão o cabelo; adolescentes se xingarão e chorarão; e mulheres adultas que são irmãs dirão palavras tão cruéis que cada sílaba tomará a forma de uma cobra, embora tal cobra freqüentemente faça um círculo sobre si mesma, a fim de comer a própria cauda, assim que as palavras são ditas em voz alta.

— Seu rebotalho desonesto — diz Sally à irmã, que entrou inadvertidamente na cozinha em busca de café.

— Ah, é? — diz Gillian. Ela está mais do que pronta para essa briga. Tem o cheque de pagamento picado na palma da mão e o deixa cair ao chão, como confete. —■ Lá no fundo, sob toda essa capa de beata, existe uma jararaca de primeira.

— Isso mesmo — diz Sally. — Quero que vá embora. Quis que fosse embora desde o momento em que chegou. Nunca lhe pedi que ficasse. Nunca a convidei. Você pega aquilo que quer, exatamente da maneira como sempre pegou.

— Estou louca para ir. Estou contando os segundos. Mas seria mais rápido se você não rasgasse os meus cheques.

— Escute —- diz Sally. — Se precisa roubar os meus brincos para custear a sua partida, ora, então muito bem, ótimo. — Ela abre a mão fechada e os diamantes caem sobre a mesa da cozinha. — Só não pense que me está enganando.

— Por que diabo eu os quereria? — diz Gillian. — Até que ponto pode ser estúpida? As tias deram-lhe esses brincos porque mais ninguém usaria coisas tão horríveis.

— Foda-se — diz Sally. Ela lança as palavras para fora, maleáveis como manteiga em sua boca, mas na verdade acha que nunca praguejou antes em voz alta, na sua própria casa.

— Foda-se em dobro — diz Gillian. — Precisa mais disso.

E então que Kylie desce do quarto. Seu rosto está pálido e o cabelo está

espetado para cima. Se Gillian se postasse diante de um espelho que fosse estendido para apresentar uma pessoa mais jovem, mais alta e mais bonita, ela estaria olhando para Kylie. Quando se tem trinta e seis anos e se é confrontada com isso, tão no início da manhã, a boca pode subitamente parecer ressecada, a pele pode parecer irritada e cansada, não importa quanto hidratante se venha usando.

— Vocês têm de parar de brigar.

A voz de Kylie é prática e muito mais profunda do que a da maioria das meninas de sua idade. Ela costumava pensar em marcar tentos e ser excessivamente alta; agora está pensando na vida, na morte e em homens a quem seria melhor nâo se ousar dar as costas.

— Quem o diz? — Gillian rebate arrogantemente, depois de decidir, talvez um pouco tarde demais, que na verdade teria sido melhor se Kylie permanecesse criança, pelo menos durante mais alguns anos.

— Isso nao é da sua conta — diz Sally à filha.

— Não compreendem? Quando brigam, vocês o deixam contente. É exatamente o que ele quer.

Sally e Gillian imediatamente se calam. Elas trocam um olhar preocupado. A janela da cozinha fora deixada aberta a noite inteira, e a cortina oscila de um lado para o outro, encharcada pelo aguaceiro da noite anterior.

— De quem está falando? — pergunta Sally com um tom calmo e firme, como se não estivesse dirigindo-se a alguém que poderia ter acabado de deixá-la uma fúria.

— O homem debaixo dos lilases — diz Kylie.

Gillian cutuca Sally com o pé descalço. Ela não gosta do sentido daquilo. Além disso, Kylie tem um ar esquisito, como se tivesse visto algo que não está contando, e elas simplesmente terão de levar adiante esse jogo de adivinhação com ela, até compreenderem com exatidão.

— Esse homem que deseja que briguemos… é uma pessoa má? — pergunta Sally.

Kylie resfolega, em seguida pega a cafeteira e um coador.

— Ele é vil — diz ela (uma palavra do vocabulário do semestre anterior, de que está tirando bom proveito pela primeira vez).

Gillian vira-se para Sally.

— Parece com alguém que conhecemos.

Sally não se dá o trabalho de lembrar à irmã que somente ela conhece

esse homem. Foi ela quem o impingiu em suas vidas, meramente porque não dispunha de nenhum outro lugar para ir. Sally não pode de modo algum estimar até onde irá o medíocre discernimento da irmã. Uma vez que tem dividido um quarto com Kylie, quem sabe o que ela confidenciou?

— Contou-lhe sobre Jimmy, não foi? — A pele de Sally parece demasiadamente quente. Dentro em breve, seu rosto estará inflamado e vermelho, a garganta estará seca de fúria. — Você simplesmente não podia manter a boca fechada.

— Muito obrigada por confiar em mim. — Gillian está realmente insultada. — Para sua informação, não lhe contei nada. Nem uma palavra — insiste Gillian, embora nesse momento não tenha certeza. Não pode ficar enraivecida pelas suspeitas de Sally, porque sequer confia em si mesma. Talvez tenha falado no sono, talvez tenha contado tudo enquanto na cama, bem ao lado, Kylie prestava atenção a cada palavra.

— Está falando de um homem de verdade? — pergunta Sally a Kylie. — Alguém que está esgueirando-se em volta da nossa casa?

— Não sei se ele é de verdade ou não. Ele simplesmente está lá.

Sally observa a filha colocar colheradas de café descafeinado no filtro de papel branco. Nesse momento, Kylie afigura-se uma estranha, uma mulher adulta com segredos a guardar. A escura luz da manhã, seus olhos cinzentos parecem completamente verdes, como se pertencessem a um gato que pode enxergar no escuro. Tudo o que Sally lhe desejou, uma vida satisfatória e comum, desapareceu em fumaça. Kylie é tudo, menos comum. Não há como escapar a isso. Ela não é como as outras meninas do quarteirão.

— Diga-me se o vê agora — diz Sally.

Kylie olha para a mãe. Está com medo, mas reconhece o tom de voz da mãe como aquele a ser obedecido e vai até a janela, apesar do seu temor. Sally e Gillian vão postar-se a seu lado. Elas podem ver suas imagens refletidas no vidro e o gramado úmido. Lá fora estão os lilases, mais altos e mais viçosos do que pareceria possível.

— Debaixo dos lilases. — Pequenos calombos de medo estão formando-se nos braços e nas pernas de Kylie, e em toda parte entre eles. — Onde a grama é mais verde. Ele está bem ali.

E exatamente o ponto.

Gillian posta-se bem atrás de Kylie e aperta os olhos, mas tudo o*que consegue divisar são as sombras dos lilases.
— Alguém mais consegue vê-lo?
— Os pássaros. — Kylie pisca para conter as lágrimas. O que ela não poderia ter dado para olhar para fora e descobrir que ele se foi. — As abelhas.
Gillian está mortalmente pálida. E ela quem deveria ser punida. Ela o merece, não Kylie. Jimmy deve estar assombrando-a. Cada vez que ela fecha os olhos, deve ser o rosto dele que vê.
— Oh, porra — diz ela, para ninguém em particular.
— Ele era seu namorado? — pergunta Kylie à tia.
— Em outros tempos — diz Gillian. — Se você pode acreditar nisso.
— E por isso que ele nos odeia tanto? — pergunta Kylie.
— Meu bem, ele simplesmente odeia — diz Gillian. — Não importa se é a nós ou a eles. Eu só quisera ter ficado sabendo disso, quando ele ainda estava vivo.
— E agora ele não irá embora.
Kylie compreende essa parte. Mesmo meninas de treze anos podem entender que o fantasma de um homem reflete quem ele foi e tudo o que algum dia fez. Há bastante rancor sob aqueles lilases. Há todo um desejo de desforra.
Gillian balança a cabeça.
— Ele não irá.
— Estão falando sobre isso como se fosse real — diz Sally. — E positivamente não é. Não pode ser! Não há ninguém lá fora.
Kylie vira-se a fim de olhar para fora. Ela quer que a mãe tenha razão. Seria tamanho alívio olhar e ver apenas a grama e as árvores, mas isso não é tudo o que está lá no quintal.
— Ele está sentando e acendendo um cigarro. Acabou de jogar o fósforo aceso na grama.
A voz de Kylie soa frágil, e há lágrimas em seus olhos. Sally ficou muito fria e muito calada. E com Jimmy que sua filha está em contato, sem dúvida. De quando em quando, a própria Sally tem notado algo lá no quintal, mas tem descartado a forma escura avistada com o canto do olho, tem-se recusado a reconhecer o calafrio em seus ossos quando vai regar os pepinos no jardim. Não é nada, é o que tem dito a si mesma.

Uma brisa fria, nada além de um homem morto que não pode prejudicar ninguém.
Nesse momento, enquanto examina o seu próprio quintal, Sally acidentalmente morde o lábio, mas não presta atenção ao sangue que tirou. Na grama há uma espiral de fumaça, e o cheiro de algo acre e queimando, como se, de fato, alguém houvesse descuidadamente jogado um fósforo sobre o gramado úmido. Se o quisesse, ele poderia queimar totalmente a casa. Poderia tomar conta do quintal, deixando-as amedrontadas demais para fazer qualquer coisa, a não ser espiar pela janela. O gramado está repleto de milhã e erva daninha, e está longe de ser aparado com a frequência suficiente. Ainda assim, os vaga-lumes aparecem ali em julho. Os tordos sempre encontram minhocas, depois de uma tempestade. Esse é o jardim onde as suas meninas cresceram, e que os diabos levem Sally, se ela permitir que Jimmy a obrigue a sair dali, considerando que ele não valia dois centavos, mesmo quando estava vivo. Ele não vai sentar-se no seu quintal e ameaçar as suas filhas.
— Você não tem de se preocupar — diz Sally a Kylie. — Nós cuidaremos disso. — Ela vai até a porta dos fundos e a abre, em seguida faz um sinal com a cabeça para Gillian.
— Eu? — Gillian estava tentando tirar um cigarro do maço com as mãos, sacudindo-se como as asas de um pássaro. Ela não tem intenção alguma de ir àquele quintal.
— Já — diz Sally, com aquela estranha autoridade que adquire nessas horas, as piores horas, momentos de pânico e confusão em que o primeiro impulso de Gillian é sempre correr na outra direção, o mais rápido e imprudentemente possível.
Elas saem juntas, tão próximas que uma pode sentir o batimento do coração da outra. Choveu a noite inteira e, nesse momento, o ar úmido está movendo-se em espessas ondas de cor malva. Nessa manhã os pássaros não estão cantando, está escuro demais para isso. Mas a umidade levou os sapos para longe do riacho, atrás da escola secundária, e eles têm uma espécie de canção, um zumbido profundo que se faz ouvir pelo sonolento bairro. Os sapos são loucos por Snickers, que adolescentes às vezes lhes jogam na hora do almoço. E por doce que estão procurando, enquanto serpenteiam pelo bairro, pulando de pés juntos pelos gramados e pelas poças de água da chuva,

que se acumularam nas sarjetas. Menos de uma hora antes, o jovem entregador de jornais alegremente pedalou bem para cima de um dos maiores sapos, apenas para descobrir que sua bicicleta foi dirigida diretamente para uma árvore, que lhe amassou a roda dianteira e lhe quebrou dois ossos do tornozelo esquerdo, assegurando-lhe que, nesse dia, não mais haveria entrega de jornais.

Um dos sapos do riacho está a meio caminho do gramado, em uma trajetória em direção à cerca de lilases. Agora que estão do lado de fora, ambas as irmãs sentem frio. Sentem-se como costumavam sentir-se nos dias de inverno, quando se agasalhavam com uma velha colcha na sala de visitas das tias e observavam, enquanto o gelo se formava no lado interno das vidraças. Só de olhar para os lilases faz com que a voz de Sally naturalmente baixe.

— Estão maiores do que estavam ontem. Ele está fazendo com que cresçam. Está conseguindo isso com ódio ou rancor, mas sem dúvida está dando certo.

— Que Deus o amaldiçoe, Jimmy — sussurra Gillian.

— Nunca fale mal dos mortos — diz-lhe Sally. — Além disso, fomos nós que o colocamos aqui. Aquele merda.

A garganta de Gillian fica absolutamente ressecada.

— Acha que devemos desenterrá-lo?

— Ah, essa é boa — diz Sally. — Essa é magnífica. Depois, o que faremos com ele? — Muito provavelmente, elas desconsideraram um milhão de pormenores. Um milhão de maneiras pelas quais ele as faria pagar. — E se alguém vier procurá-lo?

— Ninguém virá. Ele é o tipo de sujeito que se evita. Ninguém se importa porra nenhuma com Jimmy para procurá-lo. Acredite em mim. Estamos a salvo quanto a isso.

— Você o procurou — lembra-lhe Sally. — Você o encontrou.

Em um quintal da vizinhança, uma mulher está pendurando camisas brancas e jeans em um varal. Não choverá mais, é o que estão afirmando no rádio. A semana inteira será bonita e ensolarada, até o final de julho.

— Consegui o que eu achava que merecia — diz Gillian.

E uma declaração tão profunda e verdadeira, que Sally não consegue acreditar que as palavras tenham saído da negligente boca de Gillian. Ambas avaliaram-se severamente, e ainda o fazem, como se nunca

tivessem sido nada, exceto aquelas duas menininhas sem graça, esperando no aeroporto que alguém as reclamasse.
— Não se preocupe com Jimmy — diz Sally à irmã.
Gillian quer acreditar que isso é possível, pagaria um bom dinheiro para isso, se dispusesse de algum, mas sacode a cabeça, não convencida.
— Ele está praticamente desaparecido — garante-lhe Sally. — Espere para ver.
O sapo no meio do gramado chegou mais perto. Com toda sinceridade, é muito mimoso, com a pele lisa e molhada, os olhos verdes. E atento e paciente, e isso é mais do que se pode dizer para a maioria dos seres humanos. Nesse dia, Sally seguirá o exemplo do sapo e usará a paciência como sua arma e seu escudo. Cuidará de seus afazeres: passará o aspirador de pó e trocará os lençóis das camas, mas durante todo o tempo em que se ocupa dessas tarefas estará, na realidade, esperando que Gillian, Kylie e Antonia saiam.
Logo que, finalmente, fica sozinha, Sally ruma para o quintal. O sapo ainda está ali, esteve esperando juntamente com Sally. Ele instala-se mais profundamente na grama, quando Sally vai até a garagem buscar a tesoura de podar, e está ali quando ela a traz, junto com a escada que usa sempre que precisa trocar lâmpadas ou inspecionar as prateleiras superiores da despensa.
A tesoura está enferrujada e velha, deixada pelos proprietários anteriores da casa, mas certamente executará o serviço. O dia já está se tornando quente e abafado, com vapor elevando-se das poças de chuva, à medida que se evaporam. Sally prevê interferência. Nunca teve nenhuma experiência com espíritos desassossegados antes, mas supõe que eles queiram aferrar-se ao mundo real. Parcialmente, prevê que Jimmy estenda a mão através da grama e agarre seu tornozelo. Não se surpreendería, se cortasse a ponta do polegar ou fosse derrubada da escada. Mas o trabalho avança com surpreendente facilidade. Um homem como Jimmy, afinal de contas, nunca passa bem nessa espécie de clima. Ele prefere ar-condicionado e muitas cervejas. Prefere esperar até que a noite caia. Se uma mulher quer trabalhar ao sol quente, não seria ele a impedi-la. Estaria estirado de costas, relaxado na sombra, antes que ela ao menos tivesse tempo de armar a escada.
Sally, entretanto, está acostumada ao trabalho pesado, especialmente no rigor do inverno, época que acerta o despertador para as cinco da

manhã, de modo que possa acordar suficientemente cedo, para remover a neve e lavar pelo menos uma pilha de roupa, antes de ela e as meninas rumarem para a rua. Ela considerava-se afortunada por ter arranjado o emprego na escola secundária, de modo que tivesse tempo para as filhas. Agora compreende que foi esperta. Os verões sempre lhe pertenceram e sempre pertencerão. E por isso que pode cortar as sebes com calma. Pode levar o dia inteiro, se preciso for, mas ao crepúsculo esses lilases terão desaparecido.

Na parte mais distante do quintal, apenas alguns tocos serão deixados, tão escuros e emaranhados que não servirão para nada, além de uma casa para sapo. O ar ficara tão parado que será possível ouvir um único mosquito. O último pio do pássaro das cem línguas ecoará, em seguida se desvanecerá. Quando a noite cair, haverá braçadas de galhos e flores na rua, todas cuidadosamente amarradas com corda, preparadas para a caminhonete de lixo pela manhã. As mulheres, que são atraídas pelos lilases, chegarão para verificar que as sebes foram decepadas até o chão, suas magníficas flores nada além de refugo juncado, ao longo da sarjeta e da rua. E nesse momento que lançarão os braços em torno uma da outra e louvarão coisas simples e, enfim, se considerarão livres.

Há duzentos anos, as pessoas achavam que um quente e fumegante julho significava um frio e desconfortável inverno. A sombra de uma marmota norte-americana era cuidadosamente examinada, como um indicador de mau tempo. A pele de uma enguia era comumente usada para prevenir reumatismo. Nunca se permitiam gatos dentro de uma casa, já que era sabido que eles podiam sugar a respiração de um bebê, matando a pobre criança no berço. As pessoas acreditavam que havia razões para tudo e que poderiam descobrir facilmente essas razões. Se não pudessem, então algo pernicioso devia estar agindo. Não só era possível conversar com o diabo, como alguns dentre eles faziam tratos com ele. Qualquer pessoa que o fizesse era sempre desmascarada no final, revelada pela própria má fortuna ou pela pavorosa sorte daqueles bem próximos.

Quando marido e mulher não conseguiam ter um filho, o marido colocava uma pérola sob o travesseiro da mulher e, se ela ainda fosse

incapaz de conceber, haveria falatório a seu respeito e preocupação sobre a verdadeira natureza do seu caráter. Se todos os morangos, em cada canteiro, fossem devastados pelas centopeias subitamente, e da noite para o dia, então a velha do final da rua, que era vesga e bebia até ficar tão imóvel quanto uma estátua, era levada à prefeitura para interrogatório. Mesmo depois de uma mulher se comprovar inocente de qualquer má ação — se conseguisse caminhar pela água e não se dissolver em fumaça e cinzas, ou se verificasse que os morangos em todo o estado haviam sido afetados —, isso ainda não significava que ela seria bem recebida na cidade, ou que alguém acreditaria que não era culpada de algo.

Essas eram as atitudes reinantes, quando Maria Owens chegou a Massachusetts apenas com uma pequena sacola de pertences, sua filhinha e um pacote de diamantes costurado na bainha do vestido. Maria era jovem e atraente, vestia-se toda de preto e não tinha marido. Apesar disso, possuía dinheiro suficiente para contratar os doze carpinteiros que construíram a casa da rua Magnólia, e estava tão segura de si mesma e do que “desejava que passou a assessorar esses homens em assuntos como: que madeira usar para o consolo da lareira na sala de jantar e quantas janelas eram necessárias para oferecer a melhor vista do jardim dos fundos. As pessoas ficaram desconfiadas, e por que não deveriam ficar? A filhinha de Maria Owens nunca chorava, nem mesmo quando era mordida por uma aranha ou picada por uma abelha. O jardim de Maria nunca era infestado por centopeias ou ratos. Quando sobreveio um vendaval, todas as casas na rua Magnólia foram avariadas, exceto aquela construída pelos doze carpinteiros. Nenhuma das persianas foi carregada, e mesmo a roupa esquecida do lado de fora, no varal, permaneceu no lugar, nem uma única meia se perdeu.

Se Maria Owens decidia falar com uma pessoa, olhava-a diretamente nos olhos, ainda que ela fosse mais velha ou de condição mais elevada. Era conhecida por fazer o que lhe aprazia, sem se deter para ponderar quais poderiam ser as conseqüências. Homens que não deviam fazê-lo apaixonaram-se por ela e estavam convencidos de que ela lhes surgia no meio da noite, inflamando seus apetites carnais. As mulheres viam-se atraídas para ela e queriam confessar seus segredos, nas sombras de sua varanda, onde a glicínia começara a crescer e já se enroscava nas grades pintadas de preto.

Maria Owens não prestava atenção a ninguém além de si mesma, sua filha e um homem de Newburyport, que nenhum de seus vizinhos jamais soube que existia, embora fosse bastante conhecido e muito respeitado em sua cidade. Três vezes por mês, Maria agasalhava o bebê adormecido, em seguida vestia seu comprido casaco de lã e atravessava os campos, passando pelos pomares e laguinhos repletos de gansos. Arrastada pelo desejo, deslocava-se rapidamente, não importava qual pudesse ser o tempo. Em certas noites, as pessoas achavam que a viam, o casaco ondulando às suas costas, correndo tão velozmente que parecia não mais tocar o solo. Poderia haver gelo e neve, poderia haver flores alvas em todas as macieiras; era impossível dizer quando Maria atravessaria os campos. Algumas pessoas nunca sabiam que ela estava passando por suas casas. Simplesmente ouviam algo além de onde moravam, lá onde as framboeseiras cresciam, onde os cavalos dormiam, e um rastro de desejo filtra va-se sobre suas peles, as mulheres de camisola, os homens exaustos do trabalho pesado e do tédio de suas vidas. Sempre que encontravam Maria à luz do dia, na rua ou em uma loja, eles olhavam-na atentamente e não acreditavam no que viam — o rosto bonito, os tranqüilos olhos cinzentos, o casaco preto, o perfume de uma flor que ninguém na cidade conseguia especificar.

E então, um dia, um fazendeiro feriu a asa de um corvo em seu milharal, uma criatura que, durante meses, lhe estivera furtando desavergonhadamente. Quando Maria Owens surgiu, exatamente na manhã seguinte, com o braço em uma tipoia e a mão direita envolta em uma atadura branca, as pessoas ficaram convencidas de que sabiam a razão disso. Eram bastante educadas quando ela entrava em seus estabelecimentos, para comprar café, ou melado, ou chá, mas logo que virava as costas faziam o sinal da raposa, erguendo o dedo mindinho e o indicador no ar, já que se sabia que esse gesto desembaraçava um feitiço. Observavam o céu noturno em busca de algo estranho; penduravam ferraduras, sobre as portas, cravadas com três pregos fortes, e algumas pessoas mantinham feixes de visgo nas cozinhas e salas de visitas, a fim de proteger do mal seus entes queridos.

Toda mulher Owens, depois de Maria, herdou aqueles claros olhos cinzentos e o conhecimento de que não existe verdadeira defesa contra o mal. Maria não era nenhum corvo interessado em molestar fazendeiros e seus campos. Foi o amor que a ferira. O homem que era o pai de sua

filha, a quem Maria seguira inicialmente a Massachusetts, decidira que se fartara. Seu ardor arrefecera, pelo menos para Maria, e ele lhe enviara uma grande quantia em dinheiro para mantê-la quieta e afastada. Maria recusou-se a acreditar que ele a trataria assim. Entretanto, por três vezes ele deixara de se encontrar com ela, e ela simplesmente não podia esperar mais. Foi à sua casa em Newburyport, coisa que ele peremptoriamente proibira, e machucara o braço e quebrara um osso da mão direita socando-lhe a porta. O homem a que amava não respondeu aos seus gritos. Em vez disso, berrou-lhe que fosse embora, com uma voz tão distante que alguém imaginaria que eles eram pouco mais que estranhos. Mas Maria não foi embora, ela bateu e bateu, e nem reparou que os nós de seus dedos estavam ensangüentados. Vergões já haviam começado a surgir-lhe na pele.

Por fim, o homem que Maria amava enviou sua esposa à porta e, quando Maria viu aquela mulher simples de camisola de flanela, virou-se e correu todo o caminho até em casa, pelos campos ao luar, rápida como uma corça, penetrando nos sonhos das pessoas. Na manhã seguinte, a maioria das pessoas da cidade acordou sem fôlego, com as pernas tremendo de ação vigorosa, tão cansadas que parecia que não haviam pregado os olhos. Maria só percebeu o que fizera a si mesma, ao tentar mexer a mão direita e não conseguir, considerando muito apropriado que ficasse marcada dessa maneira. Daí em diante, guardou suas mãos para ela mesma.

Evidentemente, o azar deve ser evitado todas as vezes que for possível e, quando se tratava de questões de sorte, Maria era sempre prudente. Ela plantou árvores frutíferas nas noites sem lua, e algumas das plantas perenes mais resistentes que cultivou continuam a germinar entre os canteiros no jardim das tias. As cebolas são ainda tão causticantes e fortes que é fácil compreender por que eram consideradas o melhor remédio, para mordidas de cachorro e dores de dente. Maria sempre fez questão de vestir algo azul, mesmo quando era uma velha senhora e não podia levantar-se da cama. O xale em volta de seus ombros era azul como o paraíso e, quando ela sentava na varanda em sua cadeira de balanço, era difícil dizer onde ela terminava e onde o céu começava.

Até o dia de sua morte, Maria usou uma safira que o homem que havia amado lhe dera, apenas para lembrar a si mesma o que era importante e o que não era. Por muito tempo depois que ela falecera, algumas

pessoas insistiam em dizer que viam uma gélida figura azul nos campos, tarde da noite, quando o ar estava frio e parado. Asseveravam que ela passava pelos pomares, avançando para o norte, e que se a pessoa ficasse bem parada, se não se movesse de forma alguma e permanecesse sobre um joelho, junto às velhas macieiras, o seu vestido a roçaria e, desse dia em diante, a pessoa seria afortunada em todas as questões, como seriam posteriormente os seus filhos, e também os filhos destes.

No pequeno retrato que as tias enviaram a Kylie pelo seu aniversário, e que chegou duas semanas depois em um caixote embalado, Maria está usando seu vestido azul predileto e seu cabelo escuro está puxado para trás, com uma fita de cetim azul. Durante cento e noventa e dois anos, esse velho quadro ficou pendurado na escada da casa das Owens, junto aos cortinados de damasco. Ao subirem para dormir, Gillian e Sally passaram mil vezes por ele, sem olhá-lo uma segunda vez. Durante as férias de agosto, Antonia e Kylie jogavam partidas de gamão no patamar e nunca repararam que havia algo na parede, além de teias de aranha e poeira.

Agora elas reparam. Maria Owens está pendurada por cima da cama de Kylie. Está tão viva na tela, é óbvio que o pintor estava apaixonado por ela no momento em que terminara esse retrato. Quando já é tarde e a noite muito sossegada, é quase possível vê-la inspirar e expirar. Se um fantasma fosse cogitar de galgar a janela, ou passar através do reboco, deveria pensar duas vezes acerca de enfrentar Maria. Pode-se dizer, só de olhar, que ela nunca recuou ou prezou a opinião de alguém acima da sua. Ela sempre acreditou que a experiência era não apenas a melhor mestra, era a única, e foi por isso que insistiu para que o pintor incluísse a inchação em sua mão direita, que nunca sarou inteiramente.

No dia em que o quadro chegou, Gillian voltou do trabalho para casa, cheirando a batatas fritas e açúcar. Desde que Sally decepou os lilases, cada dia era melhor do que o anterior. O céu estava mais azul, a manteiga posta à mesa era mais fresca, e era possível dormir a noite inteira sem pesadelos ou medo do escuro. Gillian cantava enquanto limpava os balcões na Barraca do Hambúrguer, ela assobiava a caminho da agência postal ou do banco. Entretanto, quando subiu a escada e abriu a porta do quarto de Kylie para se ver frente a frente com Maria, ela soltou um grito estridente, que amedrontou todos os pardais nos

jardins dos vizinhos e fez os cachorros uivarem.
— Que pavorosa surpresa — disse ela a Kylie.
Gillian chegou tão perto de Maria Owens quanto se atreveu. Sentia o ímpeto de pendurar uma toalha sobre o retrato, ou substituí-lo por algo alegre e comum, uma pintura em tons brilhantes de cachorrinhos brincando de cabo de guerra, ou crianças em um chá dispondo bolos para seus ursinhos. Quem precisava do passado bem ali na parede? Quem precisava de qualquer coisa que antes estivera na casa das tias, pendurado no patamar sombrio, ao lado das cortinas puídas?
— Isso é um tanto horripilante demais para se manter no quarto — informou Gillian à sobrinha. — Vamos levá-lo para baixo.
— Maria não é horripilante — disse Kylie.
O cabelo de Kylie estava crescendo, deixando-a com uma faixa castanha de um centímetro de largura no centro da cabeça. Ela devia ter parecido esquisita e incompleta; em vez disso, estava tornando-se ainda mais bonita. Na verdade, assemelhava-se a Maria. Lado a lado, elas poderiam até parecer gêmeas.
— Gosto dela — disse Kylie à tia e, uma vez que o quarto era seu, acabou-se o assunto.
Gillian afirmou que ficaria nervosa demais por dormir com Maria pairando sobre elas, teria pesadelos e talvez até calafrios, mas não foi isso o que se deu. Ela parou completamente de pensar em Jimmy e não mais se preocupa que alguém possa vir procurá-lo. Se ele devia dinheiro ou realizara um mau negócio, os homens que haviam sido lesados a essa altura estariam lá, teriam aparecido e levado o que desejassem e já teriam ido embora. Agora que o retrato de Maria está na parede, Gillian tem dormido ainda mais profundamente. Toda manhã, ela acorda com um sorriso no rosto. Não tem mais tanto medo do quintal como costumava ter, embora de vez em quando arraste Kylie até a janela, só para se assegurar de que Jimmy não voltou. Kylie sempre insiste que ela não tem com que se preocupar. O jardim está limpo e verde. Os lilases foram cortados tão rente às raízes que talvez levem anos para brotar de novo. De raro em raro, algo lança uma sombra pelo gramado, mas provavelmente é o sapo que fixou residência nas raízes dos lilases. Elas saberiam se fosse Jimmy, não é mesmo? Sentir-se-iam mais ameaçadas e muito mais vulneráveis.
— Não há ninguém lá fora — assegurou Kylie. — Ele se foi.

E talvez realmente tenha ido, porque Gillian não está mais chorando, nem mesmo durante o sono, e aquelas equimoses que ele deixou em seus braços desapareceram, e ela começou a sair com Ben Frye.

A decisão de se arriscar com Ben ocorreu-lhe subitamente, enquanto seguia do trabalho para casa no Oldsmobile de Jimmy, que ainda tinha latas de cerveja chocalhando em algum lugar sob o banco. Ben continuava a ligar várias vezes por dia, mas isso não podia prosseguir para sempre, embora ele tivesse assombrosa paciência. Quando menino, levara oito meses para aprender a escapar de algemas de ferro. Antes de dominar a arte de apagar um fósforo sob a língua, queimou o céu da boca, repetidamente, de modo que durante semanas não conseguia consumir nada além de creme de leite e pudim. Ilusionismos que duravam apenas segundos em um palco requeriam meses ou até anos para compreender e executar. Mas o amor não tinha a ver com treino e preparo, era pura oportunidade. Se se agir com muita calma com ele, corre-se o risco de que se evapore antes de sequer começar. Mais cedo ou mais tarde, Ben haveria de desistir. Estaria a caminho para vê-la, teria um livro debaixo do braço, a fim de passar o tempo, enquanto a esperava na varanda e, subitamente, pensaria: Neca, simplesmente assim, inesperadamente. Tudo o que Gillian tinha a fazer era fechar os olhos, para ver a expressão de dúvida que se espalharia por seu rosto. Hoje não, ele decidiria e se viraria a fim de rumar para casa e, provavelmente, jamais voltaria.

Especular a respeito do momento em que Ben finalmente pararia de persegui-la deixou Gillian com náuseas. O mundo sem ele, sem seus telefonemas e sua fidelidade, não lhe interessa nem um pouco. E de quem o está protegendo, de fato? Aquela moça negligente, que partia o coração das pessoas e não pedia nada além de diversão, havia desaparecido, Jimmy encarregara-se disso. Aquela moça estava tão remota e tão longínqua que Gillian não conseguia nem lembrar por que pensara estar apaixonada antes, ou o que pensara que estava obtendo de todos aqueles homens que, para começar, não sabiam quem ela era.

Naquele anoitecer em que o céu era desbotado e azul, e as latas de cerveja estavam rolando de um lado para o outro a cada vez que ela pisava no freio, Gillian fez uma ilegal volta em U e seguiu para a casa de Ben Frye, antes que a coragem lhe faltasse. Disse a si mesma que era adulta e podia conduzir um encontro adulto. Não lhe era necessário fugir,

ou proteger alguém às suas próprias custas, ou fazer qualquer coisa além de dar um passo de bebê de cada vez, em qualquer direção que escolhesse. Não obstante, achou que poderia desmaiar quando Ben fosse atender à porta. Planejara dizer-lhe que não estava procurando um compromisso ou qualquer coisa séria — não tinha certeza se ia beijá-lo, quanto menos ir para a cama com ele —, mas não chegou a dizer nada disso, porque assim que pisou no corredor da frente, Ben não estava disposto a esperar.

Ele contentara-se tempo suficiente com paciência, cumprira a sua pena, agora não pretendia perder de vista o que queria. Começou a beijar Gillian, antes que ela pudesse mencionar que ainda estava refletindo a respeito. Seus beijos fizeram com que ela sentisse coisas que não queria sentir, pelo menos ainda não. Ergueu-a de encontro à parede e deslizou as mãos sob sua blusa, e foi isso. Ela não disse “Pare”, não disse “Espere”, retribuiu-lhe os beijos até estar envolvida demais para refletir sobre qualquer coisa. Ben estava enlouquecendo-a e estava testando-a também — a cada vez que a deixava realmente excitada, parava a fim de ver o que ela faria e o quanto queria aquilo. Se não a levasse logo para o quarto, ela se veria implorando-lhe que a fodesse. Acabaria dizendo: Por favor, benzinho, que era o que costumava dizer a Jimmy, embora na realidade nunca falasse a sério. Não aquela ocasião. Não é possível para uma mulher se concentrar em fazer amor, quando está tão apavorada. Apavorada demais para respirar, amedrontada demais para cogitar de dizer: Assim não. Dói demais, quando você faz assim.

Ela dizia obscenidades a Jimmy, porque sabia que isso ajudava a deixá-lo excitado. Se ele houvesse bebido a noite inteira e não conseguisse uma ereção, se voltaria contra ela tão rapidamente que se sentiria tonta. Um minuto tudo estaria bem e, no segundo seguinte, todo o ar ao seu redor se incendiaria, com a fúria do que quer que fosse que havia dentro dele. Quando isso acontecia, ou ele começaria a esbofeteá-la ou ela teria de começar a dizer-lhe o quanto o desejava dentro de si. Pelo menos teria algo a fazer com a sua raiva, quando Gillian lhe dizia que desejava que a fodesse a noite inteira, desejava-o tanto que faria qualquer coisa, ele poderia obrigá-la a fazer qualquer coisa. E ele não tinha todo o direito de estar zangado e fazer o que lhe aprouvesse? Ela não era tão má, que precisava ser castigada, e somente ele poderia

fazer isso, poderia fazê-lo corretamente?
Conversa e violência sempre ligavam Jimmy e, assim, Gillian sempre começava imediatamente a falar. Era esperta o bastante para deixá-lo excitado depressa, para falar indecências e lhe chupar o pinto, antes que ficasse realmente furioso. Então ele a foderia, mas podia ser maldoso quanto a isso, e também egoísta, e gostava quando ela gritava. Quando ela gritava, ele sabia que vencera e, por algum motivo, isso lhe era importante. Não parecia saber que vencera desde o início, no momento em que ela o viu e lhe fitou os olhos pela primeira vez.
Logo que terminavam o sexo, Jimmy seria novamente agradável para com ela, e valia praticamente qualquer coisa tê-lo quando estava assim. Quando estava sentindo-se bem e não tinha nada a provar, era o homem por quem ela se deixara seduzir tanto, era aquele que poderia fazer com que, praticamente, qualquer mulher acreditasse no que quer que desejasse. E fácil esquecer o que se faz no escuro, se isso é necessário. Gillian sabia que outras mulheres achavam que ela tinha sorte e concordava com elas. Ficara confusa, foi o que acontecera. Começara a aceitar que o amor tinha de ser desse modo e, de certa forma, tinha razão, porque com Jimmy era assim que tinha de ser.
Gillian estava tão acostumada a que alguém, para começar, a fizesse agachar sobre as mãos e os joelhos; estava tão preparada para que lhe batessem e depois dissessem que era melhor que chupasse com força, que não conseguia acreditar que Ben estava passando todo esse tempo beijando-a. Todos esses beijos estavam enlouquecendo-a, estavam lembrando-lhe o que podia sentir e como podia ser, quando se queria alguém tanto quanto ele a queria. Ben era quase tão diferente de Jimmy quanto alguém poderia ser. Não estava interessado em fazer ninguém chorar, para depois falar-lhe ternamente, como Jimmy costumava fazer, e não precisava de ajuda, como Jimmy sempre precisava. Quando Ben lhe tirou a calcinha, Gillian tinha os joelhos completamente moles. Pouco lhe importava ir para o quarto, queria aquilo ali, queria aquilo naquele instante. Não tinha mais de considerar a possibilidade de estar com Ben Frye. Esse relacionamento já acontecera, ela entrara diretamente nisso e não estava disposta a começar a se afastar.
Eles fizeram amor enquanto puderam, ali no corredor, e depois foram para o quarto de Ben e dormiram durante horas, como se tivessem sido narcotizados. Enquanto estavam pegando no sono, Gillian poderia ter

jurado que ouviu Ben dizer: Destino — como se estivessem fadados a ficar juntos, desde o início, e cada uma das coisas que algum dia fizeram em suas vidas estivera conduzindo a esse momento. Se se pensasse assim, podia-se pegar no sono sem arrependimento. Podia-se colocar a vida inteira no seu lugar, com toda a tristeza e a mágoa, e ainda sentir que enfim se tinha tudo o que sempre se quis. Apesar das repugnantes disparidades e de todas as ações equivocadas, talvez na verdade se descobrisse que se era alguém que vencera.

Quando Gillian acordou já anoitecera, e o quarto estava escuro, exceto por algo que parecia ser uma nuvem branca suspensa nos pés da cama. Gillian perguntou-se se estava sonhando, se talvez se tivesse elevado de seu corpo para flutuar acima de si mesma e da cama, que estivera compartilhando com Ben Frye. Mas, quando se beliscou, doeu. Ainda era ela, sem dúvida. Passou a mao pelas costas de Ben, apenas para se assegurar de que ele também era real. De fato, ele era real o bastante para surpreendê-la. Seus músculos, sua pele e o calor de seu corpo adormecido fizeram com que o desejasse mais uma vez, e ela sentiu-se tola, como uma colegial que não se detivesse para considerar quaisquer conseqüências.

Gillian sentou-se, o lençol branco puxado em torno de si, e descobriu que a nuvens aos pés da cama nada mais era do que o coelho de estimação de Ben, Buddy, que saltou para seu colo. Apenas algumas semanas antes, Gillian estivera no deserto de Sonoran, com as mãos sobre os ouvidos, enquanto Jimmy e dois de seus amigos atiravam em marmotas. Mataram treze delas, e Gillian achara que era péssima sorte. Ficara trêmula e pálida, perturbada demais para ocultá-lo. Felizmente, Jimmy estava com excelente humor, já que abatera mais marmotas do que seus companheiros, alvejando oito, se incluíssem os dois filhotes. Ele aproximou-se e passou os braços em volta de Gillian. Quando a olhava assim, ela compreendia por que fora tão atraída por ele e por que ainda o era. Ele podia fazer com que parecesse que se era a única pessoa no universo. Poderia cair uma bomba, poderia despencar um raio, ele simplesmente não lhe afastaria os olhos.

— O único roedor bom é um roedor morto — dissera-lhe Jimmy. Ele cheirava a cigarro e calor e estava tão vivo quanto um ser humano poderia estar. — Acredite em mim quanto a isso. Quando avistar um, atire para matar.

Jimmy teria considerado uma grande piada surpreendê-la na cama com um roedor. Gillian empurrou o coelho, em seguida se levantou e foi até a cozinha, em busca de um copo d'água. Estava desorientada e confusa. Não sabia o que estava fazendo na casa de Ben, embora esta fosse surpreendentemente confortável, com uma bonita e antiga mobília de pinho e prateleiras repletas de livros. A maioria dos homens com que Gillian se envolvera havia evitado a cozinha, alguns nem mesmo pareceram dar-se conta de que suas próprias casas possuíam tais cômodos, completos com fogões e pias, mas ali a cozinha era bem utilizada — uma desgastada mesa de pinho estava abarrotada de manuais de ciências e cardápios de restaurantes chineses, e, quando examinou, Gillian descobriu que havia realmente comida na geladeira: pirex com lasanha e suflê de brócolis com queijo, uma caixa de leite, frios sortidos, garrafas de água, maços de cenoura. Pouco antes de terem de deixar Tucson com tamanha pressa, não havia nada em sua geladeira exceto embalagens de seis unidades de Budweiser e Coca Diet. Um pacote de peixe congelado estava enfiado no fundo, perto das bandejas de gelo, mas qualquer coisa deixada em seu congelador sempre degelava, em seguida recongelava e era melhor não tocá-la.

Gillian serviu-se de uma garrafa de água e, quando se virou, viu que o coelho a seguira.

— Vá embora — disse-lhe ela, mas ele não foi.

Buddy afeiçoara-se a Gillian. Ele bateu a perna, da maneira como os coelhos apaixonados sempre fazem. Não prestou atenção a seu franzir de sobrancelhas, nem ao fato de que ela lhe abanava as mãos, como se fosse um gato a ser enxotado. Seguiu atrás dela até a sala de estar. Quando Gillian se deteve, Buddy sentou-se e ergueu os olhos para ela.

— Pare com isso imediatamente — disse Gillian.

Ela sacudiu-lhe o dedo e olhou-o fixamente, mas Buddy permaneceu onde estava. Tinha grandes olhos castanhos, orlados de cor-de-rosa. Parecia sério e digno, mesmo quando lavava as patas com a língua.

— Você é apenas um roedor — disse-lhe Gillian. — Isso é tudo o que você é.

Gillian sentia vontade de chorar, e por que não deveria sentir? Nunca conseguiria corresponder à versão que Ben fazia dela, tinha todo um secreto e horrível passado a esconder. Costumava foder com homens em carros nos estacionamentos, só para provar que não dava a mínima;

costumava contar suas conquistas e rir. Sentou-se no sofá que Ben encomendara por um catálogo, quando o seu sofá velho ficou surrado. Era realmente um bonito sofá, feito de um tecido canelado da cor da ameixa. Exatamente o tipo de sofá que Gillian teria descoberto em uma revista e desejado para si mesma, se possuísse uma casa, ou dinheiro, ou mesmo um endereço permanente, onde pudesse receber catálogos e revistas enviados pelo correio. Ela não estava nem um pouco convencida de que poderia permanecer em um relacionamento normal. E se ela se cansasse de alguém que fosse atencioso para com ela? E se não conseguisse fazê-lo feliz? E se Jimmy tivesse tido razão e ela houvesse pedido para que lhe batessem — talvez não em voz alta, mas de uma forma indefinível, de que não se dava conta? E se ele o houvesse inculcado de modo que ela, efetivamente, necessitasse disso agora?

O coelho saltou adiante e sentou-se a seus pés.

— Estou ferrada — disse-lhe Gillian.

Ela enroscou-se no sofá e chorou, mas nem isso afugentou o coelho. Buddy passara bastante tempo na enfermaria infantil do hospital do Pedágio. Todos os sábados, durante o número de mágica de Ben, ele era tirado de um chapéu velho, que cheirava a alfafa e suor. Buddy estava acostumado a luzes brilhantes e pessoas gritando, e era sempre bem-comportado. Nem uma vez mordera uma criança, nem mesmo quando fora cutucado ou provocado. Nesse momento, ergueu-se nas pernas traseiras e equilibrou-se cuidadosamente, exatamente como lhe haviam ensinado.

— Não tente alegrar-me — disse Gillian, mas assim mesmo ele o conseguiu. Quando Ben saiu do quarto, Gillian estava sentada no chão com Buddy, dando-lhe de comer uvas sem sementes.

— Este é um tipo esperto — disse Gillian. O lençol que tirara da cama estava negligentemente enrolado à sua volta, e seu cabelo projetava-se como um halo. Sentia-se agora mais calma e mais leve do que se sentira por bastante tempo. — Ora, ele consegue acender o abajur de pé pulando sobre o interruptor. “Consegue segurar essa garrafa de água entre as patas e beber um pouco, sem derramar uma gota. Ninguém que não tivesse visto acreditaria nisso. A próxima eu sei, vai dizer-me que ele é treinado para usar a areia, como um gato.

- Ele é.

Ben estava de pé junto à janela e, à tênue luz nova, dava a impressão de ter dormido o profundo sono dos anjos. Ninguém imaginaria o quanto ficou apavorado ao acordar e descobrir que Gillian desaparecera de sua cama. Estivera disposto a correr pela rua, chamar a polícia e solicitar um grupo de busca. Nesses momentos em que saía da cama, achara que, de algum modo, conseguira perdê-la, como perdera tudo o mais em sua vida, mas ali estava ela, enrolada no seu lençol. Se fosse honesto consigo mesmo, teria de admitir que sentia verdadeiro medo de pessoas desaparecendo para ele, que era o motivo de, para começar, ter-se voltado para a mágica. No numero de Ben Frye, o que sumia sempre reaparecia, fosse um anel, ou uma moeda de vinte e cinco centavos ou o próprio Buddy. Apesar de tudo isso, Ben fora apaixonar-se pela mulher mais imprevisível que já conhecera. E não podia lutar contra isso, sequer queria tentar. Desejava poder amarrá-la em seu quarto, com cordas feitas de seda. Desejava nunca ter de deixá-la ir embora. Agachou-se ao lado de Gillian com o pleno conhecimento de que era ele quem estava amarrado com nós. Queria pedir-lhe que se casasse com ele, que nunca o abandonasse. Em vez disso, estendeu a mão por baixo da almofada do sofá, em seguida agitou o braço em volta e puxou uma cenoura do ar transparente. Pela primeira vez, Buddy ignorou comida; ele avançou aos poucos para mais perto de Gillian.

— Vejo que tenho um rival — disse Ben. — Talvez eu tenha de cozinhá-lo.

Gillian recolheu o coelho nos braços. Durante todo o tempo em que Ben estivera dormindo, ela estivera dissecando o seu passado. Agora, acabara com isso. Não ia permitir que aquela menininha, sentada nos empoeirados degraus dos fundos da cozinha das tias, a controlasse. Não ia permitir que aquela idiota que a deixara enredada com Jimmy governasse a sua vida.

— Buddy com certeza é o coelhinho mais inteligente de todo o país. É tão esperto que provavelmente me convidará para jantar aqui, amanhã á noite.

Para Ben, era evidente que tinha para com o coelho um débito de gratidão. Se não fosse por Buddy, talvez Gillian houvesse ido embora sem se despedir. Em vez disso, ela ficou, chorou e reconsiderou. E assim, em homenagem a Buddy, na noite seguinte Ben preparou sopa de cenoura, uma salada de folhas de alface e uma tigela de coelho

galês, que Gillian ficou extremamente aliviada ao saber que nada mais era do que queijo derretido servido com torradas. Um prato de salada e uma tigelinha de sopa haviam sido colocados no chão para Buddy. O coelho foi acariciado e recebeu agradecimentos, mas após o jantar foi levado para o seu engradado, para passar a noite. Eles não o queriam arranhando a porta do quarto, não queriam ser perturbados, nem por Buddy nem por mais ninguém.

A partir de então, eles têm estado juntos todas as noites. Quase na hora em que Gillian sai do trabalho, Buddy ruma para a porta da frente e anda de um lado para outro, agitado, até Gillian chegar, cheirando a batatas fritas e sabonete de ervas. Os adolescentes da Barraca do Hambúrguer seguem-na meio caminho além do Pedágio, mas se detêm quando ela dobra a rua de Ben. No outono, esses rapazes se matricularão no curso de biologia de Ben Frye, mesmo os preguiçosos e estúpidos que sempre foram reprovados antes em ciências. Eles supõem que o sr. Frye sabe alguma coisa e que seria melhor aprenderem-na, seja o que for, e aprenderem depressa. Mas esses rapazes podem estudar o semestre inteiro, podem chegar na hora para todas as aulas de laboratório, que ainda assim não aprenderão o que Ben sabe, até que se apaixonem completamente. Quando não se importarem em fazer papel de bobo, quando se arriscar parecer a coisa mais segura a fazer, e andar na corda bamba ou se lançar em cachoeiras de águas claras der a impressão de brincadeira de criança comparado a um único beijo, então eles compreenderão.

Entretanto, por ora, esses rapazes ignoram tudo a respeito do amor é seguramente não conhecem as mulheres. Nunca teriam imaginado que a razão por que Gillian tem deixado cair fumegantes xícaras de café quente, ao servir pessoas na Barraca do Hambúrguer, é que não consegue parar de pensar nas coisas que Ben lhe faz quando estão na cama. Ela perde-se, ao dirigir para casa, sempre que pensa na maneira como ele lhe sussurra. Está tão excitada e confusa quanto uma adolescente.

Gillian sempre se considerou uma inadaptada, portanto tem sido um grande alívio descobrir que Ben não é tão normal quanto ela inicialmente pensou. Ele pode facilmente passar três horas no Café Owl, numa manhã de domingo, pedindo pratos de panquecas e ovos. As garçonetes dali, na maioria, já saíram em sua companhia e ficam completamente

sonhadoras, quando ele chega para o desjejum, levando-lhe café grátis e ignorando quem quer que possa estar a seu lado. Ele recolhe-se tarde, é espantosamente rápido devido a toda a sua prática com baralhos e lenços, e consegue agarrar um pardal ou chapim em meio ao voo, simplesmente, estendendo a mão no ar.

As inesperadas facetas da personalidade de Ben verdadeiramente surpreenderam Gillian, que nunca teria imaginado que um professor de biologia de escola secundária fosse tão fanático a respeito de laços, e que desejaria amarrá-la à cama e que, depois de sua experiência anterior, ela consideraria, depois concordaria e, por fim, daria consigo mesma implorando por isso. Sempre que Gillian vê um pacote de cordões de sapatos ou um rolo de barbante na loja de ferragens, fica totalmente agitada. Tem de correr para a casa de Sally, a fim de retirar alguns cubos de gelo do congelador e passá-los pelos braços e no interior das coxas, apenas para esfriar seu desejo.

Depois que ela achou várias algemas no armário de Ben — que ele muitas vezes utiliza em seu número de mágica —, cubos de gelo não eram suficientes. Gillian tinha de ir ao quintal, abrir a mangueira e derramar uma ducha de água sobre a cabeça. Estava consumindo-se com a idéia do que Ben poderia fazer com aquelas algemas. Quisera ter podido ver o seu sorriso, quando entrou no quarto e descobriu que ela as deixara sobre a cômoda, mas ele pegou a deixa. Naquela noite, ele assegurou-se de que a chave estava suficientemente longe para que nenhum dos dois pudesse alcançá-la da cama. Amou-a por tanto tempo que ela ficou dolorida e, ainda assim, não teria pensado em pedir-lhe que parasse.

Quer que ele nunca pare, é isso, é o que a está deixando nervosa, uma vez que sempre foi o inverso. Mesmo com Jimmy — era o homem que a queria, e era assim que ela gostava. Quando se quer alguém, se está em seu poder. Sentindo-se como se sente, Gillian de fato foi até a escola secundária, onde Ben está organizando sua classe para o outono, a fim de lhe pedir que faça amor com ela. Não pode esperar que ele volte para casa, não pode esperar que a noite caia, por quartos e portas fechadas. Vai passar os braços à sua volta e, em seguida, dizer-lhe que quer isso imediatamente. Não é como Jimmy, ela realmente fala a sério. Fala tão a sério que não consegue lembrar-se de ter dito essas mesmas palavras a uma outra pessoa. No que lhe diz respeito, nunca o fez.

Todos na administração escolar sabem sobre Ben e Gillian. A notícia espalhou-se pelo bairro como um incêndio na grama. Até o zelador felicitou Ben por sua boa sorte. Eles são o casal vigiado pelos vizinhos e debatido na loja de ferragens e no balcão da Taberna Bruno's. Cachorros acompanham-nos quando eles saem para um passeio, gatos congregam-se no quintal de Ben à meia-noite. Todas as vezes que Gillian senta em uma pedra no reservatório, com um cronômetro para marcar o tempo de Ben, enquanto ele corre, os sapos sobem da lama para entoar sua profunda canção desalentada e, quando Ben termina a corrida, tem de passar sobre uma massa de corpos verde-acinzentados a fim de ajudar Gillian a descer da pedra.

Se saem juntos e Ben acidentalmente encontra um de seus alunos, ele fica sério e começa a falar sobre a prova final do ano anterior, ou sobre o novo equipamento que está montando no laboratório, ou a feira de ciências do condado, em outubro. As moças que freqüentaram suas aulas ficam de olhos arregalados "e mudas em sua presença; os rapazes ficam tão entretidos olhando fixamente para Gillian, que não prestam atenção a uma palavra que ele diz. Mas Gillian lhe dá ouvidos. Ela adora ouvir Ben falar sobre ciência. Quando ele começa a discutir células, isso faz com que seu estômago salte de desejo. Se ele menciona o pâncreas ou o fígado, é tudo o que ela pode fazer para manter suas mãos longe dele. É tão inteligente, mas isso não é a única coisa que atrai Gillian — ele age como se ela também o fosse. Ele pressupõe que pode compreender sobre que diabo está falando e, exatamente como um milagre, ela compreende. Pela primeira vez, entende a diferença entre uma veia e uma artéria. Conhece todos os principais órgãos e, o que é mais importante, pode de fato relacionar a função de cada um, sem falar em sua localização no corpo humano.

Certo dia, Gillian surpreende-se completamente ao guiar até a faculdade da comunidade e se matricular para duas turmas, que se iniciam no outono. Sequer sabe se estará ali em setembro, mas se por acaso permanecer, estará estudando geografia e biologia. A noite, quando volta para casa depois de ter estado com Ben, Gillian vai no quarto de Antonia e pega emprestado seu manual de biologia I. Lê a respeito de sangue e ossos. Segue o percurso do aparelho digestivo com a ponta do dedo. Quando chega ao capítulo sobre genética, fica acordada a noite inteira. A idéia de que existe uma progressão e uma seqüência de

possibilidades, ao lidar com quem um ser humano pode ser e será, é emocionante. O retrato de Maria Owens por sobre a cama de Kylie parece agora tão exato e tão evidente quanto uma equação matemática. Em certas noites, Gillian dá consigo olhando-o fixamente e tem a sensação de que está olhando em um espelho. Naturalmente, ela sempre pensa então. Matemática mais desejo é igual a quem você é. Pela primeira vez, começou a apreciar seus próprios olhos cinzentos.

Agora, quando vê Kylie, que se parece tanto com ela que pessoas estranhas supõem que são mãe e filha, Gillian percebe a ligação em seu sangue. O que sente por Kylie é, em partes iguais, ciência e afeição. Faria qualquer coisa pela sobrinha. Caminharia diante de um caminhão e permutaria vários anos de sua vida para assegurar a felicidade de Kylie. No entanto, Gillian está tão entretida com Ben Frye que não repara que Kylie mal está falando com ela, apesar de toda essa afeição. Nunca imaginaria que Kylie se tem sentido usada e posta de lado, desde que Ben entrou em cogitação, o que lhe é particularmente doloroso, já que tomou o partido da tia contra a mãe, no fiasco do aniversário. Embora Gillian tenha também tomado o seu partido e seja a única pessoa no mundo a tratar Kylie como adulta e não como bebê, Kylie tem-se sentido traída.

Secretamente, Kylie tem realizado atos mesquinhos, peças impertinentes, dignas da malevolência de Antonia. Ela colocou cinzas nos sapatos de Gillian, de modo que os dedos dos pés da tia ficassem sujos e manchados, e ainda acrescentou uma considerável quantidade de cola. Despejou uma lata de atum pelo dreno da banheira, e Gillian acabou banhando-se em uma água oleosa, que tinha um cheiro tão forte que quatro gatos desgarrados pularam para dentro, pela janela aberta.

— Houve algum problema? — perguntou Gillian certo dia, ao se virar e ver que Kylie a fitava penetrantemente.

— Problema? — Kylie piscou. Sabia o quanto podia parecer inocente se o desejasse. Podia ser uma menina extremamente boa, exatamente como costumava ser. — O que a levaria a perguntar isso?

Na mesma noite Kylie mandou entregar cinco pizzas de anchova na casa de Ben Frye. Estar ressentida era uma sensação péssima. Ela queria estar feliz por Gillian, de fato queria, mas simplesmente parecia não agüentar isso até que um dia, por acaso, viu Gillian e Ben passeando juntos, perto da escola secundária. Kylie estava a caminho

da piscina municipal, com uma toalha pendurada ao ombro, mas parou onde estava, na calçada diante da casa da sra. Jerouche, embora a sra. Jerouche fosse conhecida por sair com uma mangueira atrás de quem pisasse no seu gramado, e possuísse uma cocker spaniel maldosa, uma cadela premiada chamada Mary Ann, que comia pardais, babava e mordia meninos pequenos nos tornozelos e joelhos.

Um círculo de luz amarelo-clara parecia pairar em torno de Ben e Gillian. A luz subiu mais alto, em seguida se abriu em leque, pela rua e acima dos topos dos telhados. O próprio ar tornara-se citrino e, quando Kylie fechou os olhos, teve a impressão de que estava no jardim das tias. Se a pessoa se sentasse ali na sombra, durante o calor de agosto, e esfregasse o tomilho entre os dedos, o ar tornava-se tão amarelo que ela juraria que um enxame de abelhas se juntara por cima, mesmo em dias em que só chovera. Naquele jardim, em dias quentes e tranqüilos, era fácil pensar em possibilidades que nunca lhe haviam passado pela mente. Era como se a esperança houvesse surgido do nada, para pousar a seu lado e não fosse seguir para nenhum lugar, não fosse então abandoná-la.

Na tarde em que Kylie ficou parada diante da casa da sra. Jerouche, ela não foi a única a perceber algo incomum no ar. Todo um grupo de meninos jogando bola parou, atordoado pelo cheiro perfumado que era impelido dos topos dos telhados para baixo, e eles esfregaram o nariz. O mais novo virou-se, correu para casa e pediu à mãe bolo inglês de limão, aquecido e coberto com mel. Mulheres chegaram às janelas, apoiaram os cotovelos nos peitoris e inspiraram profundamente mais do que o haviam feito em anos. Elas nem mesmo acreditavam mais na esperança, mas ali estava ela, nas copas das árvores e nas chaminés. Quando essas mulheres olharam para a rua e avistaram Gillian e Ben, os braços passados em torno um do outro, algo dentro delas começou a doer, e suas gargantas ficaram tão secas que só limonada podia saciar a sua sede e, mesmo depois de um jarro cheio, ainda queriam mais.

Depois disso, era difícil ficar zangada com Gillian, era impossível ressentir-se ou mesmo sentir-se menosprezada. Gillian era tão intensa quando se tratava de Ben Frye, que a manteiga na casa de Sally não parava de derreter, como ocorre sempre que o amor se acha sob um teto. Mesmo os pacotes de manteiga na geladeira derretiam, e qualquer pessoa que quisesse um pouco tinha de derramá-la sobre um pedaço de

torrada, ou medi-la com uma colher de sopa.
Nas noites em que Gillian se deita na cama e estuda biologia, Kylie estende-se em sua cama e folheia revistas, mas na realidade está observando Gillian. Considera-se com sorte por estar aprendendo sobre o amor com alguém como a tia. Ela tem ouvido as pessoas falarem. Mesmo aquelas que sentem necessidade de salientar que Gillian é imprestável parecem invejá-la de algum modo. Gillian pode ser garçonete na Barraca do Hambúrguer, pode ter pequenas rugas em volta dos olhos e da boca, devido a todo aquele sol do Arizona, mas é por ela que Ben Frye está apaixonado. É ela que tem aquele sorriso no rosto, noite e dia.
— Adivinhe qual é o maior órgão do corpo humano — pergunta Gillian a Kylie em uma noite em que ambas estão na cama, lendo.
— A pele — responde Kylie.
— Sabichona — diz-lhe Gillian. — Sabe-tudo.
— Todo mundo está com inveja porque você conquistou o sr. Frye — diz Kylie.
Gillian continua a ler seu livro de biologia I, mas isso não significa que não esteja prestando atenção. Tem a capacidade de falar sobre uma coisa, enquanto se concentra em outra. Aprendeu isso em todo o tempo que passou com Jimmy.
— Isso faz com que ele pareça algo que peguei em uma loja. Como se fosse uma toronja, ou algo em liquidação, e o consegui pela metade do preço. — Gillian franze o nariz. — De qualquer modo, não foi acaso.
Kylie rola sobre o estômago, a fim de poder examinar o rosto sonhador da tia.
— Então o que foi?
— Destino. — Gillian fecha o manual de biologia. Ela tem o melhor sorriso do mundo, Kylie sem dúvida lhe reconhecerá isso. — Sina.
Durante toda a noite, Kylie pensa no destino. Pensa no pai, de quem só se lembra por uma única fotografia. Pensa em Gideon Barnes, porque ela poderia apaixonar-se por ele se se permitisse, e sabe que ele também poderia apaixonar-se por ela. Mas Kylie não está tão certa de que é isso que quer. Não tem certeza se já está preparada, ou se algum dia estará. Ultimamente, está tão sensível e sintonizada que consegue captar os sonhos de Gillian, enquanto ela dorme na cama ao lado, sonhos tão escandalosos e lascivos que Kylie acorda estimulada e, em

seguida, fica mais embaraçada e confusa do que nunca.
Ter treze anos não é como ela esperava que fosse. E solitário e não é absolutamente divertido. Às vezes, ela tem a impressão de que topou com todo um mundo secreto que não compreende. Quando se olha fixamente no espelho, não consegue decidir quem ela é. Se algum dia o decifrar, saberá se deve tingir o cabelo de louro ou de castanho, mas por enquanto está em uma posição intermediária. Está em uma posição intermediária acerca de tudo. Sente falta de Gideon. Vai até o porão e apanha o tabuleiro de xadrez, que sempre faz com que se lembre dele, mas não consegue resolver-se a lhe telefonar. Quando encontra por acaso uma das meninas com quem vai à escola, e elas a convidam a ir nadar ou à rua comercial, Kylie não se interessa. Não é que antipatize com elas, é simplesmente que não quer que percebam quem ela é de verdade, quando ela própria não sabe.
O que ela de fato sabe é que coisas terríveis podem acontecer, se não se tomar cuidado. O homem do jardim ensinou-lhe isso, e é uma lição que cedo não esquecerá. A dor está em toda parte, é apenas invisível para a maioria das pessoas. A maioria das pessoas imaginará um meio de se impedir de notar a agonia — elas tomarão uma bebida bem forte, ou nadarão cem voltas completas, ou não comerão nada o dia inteiro, exceto uma pequena maçã lustrosa e um pé de alface —, mas Kylie não é assim. E sensível demais, e sua capacidade de sentir a aflição dos outros está ficando mais forte. Se passa por um bebê em um carrinho e ele está chorando, até ficar vermelho vivo de frustração e descaso, a própria Kylie fica irritadiça pelo resto do dia. Se um cachorro passa mancando com uma pedra cravada na pata, ou se uma mulher que compra frutas no supermercado fecha os olhos e se detém para relembrar um rapaz que se afogou quinze anos antes, aquele a quem tanto amava, Kylie começa a ter a impressão de que vai desmaiar.
Sally observa a filha e se preocupa. Sabe o que acontece quando se recalca a própria mágoa, sabe o que fez consigo mesma, as paredes que erigiu, a torre que construiu, pedra por pedra. Mas são paredes de dor, e a torre está empapada de mil lágrimas, e isso não é proteção. Tudo tombará por terra com um toque. Quando vê Kylie subir a escada em direção a seu quarto, Sally percebe outra torre sendo construída, talvez uma única pedra, no entanto isso é suficiente para enregelá-la. Ela tenta conversar com Kylie, mas todas as vezes em que se aproxima,

Kylie foge da sala, batendo a porta atrás de si.
— Não posso ter nenhuma privacidade? — é o que Kylie responde a quase todas as perguntas que Sally faz. — Não pode simplesmente deixar-me em paz?
As mães de outras meninas de treze anos asseguram a Sally que tal comportamento é normal. Linda Bennett, da casa ao lado, insiste em que esse desalento adolescente é temporário, embora sua filha, Jessie — que Kylie sempre evitou, classificando-a de fracasso e palerma —, recentemente tenha mudado o nome para Isabella e tenha furado o umbigo e o nariz. Mas Sally não contava passar por isso com Kylie, que sempre foi tão franca e afável. Os treze anos com Antonia não foram um grande choque, já que ela sempre fora egoísta e indelicada. Mesmo Gillian só se tornou rebelde na escola secundária, quando os rapazes perceberam como era bonita, e Sally nunca se permitiu ser mal-humorada e desrespeitosa. Não achava que tivesse o luxo de retrucar. Ao que soubesse, nada era lícito. As tias não tinham de mantê-la. Tinham todo direito de expulsá-la e ela não estava disposta a lhes dar um motivo para fazê-lo. Aos treze anos, Sally preparava o jantar, lavava as roupas e ia para a cama na hora. Nunca pensou se tinha ou não privacidade ou felicidade ou qualquer outra coisa. Nunca ousou fazê-lo.
Agora, com Kylie, Sally contém-se, mas não é fácil fazê-lo. Mantém a boca fechada, e todas as suas opiniões e bons conselhos para si mesma. Retrai-se quando Kylie bate as portas, chora ao ver o seu sofrimento. Ás vezes, Sally põe-se à escuta no lado de fora do quarto da filha, mas Kylie já não se dá o trabalho de confiar em Gillian. Mesmo isso seria um alívio, mas Kylie se afastou de todos. O máximo que Sally pode fazer é observar, enquanto o isolamento de Kylie se torna um círculo: quanto mais solitária a pessoa está, mais ela se afasta, até os seres humanos parecerem uma raça alienígena, cujos hábitos e língua ela nem de longe compreende. Isso Sally conhece melhor do que a maioria. Conhece-o tarde da noite, quando Gillian está na casa de Ben Frye, e as mariposas batem de leve de encontro às telas das janelas, e ela se sente tão apartada da noite de verão que essas telas poderiam igualmente ser
Afigura-se que Kylie passará todo o verão sozinha em seu quarto, cumprindo pena tão seguramente como se estivesse na prisão. Julho está findando com temperaturas acima de 30°, dia após dia. O calor fez

com que manchas brancas surgissem por trás das pálpebras de Kylie sempre que ela pisca. As manchas tornam-se nuvens e as nuvens sobem a grande altura, e a única maneira de se livrar delas é fazer alguma coisa. Muito subitamente, ela sabe disso. Se não fizer alguma coisa, poderia ficar imobilizada ali. Outras meninas continuarão, seguirão adiante, terão namorados e cometerão erros, e ela será exatamente a mesma, congelada. Se não fizer um movimento depressa, todas a ultrapassarão e ela será ainda uma criança, com medo de deixar o seu quarto, com medo de crescer.

No final da semana, quando o calor e a umidade impossibilitam que se fechem janelas ou portas, Kylie decide fazer um bolo. É uma pequena concessão, um minúsculo passo de volta ao mundo. Kylie sai para comprar os ingredientes e, quando volta para casa, está fazendo 35,5° à sombra, mas isso não a detém. E impelida por esse projeto seu, quase como se achasse que será salva por esse único bolo. Liga o forno em temperatura alta e passa a trabalhar, mas é só quando a massa está pronta e as assadeiras untadas que percebe que está prestes a assar o bolo preferido de Gideon.

Durante toda a tarde, o bolo fica sobre a bancada da cozinha, coberto de glacê e intato, em uma travessa azul. Quando a noite cai, Kylie ainda não sabe o que fazer. Gillian está na casa de Ben, mas ninguém atende ao telefone, quando Kylie liga para perguntar a Gillian se acha que é tolice ela ir à casa de Gideon. Por que ao menos quer ir? Que lhe importa? Foi ele que foi grosseiro. Não devia ser ele a fazer o primeiro movimento? Ele devia ter-lhe levado o maldito bolo, aliás — um bolo inglês com raspas de chocolate e glacê de bordo, ou moca se isso é o melhor que ele pode fazer.

Kylie vai sentar-se junto à janela de seu quarto em busca de ar fresco e puro e, em vez disso, descobre um sapo assentado no peitoril. Uma macieira silvestre cresce bem do lado de fora de sua janela, um infeliz espécime que raramente floresce. O sapo deve ter chegado até o tronco e os ramos, em seguida pulou para a janela. E maior do que a maioria dos sapos que se acham perto do riacho e é surpreendente mente calmo. Não parece amedrontado, nem mesmo quando Kylie o ergue e o segura na mão. O sapo lembra-lhe aqueles que ela e Antonia encontravam, todo verão, no jardim das tias. Eles adoravam repolho e alface folhuda, e saltavam atrás das meninas, implorando petiscos. Às

vezes Antonia e Kylie saíam correndo, só para ver quão rápido os sapos podiam ir. Elas disparavam até caírem no riso, no chão ou entre os canteiros de favas, mas não importava até onde tivessem ido, quando se voltavam, os sapos estavam logo atrás, os olhos sem piscar e arregalados.

Kylie deixa o sapo sobre sua cama, em seguida sai à procura de um pouco de alface. Sente-se culpada e tola por ter dado ouvidos a Antonia, em todas aquelas vezes em que obrigaram os sapos a correr atrás delas. Já não é tão boba, adquiriu mais juízo e muito mais compaixão. Todo mundo saiu, e a casa está mais tranqüila do que de costume. Sally está em uma reunião convocada por Ed Borelli, para planejar a abertura da escola em setembro, realidade que ninguém no quadro de funcionários se interessa em reconhecer como inevitável. Antonia está no trabalho, vigiando o relógio e esperando que Scott Morrison apareça. Na cozinha, está tão silencioso que a água da torneira gotejante ecoa. O orgulho é uma coisa esquisita. Pode fazer com que aquilo que é verdadeiramente sem valor pareça ser um tesouro. Assim que o larga, o orgulho reduz-se ao tamanho de uma mosca, mas uma mosca que não possui cabeça, nem rabo nem asas para se erguer do chão.

Parada ali na cozinha, Kylie mal consegue lembrar algo que importava tanto, apenas algumas horas antes. Tudo o que sabe é que, se esperar por muito mais tempo, o bolo começará a ficar seco, ou formigas o atacarão, ou alguém chegará e cortará um pedaço. Ela irá imediatamente à casa de Gideon, antes que possa mudar de idéia.

Não há alface na geladeira, então Kylie pega o primeiro comestível interessante que avista — metade de um Snickers intocado, que Gillian deixou sobre a bancada para que derretesse. Kylie está prestes a correr de volta escada acima, mas, quando se vira, verifica que o sapo a seguiu.

Faminto demais para esperar, imagina Kylie.

Ela pega o sapo na mão e quebra uma minúscula lasca do doce em barra. Mas, então, acontece uma coisa muito estranha: quando vai dar de comer ao sapo, ele abre a boca e cospe um anel.

— Puxa. — Kylie ri. — Obrigada.

Quando ela o segura na mão, o anel é pesado e frio. O sapo devia tê-lo achado na lama. A terra úmida forma um grumo tão compacto sobre a faixa que é impossível para Kylie perceber o que é realmente esse

presente. Se ela se detivesse para examiná-lo, se o expusesse à luz e desse uma boa olhada, verificaria que a prata tem um estranho matiz púrpura. Gotas de sangue estão ocultas sob a pátina de sujeira. Se não houvesse estado com tamanha pressa de chegar à casa de Gideon, se compreendesse o que era que segurava, teria levado aquele anel até o quintal e o enterraria, sob os lilases, onde era o seu lugar. Em vez disso, Kylie sem hesitação joga-o no pequeno pires de louça, em que a mãe mantém um patético espécime de cacto. Agarra o bolo e mantém a porta aberta com o quadril e, logo que se acha do lado de fora, inclina-se para colocar o sapo na grama.

— Lá vai — diz-lhe ela, mas o sapo ainda está ali, imóvel no gramado, quando Kylie já dobrou a esquina do quarteirão seguinte.

Gideon mora no outro lado do Pedágio, em uma área que tem pretensões a ser mais elegante do que é. As casas nesse bairro têm toldos, acabamento esmerado e portas duplas envidraçadas que conduzem a jardins bem cuidados. Em geral, Kylie leva doze minutos para ir de sua casa até lá, mas isso se estiver correndo e não carregando um grande bolo de chocolate. Nessa noite, ela não quer deixar o bolo cair, de modo que sua velocidade é comedida, enquanto passa pelo posto de gasolina e pelo centro comercial, onde há um supermercado, um restaurante chinês e uma loja de comestíveis finos, lado a lado, bem como a sorveteria onde Antonia trabalha. Em seguida, ela tem uma alternativa: pode passar diante da Bruno’s, a taberna no final do centro comercial, que tem um letreiro de neon cor-de-rosa e um aspecto nauseante, ou pode atravessar o Pedágio e tomar um atalho pelo campo com mato excessivo, onde todos dizem que será em breve construído um clube de educação física, completado com uma piscina de dimensões olímpicas.

Como há dois sujeitos saindo da Bruno’s, conversando em voz alta demais, Kylie opta pelo campo. Pode cortar caminho e ficar a dois quarteirões de distância da casa de Gideon. O mato é tão alto e arranha tanto que Kylie gostaria de estar usando jeans em vez de shorts. Entretanto, é uma noite bonita e o cheiro fétido das poças de água suja na extremidade oposta do campo, onde durante todo o verão os mosquitos estiveram reproduzindo-se, é substituído pelo odor de glacê de chocolate do bolo que Kylie está prestes a entregar. Kylie está perguntando-se se será tarde demais para ficar e jogar uma partida de

um contra um — Gideon tem um aro regulamentar de basquetebol instalado na entrada para carro, presente do pai, logo depois de se divorciar da mãe de Gideon —, quando repara que o ar à sua volta está tornando-se sombrio e gelado. Há uma borda negra nesse campo. Algo está errado ; Kylie começa a andar mais depressa e é então que acontece. E então que eles gritam para que ela espere.

Quando olha por sobre o ombro, ela compreende exatamente quem eles são e o que desejam. Os dois homens da taberna atravessaram o Pedágio e a estão seguindo. São fortes, suas sombras têm um tom carmesim e a estão chamando de Benzinho. Estão dizendo:

— Ei, você não entende inglês? Espere. Apenas espere.

Kylie já pode sentir o coração batendo forte demais, mesmo antes de começar a correr. Sabe que tipo de homem eles são, são como aquele de que elas tiveram de se livrar lá no jardim. Ficam furiosos como ele fica, sem razão alguma, exceto uma dor bem no íntimo de que nem se dão mais conta, e querem ferir alguém. Querem fazer isso nesse exato momento, O bolo choca-se contra o peito de Kylie. O mato é espinhoso e a arranha. Quando começa a correr, os homens soltam um berro, como se ela houvesse tornado mais divertido persegui-la. Se estiverem de porre, não se darão o trabalho de correr atrás dela, mas não estão ainda bêbados a tal ponto. Kylie joga o bolo fora e ele se espedaça ao atingir o chão, onde será alimento para os arganazes e as formigas. Ela, porém, pode ainda sentir o cheiro do glacê; está nas suas mãos inteiras. Nunca será capaz de comer chocolate novamente. O aroma fará seu coração disparar. O gosto lhe virará o estômago.

Eles estão seguindo-a, forçando-a a correr em direção à parte mais escura do campo, onde se acham as poças de água suja, onde ninguém do Pedágio pode vê-la. Um dos homens é gordo e está ficando para trás. Está amaldiçoando-a, mas por que ela deveria prestar atenção? Suas pernas compridas valem-lhe algo nesse momento. Com o canto do olho, avista as luzes do centro comercial e sabe que, se continuar seguindo na direção em que se encaminha, o homem que está ainda no seu encalço vai pegá-la. E o que ele lhe está dizendo e, quando a pegar, vai rebentar-lhe os miolos. Vai garantir que ela nunca fuja de ninguém novamente. Vai cuidar daquela sua xoxotinha, e ela nunca se esquecerá disso.

Ele tem-lhe gritado coisas horríveis o tempo todo, mas subitamente para

de falar, fica absolutamente silencioso, e Kylie sabe o que é isso. Ele está correndo realmente depressa, ela pode senti-lo; vai pegá-la agora, ou não vai pegá-la de modo algum. A respiração de Kylie é curta e aterrorizada, mas ela inspira profundamente uma única vez e, em seguida, se vira.

Víra-se rapidamente, está quase correndo em direção a ele, e ele estende os braços, para agarrá-la, mas ela faz uma volta, rumo ao Pedágio. Suas pernas são tão compridas que ela poderia esquivar-se de tanques e lagos. Com um bom salto, poderia estar lá em cima onde se acham as estrelas, onde é frio, limpo e invariável, e coisas assim nunca acontecem.

Quando ele está suficientemente perto para estender a mão e agarrar sua camiseta, Kylie alcança o Pedágio. Um homem passeando com seu golden retriever está mais abaixo na rua. Na esquina, um grupo de rapazes de dezesseis anos está encaminhando-se para casa, voltando da piscina municipal depois do treino de nado em equipe. Eles seguramente ouviriam Kylie se ela gritasse estridentemente, mas não precisa fazê-lo. O homem que a esteve seguindo permanece onde está, depois retrocede, de volta ao mato. Nunca a pegará agora, porque Kylie ainda está correndo. Ela corre em meio ao tráfego e ao longo do lado oposto da rua, passa correndo pela taberna e pelo supermercado. Não acha que pode parar, ou ao menos diminuir a velocidade, até que está no interior da sorveteria, e a campainha acima da porta tilinta, para indicar que a porta se abriu e está agora firmemente fechada atrás dela.

Suas pernas estão cobertas de lama e sua respiração é tão curta que, a cada vez que inspira, ela ofega de forma sufocada, como coelhos quando farejam um coiote ou um cachorro. Um casal idoso que divide um sundae ergue os olhos e pestaneja. As quatro mulheres divorciadas, na mesa junto à janela, avaliam como Kylie está emporcalhada, depois pensam nas dificuldades que vêm tendo com os próprios filhos e resolvem, imediatamente, que é melhor partirem para casa.

Antonia não vem prestando muita atenção aos fregueses. Está sorrindo e apoiando os cotovelos no balcão, a fim de melhor fitar os olhos de Scott Morrison, enquanto ele explica a diferença entre niilismo e pessimismo. Ele fica ali todas as noites, tomando sorvete e apaixonando-se mais profundamente. Eles têm passado horas acariciando-se nos bancos dianteiro e traseiro Ho carro da mãe de Scott,

beijando-se até que seus lábios fiquem febris e machucados, enfiando as mãos na calça um do outro, desejando-se tanto que não estão pensando em mais nada. Na semana anterior, Scott e Antonia sofreram incidentes, quando atravessaram a rua sem olhar para os dois lados e foram afugentados de volta à calçada por uma buzina estridente. Estão em seu próprio mundo, um lugar tão cheio de sonhos e completo que não têm de prestar atenção ao trânsito, ou sequer ao fato de que outros seres humanos existem.

Nessa noite, leva certo tempo para que Antonia compreenda que é sua irmã parada ali, gotejando lama e ervas daninhas sobre o piso de linóleo por cuja limpeza Antonia é responsável.

— Kylie? — diz ela, só para se certificar.

Scott vira-se para olhar e então compreende que o ruído esquisito que estava ouvindo atrás de si, que pensou ser o barulhento ar-condicionado, é a respiração irregular de uma pessoa. Os arranhões ao longo das pernas de Kylie começaram a sangrar. Sua camiseta e suas mãos estão lambuzadas de glacê de chocolate.

— Santo Deus — diz Scott.

Ele tem pensado, de quando em quando, na faculdade de medicina, mas quando se trata diretamente do assunto, não gosta das surpresas que os seres humanos podem lançar sobre uma pessoa. A ciência pura é mais do seu gosto. E bem mais segura e mais exata.

Antonia sai de trás do balcão. Kylie apenas a olha fixamente e, nesse instante, Antonia sabe exatamente o que aconteceu.

— Vamos.

Ela agarra a mão de Kylie e a puxa para o compartimento dos fundos, onde são guardadas as latas de calda, esfregões e vassouras. Scott as acompanha.

— Talvez fosse melhor a levarmos à sala de primeiros socorros — diz ele.

— Por que você não fica atrás do balcão? — sugere Antonia. — No caso de haver fregueses.

Quando Scott hesita, Antonia não tem dúvida de que ele está apaixonado por ela. Outro rapaz se viraria e fugiria. Ficaria agradecido por ser liberado de uma cena como essa.

— Tem certeza? — pergunta Scott.

— Ah, sim. — Antonia balança a cabeça. — Absoluta. — Ela puxa Kylie

para dentro do depósito. — Quem foi? — pergunta ela. — Ele a feriu?
Kylie pode sentir cheiro de chocolate, e isso a está deixando tão nauseada que mal consegue ficar de pé direito.
— Eu corri — diz ela. Sua voz está estranha. Soa como se ela tivesse cerca de oito anos de idade.
— Ele a tocou? — A voz de Antonia também soa estranha.
Antonia não acendeu a luz do depósito. O luar filtra-se pela janela aberta em ondas, tornando as moças prateadas como peixes.
Kylie olha para a irmã e faz que não, sacudindo a cabeça. Antonia considera as incontáveis coisas horríveis que tem dito e feito, por motivos que ela própria não compreende, e sua garganta e seu rosto tornam-se escarlates de vergonha. Ela nunca pensou em ser generosa ou boa. Gostaria de consolar a irmã e dar-lhe um abraço, mas não o faz. Está pensando: Sinto muito , mas não consegue dizer as palavras em voz alta. Elas grudam-se em sua garganta, porque devia tê-las dito há anos atrás.
Ainda assim, Kylie compreende o que a irmã quer dizer e essa é a razão porque finalmente consegue chorar, que é o que desejava fazer desde que começou a correr no campo. Quando termina de chorar, Antonia fecha a loja. Scott lhes dá uma carona até em casa, em meio à noite escura e úmida. Os sapos saíram do riacho e Scott tem de desviar-se, enquanto dirige, e assim mesmo não consegue evitar atingir alguns dos animais. Scott sabe que algo importante aconteceu, embora não esteja certo do que foi. Ele repara que Antonia possui uma faixa de sardas sobre o nariz e as bochechas. Se a visse a cada dia pelo resto da vida, ainda ficaria surpreso e emocionado toda vez que a olhasse. Quando chegam a casa, Scott tem o ímpeto de cair de joelhos e pedir-lhe que se case com ele, embora ela ainda tenha mais um ano de escola secundária a cursar. Antonia não é a moça que ele pensava ser, uma garota mimada. Em vez disso, é alguém que consegue enlouquecer-lhe o pulso, simplesmente apoiando a mão sobre a sua perna.
— Apague os faróis — diz Antonia a Scott, enquanto ele estaciona na entrada de carro.
Ela e Kylie trocam um olhar. A mãe chegou em casa e deixou a luz da varanda acesa para elas, que não têm como saber se sua mãe foi para a cama, exausta. Ao que lhes é dado supor, talvez as esteja esperando e elas não querem enfrentar alguém cuja preocupação irá sobrepujar seu

próprio medo. Não querem ter de explicar.
— Estamos evitando lidar com nossa mãe — diz Antonia a Scott.
Ela beija-o rapidamente, em seguida abre com cuidado a porta do carro, para que não ranja como em geral faz. Há um sapo preso debaixo de um dos pneus de Scott, e o ar parece úmido e verde, enquanto as irmãs correm pelo gramado, em seguida entram sorrateiramente na casa. Chegam ao andar de cima no escuro, em seguida se trancam no banheiro, onde Kylie pode lavar a lama e o chocolate dos braços e do rosto, e o sangue das pernas. Sua camiseta está estragada, e Antonia a esconde na cesta de lixo, debaixo do papel higiênico e de um frasco vazio de xampu. A respiração de Kylie ainda está irregular. Há uma agitação de pânico quando ela inspira.
— Você está bem? — sussurra Antonia.
— Não — sussurra Kylie em resposta, e isso faz com que ambas riam. As garotas colocam a mão sobre a boca para assegurar qut suas vozes não alcancem o quarto da mãe. Acabam dobradas sobre si mesmas e sem fôlego, com lágrimas nos olhos.
Elas talvez nunca mais conversem sobre essa noite, no entanto, ainda assim, tudo mudará. Daí a anos, pensarão uma na outra em noites escuras, telefonar-se-ão sem nenhuma razão especial e não quererão desligar, mesmo quando não restar nada a dizer. Não são as mesmas pessoas que eram uma hora antes, e nunca serão. Conhecem-se bem demais para voltar atrás agora. Na manhã seguinte, aquela aresta de ciúme que Antonia tem arrastado consigo por toda parte terá desaparecido, deixando somente o mais leve contorno verde sobre seu travesseiro, no local em que ela pousa a cabeça.
Nos dias que se seguem, Kylie e Antonia riem quando se encontram acidentalmente, no corredor ou na cozinha. Nenhuma das duas monopoliza o banheiro ou xinga a outra. Todas as noites, depois do jantar, Kylie e Antonia tiram a mesa e lavam os pratos juntas, lado a lado, sem precisar que lhes peça. Nas noites em que ambas estão em casa, Sally pode ouvi-las conversando. Sempre que acham que alguém pode estar ouvindo, elas param imediatamente de falar, no entanto ainda parece que estão se comunicando. Tarde da noite, Sally poderia jurar que elas, com pancadinhas nas paredes de seus quartos, transmitem segredos em código Morse.
— O que acha que está acontecendo? — pergunta Sally a Gillian.

— Alguma coisa esquisita — diz Gillian.
Exatamente nessa manhã, Gillian reparou que Kylie estava vestindo uma das camisetas pretas de Antonia.
— Se ela a pegar usando isso, vai arrancá-la das suas costas — avisa Gillian a Kylie.
— Acho que não. — Kylie deu de ombros. — Ela tem muitas camisetas pretas. E, seja como for, ela me deu essa.
— O que você quer dizer com esquisita? — pergunta Sally a Gillian.
Ela ficou acordada metade da noite, fazendo listas do que poderia estar afetando as meninas. Seitas, sexo, atividade criminosa, medo de gravidez — ela examinou todas as possibilidades nas últimas horas.
— Talvez não seja nada — diz Gillian, não querendo que Sally se preocupe. — Talvez elas estejam apenas crescendo.
— O quê? — diz Sally.
Só a sugestão faz com que ela se sinta inquieta, perturbando-a de um jeito que gravidez e seitas simplesmente não conseguem. Essa é a possibilidade que tem evitado considerar. Ela não consegue acreditar no talento de Gillian para sempre dizer exatamente o que não deveria.
— Que diabo se espera que isso signifique? Elas são crianças.
— Elas têm de crescer, afinal — diz Gillian, confundindo ainda mais. — Antes que você o saiba, elas estarão fora daqui.
— Ora, obrigada por seu especializado conselho maternal.
Gillian não apreende o sarcasmo. Agora que começou, ela tem outra recomendação para a irmã.
— Você precisa parar de se concentrar tanto em ser apenas uma mãe, antes que se encarquilhe em pó, e nós tenhamos de varrê-la com uma vassoura. Devia começar a ter encontros. O que a está detendo? Suas crianças estão saindo, por que não você?
— Mais palavras de sabedoria? — Sally é tamanho gelo puro, que mesmo Gillian não pode deixar de notar que ela está ficando congelada por fora.
— Nem uma só. — Gillian recua. — Nem uma sílaba.
Gillian sente ânsia por um cigarro, em seguida se dá conta de que não fumou nem um cigarro, em quase duas semanas. O engraçado é que ela deixou de tentar parar. É de olhar todas aquelas ilustrações do corpo humano. E de ver aqueles desenhos de pulmões.
— Minhas filhas são bebês — diz Sally. — Para sua informação.

Ela parece um pouco histérica. Nos últimos dezesseis anos — exceto naquele ano em que Michael morreu, e ela penetrou tanto no interior de si mesma que não conseguia achar a saída — tem pensado nas filhas. Ocasionalmente tem pensado em nevascas, no preço do aquecimento e da eletricidade, e no fato de que com frequência tem urticária quando setembro se avizinha, e ela sabe que tem de voltar ao trabalho. Mas, na maioria das vezes, tem-se absorvido com Antonia e Kylie, com febres e cólicas, com novos sapatos a comprar a cada seis meses, e certificar-se de que todas tenham refeições bem equilibradas e pelo menos oito horas de sono, todas as noites. Sem tais pensamentos, não está segura de que continuará a existir. Sem eles, o que exatamente lhe resta?

Nessa noite, Sally vai para a cama e dorme como uma pedra e, de manhã, não se levanta.

— Gripe — imagina Gillian.

Debaixo de sua colcha, Sally pode ouvir Gillian fazendo café. Pode ouvir Antonia falando ao telefone com Scott, e Kylie usando o chuveiro. Durante todo esse dia, Sally permanece onde está. Está esperando que alguém necessite dela, está esperando um acidente ou uma emergência, mas isso nunca acontece. A noite, levanta-se para usar o banheiro e lavar o rosto com água fria e, na manhã seguinte, continua dormindo, e ainda está dormindo ao meio-dia, quando Kylie lhe leva um almoço em uma bandeja de madeira.

— Um vírus estomacal — sugere Gillian, quando chega do trabalho, e é informada de que Sally não tocou a sopa de massa nem o chá e pediu que fossem cerradas as cortinas do quarto.

Sally ainda pode ouvi-las, pode ouvi-las nesse momento. Como elas sussurram e preparam o jantar, rindo e picando cenouras e aipo com facas afiadas. Como lavam toda a roupa e penduram os lençóis, para secar no varal do quintal. Como penteiam o cabelo e escovam os dentes e prosseguem com suas vidas.

Em seu terceiro dia na cama, Sally para de abrir os olhos. Não levará em consideração torrada com geleia de uva, nem Tylenol e água, nem travesseiros extras. Seu cabelo preto está emaranhado, sua pele pálida como papel. Antonia e Kylie estão assustadas. Ficam paradas no vão da porta e observam a mãe dormir. Têm medo de que qualquer tagarelice a incomode, de modo que a casa se torna mais silenciosa e ainda mais silenciosa. As meninas culpam-se, por não serem bem-comportadas

quando deviam ter sido, por todos esses anos de discussão e de agir como pirralhas egoístas e mimadas. Antonia liga para o médico, mas ele não faz visitas em casa, e Sally se recusa a se vestir e ir até o consultório.

São quase duas da manhã quando Gillian chega, vindo da casa de Ben. Essa é a última noite do mês e a lua está pálida e prateada. O ar está transformando-se em névoa. Gillian sempre volta para a casa de Sally, é como uma rede de segurança. Mas, nessa noite, Ben disse-lhe que estava cansado da maneira como ela sempre ia embora, logo que terminavam na cama. Queria que fosse morar com ele.

Gillian achou que ele estava brincando, realmente achou. Ela riu e disse:

— Aposto que diz isso a todas as garotas, depois que as fodeu vinte ou trinta vezes.

— Não — disse Ben. Ele não estava sorrindo. — Eu nunca disse isso antes.

Durante todo o dia, Ben tivera a sensação de que estava prestes a perder ou ganhar, e não podia saber qual seria. Nessa manhã, ele apresentou um espetáculo no hospital e uma das crianças, um menino de oito anos, chorou quando Ben fez Buddy desaparecer dentro de uma grande caixa de madeira.

— Ele voltará — assegurou Ben a esse membro extremamente agitado da platéia.

O menino, entretanto, estava convencido de que o ressurgimento de Buddy era impossível. Depois que alguém desaparecia, disse ele a Ben, isso era o seu fim. E, no caso desse menino, a teoria era irrefutável. Durante metade de sua vida, ele estivera no hospital e, dessa vez, não iria para casa. Ele já estava abandonando o seu corpo, Ben podia ver isso só de olhá-lo. Estava sumindo pouco a pouco.

E, assim, Ben fez o que um mágico quase nunca faz: chamou o menino à parte e mostrou como Buddy ficava tranquilo e aconchegadamente dentro de um fundo falso da caixa. Mas o menino se recusou a ser consolado. Talvez esse não fosse o mesmo coelho, não havia nenhuma prova, afinal. Um coelho branco era uma coisa corriqueira, podia-se comprar uma dúzia em uma loja de animais de estimação. E, assim, o menino continuou a chorar, e Ben talvez tivesse chorado juntamente com essa criança, não fora ele feliz o bastante para dominar os truques do seu ofício. Rapidamente, estendeu a mão e puxou um dólar de prata

de trás da orelha do menino.
— Veja. — Ben sorriu largamente. — Prontamente — proclamou ele.
O menino parou imediatamente de chorar, foi despertado de súbito de suas lágrimas. Quando Ben disse-lhe que podia ficar com o dólar de prata, esse menino, por um breve instante, pareceu o que poderia ter sido, se não houvesse passado por coisas horríveis. Ao meio-dia, Ben deixou o hospital e foi até o Café Owl, onde tomou três xícaras de café puro. Ele não almoçou, não pediu o picadinho com ovos de que gostava, ou toucinho defumado, alface e tomate em pão de trigo integral. As garçonetes vigiavam-no atentamente, supondo que logo estaria armando um de seus velhos truques, colocando os saleiros em pé, iniciando incêndios nos cinzeiros com um estalar de dedos, arrancando toalhas de mesa por baixo dos pratos e talheres, mas Ben apenas continuou a tomar café. Depois de pagar e deixar uma generosa gorjeta, ele dirigiu pelas proximidades durante horas. Continuava a pensar na duração efêmera da vida e em todo o tempo que desperdiçara, e francamente não estava mais disposto a desperdiçar.
Ben passara toda a vida com medo de que aquela a quem amasse iria desaparecer e não houvesse como encontrá-la: nem atrás dos véus, nem no fundo falso da maior caixa de madeira, a de laca vermelha que guarda no porão, mas não consegue resolver usá-la, embora lhe tenha sido assegurado que lhe pode cravar espadas na madeira sem causar um único ferimento. Ora, isso mudara. Ele queria uma resposta, nesse momento, antes de Gillian se vestir e correr de volta para a segurança da casa da irmã.
— E muito simples — disse ele. — Sim ou não?
— Isso não é uma coisa do tipo sim ou não — tergiversou Gillian.
— Ah, sim — disse Ben, com absoluta certeza. — E.
— Não — insistiu Gillian. Olhando seu rosto sério, ela desejou que o tivesse conhecido sempre. Desejou que tivesse sido o primeiro a beijá-la e o primeiro a ter feito amor com ela. Desejou poder dizer sim. — E mais uma coisa do tipo que exige reflexão.
Gillianjsabia a que essa discussão conduziria. Começava-se a viver com alguém e, antes que se percebesse, estava-se casado, e essa era uma condição humana que Gillian planejava não repetir. Nessa arena, ela era um tanto pé-frio. Logo que dizia “Eu aceito”, sempre se dava conta de que não aceitava de forma alguma e que nunca havia aceitado, e que

era melhor ir embora depressa.
— Não compreende? — disse Gillian a Ben. — Se não o amasse, eu me mudaria hoje. Não pensaria duas vezes.
Na verdade, ela tem pensado nisso desde que o deixou e continuará pensando nisso, se quer ou não. Ben não compreende o quanto o amor pode ser perigoso, mas Gillian certamente compreende. Tem perdido nisso vezes demasiadas, para recostar-se e descontrair-se. Tem de permanecer de olho e tem de permanecer solteira. O que realmente necessita é de um banho quente, um pouco de paz e sossego mas, quando entra sorrateiramente pela porta dos fundos, encontra Antonia e Kylie esperando-a. Estão frenéticas e dispostas a chamar uma ambulância. Estão fora de si de preocupação. Algo aconteceu à mãe e elas não sabem o quê.
O quarto está tão escuro que Gillian leva certo tempo para se dar conta de que o monte sob os cobertores é de fato uma forma de vida humana. Se há algo que Gillian conhece, é autocomiseração e desespero. Pode fazer esse diagnóstico particular em exatamente dois segundos, já que ela própria esteve com isso cerca de mil vezes, e também conhece o remédio. Ignora os protestos das meninas e manda-as para a cama, em seguida vai à cozinha e prepara uma jarra de margarita. Leva a jarra, juntamente com dois copos mergulhados em sal grosso, para o quintal e deixa tudo ao lado das duas cadeiras de jardim colocadas perto do pequeno pomar, onde os pepineiros estão fazendo o possível para crescer.
Dessa vez, quando vai postar-se no vão da porta de Sally, a confusão de cobertores não a engana. Há uma pessoa escondendo-se ali.
— Saia da cama — diz Gillian.
Sally mantém os olhos fechados. Está flutuando por um lugar tranquilo e branco. Quisera poder também fechar os ouvidos, porque pode ouvir Gillian aproximando-se. Gillian puxa o lençol para baixo e agarra o braço de Sally.
— Fora — diz ela.
Sally desprende-se da cama. Ela abre os olhos e pisca.
— Vá embora — diz ela à irmã. — Não me aborreça.
Gillian ajuda Sally a ficar de pé e a conduz para fora do quarto e pela escada abaixo. Levar Sally é como arrastar um feixe de gravetos. Ela nao resiste, mas é peso morto. Gillian escancara a porta dos fundos e,

assim que elas estão do lado de fora, a investida de ar orvalhado esbofeteia Sally no rosto.
— Oh — diz ela.
Ela realmente se sente fraca e fica aliviada ao se afundar em uma cadeira de jardim. Inclina a cabeça para trás e está prestes a fechar os olhos, mas ao mesmo tempo repara quantas estrelas estão visíveis nessa noite. Há muito tempo, elas costumavam subir ao telhado das tias nas noites de verão. Uma pessoa podia sair pela janela do sótão, se não tivesse medo de altura nem se assustasse facilmente com os pequenos morcegos marrons, que apareciam para se banquetear com as nuvens de mosquitos que flutuavam no ar. Ambas sempre faziam questão de formular um desejo à primeira estrela, sempre o mesmo desejo, que naturalmente nunca podiam revelar.
— Não se preocupe — diz Gillian. — Elas ainda precisarão de você depois de ficarem inteiramente adultas.
— E, certo.
— Eu ainda preciso de você.
Sally olha para a irmã, que está servindo margarita para as duas.
— Para quê?
— Se não fosse você estar aqui para me valer, quando tudo aquilo aconteceu com Jimmy, eu nessa hora estaria na prisão. Só queria que soubesse que eu não poderia ter feito aquilo sem você.
— E porque ele era pesado — diz Sally. — Se você tivesse um carrinho de mão, não teria precisado de mim.
— Falo sério — insiste Gillian. — Devo-lhe eternamente.
Gillian ergue o copo na direção da cova de Jimmy.
— Adios, benzinho — diz Gillian. Ela estremece e toma um gole da bebida.
— Adeus, e bons ventos o levem — diz Sally ao úmido ar enevoado.
Depois de ficar confinada por tanto tempo, é bom estar ao ar livre. É bom estarem ali juntas, no gramado, àquela hora, quando os grilos começaram seu lento chamado de final do verão.
Gillian tem sal nos dedos, devido à margarita. Tem no rosto aquele belo sorriso e, nessa noite, parece mais jovem. Talvez a umidade de Nova York seja benéfica para sua pele, ou talvez seja o luar, mas algo nela parece novo em folha.
— Nunca antes acreditei na felicidade. Não pensei que existia. Agora,

olhe para mim. Estou pronta a acreditar em praticamente qualquer coisa.
Sally quisera poder estender a mão, tocar a lua e verificar se dá a impressão de ser tão fria quanto se afigura. Ultimamente, tem-se perguntado se, quando os vivos se tornam mortos, deixam um espaço vazio atrás, uma cavidade que ninguém mais pode preencher. Ela teve sorte outrora, durante um tempo muito curto. Talvez devesse apenas ser grata por isso.
— Ben pediu-me para ir morar com ele — diz Gillian. — Eu mais ou menos lhe disse que não.
— Faça isso — diz-lhe Sally.
— Simplesmente assim? — fala Gillian.
Sally balança a cabeça, com toda a certeza.
— Eu poderia considerar isso — admite Gillian. — Por algum tempo. Contanto que não haja compromissos.
— Você irá morar com ele — assegura-lhe Sally.
— Provavelmente só está dizendo tudo isso, porque quer livrar-se de mim.
— Não me livraria de você. Estaria três quarteirões adiante. Se quisesse livrar-me de você, eu lhe diria para voltar para o Arizona.
Um círculo de mariposas brancas juntou-se ao redor da lâmpada da varanda. Suas asas estão de tal modo pesadas e úmidas, que as mariposas parecem estar voando em câmara lenta. Elas são tão brancas quanto a lua e, quando voam para fora, subitamente, deixam um branco rastro pulverulento no ar.
— Leste do Mississippi. — Gillian passa a mão em meio aos cabelos. — Credo.
Sally estira-se em sua cadeira e olha para o céu.
— Na verdade — diz ela —, estou contente por você estar aqui.
Ambas sempre ansiaram pela mesma coisa, quando estavam sentadas no telhado da casa das tias, naquelas quentes noites solitárias. Em algum momento do futuro, quando ambas fossem inteiramente adultas, queriam erguer os olhos para as estrelas e não ter medo. Essa é a noite por que haviam ansiado. Esse é aquele futuro, bem nesse instante. E elas podem ficar do lado de fora o tempo que quiserem, podem permanecer no gramado até que todas as estrelas se tenham desvanecido, e ainda continuarem ali para observar o impecável céu azul do meio-dia.

Levitação

Em agosto, sempre mantenha hortelã no peitoril da sua janela, para assegurar que moscas zumbidoras permaneçam do lado de fora, onde é o seu lugar. Não pense que o verão terminou, mesmo quando as rosas pendem e se tornam castanhas, e as estrelas, no céu, mudam de posição. Nunca presuma que agosto é uma época do ano segura ou de confiança. E o período das inversões, quando os pássaros não cantam mais pela manhã, e as noites são constituídas de partes iguais de luz dourada e nuvens negras. A rocha sólida e a tênue podem facilmente mudar de lugar, até que tudo que você sabe possa ser discutido e posto em dúvida.

Nos dias particularmente quentes, quando você tiver vontade de assassinar quem quer que a/o contrarie, ou pelo menos lhe dar uma boa bofetada, tome uma limonada. Saia e compre um excelente ventilador de teto. Certifique-se de nunca pisar em um dos grilos que talvez tenham se refugiado em um canto escuro de sua sala de estar, ou sua sorte mudará para pior. Evite homens que a chamam de benzinho e mulheres que não têm amigos, e cachorros que coçam a barriga e se recusam a se deitar a seus pés. Use óculos escuros, banhe-se com óleo de alfazema, água fresca e limpa. Busque abrigo do sol do meio-dia.

E intenção de Gideon Barnes ignorar completamente agosto e dormir durante quatro semanas, recusando-se a acordar até setembro, quando a vida estará regularizada e a escola já tiver começado. Entretanto, menos de uma semana nesse difícil mês adentro, sua mãe informa-o de que vai casar-se, com um sujeito que Gideon vagamente conhece.

Eles vão mudar-se para vários quilômetros adiante do Pedágio, o que significa que Gideon irá para uma nova escola, juntamente com os três novos irmãos que conhecerá em um jantar, que a mãe oferecerá no fim de semana seguinte. Temerosa de qual possa ser a reação do filho, Jeannie Barnes protelou por certo tempo essa participação mas, agora que ela lhe contou, Gideon apenas balança a cabeça. Ele reflete a respeito, enquanto a mãe nervosamente aguarda uma resposta e, por fim, diz:

— Ótimo, mamãe. Fico contente por você.

Jeannie Barnes não consegue acreditar que ouviu corretamente, mas não tem tempo de pedir a Gideon para repetir o que disse, porque ele

mergulha em seu quarto e, trinta segundos depois, desaparece. Está fora dali, logo, tal como daí a cinco anos, só que então será de verdade. Então estará em Berkeley ou UCLA, em vez de disparando pelo Pedágio, desesperado para se pôr longe. E impelido pelo instinto. Não há necessidade de pensar, porque no íntimo ele sabe onde quer estar. Menos de cinco minutos depois, chega à casa de Kylie, encharcado de suor, e encontra-a sentada em uma velha colcha índia, sob a macieira silvestre, tomando um copo de chá gelado. Eles não se vêem desde o aniversário de Kylie, no entanto quando Gideon a olha, ela está inacreditavelmente familiar. A curvatura de seu pescoço, os ombros, os lábios, a forma de suas mãos, Gideon vê tudo isso e sua garganta se resseca. Ele deve ser um idiota para se sentir assim, mas não há nada que possa fazer. Nem sabe se agüenta falar.

Está tão quente que os pássaros não estão voando, tão úmido que nem uma única abelha consegue elevar-se no ar. Kylie fica sobressaltada ao ver Gideon. A pedra de gelo, que ela estava triturando, cai de sua boca e desliza pelo seu joelho. Ela não presta atenção nisso. Não nota o avião voando acima, nem a lagarta avançando pela colcha, nem o fato de que sua pele parece ainda mais quente do que parecia um minuto antes.

— Vamos ver quanto tempo levo para colocá-la em xeque — diz Gideon. Ele tem consigo o seu tabuleiro de xadrez, o velho tabuleiro de madeira que o pai lhe deu em seu oitavo aniversário.

Kylie morde o lábio, considerando.

— Dez paus para o vencedor — diz ela.

— Sem dúvida. — Gideon sorri largamente. Ele raspou de novo a cabeça, e seu couro cabeludo está liso como uma pedra. — Preciso do dinheiro.

Gideon deixa-se cair pesadamente na grama ao lado de Kylie, mas não consegue resolver-se a fitá-la. Ela talvez pense que isso seja apenas uma partida que estão prestes a jogar, porém é muito mais. Se Kylie não partir para a jugular, se não fincar suas melhores jogadas, ele saberá que não são mais amigos. Ele não quer que seja assim, mas, se não puderem ser seus verdadeiros eus um com o outro, será melhor que nesse momento se afastem.

Esse tipo de teste pode deixar uma pessoa nervosa, e só quando Kylie está considerando sua terceira jogada é que Gideon tem coragem de olhá-la. Seu cabelo não está tão louro como estava. Talvez ela o tenha

tingido, ou talvez o troço louro tenha desbotado, ao lavar. Está agora com uma cor bonita, como mel.
— Olhando alguma coisa? — diz Kylie, quando surpreende seu olhar fixo.
— Morra — diz Gideon e move seu bispo.
Ele pega o copo de chá gelado dela e engole um pouco, como costumava fazer quando eram amigos.
— Meus sentimentos — replica Kylie, imediatamente.
Ela tem no rosto um grande sorriso, e seu dente lascado aparece. Sabe o que ele está pensando, mas afinal quem não saberia? Ele é quase tão transparente quanto um pedaço de vidro. Quer que tudo seja a mesma coisa e que tudo tenha mudado. Bem, quem não quer? A diferença entre ele e Kylie é que ela já sabe que não podem manter as duas posições incompatíveis, ao passo que Gideon não faz idéia alguma.
— Senti sua falta. — A voz de Kylie é espontânea.
— E, certo.
Quando Gideon ergue os olhos, vê que ela o fita fixamente. Rapidamente, ele desvia o olhar para onde os lilases cresciam. Ali há somente algumas coisas com aparência de raminhos, de casca preta. Sobre cada raminho há uma fileira de espinhos tão aguçados que mesmo as formigas não ousam chegar perto.
— Que diabo aconteceu com o seu quintal? — pergunta Gideon.
Kylie examina os galhos. Eles estão crescendo tao depressa que, dentro em breve, alcançarão a altura de uma macieira de bom tamanho. Mas, por enquanto, parecem / inofensivos, apenas delgados renovos de amoreira silvestre. É tão fácil se ignorar o que cresce no próprio jardim. Olhe-se em outra direção por tempo demais, e qualquer coisa pode surgir — uma videira, uma erva daninha, uma sebe de espinhos.
— Minha mãe cortou os lilases. Excesso de sombra. — Kylie morde com mais força o lábio. — Xeque.
Ela pegou Gideon desprevenido, movendo um peão a que ele não prestara muita atenção. Ela o mantém cercado, permitindo-lhe um último movimento, por generosidade, antes de avançar para o golpe final.
— Você vai ganhar — diz Gideon.
— Isso mesmo — concorda Kylie. A expressão no rosto dele deixa-a com vontade de chorar, mas ela não vai perder de propósito. Simplesmente não pode fazer isso.

Gideon realiza o único movimento que pode — sacrificando a sua rainha —, mas isso não é suficiente para salvá-lo e^ quando Kylie o coloca em xeque-mate, ele a cumprimenta. E o que ele queria, mas está totalmente confuso, de qualquer forma.
— Tem os dez com você? — pergunta Kylie, embora pouco se importe.
— Lá em casa — diz Gideon.
— Não queremos ir lá.
Quanto a isso, ambos concordam. A mãe de Gideon nunca os deixa sozinhos, está constantemente perguntando se querem algo*para comer ou beber. Talvez imagine que, se os deixar sozinhos por um segundo, eles se verão em grandes dificuldades.
— Pode ficar devendo até amanhã — diz Kylie. — Traga-os aqui então.
— Vamos dar uma volta — sugere Gideon. Ele fita-a então, por fim. — Vamos sair um pouco daqui.
Kylie derrama o resto do chá gelado na grama e deixa a velha colcha onde está. Não se importa se Gideon não é como todos os demais. Há tanta energia e tantas idéias tomando forma no interior de sua cabeça, que uma faixa de luzes alaranjadas se eleva dele. Não há razão para ter medo de ver as pessoas como elas realmente são, porque de quando em quando se desvenda alguém como Gideon. O logro e a desonestidade são incompatíveis com ele. Mais cedo ou mais tarde, ele terá de fazer um curso intensivo no beabá da fanfarronice, para garantir que não seja devorado vivo no mundo em que está tão aflito por entrar.
— Minha mãe vai casar com um sujeito, e vamos nos mudar para o outro lado do Pedágio. — Gideon tosse uma vez, como se algo houvesse grudado em sua garganta. — Tenho de me transferir de escola. Que sorte a minha. Tenho de me matricular com um prédio inteiro cheio de imbecis.
— A escola não importa.
Kylie amedronta-se quando tem tanta certeza das coisas. Bem nesse instante, por exemplo, está absolutamente convencida de que Gideon não encontrará melhor amigo do que encontrou nela. Apostaria nisso suas economias e ainda estaria disposta a acrescentar, de quebra, seu radiorrelógio e a pulseira que Gillian lhe deu em seu aniversário.
Eles começaram a descer a rua, em direção ao campo da ACM.
— Não importa aonde vou à escola? — Gideon está satisfeito e não sabe bem por quê. Talvez seja apenas porque Kylie não parece achar

que eles se verão menos; isso é o que espera que ela pense. — Tem certeza disso?
— Completa — diz-lhe Kylie. — Cem por cento.
Quando chegarem ao campo, encontrarão sombra e grama verde e terão tempo para refletir. Por um momento, quando dobram a esquina, Kylie tem a impressão de que devia permanecer em seu quintal. Olha para a casa, atrás. Pela manhã, elas terão partido, a caminho da casa das tias. Tentaram convencer Gillian a ir junto, mas ela simplesmente se recusa a isso.
— Vocês não poderiam pagar-me para ir. Bem, eu concordaria em fazê-lo por um milhão de paus, mas nada menos. — Foi o que ela lhes disse.
— E, mesmo assim, teriam de quebrar as minhas rótulas para que eu não saltasse fora do carro e fugisse. Teriam de me anestesiar, talvez realizar uma lobotomia e, ainda assim, eu reconheceria a rua e pularia pela janela, antes que vocês estacionassem junto à casa.
Embora as tias não façam idéia de que Gillian está a leste das Montanhas Rochosas, tanto Kylie quanto Antonia insistiram em que elas ficarão desoladas, ao descobrirem como Gillian está perto e que decidiu não fazer uma visita.
— Acreditem em mim — diz Gillian às meninas —, as tias não se importarão se eu estiver lá ou não. Não se importavam naquela época e sem dúvida não se importarão agora. Se vocês mencionarem o meu nome, elas dirão “Que Gillian?”. Aposto que não se lembram de como eu sou. Provavelmente poderíamos cruzar pela rua e não ser nada mais do que estranhas. Não se preocupem quanto às tias e a mim. Nosso relacionamento é exatamente o que queremos que seja: um total e absoluto zero, e gostamos dele desse jeito.
E, assim, no dia seguinte elas estarão partindo para as férias sem Gillian. Prepararão um almoço de piquenique, com sanduíches de requeijão e azeitona, recipientes de pita recheados com salada, garrafas térmicas com limonada e chá gelado. Encherão o carro como fazem em todo agosto e pegarão a estrada antes das sete, a fim de evitar o tráfego. Só que esse ano Antonia prometeu solenemente que chorará, durante todo o caminho até Massachusetts. Ela já confidenciou a Kylie que não sabe o que vai fazer, quando Scott voltar para Harvard. Provavelmente passará a maior parte do tempo estudando, já que precisa entrar para uma escola em algum lugar na área de Boston, a

Faculdade de Boston, talvez, ou, se conseguir elevar suas notas, Brandeis. Na viagem até a casa das tias, ela insistirá em se deter em pontos de parada a fim de comprar cartões-postais e, depois que estiverem instaladas na casa das tias, planeja passar todas as manhãs deitada em um cobertor de lã que pinica, estendido no jardim. Passará protetor solar nos ombros e pernas, depois começará a trabalhar e, quando Kylie examinar a mensagem que a irmã está escrevendo para Scott, verá Eu te amo rabiscado uma dúzia de vezes diferentes.

Esse ano, Gillian lhes acenará em despedida da varanda da frente, se a essa altura já não tiver ido morar na casa de Ben Frye. Ela está fazendo a mudança lentamente, receosa de que Ben sofra um choque, ao perceber que ela tem mil e um maus hábitos. Não demorará muito para que note que ela nunca enxágua as tigelas de flocos de cereais, ou se dá o trabalho de fazer a cama. Mais cedo ou mais tarde, ele descobrirá que o sorvete está sempre desaparecendo do congelador, porque Gillian o está servindo a Buddy, como um petisco especial. Verá que os suéteres de Gillian freqüentemente estão enrolados em bolas de lã e chenille , no fundo de um armário ou debaixo da cama. E, se Ben ficar repugnado, se decidir expulsá-la, dizer adeus, repensar suas opções, está certo, então que o faça. Não há licença de casamento nem compromisso, e Gillian quer manter isso assim. Opções, isso é o que ela sempre quis. Uma saída.

— Quero que compreenda uma coisa — disse ela a Kylie. — Você ainda é a minha garota favorita. Na verdade, se eu houvesse tido uma filha, teria querido que ela fosse você.

Kylie ficou tão impressionada com o amor e a admiração, que quase se sentiu suficientemente culpada, para admitir que fora ela quem mandara entregar todas aquelas pizzas de anchova na casa de Ben, quando se sentira tão abandonada. Fora ela quem colocara cinzas nos sapatos de Gillian. Mas é melhor guardar alguns segredos para si mesma, particularmente quando encobrem um ato bobo, de melindre infantil. Assim, Kylie não disse nada, nem mesmo a respeito do quanto sentiria falta de Gillian. Abraçou com força a tia em seguida, ajudou a encher outra caixa de roupas, para ser transportada até a casa de Ben.

— Mais roupas!

Ben levou uma das mãos à testa, como se os seus armários não pudessem suportar mais acréscimos, mas Kylie podia perceber o quanto

estava encantado. Ele enfiou a mão na caixa e puxou uma meia-calça de renda preta e, com três rápidos nós, transformou-a em um bassê. Kylie ficou tão surpresa que aplaudiu.
Gillian havia chegado com outra caixa — esta repleta de sapatos —, que equilibrou no quadril para também poder aplaudir.
— Está vendo por que me apaixonei por ele — sussurrou ela para Kylie. — Quantos homens sabem fazer isso?
Quando elas partirem pela manhã, Gillian lhes acenará até que dobrem a esquina e, em seguida, Kylie tem certeza, guiará até a casa de Ben. A essa altura, elas estarão rumando para Massachusetts. Começarão a cantar junto com o rádio, como sempre fazem. Nunca há dúvida a respeito de como passarão as férias de verão, então por que é que Kylie, subitamente, tem a percepção de que talvez nem mesmo levem as valises até o carro?
Ao caminhar para o campo com Gideon, nesse claro e quente dia, Kylie tenta imaginar a partida para a casa das tias e não consegue. Em geral, consegue conceber cada parte das férias, desde a arrumação das malas à observação das tempestades na segurança da varanda das tias, mas nesse dia, quando tenta prefigurar a semana em Massachusetts, tudo surge em branco. E em seguida, quando Kylie se vira para olhar a casa, tem a mais estranha sensação. A casa parece-lhe perdida de algum modo, como se ela estivesse olhando para uma lembrança, um local em que morava e nunca esquecerá, mas a que não pode retornar, não mais.
Kylie tropeça em uma rachadura na calçada, e Gideon, automaticamente, estende a mão, temendo que ela caia.
— Você está bem? — pergunta ele.
Kylie pensa na mãe, ocupada na cozinha, o cabelo preto preso, de modo que ninguém jamais adivinharia o quanto ele é basto e bonito. Pensa nas noites em que esteve febril e a mãe ficou sentada a seu lado no escuro, com mãos frescas e xícaras de água. Pensa naquelas vezes em que se trancou no banheiro, porque era alta demais, e a mãe, calmamente, lhe falou do outro lado da porta, sem uma vez chamá-la de tola, ou boba, ou vaidosa. Acima de tudo, lembra-se do dia em que Antonia foi derrubada no parque, e os cisnes brancos, assombrados pelo rebuliço, abriram as asas e voaram bem na direção de Kylie. Pode lembrar-se da expressão no rosto da mãe, enquanto Sally corria pela grama, agitando os braços e gritando tão ferozmente que os cisnes não ousaram chegar mais perto.

Em vez disso, ergueram-se no ar, voando tão baixo para o lago que suas asas fenderam a água em pequenas ondulações, e eles nunca retornaram, nem um dia, nem uma vez.

Se Kylie continuar a caminhar por essa rua cheia de folhas, as coisas nunca serão as mesmas. Sente isso tão profundamente como jamais sentiu alguma coisa. Pisa sobre uma rachadura no concreto para dentro de seu próprio futuro, e não haverá retorno. O céu está sem nuvens e branco com o calor. A maioria das pessoas está dentro de casa, com ventiladores ou aparelhos de ar-condicionado ligados no máximo. Kylie sabe que está quente na cozinha, onde a mãe está preparando um jantar especial para essa noite. Lasanha vegetariana e salada de vagem com amêndoas, e queijada com cereja como sobremesa, tudo feito em casa. Antonia convidou o namorado, Scott, para uma refeição de despedida, já que ficará fora durante uma semana inteira, e Ben Frye estará lá, e Kylie poderia também convidar Gideon. Esses pensamentos fazem com que Kylie se sinta triste — não o jantar, mas a imagem da mãe no fogão. A mãe sempre franze os lábios, quando está lendo uma receita; lê duas vezes, em voz alta, a fim de garantir que não cometerá erros. Quanto mais triste Kylie se sente, mais convencida fica de que não deve voltar atrás. Durante todo o verão tem esperado sentir-se assim, tem esperado encontrar seu futuro e não vai esperar nem mais um segundo, não importa quem ela tenha de deixar para trás.

— Corra — diz Kylie, e sai disparada.

Ela já desceu o quarteirão antes que Gideon caia em si e invista atrás dela. Kylie é espantosamente veloz, sempre foi, embora nesse momento não parece estar tocando o chão. Seguindo-a, Gideon se pergunta se conseguirá emparelhar-se, mas é claro que conseguirá, ao menos porque Kylie se jogará na grama na extremidade oposta do campo, onde os altos e copados bordos projetam profundas áreas de sombra.

Para Kylie, essas árvores são reconfortantes e familiares, mas, para uma pessoa acostumada ao deserto, para um homem que está habituado a ver em uma extensão de quilômetros, além do cacto gigante e o crepúsculo purpúreo, esses bordos podem afigurar-se uma miragem, elevando-se acima do campo verde, emergindo das ondas de calor e do fértil solo escuro. Os habitantes locais dizem que mais raios ocorrem em Tucson, no Arizona, do que em qualquer outro local da terra. Se uma pessoa cresceu perto do deserto, pode facilmente mapear uma

tempestade pela localização dos raios. Sabe de quanto tempo dispõe, antes que seja melhor recolher o seu cachorro e cuidar do seu cavalo, para se colocar sob um seguro teto bem assentado.

O raio, como o amor, nunca é governado pela lógica. Acidentes acontecem e sempre acontecerão. Gary Hallet conhece pessoalmente dois homens que foram atingidos por raios e viveram para contar a história, e é neles que ele está pensando, enquanto percorre a Via Expressa de Long Island na hora de maior movimento, depois tenta achar o caminho em meio a um labirinto de ruas de subúrbio, passando pelo campo da ACM, quando faz uma curva errada diante do Pedágio. Gary freqüentou a escola com um desses sobreviventes, que tinha apenas dezessete anos quando foi atingido, e isso atrapalhou sua vida, a partir desse dia. Ele saiu de casa e, em segundos estava estatelado na entrada da garagem, olhando fixamente para o céu cor-de-anil. A bola de fogo atravessara-o e suas mãos estavam tão tostadas quanto um bife grelhado. Ouviu um estrépito, como chaves sendo sacolejadas ou alguém tocando tambor, e levou certo tempo para se dar conta de que estava tremendo com tanta força que o barulho que ouvia era produzido por seus ossos, enquanto batiam de encontro ao asfalto.

Esse rapaz concluiu a escola secundária no mesmo ano que Gary, mas somente porque os professores, por generosidade, permitiram que fosse aprovado nas matérias. Ele havia sido um formidável jogador de beisebol e contava com uma tentativa na liga de clubes da segunda divisão, mas estava agora nervoso demais para isso. Não jogaria mais beisebol no campo. Demasiado espaço aberto. Possibilidade excessiva de que ele fosse a coisa mais alta nas imediações, se o raio decidisse cair duas vezes. Isso foi o fim para ele. Acabou trabalhando em um cinema, vendendo entradas, varrendo pipocas e recusando-se a devolver o dinheiro dos frequentadores, se eles não gostassem do filme que haviam pagado para assistir.

O outro sujeito atingido foi ainda mais afetado. O raio mudou sua vida e todas as coisas a ela referentes. Suspendeu-o, desequilibrando-o, fê-lo girar e, quando o recolocou no chão, ele estava preparado para praticamente qualquer coisa. Esse homem era o avô de Gary, Sonny, e falou a respeito de ter sido acertado pelo que chamava “a cobra branca” todos os dias, até o dia em que morreu, há dois anos, aos noventa e três anos. Muito antes de Gary ter ido morar com ele, Sonny havia ficado no

quintal onde os choupos cresciam, tão bêbado que não reparou na tempestade que se avizinhava. Naquela ocasião, achar-se bêbado era o seu estado normal. Não conseguia recordar como era estar sóbrio, e isso exclusivamente era razão suficiente para avaliar se seria melhor continuar evitando-o, pelo menos até que o colocassem na sepultura. Talvez então ele cogitasse a abstinência. Mas só se uns bons palmos de terra houvessem sido lançados com pá por cima dele, a fim de mantê-lo no solo, bem longe da casa de bebidas, lá em Speedway.

— Lá estava eu — contou ele a Gary —, tratando da minha vida, quando o céu desceu e me esbofeteou.

Esbofeteou-o e lançou-o para dentro das nuvens e, por um segundo, ele achou que talvez nunca voltasse à terra. Foi atingido com voltagem tão alta que as roupas que usava foram reduzidas a cinzas e, se não houvesse tido a presença de espírito de pular para dentro do escumoso lago verde, onde criava dois patos de estimação, teria sido queimado vivo. Suas sobrancelhas não nasceram de novo, e ele nunca teve de se barbear novamente, mas depois daquele dia jamais tomou uma bebida. Nem uma única dose de uísque. Nem uma cerveja pequena gelada. Sonny Hallet aferrou-se ao café, nunca menos de dois bules de espesso líquido preto por dia, e devido a isso estava pronto, propenso e apto a receber Gary quando seus pais já não podiam cuidar dele.

Os pais de Gary eram bem-intencionados, mas jovens e dados a dificuldades e álcool. Ambos terminaram mortos muito antes do que deviam. A mãe de Gary havia falecido há um ano, quando chegou a notícia sobre seu pai e, naquele mesmo dia, Sonny entrou no tribunal, no centro da cidade, e participou ao funcionário municipal que seu filho e sua nora se haviam matado — o que era mais ou menos a verdade, se se considera uma morte relacionada com bebida um suicídio — e que ele desejava tornar-se tutor legal de Gary.

Enquanto Gary guia por esse bairro suburbano, está pensando que o avô não teria gostado muito dessa área de Nova York. Os raios, ali, poderiam surgir e surpreender uma pessoa. Há prédios demais, eles são infindáveis, obstruem o que se deve ver, que, na opinião de Sonny e igualmente na de Gary, devia ser sempre o céu.

Gary está trabalhando em um inquérito preliminar, iniciado pelo escritório do procurador-geral, onde há sete anos é investigador. Antes disso, teve um passado de escolhas erradas. Era alto e magricela, e poderia ter

considerado o basquetebol uma possibilidade, mas, embora fosse bastante obstinado, não possuía a agressividade natural necessária a esportes profissionais. No final, retornou à faculdade, cogitou a faculdade de direito, em seguida decidiu contrariamente a passar todos aqueles anos estudando em salas fechadas. O resultado é que está fazendo aquilo em que ele é melhor, afinal de contas, que é solucionar coisas. O que o separa da maioria dos seus colegas é que gosta de assassinato. Gosta de tal modo que seus amigos zombam dele e o chamam de Urubu-Caçador, um animal de carniça que caça pelo faro. Gary não se incomoda com a brincadeira, não se incomoda com a maioria das pessoas terem uma resposta fácil para isso e lhes permite determinarem a razão pela qual ele se interessa tanto por homicídio. Elas apontam diretamente para sua história familiar — sua mãe morreu de insuficiência hepática e, com o pai, provavelmente teria ocorrido o mesmo, se antes não houvesse sido assassinado, no Novo México. O sujeito que fez isso nunca foi encontrado e, francamente, ninguém pareceu procurá-lo com afinco. Mas não são as circunstâncias do passado de Gary que o impelem, não importa o que pensem os seus amigos. E decifrar o porquê das coisas. O fator final que faz uma pessoa agir pode ser tão amaldiçoadamente impalpável, embora sempre se possa encontrar alguma motivação, se se examinar com suficiente empenho. A palavra errada dita no momento errado, a arma na mão errada, a mulher errada que beija alguém muito corretamente. Dinheiro, amor ou fúria — essas são as causas para a maior parte das coisas. Em geral, pode-se desvendar a verdade, ou uma versão dela seja como for, se fizer uma quantidade suficiente de perguntas. Se ficar de olhos fechados e imaginar como poderia ter sido, como poderia ter reagido se você estivesse farto, se simplesmente não pudesse ter disposição para ainda se interessar.

O motivo, no caso em que ele está trabalhando, é nitidamente dinheiro. Três garotos da universidade estão mortos, porque alguém queria tanta grana que lhes vendeu sementes de pilosela e estramônio sem ligar a mínima para as conseqüências. Os garotos compram qualquer coisa, sobretudo garotos de Costa Leste que não foram advertidos, durante sua vida inteira, a respeito do que cresce no deserto. Uma semente de pilosela deixa a pessoa eufórica, é como LSD crescendo livre. O problema é que duas sementes podem provocar a morte. A menos,

naturalmente, que a primeira já tenha feito esse serviço com perfeição, o que foi o caso de um dos garotos, um estudante de história, oriundo da Filadélfia, que acabara de completar dezenove anos. Gary foi chamado cedo por seu amigo Jack Carillo, de Homicídios, e viu o estudante de história no chão de seu quarto, no dormitório. Antes de morrer, o rapaz tivera convulsões horríveis. Todo o lado esquerdo de seu rosto estava arroxeado e Gary opinou que ninguém consideraria adulteração da evidência se colocassem um pouco de maquiagem no garoto, antes de seus pais chegarem.

Gary leu a ficha sobre James Hawkins, que há vinte anos tem vendido drogas em Tucson. Gary tem trinta e dois anos e lembra-se vagamente de Hawkins, um sujeito mais velho sobre quem as garotas costumavam cochichar. Após largar a escola secundária, Hawkins meteu-se em confusões em diversos estados. Oklahoma durante certo tempo, depois Tennessee, antes de regressar à sua cidade natal e ser mandado para a prisão sob acusações de agressão criminosa, que, juntamente com drogas, parece ser o seu ponto forte. Quando não conseguia safar-se de uma situação desfavorável, Hawkins investia contra os olhos do adversário, utilizando o pesado anel de prata que portava para ferir. Agia como se ninguém pudesse detê-lo, porém isso é mais ou menos o fim da carreira criminosa do sr. Hawkins. O colega de quarto do estudante de história identificou-o convictamente — das botas de pele de cobra ao anel de prata decorado com um cacto, uma cascavel e o vaqueiro que ele talvez se imaginasse ser —, e eles não são os únicos a terem reconhecido sua foto. Sete outros estudantes, que tiveram sorte bastante de não tomar as supostas drogas que lhe compraram, identificaram igualmente esse fracasso — e isso devia ter acabado aí, exceto que ninguém consegue encontrar Hawkins. Não conseguem também encontrar sua namorada, segundo dizem uma mulher bonita que parece ter sido garçonete em todos os restaurantes mais ou menos razoáveis da cidade. Verificaram os bares que Hawkins freqüentava e interrogaram todos os três pretensos amigos seus, e ninguém o viu desde o mês de junho, quando a universidade fechou.

Gary tem penetrado na vida de Hawkins, tentando imaginá-lo. Tem freqüentado o Pink Pony, que era o local preferido de Hawkins para se embriagar, e tem se sentado no pátio fronteiro da última casa que Hawkins alugou, motivo pelo qual Gary estava lá por acaso, quando a

carta chegou.

Estava sentado em uma cadeira de metal, com as compridas pernas estendidas a fim de poder apoiar os pés sobre a grade de metal branco do pátio, quando o carteiro se aproximou e deixou-lhe a carta cair no colo e reclamou a franquia devida, uma vez que o selo se desprendera em algum ponto do caminho.
A carta estava amarfanhada e rasgada em um canto e, se a aba já não tivesse sido aberta, Gary a teria simplesmente levado para o escritório. Mas é difícil resistir a uma carta aberta, mesmo para alguém como Gary, que tem resistido a muito em sua vida. Seus amigos sabem o bastante para não lhe oferecer uma cerveja, exatamente como sabem para não lhe perguntar a respeito da moça com quem foi casado, brevemente, logo depois da escola secundária. Estão dispostos a fazer isso porque sua amizade vale a pena. Sabem que Gary não os enganará nem os decepcionará — é assim que foi formado, é assim que seu avô o criou. Mas essa carta era outra coisa. Ela tentou-o e ele cedeu-lhe e, se fosse ser honesto, ainda não o lamentaria.
Em Tucson, o verão é quente de verdade e fazia 41,5° quando Gary sentou no pátio da casa que Hawkins alugou e leu a carta endereçada a Gillian Owens. A planta que crescia junto ao pátio por pouco não estava estalando com o calor, entretanto Gary simplesmente sentou ali e leu a carta que Sally escrevera à irmã e, quando terminou, leu-a de novo. Quando o calor da tarde enfim começou a moderar-se^ Gary tirou o chapéu e baixou as botas da grade de metal. E um homem pronto a correr riscos, mas tem a coragem de se afastar de probabilidades impossíveis. Sabe quando recuar e quando continuar tentando, mas nunca se sentira assim antes. Sentado naquele pátio ao crepúsculo purpúreo, passou longo tempo considerando as probabilidades.
Até Sonny morrer, Gary sempre partilhara uma casa com o avô, exceto durante seu breve casamento e os primeiros oito anos com os pais, de que não se lembra por pura força de vontade. Mas se lembra de tudo a respeito do avô. Sabia a que hora Sonny levantaria da cama pela manhã, e quando iria dormir, e o que comeria no café da manhã, que era invariavelmente biscoitos de trigo nos dias da semana e, aos domingos, panquecas, com melado e geleia. Gary tem estado próximo das pessoas e tem toda uma cidade repleta de amigos, mas nem uma vez achara que

conhecera alguém como achava que conhecia a mulher que escreveu essa carta. Era como se alguém lhe houvesse rasgado o alto da cabeça e surrupiado um pedaço da alma. Estava tão envolvido com as palavras que a mulher escrevera que qualquer pessoa, passando por ali, poderia tê-lo empurrado da cadeira com um dedo. Um abutre poderia ter pousado na travessa detrás da cadeira em que estava sentado, ter soltado um grito estridente bem no seu ouvido, e Gary não teria ouvido nenhum som.

Ele em seguida foi para casa e arrumou a maleta. Telefonou para informar a seu companheiro Arno, no escritório do procurador-geral, que achara uma ótima pista e estava indo no encalço da namorada de Hawkins, mas evidentemente essa não era toda a verdade. Não era na namorada de Hawkins que estava pensando, quando pediu ao filho de doze anos de seu vizinho mais próximo que passasse por lá, todas as manhãs, e colocasse um pouco de comida e água para os cachorros, depois levasse seus cavalos para a fazenda de Mitchells, onde ficariam com um punhado de cavalos árabes, muito mais bonitos do que eles, e talvez aprendessem uma ou duas lições.

Naquela noite Gary estava no aeroporto. Pegou o avião de 7:17 para Chicago e passou a noite com as suas compridas pernas dobradas sobre um banco em 0'Hare, onde tinha de fazer baldeação. No ar, leu mais duas vezes a carta de Sally e, novamente, enquanto almoçava ovos e salsicha em um restaurante construído em estilo de vagão-restaurante, em Elmhurst, Queens. Mesmo quando a coloca dobrada dentro do envelope e a enfia no fundo do bolso do paletó, a carta continua voltando-lhe à mente. Frases inteiras que Sally escreveu se formam no interior de sua cabeça e, por alguma razão, ele está repleto do mais estranho sentimento de aceitação, não por algo que tenha feito, mas pelo que talvez esteja prestes a fazer.

Em um posto de gasolina do Pedágio, Gary obteve orientação e uma lata de Coca-cola gelada. Apesar da volta errada perto do campo da ACM, conseguiu encontrar o endereço correto. Quando estaciona o carro alugado, Sally Owens está na cozinha. Ela está mexendo uma panela com molho de tomate no queimador de trás, quando Gary circunda o Honda na entrada de carro, dá uma boa olhada no Oldsmobile estacionado na frente e compara o número da placa de licença do Arizona com aquele nas suas fichas. Ela está despejando água fervente

e macarrão em uma peneira quando ele bate à porta.
— Espere — grita Sally à sua maneira prática, avessa a tolices, e o som de sua voz subjuga Gary. Ele poderia meter-se em dificuldades ali, isso é certo. Poderia estar penetrando em algo que não pode controlar.
Quando Sally escancara a porta, Gary fita-lhe os olhos e se vê confuso. Dá consigo em uma lagoa de luz cinzenta, afogando-se, afundando pela terceira vez, e não há uma maldita coisa que possa fazer a respeito. Certa vez, o avô disse-lhe que as bruxas capturam uma pessoa dessa maneira elas sabem o quanto os homens, na maioria, amam a si mesmos e como se deixarão ser profundamente atraídos, apenas por um relance de sua própria imagem. Se algum dia se vir frente a frente com uma mulher assim, disse-lhe o avô, vire-se e corra, e não se julgue um covarde. Se ela for no seu encalço, se tiver uma arma ou gritar loucamente o seu nome, agarre-a depressa pela garganta e sacuda-a. Mas, evidentemente, Gary não tem nenhuma intenção de fazer algo assim. Pretende continuar afogando-se, durante muito tempo.
O cabelo de Sally escapou do elástico. Ela está usando um short de Kylie e uma camiseta preta sem mangas de Antonia, cheira a molho de tomate e cebolas. Está aborrecida e impaciente, como fica todo verão, quando tem de fazer as malas para a viagem até a casa das tias. E bonita, sem dúvida, pelo menos na opinião de Gary Hallet. E exatamente como está estampada em sua carta, somente melhor e bem ali à sua frente. Só de olhá-la, Gary fica com um nó na garganta. Já está pensando nas coisas que poderiam fazer, se os dois estivessem a sós em um quarto. Se não tomar cuidado, poderia esquecer a razão por que está ali, para começar. Poderia cometer um erro muito estúpido.
— Em que posso ajudá-lo?
Esse homem que chegou à sua porta, usando botas de vaqueiro recobertas de poeira, é magro e alto, como um espantalho que adquiriu vida. Ela tem de inclinar a cabeça a fim de ver seu rosto de relance. Assim que percebe como ele a está olhando, ela dá dois passos para trás.
— O que deseja? — diz Sally.
— Sou do escritório do procurador-geral. Lá no Arizona. Acabei de chegar de avião. Tive de fazer baldeação em Chicago. — Gary sabe que tudo isso soa tremendamente estúpido, mas a maioria das coisas que diria nesse momento provavelmente soariam assim.

Gary não tem levado uma vida agradável, e isso se manifesta em seu rosto. Há rugas profundas, e é jovem demais para tê-las; há bastante solidão, plenamente evidente, para qualquer um ver. Não é o tipo de homem que oculta coisas e, nesse exato momento, não está ocultando seu interesse por Sally. Na realidade, Sally não consegue acreditar na maneira como ele a está olhando fixamente. Alguém teria mesmo a petulância de ficar parado no vão da sua porta e fitá-la assim?

— Acho que deve estar no endereço errado — diz-lhe ela.

Está parecendo atarantada, até para si mesma. E o quanto os olhos dele são escuros, esse é o problema. E como consegue fazer com que uma pessoa sinta que está sendo vista de dentro para fora.

— Sua carta chegou ontem — diz Gary, como se fosse a ele que ela de fato escrevera, em vez de à irmã, que, tanto quanto Gary pode afirmar pelo conselho que Sally lhe deu, não possui um cérebro na cabeça, ou, se o possui, não lhe presta muita atenção.

— Não sei do que está falando — diz Sally. — Nunca lhe escrevi. Sequer sei quem é.

— Gary Hallet — apresenta-se ele.

Ele remexe no bolso, à procura da carta, embora deteste ter de entregá-la. Se examinassem essa carta na perícia, encontrariam suas impressões digitais de ponta aponta. Ele dobrou-a e desdobrou-a mais vezes do que pode contar.

— Enviei-a pelo correio para a minha irmã, há séculos. — Sally olha para a carta, em seguida para ele. Tem a sensação esquisita de que talvez esteja sob a ameaça de algo maior do que pode resolver. — Você a abriu.

— Já estava aberta. Deve ter ficado perdida na agência postal.

Enquanto Sally está decidindo se o considera ou não um mentiroso, Gary pode sentir o coração sacudindo-se como um peixe dentro de seu peito. Ouviu falar sobre isso acontecer a outros homens. Em um minuto estão tratando de seus assuntos e, subitamente, não há esperança para eles. Apaixo-nam-se tão intensamente que nunca mais se levantam dos joelhos.

Gary sacode a cabeça, mas isso não aclara a questão. Tudo o que faz é com que ele veja dobrado. Momentaneamente, há duas Sallys à sua frente, e cada uma faz com que deseje que não estivesse ali em caráter oficial. Obriga-se a pensar no garoto da universidade. Pensa nas

contusões por todo o rosto do garoto e em como sua cabeça deve ter batido de encontro à armação de metal da cama e ao assoalho de madeira, enquanto ele se debatia em convulsões. Se há uma coisa neste mundo que Gary sabe positivamente, é que homens como Jimmy Hawkins nunca provocam lutas limpas.

— Saberia onde sua irmã pode estar?

— Minha irmã? — Sally estreita os olhos. Talvez esse seja apenas mais um coração que Gillian partiu, aparecendo para pedir misericórdia. Ela não teria tomado esse sujeito por tolo. Não teria imaginado que fosse o tipo da irmã. — Está procurando Gillian?

— Como eu disse, estou fazendo um trabalho para o escritório do procurador-geral. E uma investigação com um dos amigos de sua irmã.

Sally sente algo de errado em seus dedos das mãos e dos pés, que é bastante parecido com a beira do pânico.

— De onde você disse que é?

— Bem, originalmente, Bisbee — diz Gary —, mas há quase vinte e cinco anos estou em Tucson.

É pânico que Sally está sentindo, isso é certo, e está insinuando-se por sua espinha, espalhando-se pelas veias, movendo-se em direção aos órgãos vitais.

— Eu mais ou menos cresci em Tucson — está dizendo Gary. — Creio que se poderia dizer que sou chauvinista, porque estou convencido de que é o melhor lugar da terra.

— Sobre o que é a sua investigação? — interrompe Sally, antes que Gary possa falar mais sobre o seu amado Arizona.

— Bem, há um suspeito que estamos procurando. — Gary detesta fazer isso. Dessa vez, a satisfação que obtém de uma investigação de homicídio não lhe está ocorrendo. — Lamento informá-la disso, mas o carro dele está estacionado lá fora, na entrada da garagem.

Imediatamente, o sangue escoa-se da cabeça de Sally, deixando-a tonta. Ela encosta-se no vão da porta e tenta respirar. Está vendo manchas diante dos olhos e cada mancha é vermelha, quente como uma brasa. Aquele maldito Jimmy simplesmente não larga. Ele continua voltando e voltando, tentando arruinar a vida de alguém.

Gary Hallet curva-se em direção a Sally.

— Você está bem? — pergunta ele, apesar de saber, pela carta, que Sally é o tipo de mulher que não diria imediatamente, se algo estivesse

errado. Afinal de contas, ela levou quase dezoito anos para repreender a irmã.
— Vou sentar-me — diz Sally, negligentemente, como se não estivesse prestes a desfalecer.
Gary acompanha-a até a cozinha e observa, enquanto ela toma um copo de água fresca da torneira. E tão alto que tem de se curvar a fim de passar pelo vão da porta da cozinha e, quando senta, tem de esticar bem as pernas para que os joelhos se acomodem sob a mesa. O avô sempre dizia que ele tinha tendência a se preocupar demais, e essa afirmação se revelou verdadeira.
— Eu não pretendia perturbá-la — diz ele a Sally.
— Você não me perturbou.
Sally abana-se com a mão e, ainda assim, está corada. Graças a Deus as meninas estão fora de casa, ela tem isso a agradecer, pelo menos. Se elas forem arrastadas nisso, nunca perdoará Gillian e nunca perdoará a si mesma. Como algum dia pensaram que poderiam escapar impunes? Que idiotas, que mentecaptas, que tolas autodestrutivas.
— Não me perturbou nem um pouco.
É preciso tudo o que ela possui para manter o sangue-frio e olhar para Gary. Ele devolve-lhe o olhar, de modo que ela rapidamente baixa o seu para o chão. Quando se fitam olhos como os dele, tem-se de ser extremamente cautelosa. Sally toma mais água, ela continua a se abanar. Em uma situação difícil como essa, é melhor parecer normal. Sally sabe disso desde a infância. Não deixe escapar nada. Não permita que saibam como se sente no íntimo.
— Café? — oferece Sally. —Tenho um pouco que está quente.
— Sem dúvida — diz Gary. — Ótimo.
Ele tem de falar com a irmã e sabe disso, mas não precisa apressar-se. Talvez a irmã apenas tenha ido embora com o carro, mas é igualmente provável que saiba onde Hawkins está, e Gary pode esperar para lidar com isso.
— Está procurando um dos amigos de Gillian? — pergunta Sally. — Foi isso o que disse?
Ela tem uma voz tão doce. São as vogais da Nova Inglaterra que nunca perdeu inteiramente, é a maneira como franze a boca depois de cada palavra, como se provando exatamente a última sílaba.
— James Hawkins. — Gary inclina a cabeça, confirmando.

— Ah — diz Sally pensativamente, porque, se disser algo mais, ela gritará estridentemente, amaldiçoará Jimmy e a irmã e todos que algum dia viveram ou viajaram pelo estado do Arizona.
Ela serve o café, depois senta e começa a pensar em como, com todos os diabos, vai livrá-las disso. Já lavou a roupa para a viagem a Massachusetts. Abasteceu o carro de gasolina e mandou verificar o óleo. Tem de tirar as meninas dali, tem de imaginar uma história realmente boa. Algo a respeito de como compraram o Oldsmobile em leilão, ou como o encontraram abandonado em um ponto de parada, ou talvez tenha simplesmente sido deixado na entrada da garagem, no meio da noite.
Sally ergue os olhos, disposta a começar a mentir, e então vê que o homem à sua mesa está chorando. Gary é alto demais para ser tudo, menos desajeitado na maioria das situações, mas tem um modo gracioso de chorar. Simplesmente deixa que isso aconteça.
— O que há? — diz Sally. — Qual é o problema?
Gary sacode a cabeça. Sempre leva certo tempo até que consiga falar. Seu avô costumava dizer que conter as lágrimas faz com que elas se escoem para cima, cada vez mais para o alto, até que um dia a cabeça simplesmente explode e só lhe resta um coto de pescoço e nada mais. Gary tem chorado mais do que a maioria dos homens jamais chorará. Tem feito isso em rodeios e tribunais de justiça. Parou à beira da estrada e chorou à visão de um gavião que alguém abatera do céu, antes de ir buscar uma pá na parte traseira de seu caminhão, para poder enterrar a carcaça. Chorar na cozinha de uma mulher não o embaraça. Viu os olhos do avô encherem-se de lágrimas praticamente toda vez que fitava um belo cavalo ou uma mulher de cabelo escuro.
Gary enxuga os olhos com uma das suas grandes mãos.
— É o café — explica ele.
— Está tão ruim assim? — Sally toma um gole. E exatamente o seu mesmo, velho e habitual café, que ainda não matou ninguém.
— Ah, não — diz Gary. — O café está ótimo. — Seus olhos são escuros como as penas de um corvo. Ele possui a capacidade de cativar uma pessoa pela maneira como a olha e faz com que ela deseje que continue a olhar. — E o café em geral que faz isso comigo. Faz-me lembrar do meu avô, que morreu há dois anos. Ele era sem dúvida viciado em café. Tomava três xícaras antes de abrir os olhos pela manhã.

Algo está verdadeiramente errado com Sally. Ela pode sentir um aperto dentro da garganta, da barriga e do peito. Isso bem poderia ser como é um ataque cardíaco. Ao que lhe é dado supor, poderia terminar inconsciente no chão exatamente em segundos, seu sangue fervendo, o cérebro frito.
— Dá-me licença por um minuto? — diz Sally. — Voltarei imediatamente.
Ela corre escada acima até o quarto de Kylie e acende a luz. Era quase de manhã quando Gillian chegou, vindo da casa de Ben, onde metade de seus pertences se acham agora, ocupando a maior parte do espaço nos armários. Como nesse dia está de folga, ela planeja dormir o máximo possível, ir comprar sapatos, depois passar pela biblioteca, em busca de um livro sobre estrutura celular. Em vez disso, as persianas estão sendo escancaradas e o sol está derramando-se pelo quarto, em grossas listras amarelas. Gillian contorce-se sob a colcha. Se ficar bastante quieta, talvez isso desapareça.
— Acorde — Sally diz a Gillian e dá-lhe uma boa sacudidela. — Há uma pessoa aqui procurando por Jimmy.
Gillian senta-se tão depressa que bate a cabeça na coluna da cama.
— Ele tem uma porção de tatuagens? — pergunta ela, pensando na última pessoa a quem Jimmy tomou emprestado dinheiro demais, um camarada chamado Alex Devine, que se dizia ser uma forma excepcional de vida humana, capaz de existir sem coração.
— Quem dera — diz Sally.
As irmãs olham-se fixamente.
— Oh, Deus. — Gillian está agora sussurrando. — E a polícia, não é? Oh, meu Deus. — Ela estende a mão para o assoalho ; a fim de agarrar a pilha de roupas mais próxima.
— E um investigador do escritório do procurador-geral. Ele encontrou a última carta que lhe enviei e seguiu seu rasto até aqui.
— E isso que acontece quando se escreve uma carta. — Gillian está fora da cama, vestindo jeans e uma blusa de lã leve. — Quer comunicar-se? Use o maldito telefone.
— Ofereci-lhe café — diz Sally. — Ele está na cozinha.
— Não me importa em que cômodo ele está. — Gillian olha para a irmã. Às vezes Sally realmente não entende. Ela sem dúvida não parece compreender o que significa enterrar um corpo no seu quintal. — O que vamos dizer-lhe?

Sally aperta o peito e empalidece.
— Talvez eu esteja sofrendo um ataque cardíaco — anuncia ela.
— Ah, formidável. E tudo de que precisamos.
Gillian enfia um par de sandálias, em seguida se detém para apreciar a irmã. Sally pode estar com uma febre de 39,5°, antes que ela pense em se queixar. Pode passar a noite toda no banheiro, de joelhos devido a um vírus estomacal, e estar alegre à primeira claridade da manhã, na cozinha embaixo, já preparando uma salada de frutas ou waffles de blueberry.
— Você está tendo um acesso de pânico — decide Gillian. — Acabe com isso. Temos de ir convencer esse maldito investigador de que não sabemos de nada.
Gillian passa um pente pelo cabelo, em seguida se encaminha para a porta. Ela vira-se ao perceber que Sally não a está seguindo.
— Então? — diz Gillian.
— Aí é que está — retruca Sally. — Acho que não posso mentir a ele.
Gillian caminha diretamente para a irmã.
— Sim, você pode.
— Não sei. Talvez eu não seja capaz de sentar lá e simplesmente mentir. E a maneira como ele olha para você…
— Ouça-me. — A voz de Gillian é fina e aguda. — Nós iremos para a prisão, a não ser que você minta, portanto eu acho que será capaz de fazer isso. Quando falar com você, não olhe para ele. — Ela toma as mãos de Sally nas suas. — Ele fará algumas perguntas, depois voltará para o Arizona, e todo mundo ficará contente.
— Certo — diz Sally.
— Lembre-se. Não olhe para ele.
— Está bem. — Sally balança a cabeça. Ela acha que pode fazer isso, ou pelo menos pode tentar.
— Apenas siga o meu exemplo — diz-lhe Gillian.
As irmãs fazem o sinal-da-cruz sobre o coração, em seguida juram que estão nisso juntas, para sempre, até exatamente o fim completo. Apresentarão a Gary Hallet simples fatos, não falarão demais nem de menos. Quando têm a sua história formulada e descem ao andar de baixo, Gary terminou sua terceira xícara de café e memorizou cada objeto nas prateleiras da cozinha. Ao ouvir as mulheres na escada, ele enxuga os olhos com as costas da mão e empurra a xícara de café.

— Olá — diz Gillian.
Ela é perita nisso, com toda a certeza. Quando Gary se levanta para cumprimentá-la, ela estende a mão para que a aperte exatamente como se esse fosse um habitual e antigo evento social. Mas, quando o olha realmente, quando sente seu aperto na mão, Gillian fica nervosa. Não será fácil enganar esse camarada. Ele tem visto uma porção de coisas e ouvido uma porção de histórias, e é esperto. Ela pode afirmar isso só de olhá-lo. Talvez seja esperto demais.
— Fiquei sabendo que quer falar comigo sobre Jimmy — diz Gillian. Seu coração dá a impressão de ser grande demais para seu peito.
— Receio que sim. — Gary rapidamente forma uma opinião sobre Gillian: a tatuagem no pulso, a maneira como dá um passo atrás quando ele se dirige a ela, como se esperasse ser golpeada. — Você o viu recentemente?
— Eu fugi em junho. Peguei o carro dele, cheguei à estrada e, desde então, não tive notícias dele.
Gary balança a cabeça e toma algumas notas, mas as notas são simplesmente garatujas, somente palavras absurdas. Neve Ebúrnea , escreveu ele no alto da página. Carcaju. Torta de maçã. Dois mais dois igual a quatro. Querida. Está rabiscando qualquer coisa a fim de se mostrar concentrado em um assunto oficial. Assim, Sally e a irmã não poderão fitar-lhe os olhos e perceber que não acredita em Gillian. Ela não teria tido a coragem de partir com o carro do namorado, e Hawkins não se teria desfeito dele com tanta facilidade. De jeito nenhum.
Ele a teria alcançado antes que ela atingisse a fronteira estadual.
— Provavelmente uma jogada esperta — diz Gary.
Ele já fez isso antes, atenuar a dúvida para que não se filtre em sua voz. Enfia a mão no bolso do paletó, tira a folha corrida legal de Hawkins e a estende sobre a mesa, para que Gillian veja.
Gillian senta-se, a fim de olhar melhor.
— Puxa — diz ela.
A primeira prisão de Jimmy por drogas foi há tantos anos, que ele não poderia ter mais de quinze anos de idade. Gillian acompanha com o dedo uma lista de delitos que prossegue sem parar, as contravenções tornando-se mais violentas a cada ano, até se desviarem para crimes. Parece que eles estavam vivendo juntos, quando ele foi preso por sua última tentativa de agressão com agravante, e nunca se deu o trabalho

de mencionar isso. A menos que Gillian esteja equivocada, Jimmy disse-lhe que fora a Phoenix, a fim de ajudar seu primo a mudar alguns móveis, no dia de seu comparecimento ao tribunal.
Ela não consegue acreditar na idiota que foi durante todos esses anos. Soube mais a respeito de Ben Frye depois de duas horas, do que soube a respeito de Jimmy depois de quatro anos. Jimmy mostrava-se misterioso na época, com graves segredos que tinha de guardar. Agora, os fatos são evidentes. Era um ladrão e mentiroso, e ela cometeu a tolice de ficar imóvel por mais tempo do que se afiguraria humanamente possível.
— Eu não fazia idéia — diz Gillian. - Juro-lhe. Durante todo esse tempo, nunca lhe fiz perguntas a respeito de onde ia e o que fazia. — Seus olhos parecem quentes e, quando ela pisca, não adianta nada. — Não que isso seja justificativa.
— Não tem de apresentar justificativa por quem você ama — diz Gary. — Não se desculpe.
Gillian terá de prestar ainda mais atenção a esse investigador. Ele tem um modo particular de observar coisas que pega a pessoa de supetão. Ora, antes dele apresentar a idéia de que o amor era inculpável, Gillian nem uma vez se deteve para considerar que talvez não fosse responsável por tudo o que fora malsucedido. Ela olha de relance para avaliar a reação de Sally, mas Sally está fitapdo Gary fixamente e tem uma estranha expressão no rosto. E uma expressão que preocupa Gillian, porque é totalmente diferente de Sally. Parada ali, de costas para a geladeira, Sally parece excessivamente vulnerável. Onde está sua couraça, onde está sua vigilância, onde está a lógica que pode recompor tudo de novo?
— O motivo por que estou procurando o sr. Hawkins — explica Gary a Gillian — é que ele parece ter vendido uma substância vegetal venenosa a vários estudantes da faculdade e que foi a causa de três mortes. Ele ofereceu-lhes LSD, depois forneceu-lhes sementes de algumas ervas altamente alucinógenas, altamente tóxicas.
— Três mortes.
Gillian sacode a cabeça. Jimmy disse-lhe que haviam sido duas. Disse-lhe que não foi culpa sua. Os garotos eram gananciosos e estúpidos, e tentaram roubar-lhe o dinheiro que lhe era justamente devido. “Malditos pirralhos mimados”, foi como os havia chamado. “Bebês de faculdade.”

Ele podia mentir a respeito de qualquer coisa, como se fosse um passatempo. Gillian sente-se nauseada ao pensar em como, automaticamente, acreditava em Jimmy e tomava o seu partido. Aqueles garotos deviam ter estado procurando encrenca. Lembra-se de ter pensado isso.

— Isso é horrível — diz ela a Gary Hallet, sobre as mortes na universidade. — E espantoso.

— O seu amigo foi identificado por diversas testemunhas, mas está desaparecido.

Gillian está prestando atenção a Gary, mas também está pensando em como as coisas costumavam ser. Agosto em Tucson pode fazer o chão do deserto subir a 51°. Em uma semana escaldante, pouco depois de se conhecerem, ela e Jimmy nem mesmo saíam de casa — simplesmente ligavam o ar-condicionado, tomavam cerveja gelada e fodiam todas as vezes em que Jimmy podia pensar nisso, o que geralmente tinha a ver com sua satisfação imediata.

— Não o chamemos de meü amigo — diz Gillian.

— Muito bem — concorda Gary. — Mas gostaríamos de apanhá-lo, antes que venda mais desse lixo. Não queremos que isso aconteça de novo.

Gary fita Gillian com seus olhos escuros, o que dificulta desviar o olhar ou arranjar uma história parcialmente passá-vel. Talvez essa garota soubesse a respeito de os meninos da faculdade morrerem, e talvez não, mas sem dúvida sabia de algo. Gary vê isso dentro dela — pode afirmá-lo pelo modo como olha fixamente para o chão. Em sua expressão há culpabilidade, mas isso poderia ser somente porque foi para ela que James Hawkins voltou na noite em que o estudante de história entrou em convulsões. Talvez seja porque acabara de compreender com quem esteve fodendo durante todo esse tempo, e a quem chamava de querido.

Gary está esperando que Gillian se manifeste de algum modo, mas é Sally que não consegue manter a boca fechada. Ela vem tentando, vem dizendo a si mesma para não falar, para continuar seguindo o exemplo de Gillian, mas não consegue fazê-lo. Poderia ser que fosse compelida a falar por querer a atenção de Gary Hallet? Poderia ser que desejasse sentir exatamente como se sente, quando ele se volta para ela?

— Isso não acontecerá de novo — diz-lhe Sally.

Gary olha-a de frente.
— Parece ter bastante certeza disso.
Mas, evidentemente, ele sabe pela sua carta como ela pode ser segura de si mesma. Alguma coisa não esta certa aí , escreveu ela a Gillian. Deixe-o. Arranje o seu lugar , uma casa que seja só sua. Ou simplesmente venha para casa. Venha para casa imediatamente.
— Ela quer dizer que Jimmy nunca voltará para Tucson — Gillian apressa-se a dizen — Acredite em mim, se está no seu encalço, ele sabe disso. E estúpido, mas não é um idiota. Não vai continuar a vender drogas na mesma cidade, onde sua freguesia esteve morrendo.
Gary tira o seu cartão e o entrega a Gillian.
— Não quero amedrontá-la, mas estamos lidando com uma pessoa perigosa. Agradeceria se me telefonasse, caso ele tente entrar em contato com você.
— Ele não entrará em contato com ela — diz Sally.
Ela nao consegue manter a boca fechada. E absolutamente impossível. O que há com ela? E o que o olhar feroz de Gillian está perguntando, e é o que Sally está perguntando a si mesma. E apenas que esse investigador fica com uma expressão tão preocupada, quando se concentra em algo. E um homem interessado, ela percebe isso. E o tipo de homem que a gente nunca quereria perder, depois de finalmente o ter encontrado.
— Jimmy sabe que terminamos — declara Gillian. Ela vai servir-se de uma xícara de café e, enquanto está ocupada com isso, crava um cotovelo nas costelas de Sally. — O que há com você? — sussurra ela.
— Quer apenas ficar calada? — Ela vira-se de novo para Gary. — Deixei absolutamente claro para Jimmy que nosso relacionamento estava acabado. E por isso que ele não entrará em contato comigo. Somos coisa do passado.
— Terei de mandar apreender o carro — diz Gary.
— Naturalmente —- diz Gillian, afavelmente. Se elas tiverem sorte, esse camarada irá embora dentro de dois minutos. — Siga adiante, sem hesitação.
Gary levanta-se e passa as mãos pelo cabelo escuro. Espera-se que vá agora. Ele sabe disso. Mas está relutante. Quer continuar fitando os olhos de Sally e afogar-se mil vezes por dia. Em vez disso, leva a sua xícara de café para a pia.

— Não precisa incomodar-se com isso — diz-lhe Gillian cordialmente, desesperada para se livrar dele.
Sally sorri, ao ver como ele pousa a xícara e a colher tão cuidadosamente.
— Se algo por acaso surgir, estarei na cidade até amanhã de manhã.
— Não acontecerá nada — garante-lhe Gillian. — Confie em mim.
Gary pega o caderno de notas que mantém para se lembrar de pormenores e abre-o com um movimento do polegar.
— Estarei no Motel Hide-A-Way. — Ele ergue a cabeça e vê apenas os olhos cinzentos de Sally. — Na recepção da locadora de carros, alguém o recomendou.
Sally conhece o local, uma espelunca no lado oposto do Pedágio, perto de um quiosque de legumes e de uma lanchonete de frango frito, conhecida por suas excelentes rodelas de cebola. Pouco lhe importa se está hospedado em um motel nojento como aquele. Não liga a mínima que ele esteja partindo amanhã. Aliás, ela também estará partindo. Ela e as filhas estarão fora dali em um abrir e fechar de olhos. Se acordarem cedo e não pararem a fim de tomar café, podem chegar a Massachusetts por volta do meio-dia. Podem estar abrindo as cortinas nos cômodos escuros das tias, para deixar entrar um pouco de sol, logo depois do almoço.
— Obrigado pelo café — diz Gary. Ele avista o cacto semimorto no ressalto da janela. — Esse decididamente não é representativo da espécie. Está em mau estado, posso garantir-lhes isso.
No inverno anterior, Ed Borelli, no Natal, deu um cacto a cada uma das secretárias da escola secundária. — Coloquem-no no peitoril da janela e esqueçam-no — aconselhara Sally, quando se fizeram ouvir reclamações a respeito de quem iria querer tal coisa e, quanto ao mais, jogue-se um pouco de água em seu pires de vez em quando, que é exatamente o que ela própria tem feito. Mas Gary está prestando bastante atenção ao cacto. Está com uma expressão preocupada, remexendo algo enfiado entre o pires em que o cacto assenta e o vaso. Quando se volta para encarar Sally e Gillian, parece tão magoado que o primeiro pensamento de Sally é que ele espetou o dedo.
— Maldito seja — sussurra Gillian.
E o anel de prata de Jimmy que Gary está segurando, e é isso que lhe está causando tamanha mágoa. Elas vão mentir-lhe e ele sabe disso.

Vão dizer-lhe que nunca viram esse anel antes, ou que o compraram em um antiquário, ou que deve ter caído do alto do céu.
— Bonito anel — diz Gary. — Realmente incomum.
Nem Sally nem Gillian podem imaginar como isso possa ser possível. Sabem com toda a certeza que esse anel estava no dedo de Jimmy, está enterrado lá atrás e, no entanto, está na mão do investigador. E ele está agora olhando para Sally, está esperando uma explicação. Por que não deveria estar? Ele leu uma descrição desse anel em três depoimentos: uma cascavel em um de seus lados, ele lembra-se disso. Uma cobra enroscada, que é exatamente o que pegou agora.
Sally sente novamente aquela coisa de ataque cardíaco. E algo errado no centro do seu peito, como um atiçador de brasas incandescente, como um pedaço de vidro, e não há nada que possa fazer quanto a isso. Não poderia mentir a esse homem se a sua vida dependesse disso — e depende — e essa é a razão por que não diz uma palavra.
— Ora, vejam isso. — Gillian é toda espanto e açúcar. E-lhe tão fácil fazer isso, não precisa sequer pensar duas vezes. — Essa coisa velha provavelmente esteve aí durante um milhão de anos.
Sally ainda não está falando, mas está apoiando todo o seu peso contra a geladeira, como se necessitasse de ajuda para ficar de pé.
— E mesmo? — diz Gary, ainda se afogando.
— Deixe-me dar uma olhada. — Gillian vai direto até ele, tira-lhe o anel das mãos e examina-o como se nunca o tivesse visto antes. — O máximo — diz ela, devolvendo-o. — Você devia provavelmente guardá-lo. — Esse é um desempenho tão bom, que está verdadeiramente orgulhosa de si mesma. — E excessivamente grande para qualquer de nós duas.
— Ora, ótimo. — A cabeça de Gary está martelando. Foda-se. Foda-se tudo. — Obrigado.
Enquanto enfia o anel no bolso, ele está pensando que a irmã de Sally é efetivamente perita nisso. Provavelmente está bem a par do paradeiro de James Hawkins, nesse exato segundo. Sally, entretanto, é outra história. Talvez não saiba nada, talvez nunca tenha visto esse anel antes. A irmã poderia tê-la enganado completamente, poderia estar passando dinheiro, alimentos, bens de família a Hawkins, enquanto ele assiste à televisão em algum apartamento de subsolo no Brooklin, esperando que cesse a perseguição policial.

Mas Sally não está olhando para ele, esse é o problema. Seu bonito rosto está desviado, porque ela sabe de algo. Gary já viu isso antes, incontáveis vezes. Pessoas que são culpadas de alguma coisa pensam que podem escondê-lo ao não fitá-lo nos olhos. Supõem que ele pode adivinhar sua vergonha, que pode enxergar através de seus olhos até sua própria alma e, de certo modo, têm razão.

— Creio que terminamos — diz Gary. — A menos que haja algo de que subitamente se lembraram que devo saber.

Nada. Gillian sorri largamente e encolhe os ombros. Sally engole, com força. Gary pode praticamente sentir o quanto sua garganta está seca, como a pulsação na base de seu pescoço está latejando. Ele não está seguro de até onde iria para encobrir alguém. Nunca esteve nessa situação antes e não gosta da sensação, no entanto ali está, parado na cozinha de uma estranha em Nova York, em um úmido dia de verão, de fato se perguntando se poderia olhar para o outro lado. E, em seguida, pensa no avô caminhando até o tribunal para reclamá-lo legalmente, em um dia que fazia 44,5° à sombra. O ar começou a crepitar, o algarobo e a barrilheira espinhosa rebentaram em chamas, mas Sonny Hallet se lembrara de levar consigo uma garrafa com água fresca da fonte e não estava sequer cansado ao entrar no tribunal. Se você vai de encontro àquilo em que acredita, você afinal de contas é agnóstico, portanto bem poderia manter-se firme. Gary voará para casa amanhã e passará esse caso a Arno. Não pode ao menos fazer de conta que terminará bem: que Hawkins se entregará e se comprovará que Sally e a irmã são inocentes quanto a ajudar um suspeito de assassinato, e o próprio Gary começará a escrever a Sally. Se o fizesse, talvez ela não conseguisse jogar fora suas cartas. Teria de ler cada uma repetidamente, exatamente como ele fez quando a sua carta foi entregue e, antes que o soubesse, estaria perdida, como ele parece estar nesse preciso momento.

Já que ngda disso vai acontecer, Gary balança a cabeça e se dirige para a porta. Ele sempre sabe quando se retirar e quando ficar à beira da estrada, e simplesmente esperar pelo que em seguida vai acontecer. Certa tarde, viu um puma porque resolveu sentar-se no pára-choque do seu caminhão e beber um pouco de água, antes de trocar um pneu estourado. O puma veio caminhando compassada e silenciosamente em direção ao asfalto, como se fosse dono da estrada e de tudo o mais, e olhou bem para Gary, que nunca antes ficara grato por um pneu vazio.

— Mandarei pegar o Oldsmobile ate sexta-feira — diz Gary, mas não olha para trás de si até estar na varanda.
Ele não sabe que Sally poderia facilmente tê-lo seguido, se a irmã não a beliscasse e lhe sussurrasse para permanecer onde estava. Ele não sabe o quanto essa coisa dentro do peito de Sally lhe dói, mas é o que acontece quando se é uma mentirosa, sobretudo quando se está dizendo a pior das mentiras a si mesma.
— Muitíssimo obrigada — diz Gillian em voz alta e, no momento em que Gary se volta para olhar atrás de si, não há nada a ver, exceto a porta trancada.
No que diz respeito a Gillian, tudo está terminado e liquidado.
— Ora, aleluia — diz ela, quando volta à cozinha. — Livramo-nos dele.
Sally já está cuidando do macarrão para a lasanha, que ficou solidificando-se na peneira. Tenta removê-lo com uma colher de pau, porém é tarde demais, está grudado. Ela despeja toda a coisa no lixo e, em seguida, começa a chorar.
— Qual é o problema? — pergunta Gillian.
São ocasiões como essa que induzem pessoas absolutamente racionais a dizer que diabo e a acender um cigarro. Gillian revista a gaveta de coisas fora de uso, esperando achar um maço velho, mas o melhor que arranja é uma caixa de fósforos de madeira.
— Livramo-nos dele, não foi? Mostramo-nos totalmente inocentes. Apesar daquele maldito anel. Confesso que aquela coisa me apavorou. Foi como encarar o diabo bem nos olhos. Mas, querida, seja como for, enganamos aquele investigador e fizemos um bom trabalho.
— Oh! — exclama Sally, completamente desgostosa. — Oh — grita ela.
— Ora, nós conseguimos! Saímo-nos bem e devíamos estar orgulhosas de nós mesmas.
— Por mentir? — Sally limpa os olhos e o nariz gotejantes. Sua face está vermelha, ela está fungando loucamente e nao consegue livrar-se dessa horrível sensação, no preciso centro do peito.— E disso que acha que devemos orgulhar-nos?
— Ei. — Gillian dá de ombros. — A gente fez o que tinha de fazer. — Ela espia no lixo o macarrão. — Agora, o que vamos fazer para o jantar?
E então que Sally joga a peneira para o outro lado da cozinha.
— Você não está bem — diz Gillian. — E melhor ligar para o seu clínico, ou o seu ginecologista, ou alguém, e conseguir um tranqüilizante.

— Não vou fazer isso.
Sally agarra a panela com molho de tomate, a que acrescentara cebolas, cogumelos e pimentão-doce, e despeja-a na
pia< ,
— Ótimo. —■ Gillian está disposta a concordar com qualquer plano razoável. — Você não precisa cozinhar. Vamos pedir uma comida pronta.
— Não me refiro ao jantar. — Sally agarrou as chaves do carro e sua carteira. — Estou falando a respeito da verdade.
— Está fora do seu juízo perfeito? — Gillian vai atrás de Sally e, quando ela continua a se encaminhar para a porta, Gillian procura segurar o seu braço.
— Não ouse beliscar-me — adverte-a Sally.
Sally sai para a varanda, mas Gillian está ainda logo atrás. Ela segue Sally pela entrada de carro.
— Você não vai procurar aquele investigador. Não pode falar com ele.
— Ele sabe de qualquer jeito — diz Sally. — Não pôde perceber? Não pôde ver pela maneira como ele nos olhava?
Só de pensar no desolado rosto de Gary e em toda a preocupação que estava ali faz com que seu peito pareça ainda pior.
Ela vai se ver sofrendo um ataque, ou angina, ou algo antes que esse dia termine.
— Você não pode ir atrás daquele camarada — diz Gillian a Sally. Não há um traço de contemporização em seu tom. — Nós duas iremos parar na prisão, se o fizer. Não sei o que a faria sequer cogitar isso.
— Já decidi — diz Sally.
— A fazer o quê? Ir ao seu motel? Ajoelhar-se e pedir clemência?
— Se eu tiver de fazê-lo. Sim.
— Você não vai.
Sally olha para a irmã, refletindo. Em seguida, abre a porta do carro.
— De jeito nenhum — afirma Gillian. — Você não vai procurá-lo.
— Está me ameaçando?
— Talvez esteja. — Ela não vai deixar a irmã ferrar o seu futuro só porque Sally se sente culpada por algo que nem mesmo fez.
— Ah, é mesmo? — diz Sally. — Como exatamente planeja atingir-me? Acha que conseguiria mesmo arruinar a minha vida ainda mais do que já arruinou?

Magoada, Gillian dá um passo atrás.
— Tente compreender — diz Sally. — Tenho de endireitar isso. Não posso viver assim.
Foi prevista uma tempestade e o vento está começando a soprar. Fios do negro cabelo de Sally agitam-se por sobre o seu rosto. Seus olhos estão luminosos e muito mais escuros do que de costume, a boca está vermelha como uma rosa. Gillian nunca viu a irmã tão desgrenhada, tão diferente de seu costumeiro modo de ser. Nesse momento, Sally parece ser alguém que se precipitaria de ponta-cabeça em um rio, quando ainda não aprendeu a nadar. Ela saltaria dos galhos da árvore mais alta, convencida de que tudo de que necessitaria para um pouso seguro seriam seus braços estendidos e um xale de seda, para se enfunar e reter o ar, enquanto caía.
— Talvez devesse esperar. — Gillian está empregando a sua voz mais doce, a que a livrou de multas por excesso de velocidade e de casos desagradáveis. — Podemos discutir isso. Podemos decidir juntas.
Mas Sally tomou a sua decisão. Ela recusa-se a ouvir. Entra no carro e, a não ser pular atrás do Honda para bloqueá-lo, Gillian não pode fazer nada e fica parada e observa, enquanto Sally se afasta. Ela observa durante um longo tempo, longo demais, porque, no final, tudo o que Gillian está observando é a rua vazia, e já viu isso antes. Tem visto isso com excessiva frequência.
Há muito a perder quando se tem algo, quando se é tolo o bastante para se permitir preocupar-se. Ora, Gillian foi fazer isso ao se apaixonar por Ben Frye e, agora, seu destino está fora do seu controle. Está sendo carregado adiante, sentado, coagido naquele Honda com Sally, e tudo o que Gillian pode fazer é fingir que nada está errado. Quando as meninas chegam em casa, ela diz que Sally saiu para fazer algumas coisas e encomenda os pratos a um restaurante chinês no Pedágio, em seguida telefona a Ben e lhe pede para pegar o jantar, quando estiver a caminho de lá.
— Pensei que íamos comer lasanha — diz Kylie, enquanto ela e Gideon põem a mesa.
— Bem, não vamos — informa-a Gillian. — E você não pode usar pratos e copos de papel, para não termos de fazer confusão lavando louça?
Quando Ben chega com o jantar, Kylie e Antonia sugerem que eles esperem pela mãe, mas Gillian não quer ouvir falar nisso. Ela começa a

servir camarão com castanha-de-caju e arroz com carne de porco frita, o tipo de alimentação carnívora que Sally nunca permitiria à sua mesa. A comida é boa, mas de qualquer modo é um jantar horrível. Todos estão mal-humorados. Antonia e Kylie estão preocupadas, porque a mãe nunca se atrasa, sobretudo em uma noite em que resta fazer as malas, e ambas se sentem culpadas comendo camarão e carne de porco à sua mesa. Gideon não está facilitando as coisas. Ele está exercitando o seu arroto, o que enlouquece a todos, exceto Kylie. Scott Morrison é o pior, taciturno ao máximo, à perspectiva de uma semana sem Antonia. “Qual é a finalidade?”, é a sua resposta a praticamente tudo nessa noite, inclusive “Gostaria de um enroladinho de ovo?” e “Quer soda laranja ou Pepsi?”. Por fim, Antonia desata a chorar e corre da sala, quando Scott responde à pergunta sobre se escreverá ou não, enquanto ela estiver fora com a mesma velha “Qual é a finalidade?”. Kylie e Gideon têm de interceder por Scott através da porta fechada do quarto de Antonia e, exatamente quando Scott e Antonia fizeram as pazes e estão beijando-se no corredor, Gillian decide dar-se por vencida.

A essa altura, Sally provavelmente deu com a língua nos dentes para aquele investigador. Ao que é dado a Gillian supor, Gary Hallet foi até o minimercado do Pedágio, que fica aberto até tarde da noite, e alugou um gravador de fita a fim de poder obter sua confissão nas suas próprias palavras. Em um beco sem saída, Gillian tem uma grande enxaqueca, que Tylenol está longe de vencer. Todas as vozes soam como unhas sobre quadro-negro, e ela não tem absolutamente nenhuma tolerância, mesmo para o menor fragmento de felicidade ou. alegria. Não consegue suportar ver Antonia e Scott beijando-se, ou ouvir Gideon e Kylie implicando um com o outro. Durante toda a noite tem evitado Ben, porque para ela a filosofia de Scott Morrison permanece verdadeira: Qual é a finalidade? Tudo está prestes a se perder e ela não pode impedi-lo. Poderia desistir e dar tudo por encerrado. Poderia telefonar pedindo um táxi e sair pela janela, com seus pertences mais importantes jogados dentro de uma fronha. Sabe com toda a certeza que Kylie tem bastante dinheiro economizado e, se Gillian pegasse um pouco emprestado, poderia comprar uma passagem de ônibus até o meio do país. O único problema é que não pode mais fazer isso. Tem agora outras considerações. Tem, para melhor ou para pior, Ben Frye.

— É hora de todo mundo ir para casa — anuncia Gillian.

Scott e Gideon são despachados com promessas de telefonemas e cartões-postais (para Scott) e caixas de puxa-puxa (para Gideon). Antonia chora um pouco, enquanto observa Scott entrar no carro da mãe. Kylie mostra a língua a Gideon, quando ele faz continência, e ri, quando ele começa a correr pela noite úmida, desajeitado com suas botinas do exército, acordando os esquilos que fazem ninhos nas árvores. Uma vez livre desses rapazes, Gillian volta-se para Ben.

— O mesmo vale para você — diz ela.

Ela está jogando pratos de papel no lixo a uma velocidade vertiginosa. Já colocou os talheres e copos sujos de molho em água com sabão, o que é tão contrário ao seu costumeiro eu desleixado, que Ben está começando a ficar desconfiado.

— Arranque-se — diz ela a Ben. Detesta quando ele a olha dessa maneira, como se a conhecesse melhor do que ela conhecia a si mesma. — Essas meninas têm de terminar de fazer as malas e estar na estrada às sete da manhã.

— Alguma coisa está errada — diz Ben.

— De jeito nenhum. — O ritmo do pulso de Gillian deve estar a uns consideráveis duzentos. — Nada está errado.

Gillian vira-se para a pia e dedica sua atenção aos talheres de molho, mas Ben coloca as mãos em sua cintura e encosta-se a ela. Ele não se deixa convencer facilmente, e sabe o Senhor como é teimoso quando quer algo.

— Deixe disso — diz Gillian, mas suas mãos estão ensaboadas e molhadas, e ela tem dificuldade em empurrá-lo.

Quando Ben a beija, ela permite. Se a está beijando, não pode fazer perguntas. Não que tivesse algum proveito tentar explicar como era a sua vida. Ele não compreenderia e talvez seja essa a razão por que está apaixonada por ele. Ele não poderia imaginar algumas das coisas que ela tem feito. E, quando está com ele, ela também não pode.

Lá fora, no quintal, o crepúsculo está lançando sombras purpúreas. O anoitecer tornou-se ainda mais nublado, e os pássaros pararam de cantar. Gillian devia estar prestando atenção aos beijos de Ben, já que podem ser os últimos que trocam, mas em vez disso está olhando pela janela da cozinha. Está pensando em como Sally talvez esteja contando ao investigador o que há em seu jardim, lá no fundo, onde ninguém vai mais, e é isso que está olhando enquanto Ben a beija. E por isso que,

por fim, avista a sebe de espinhos. Durante todo o tempo em que ninguém estava observando, esteve vicejando. Desde essa manhã, cresceu mais de meio metro e, nutrida pelo rancor, ainda está crescendo, espiralando-se para o céu noturno.

Gillian afasta-se abruptamente de Ben.

— Você precisa ir — diz-lhe ela. — Já.

Ela beija-o intensamente e compromete-se com todos os tipos de coisas, promessas de amor de que nem se lembrará até a próxima vez em que eles estiverem na cama e ele a fizer lembrar. Ela trabalha com afinco e, enfim, vence.

— Tem certeza disso? — diz Ben, confuso pela maneira como ela oscila, porém mesmo assim querendo mais. — Você podia passar a noite na minha casa.

— Amanhã — jura Gillian. — E na noite seguinte e na outra noite.

Quando enfim Ben sai, quando ela o acompanhou pela janela da frente para se certificar de que ele realmente se foi, Gillian vai ao quintal e fica parada imóvel sob o céu sombrio. E a hora em que os grilos começam a entoar um aviso, seu canto acelerado pela umidade da tempestade que se aproxima. No fundo do quintal, a sebe de espinhos é emaranhada e densa. Gillian chega mais perto e vê que dois vespeiros pendem dos galhos. Um constante zumbido ressoa, como um aviso lançado ou uma ameaça. Como é possível que essas sarças tenham crescido despercebidas? Como elas puderam permitir que isso acontecesse? Acreditaram que ele se fora, desejaram que assim fosse, mas alguns erros voltam, para perseguir uma pessoa repetidamente, não importa o quanto ela tenha certeza de que eles finalmente foram colocados em sossego.

Enquanto ela fica ali, começa um fino chuvisco e é isso que faz Kylie ir à sua procura, o fato de que a tia está parada lá fora sozinha, molhando-se sem parecer notar.

— Ah, não — diz Kylie, ao ver a que altura a sebe de espinhos cresceu, desde que ela e Gideon jogaram xadrez no gramado.

— Nós simplesmente a cortaremos de novo — diz Gillian. — E o que faremos.

Mas Kylie sacode a cabeça. Nenhuma tesoura poderia atravessar esses espinhos, nem mesmo um machado serviria.

— Eu queria que a mamãe viesse para casa — diz Kylie.

A roupa foi deixada no varal e, se permanecer do lado de fora, ficará encharcada, mas esse não é o único problema. A sebe de espinhos está desprendendo algo nauseante, uma névoa que mal se pode ver, e as bainhas de todas as blusas e saias ficaram manchadas e descoradas. Kylie talvez seja a única que consegue enxergar isso, mas toda nódoa na roupa limpa é profunda e escura. Ela então compreende que é por isso que não tem conseguido imaginar as férias, por que tudo tem sido um claro dentro de sua cabeça.

— Não iremos à casa das tias — diz ela.

Os galhos da sebe são negros, mas qualquer pessoa que olhar atentamente verá que os espinhos são vermelhos como sangue.

Quando Antonia escancara a porta dos fundos, poças estão formando-se no pátio.

— Vocês aí são loucas? — grita ela.

Quando Gillian e Kylie não respondem, ela pega um guarda-chuva preto no cabideiro e corre para fora, a fim de se juntar a elas.

Foi prevista para o fim do dia seguinte uma tempestade com ventos de força aproximada à do furacão. Outras pessoas da vizinhança ouviram a notícia e saíram para comprar rolos de fita adesiva. Quando o vento surgir para chocalhar sua janelas, o vidro se conservará unido com pedaços de fita em forma de x. E a casa das Owens que se acha em perigo de ser arrancada de suas fundações.

— Excelente maneira de começar as férias — diz Antonia.

— Nós não iremos — diz-lhe Kylie.

— Claro que iremos — insiste Antonia. — Já fiz a mala.

Em sua opinião, essa noite está verdadeiramente horripilante. Não faz sentido ficar parada ali no escuro. Antonia tem calafrios e examina o céu nublado, mas não desvia o olhar por tempo suficiente para deixar de ver que a tia segurou o braço de Kylie. Gillian agarra-se firmemente a Kylie. Se ousasse soltar, talvez não conseguisse ficar de pé por conta própria. Antonia olha para o fundo do quintal e, então, compreende. Há alguma coisa sob aqueles horríveis arbustos espinhosos.

— O que é? — pergunta Antonia.

Kylie e Gillian estão respirando um pouco rápido demais. O medo está provindo delas em ondas. É possível sentir o cheiro de um medo assim. É um pouco como fumaça e cinzas, como carne que se aproximou demais de um fogo.

— O quê? — diz Antonia.
Assim que ela dá um passo em direção aos arbustos, Kylie puxa-a para trás. Antonia aperta os olhos a fim de enxergar em meio às sombras. Em seguida, ri.
— E apenas uma bota. E só isso.
E de pele de cobra, uma de um par que custou quase trezentos dólares. Jimmy jamais iria a Western Warehouse, ou a qualquer lugar assim. Ele gostava mais de lojas caras, sempre preferia artigos que eram exclusivos.
— Não vá até lá! — diz Gillian, quando Antonia começa a ir buscar a bota.
A chuva está agora caindo com força. Há uma cortina de pingos, cinzenta como um cobertor de lágrimas. No local onde elas o sepultaram, a terra mostra-se porosa. Se se enfiasse a mão, talvez se conseguisse arrancar um osso. Talvez se fosse arrastado para baixo, se não se tivesse cuidado, profundamente para dentro da lama, e se lutaria e se tentaria tomar fôlego, mas isso não teria a menor utilidade.
— Alguma de vocês encontrou um anel aqui atrás? — pergunta Gillian.
Ambas as meninas estão então tremendo, e o céu está negro. Pensar-se-ia que era meia-noite. Pensar-se-ia que era impossível que o firmamento houvesse algum dia sido azul, como tinta ou ovos de tordo, como as fitas que as meninas entrelaçam no cabelo, para dar sorte.
— Um sapo levou um para dentro de casa — diz Kylie. — Esquecime completamente disso.
— Era dele. — A voz de Gillian nem mesmo parece sua. Essa voz é muito abafada e triste e excessivamente distante. — De Jimmy.
— Quem é Jimmy? — pergunta Antonia. Quando ninguém lhe responde, ela olha para a sebe de espinhos e, em seguida, entende. — Ele está lá rios fundos. — Antonia encosta-se na irmã.
Se a tempestade for tão forte como os meteorologistas previram e o quintal inundar, e aí? Gillian, Kylie e Antonia estão inteiramente ensopadas. O guarda-chuva que Antonia segura no alto não pode protegê-las. O cabelo está colado em suas cabeças, suas roupas terão de ser torcidas no chuveiro.
O chão próximo aos arbustos de espinhos parece formar reentrâncias, como se já estivesse afundado sobre si mesmo ou, pior, afundando sobre Jimmy. Se ele subir à superfície, como o seu anel de prata, como

um horrendo e repulsivo peixe, será excessivo para elas.
— Eu quero a minha mãe — diz Antonia, com uma voz muito baixa.
Quando elas finalmente se viram e correm para a casa, o gramado chia sob seus pés. Correm ainda mais depressa, correm como se seus pesadelos estivessem logo atrás delas na grama. Assim que estão do lado de dentro, Gillian tranca a porta, em seguida arrasta uma cadeira e coloca-a sob a maçaneta.
Aquela escura noite de junho, em que Gillian estacionou o carro na entrada, sob um círculo de luz, bem poderia ter sido há cem anos. Ela não é a mesma pessoa que era quando chegou. Aquela mulher que caminhou na ponta dos pés até a porta da frente, com aquele tipo de premência que só o desespero pode conceder, já teria enchido o tanque do carro e partido. Ela nunca teria ficado por ali, para saber o que esse investigador de Tucson faria com tudo o que Sally lhe contou. Não teria permanecido nas cercanias e não teria deixado para trás um bilhete para Ben Frye, ainda que se importasse com ele como se importa nessa noite. A essa altura, estaria a meio caminho da Pensilvânia, com o rádio ligado, alto, e um tanque cheio de gasolina. Não se daria o trabalho de olhar pelo espelho retrovisor, nem por um minuto, nem uma vez. E essa é a diferença, é simples e é óbvia: a pessoa que agora está ali não vai a nenhum lugar, exceto à cozinha, a fim de preparar um chá de camomila para as sobrinhas, para lhes acalmar os nervos.
— Estamos perfeitamente bem — diz ela às meninas.
Seu cabelo está um desastre e a respiração está desigual. O rímel está escorrido por sua pele pálida em linhas irregulares. Ainda assim, é ela quem está ali, não Sally, e cabe-lhe mandar as meninas para a cama, e assegurar-lhes que pode cuidar de tudo. Não há necessidade de se preocupar, é o que lhes diz. Estão sãs e salvas nessa noite. Enquanto a chuva cai torrencialmente, enquanto o vento começa a soprar no leste, Gillian pensará em um plano, terá de fazê-lo, porque Sally não poderia ajudá-la a imaginar o que fazer mais, além de pular de uma árvore e voar.
Não mais contrabalançada pela lógica, nessa noite Sally está leve. Ela, que sempre valorizou o sensato e o útil acima de tudo, perdeu o caminho assim que seguiu pelo Pedágio. Não conseguiu encontrar o Motel Hide-A-Way, apesar de já ter passado por ele mil vezes. Teve de parar em um posto de gasolina e pedir orientação e, em seguida, sentiu a coisa do

ataque cardíaco, o que a obrigou a procurar o imundo banheiro, onde lavou o rosto com água fria. Olhou sua imagem refletida no espelho manchado acima da pia e respirou profundamente, durante vários minutos, até ficar de novo firme.

Mas ela logo descobriu que não estava tão firme quanto pensara. Não viu as luzes de freio do carro à sua frente, após ter recuado para o Pedágio, e houve uma pequena batida, que foi completamente culpa sua. O farol dianteiro esquerdo do Honda está agora mal preso e em risco de se desprender completamente, a cada vez que ela pisa no freio.

Quando ela enfim estaciona no Hide-A-Way, sua família em casa está no meio do jantar, e o estacionamento da lanchonete de frango frito, diagonalmente no lado oposto do Pedágio, está apinhado de fregueses. Mas comida é a última coisa que Sally quer. Seu estômago está sobressaltado e ela está nervosa, está insanamente nervosa, o que provavelmente é o motivo para escovar o cabelo duas vezes, antes de sair do carro e se dirigir à recepção do motel. Poças de óleo bruxuleiam no asfalto. Uma solitária macieira silvestre, colocada na única nesga de terra e cercada por alguns gerânios vermelhos, treme quando o tráfego no Pedágio passa zunindo. Somente quatro carros estão parados no estacionamento e três são verdadeiras bombas. Se ela estivesse procurando o carro de Gary, o mais afastado da recepção se afiguraria a escolha mais provável — é um Ford de certa classe e parece um carro de aluguel. Entretanto, mais do que isso, foi deixado ali tão em ordem e cuidadosamente, da exata maneira como Sally imaginaria que Gary estacionaria o seu carro.

Pensar nele, e em seu ar preocupado e naquelas rugas em seu rosto, deixa Sally ainda mais nervosa. Assim que entra na recepção do motel, rearruma a tira da bolsa sobre o ombro, passa a língua sobre os lábios. Sente-se como alguém que saiu da própria vida para dentro de um trecho de mata, que sequer sabia existir, sem conhecer os caminhos e as trilhas.

A mulher atrás do balcão se encontra ao telefone e parece estar em meio a uma conversa, que poderia prosseguir durante horas.

— Bem, se você não lhe contou, como ele poderia saber? — ela está dizendo com um tom de voz enfastiado. Estende a mão para pegar um cigarro e avista Sally.

— Estou procurando Gary Hallet.

Assim que faz essa declaração, Sally pensa que deve estar realmente louca. Por que estaria procurando alguém cuja presença implica calamidade? Por que dirigiria até ali em uma noite em que está tão confusa? Não consegue concentrar-se de modo algum, isso é óbvio. Não consegue ao menos lembrar a capital do estado de Nova York. Já não se recorda do que é mais calórico, manteiga ou margarina, ou se as borboletas hibernam ou não no inverno.
— Ele saiu — a mulher no balcão responde a Sally. — Uma vez mentecapta, sempre mentecapta — diz ela ao telefone. — Claro que você sabe. Eu sei que você sabe. A verdadeira questão é: por que não faz alguma coisa quanto a isso? — Ela levanta-se, puxando o telefone atrás de si, em seguida ergue uma chave da armação na parede e a estende. — Quarto dezesseis — diz ela a Sally.
Sally recua, como se queimada.
— Esperarei aqui.
Ela senta-se no sofá de plástico azul e estende a mão para uma revista, mas é a Times e a reportagem de capa é “Crimes de paixão”, o que é mais do que Sally pode suportar no momento. Ela joga a revista de volta à mesinha de centro. Quisera ter-se lembrado de trocar de roupa e não estar ainda vestindo essa camiseta velha e o short de Kylie. Não que isso tenha importância. Não que alguém se incomode com a sua aparência. Ela tira a escova da bolsa e passa-a pelo cabelo uma última vez. Simplesmente contará a ele, e pronto. Sua irmã é uma idiota — isso é um crime federal? Ela foi deformada pelas circunstâncias de sua infância, depois saiu de casa e já adulta esculhambou as coisas para si mesma, a fim de garantir que tudo combinaria. Sally pensa em tentar explicar isso a Gary Hallet, enquanto ele a estiver olhando fixamente, e é então que se dá conta de que está respirando tão depressa que a mulher no balcão a vigia, para o caso de Sally desmaiar e ela ter de discar 911 .
— Deixe-me perguntar-lhe isto — a mulher no balcão está dizendo ao telefone. — Por que pede o meu conselho se não vai dar-lhe atenção? Por que simplesmente não segue adiante, faz o que quiser, e me deixa fora disso? — Ela lança um olhar a Sally. Essa é uma conversa particular, embora metade dela esteja ocorrendo em um local público. — Tem certeza de que não quer esperar no quarto dele?
— Talvez eu espere no meu carro — responde Sally.

— Formidável — diz a mulher, suspendendo a conversa telefônica até que tenha sua privacidade de volta.
— Deixe-me adivinhar. — Sally indica com a cabeça o telefone. — Sua irmã?
Uma irmã caçula em Port Jefferson, que tem necessitado de constante conselho nos últimos quarenta e dois anos. Caso contrário, ela teria cada cartão de crédito debitado ao máximo e ainda estaria casada com o primeiro marido, que era um milhão de vezes pior do que o que ela arranjou agora.
— Ela é tão egocêntrica, deixa-me louca. E o que resulta de ser a mais nova e todo o mundo se preocupar a seu respeito — declara a mulher no balcão. Ela deslizou a mão sobre o bocal do telefone. — Querem que você cuide deles, resolva todos os seus problemas e nunca lhe reconhecem absolutamente nada por qualquer coisa.
— Tem razão — concorda Sally. —. Ser o caçula leva a isso. Eles parecem nunca superar isso.
— Então não sei? — diz a outra mulher.
E quanto a ser a mais velha, pergunta-se Sally enquanto vai para fora, detendo-se na vendedora automática ao lado da recepção, a fim de se servir de uma Coca Diet. No caminho de volta ao carro, ela pisa sobre as poças de óleo de bordas multicoloridas. E quando se está para sempre preso a dizer a uma outra pessoa o que fazer, a ser responsável e repetir “Eu lhe disse isso” doze vezes por dia? Quer ela queira admiti-lo ou não, é isso que Sally vem fazendo, e o vem fazendo há tanto tempo quanto consegue lembrar.
Antes de Gillian tosquiar o cabelo e fazer com que todas as garotas da cidade entrassem nos salões de beleza, pedindo exatamente o mesmo corte, o seu cabelo fora tão comprido quanto o de Sally, talvez um pouquinho mais comprido. Era da cor do trigo, ofuscante ao se olhar sob o sol e fino como seda, pelo menos naquelas raras ocasiões em que Gillian decidia escová-lo. Sally agora se pergunta se ela era invejosa e se por isso caçoava de Gillian a respeito de sua aparência sempre desarrumada, com o cabelo completamente emaranhado.
No entanto, no dia em que Gillian chegou em casa com o cabelo cortado curto, Sally ficou chocada. Ela nem consultou Sally antes de fazê-lo.
— Como pôde fazer isso consigo mesma? — inquiriu Sally.
— Tenho as minhas razões — disse Gillian. Ela estava sentada diante

do espelho, passando blush nas maçãs do rosto. — E todas elas se soletram D-I-N-H-E-I-R-O.
Gillian afirmou que, durante vários dias, uma mulher a estivera seguindo e, naquela tarde, finalmente a abordara. Ela oferecera a Gillian dois mil dólares, ali, na hora, se Gillian a acompanhasse a um salão e cortasse o cabelo até as orelhas, para que essa mulher de cabelo curto e acinzentado pudesse ter uma trança postiça para usar em festas.
— Claro — disse Sally. — Como qualquer pessoa, em seu juízo perfeito, algum dia faria isso.
— É mesmo? — retrucou Gillian. — Acha que ninguém faria?
Ela enfiou a mão no bolso da frente de seu jeans e puxou um maço de dinheiro. Os dois mil, em espécie. Gillian tinha no rosto um enorme sorriso, e Sally talvez simplesmente quisesse removê-lo.
— Bem, você está horrível — disse ela. — Parece um menino.
Ela falou isso, embora pudesse ver que Gillian possuía um pescoço inacreditavelmente bonito, tão esbelto e delicado que sua simples visão faria chorar homens adultos.
— Ah, quem liga? — disse Gillian. — Crescerá de novo.
Mas seu cabelo nunca ficou comprido novamente — não alcançaria além dos ombros. Gillian lavava-o com alecrim, com pétalas de violetas e rosas e até com chá de ginseng —-nada disso adiantava.
— E o que você consegue — declarou Sally. — E a que a ganância a levará.
Mas ser tão boa menina e puritana levou Sally a quê? Conduziu-a a esse estacionamento, em uma noite úmida e medonha. Colocou-a em seu lugar, de uma vez por todas. Quem é ela para ser tão virtuosa e convicta de que o seu jeito é o melhor? Se houvesse simplesmente chamado a polícia quando Gillian chegou, se não houvesse tomado conta e controlado tudo, se não houvesse achado que tudo — tanto a causa quanto o efeito — era de sua responsabilidade, ela e Gillian talvez não estivessem no aperto em que estão nesse momento. E a fumaça que se desprende das paredes do bangalô de seus pais. São os cisnes no parque. E o sinal vermelho que ninguém nota, até que seja tarde demais. Sally passou toda a vida sendo vigilante e isso exige lógica e considerável bom senso. Se os pais a tivessem consigo, ela teria sentido o cheiro acre do fogo, sabe que teria. Teria visto a faísca azul que caiu sobre o tapete, a primeira de muitas, onde reluziu como uma estrela, e

em seguida um rio de estrelas, brilhantes e azuis sobre os tapetes felpudos, imediatamente antes de tudo arder em chamas. No dia em que os adolescentes haviam bebido demais, antes de entrar no carro de um deles, ela teria puxado Michael de volta para a calçada. Não salvou sua caçula dos cisnes, quando eles tentaram atacá-la? Não tem cuidado de tudo desde então — suas filhas e a casa, o gramado e a conta de luz, a roupa que, quando fica dependurada no varal, é ainda mais branca do que a neve?

Exatamente desde o início. Sally tem mentido a si mesma, dizendo-se que pode resolver qualquer coisa, e não quer mais mentir. Uma mentira a mais e ela estará verdadeiramente perdida. Uma a mais e nunca encontrará o caminho de volta, em meio à mata.

Ela engole a Coca Diet, está morrendo de sede. Sua garganta efetivamente dói, devido àquelas mentiras que disse a Gary Hallet. Quer falar francamente, quer contar tudo, quer alguém que preste atenção ao que tem a dizer e realmente a ouça, como ninguém jamais fez antes. Quando vê Gary atravessar o Pedágio, carregando uma embalagem de frango frito, sabe que poderia dar partida no carro e fugir, antes que ele a reconheça. Mas permanece onde está. Enquanto observa Gary caminhar em sua direção, uma linha de calor ziguezagueia sob sua pele. E invisível, mas está ali. E assim o desejo, tocaia a pessoa em um estacionamento, vence todas as vezes. Quanto mais perto Gary chega, pior fica, até que Sally tem de enfiar uma das mãos sob a camiseta e calcar, só para garantir que seu coração não escapará do peito.

O mundo afigura-se cinzento, e as ruas estão escorregadias, mas Gary não se importa com a noite sombria e nublada. Há meses que não há senão céu azul em Tucson, e Gary não se incomoda com um pouco de chuva. Talvez a chuva cure a maneira como se sente por dentro e apague suas preocupações. Talvez ele possa pegar o avião no dia seguinte, às nove e vinte e cinco, sorrir à aeromoça, depois dormir algumas horas, antes de ter de se apresentar no escritório.

Em seu ramo de trabalho, Gary é treinado a reparar em coisas, mas ele não consegue acreditar inteiramente no que está vendo nesse momento. Parte da razão para isso é que vem imaginando Sally em todo lugar a que vai. Pensou tê-la divisado em uma faixa para pedestres no Pedágio, enquanto estava seguindo para ali, e novamente na loja de frango frito, e agora ali está ela no estacionamento. E provavelmente outra ilusão, o

que ele quer ver em vez do que está bem à sua frente. Gary chega mais perto do Honda e aperta os olhos. E o carro de Sally, é sim, e é ela, ali atrás do volante, buzinando-lhe.
Gary abre a porta do carro, senta-se no banco do carona e bate a porta com ruído. Seu cabelo e as roupas estão molhados e a embalagem de frango que carrega está fumegante e cheira a óleo.
— Achei que era você — diz ele.
Ele precisa dobrar as pernas a fim de se acomodar nesse carro. Equilibra o frango no colo.
— Era o anel de Jimmy — diz Sally.
Ela não planejava soltar isso imediatamente, mas talvez seja bom. Está encarando Gary, à espera de sua reação, mas ele simplesmente lhe devolve o olhar. Deus, ela quisera fumar ou beber ou algo assim. A tensão é tão forte que dá a impressão de fazer 55° dentro do carro. Sally está surpresa por não irromper em chamas.
— Então? — diz Sally por fim. — Estávamos mentindo-lhe. Aquele anel na minha cozinha pertencia a James Hawkins.
— Eu sei.
Gary parece agora ainda mais preocupado do que antes. E ela, e ele sabe disso. Sob determinadas circunstâncias, poderia estar disposto a desistir de tudo por Sally Owens. Poderia estar disposto a pular de ponta-cabeça nessa ravina que sente avançando, sem considerar quão depressa está caindo, ou quão brutal o impacto pode ser. Com os dedos, Gary ajeita para trás o cabelo molhado e, por um momento, todo o carro cheira a chuva.
— Já jantou? — Ele ergue o frango. Comprou também rodelas de cebola e batatas fritas.
— Eu não conseguiria comer — diz-lhe Sally.
Gary abre a porta e coloca a embalagem do lado de fora, na chuva. Ele decididamente perdeu o apetite por frango.
— Eu poderia desmaiar — adverte-o Sally. — Tenho a impressão de que vou sofrer um ataque.
— E porque supõe que tenho de perguntar, se você ou a sua irmã sabem onde Hawkins está?
Essa não é a razão. Sally sente calor até nas pontas dos dedos. Ela tira as mãos do volante para que o vapor não se forme debaixo de suas cutículas e põe ambas as mãos no colo.

— Vou dizer-lhe onde ele está. — Gary Hallet está fitando-a, como se o Motel Hide-A-Way e todo o resto do Pedágio não existissem. — Morto — continua Sally.
Gary reflete sobre isso, enquanto a chuva bate de leve, de encontro ao teto do carro. Eles não conseguem enxergar além do pára-brisa, e as janelas estão enevoadas.
— Foi um acidente — acrescenta Sally. — Não que ele não o merecesse. Não que ele não tivesse sido um grande porco.
— Ele freqüentou a minha escola secundária. — Gary fala lentamente, com dor na voz. — Sempre representou encrenca. Dizem que matou doze pôneis em uma fazenda, que recusou contratá-lo para um trabalho de verão. Alvejou-os na cabeça, um a um.
— Aí está — diz Sally. — Por aí você vê.
— Quer que eu o esqueça? E isso que me está pedindo para fazer?
— Ele não prejudicará mais ninguém — explica Sally. — Isso é o que importa.
A mulher que trabalha na recepção do motel correu para fora, vestindo um poncho de chuva e segurando uma vassoura, que utilizará para tentar desentupir as calhas, antes da tempestade prevista para o dia seguinte. Sally não está pensando nas suas calhas. Não está perguntando-se se as filhas se lembraram de fechar as janelas e, nesse momento, não se preocupa se o seu telhado resistirá ao vendaval.
— A única maneira de ele prejudicar alguém é se você continuar a procurá-lo — acrescenta Sally. — Então minha irmã será prejudicada e eu também, e será tudo inutilmente.
Sally tem o tipo de lógica com que Gary não consegue discutir. O céu está escurecendo, e quando Gary fita Sally vê somente os seus olhos. O que é certo e o que é errado ficaram, de algum modo, confusos.
— Não sei o que fazer — admite ele. — Em tudo isso, parece que tenho um problema. Não sou imparcial. Posso ter pretensões a ser, mas não sou.
Ele está encarando-a, como fez quando ela atendeu à porta. Sally pode sentir igualmente suas intenções e seu tormento. Tem plena consciência do que ele quer.
Sentado no Honda, Gary Hallet está ficando com câimbra nas pernas, mas ainda não irá a parte alguma. Seu avô costumava dizer-lhe que a maioria das pessoas estava completamente equivocada: a verdade da

questão era que se podia conduzir um cavalo à água e, se a água estivesse bastante fresca, se estivesse verdadeiramente limpa e potável, não seria preciso obrigá-lo a beber. Nessa noite, Gary sente-se bem mais como o cavalo do que como o cavaleiro. Tropeçou no amor e agora está ali atolado. Está razoavelmente acostumado a não obter o que quer e tem lidado com isso, entretanto não pode deixar de perguntar-se se isso acontecia somente porque ele nunca quis tanto alguma coisa. Pois bem, agora quer. Olha para o estacionamento, do lado de fora. A tarde, estará de volta ao seu lugar. Seus cachorros enlouquecerão quando o virem, sua correspondência estará esperando à sua porta da frente, o leite na geladeira ainda estará suficientemente fresco para usar no seu café. O empecilho é que ele não quer ir. Prefere ficar ali, socado dentro desse minúsculo Honda, o estômago resmungando de fome, seu desejo tão forte que ele não sabe se conseguiria ficar de pé direito. Seus olhos estão escaldantes, e ele sabe que nunca consegue conter-se, quando vai chorar. E melhor nem tentar.

— Ah, não — diz Sally. Ela move-se para mais perto dele, atraída pela gravidade, atraída por forças que de modo algum conseguiria controlar.

— Simplesmente faço isso — diz Gary com aquela triste e profunda voz. Ele sacode a cabeça, desgostoso consigo mesmo. Dessa vez, preferiria fazer praticamente qualquer coisa, exceto chorar. — Não preste atenção. Mas ela presta. Não pode evitá-lo. Desloca-se em sua direção, pretendendo enxugar-lhe as lágrimas, mas em vez disso passa-lhe os braços pelo pescoço e, assim que o faz, ele segura-a mais perto.

— Sally — diz ele.

E música, é um som que é absurdamente belo em sua boca, mas ela não prestará atenção. Sabe, pelo tempo que passou na escada dos fundos da casa das tias, que, em sua maioria, as coisas que os homens dizem são mentiras. Não ouça, diz ela a si mesma. Nada disso é verdade e nada disso importa, porque ele está sussurrando que a esteve procurando incessantemente. Ela está a meio caminho do seu colo, encarando-o, e quando ele a toca, suas mãos são tão quentes sobre sua pele que ela não consegue acreditar. Ela não consegue ouvir nada do que ele lhe diz e certamente não consegue pensar, porque se o fizesse talvez pensasse que seria melhor parar.

E assim que deve ser estar bêbada, Sally descobre-se pensando, enquanto Gary se pressiona de encontro a ela. As mãos dele estão

sobre sua pele e ela não o detém. Estão sob sua camiseta, estão dentro do seu short e, ainda assim, ela não o detém. Quer o calor que ele a está fazendo sentir. Ela, que não consegue agir sem instruções e um mapa, quer perder-se nesse exato momento. Pode sentir-se cedendo a seus beijos, está disposta a fazer praticamente qualquer coisa. E assim que deve ser estar louca, imagina ela. Tudo o que está fazendo é tão contrário ao seu costumeiro eu que, quando Sally avista sua imagem no anuviado espelho retrovisor, fica atordoada. E uma mulher que poderia apaixonar-se se se permitisse, uma mulher que não detém Gary quando ele levanta seu cabelo escuro, depois comprime a boca na curva de seu pescoço.

Que bem lhe faria envolver-se com alguém como ele? Teria de sentir tanto, e não é desse tipo. Não podia tolerar aquelas pobres e incoerentes mulheres que chegavam à porta dos fundos das tias e não podia, agora, suportar ser uma delas, desvairada de aflição, subjugada por aquilo que algumas pessoas chamam amor.

Ela afasta-se de Gary, sem fôlego, e boca quente, o resto de si ardendo. Conseguiu existir todo esse tempo sem; pode continuar a fazê-lo. Pode obrigar-se a ser indiferente, de dentro para fora. O chuvisco está amainando, mas o céu se tornou escuro como um pote de tinta. A leste, os trovões ressoam, enquanto a tempestade avança do mar.

— Talvez eu lhe esteja deixando fazer isso a fim de que pare a investigação — diz Sally. — Já pensou nisso? Talvez eu esteja tão desesperada que foderia com qualquer um, inclusive com você.

Sua boca tem um gosto amargo e cruel, mas ela não se incomoda. Quer ver aquela expressão ferida no rosto dele. Quer interromper isso antes que essa opção não mais lhe pertença. Antes que o que sente assuma o controle e ela fique prisioneira, como aquelas mulheres à porta dos fundos das tias.

— Sally — diz Gary. — Você não é assim.

— Ah, é mesmo? — ironiza Sally. — Você não me conhece. Apenas pensa que conhece.

— Está certo. Penso que conheço — diz ele, que é mais ou menos o máximo de discussão que Sally conseguirá.

— Saia — pede ela a Gary. — Saia do carro.

Nesse momento, Gary quisera poder agarrá-la e forçá-la, pelo menos até que cedesse. Gostaria de fazer amor com ela bem ali, gostaria de fazê-lo

a noite inteira e não dar a mínima para mais nada, e não prestar atenção se ela lhe dissesse não. Mas ele não é esse tipo de homem e nunca será. Já viu muitas vidas desandarem, quando um homem se permite ser conduzido pelo seu pinto. É como ceder às drogas, ou ao álcool, ou ao dinheiro rápido que se acabou de receber, sem que perguntas sejam feitas. Gary sempre compreendeu por que as pessoas cedem e fazem como lhes apraz, sem pensar em mais ninguém. Suas mentes cerram-se, e ele não vai fazer isso, ainda que signifique que não vai obter o que realmente quer.

— Sally — diz ele, e sua voz provoca-lhe mais angústia do que ela jamais teria imaginado possível. É a bondade que a desfaz, é a compaixão, apesar de tudo o que aconteceu e está acontecendo.

— Quero que saia — diz Sally. — Isso é um equívoco. Está tudo errado.

— Não está.

Mas Gary abre a porta e sai. Ele inclina-se para o carro e Sally obriga-se a olhar diretamente adiante, para o pára-brisa. Ela não ousa olhá-lo.

— Feche-a — diz Sally. Sua voz parece frágil, uma coisa despedaçada e insegura. — Falo sério.

Ele fecha a porta do carro, mas fica ali parado, observando. Mesmo que não olhe, Sally sabe que ele não se afastou. E assim que tem de ser. Ela será distante para sempre, remota como as estrelas, ilesa e intata, eternamente. Sally pisa no acelerador, sabendo que se virasse para verificar, descobriria que ele ainda estava parado no estacionamento. Mas não olha para trás, porque, se o fizesse, também perceberia o quanto o quer, a despeito do bem que isso algum dia lhe fará.

Gary de fato observa-a distanciar-se e está ainda observando, quando o primeiro raio fende o céu. Está ali quando a macieira silvestre, no lado oposto do estacionamento, torna-se branca com o calor. Ele está próximo o suficiente para sentir a carga e a sentirá, durante todo o caminho até sua cidade, enquanto estiver bem acima deles no céu, rumando para o oeste. Havendo escapado assim por um triz, faz absoluto sentido que esteja tremendo, ao girar a chave na sua própria porta da frente. Tal como Gary a compreende, a maior porção da dor é aquela que se serve a si mesmo e, nessa noite, ele e Sally serviram-se da mesma mesa, com a única diferença de que ele sabe o que está deixando escapar, e ela não faz idéia do que a induz a chorar, enquanto dirige pelo Pedágio.

Quando Sally chega em casa, o cabelo escuro solto, a boca machucada por beijos, Gillian está à sua espera. Ela está sentada na cozinha, tomando chá e ouvindo os trovões.
— Fodeu com ele? — pergunta Gillian.
A pergunta é completamente surpreendente e totalmente comum, já que é Gillian que a está fazendo. Sally até ri. -Não.
— Tanto pior — diz Gillian. — Pensei que o faria. Pensei que estivesse fisgada. Tinha em seu olhar aquela expressão.
— Você estava enganada.
— Ele ao menos lhe propôs um trato? Disse-lhe que não somos suspeitas? Vai deixar isso passar?
— Ele tem de refletir a respeito.
Sally senta-se à mesa. Sente-se como se sentiria, se alguém lhe houvesse dado um tapa. O peso de nunca mais rever Gary cai como um manto feito de cinzas. Ela pensa em seus beijos e na maneira como a tocou e fica, novamente, revirada pelo avesso.
— Ele tem consciência.
— Que sorte a nossa. E só fica pior.
Nessa noite o vento continuará a soprar, até que não reste uma única lata de lixo de pé na rua. As nuvens estarão tão altas quanto montanhas negras. No quintal, sob a sebe de espinhos, a terra se transformará em lama e, depois, em água, uma poça de logro e de pesar.
—Jimmy não vai permanecer enterrado. Primeiro o anel, depois uma bota. Tenho medo de imaginar o que vai surgir em seguida. Começo a pensar nisso e de certo modo mergulho em um blecaute. Ouvi o noticiário e a tempestade que se aproxima vai ser séria.
Sally chega sua cadeira para mais perto da de Gillian. Os seus joelhos se tocam. A frequência de pulso de ambas é exatamente a mesma, como sempre foi durante uma tempestade com raios e trovões.
— O que vamos fazer? — sussurra Sally.
E a primeira vez que ela pediu a opinião ou o conselho de Gillian, e Gillian segue o seu exemplo. E efetivamente verdade o que se diz a respeito de pedir ajuda. Respire fundo e dói bem menos admiti-lo em voz alta.
— Telefone para as tias — diz Gillian a Sally. — Faça isso já.
No oitavo dia do oitavo mês, as tias chegam em um ônibus da Greyhound. No minuto em que o motorista salta para fora, ele faz

questão, antes de mais nada, de retirar suas malas pretas do compartimento de carga, embora a maior das malas seja tão pesada que ele tem de empregar toda a sua força só para arredá-la, e quase rompe um ligamento ao suspendê-la.
— Tenham calma — aconselha ele aos outros passageiros, todos reclamando que são eles que devem receber então as suas valises, a fim de pegar um ônibus de baldeação ou apressar-se para encontrar um marido ou um amigo. O motorista simplesmente os ignora e trata do que está fazendo. — Eu não quereria que as senhoras esperassem — diz ele às tias.
As tias são tão velhas que é impossível determinar-lhes a idade. Seu cabelo é branco, e suas espinhas estão arqueadas. Usam compridas saias pretas e botas de couro com cordões. Apesar de há mais de quarenta anos não saírem de Massachusetts, sem dúvida não se intimidaram com a viagem. Ou com qualquer outra coisa, quanto a isso. Sabem o que querem e não receiam dizê-lo abertamente, que é o motivo por que não dão atenção às reclamações dos outros passageiros, e continuam a orientar o motorista sobre como colocar cuidadosamente a mala maior no meio-fio.
— O que trazem aqui? — brinca o motorista. — Uma tonelada de tijolos?
As tias não se dão o trabalho de responder. Têm muito pouca tolerância para com humor obtuso e não estão interessadas em manter conversa educada. Postam-se na esquina perto da parada de ônibus e aguardam um táxi. Logo que um encosta, dizem ao motorista exatamente aonde ir — onze quilômetros adiante do Pedágio, além das ruas e dos centros comerciais, além do restaurante chinês, da loja de frios e da sorveteria, a que Antonia está trabalhando nesse verão. As tias cheiram a alfazema e enxofre, uma mescla inquietante, e talvez seja esta a razão por que o motorista do táxi lhes segura a porta aberta, quando chegam à casa de Sally, apesar de elas não terem lhe dado gorjeta. As tias não acreditam em gorjetas e nunca acreditaram. Acreditam em merecer consideração e em trabalho" bem-feito. E, quando você o faz adequadamente, é só o que elas esperam.
Sally propôs buscá-las na estação de ônibus, mas as tias nem quiseram ouvir falar nisso. Elas podem deslocar-se muito bem por conta própria. Preferem chegar lentamente a um local e é isso que estão fazendo. Os gramados estão úmidos, e o ar está parado e denso, como sempre fica

antes de uma tempestade. Uma neblina paira acima das casas e dos topos das chaminés. As tias ficam paradas na entrada de carro da casa de Sally, entre o Honda e o Oldsmobile de Jimmy, as malas pretas colocadas a seu lado. Fecham os olhos, para obter uma impressão desse lugar. Nos álamos, os pardais observam com interesse. As aranhas param de tecer suas teias. A chuva começará depois da meia-noite, quanto a isso as tias concordam. Cairá em camadas, como rios de vidro. Cairá até que o mundo inteiro pareça prateado e às avessas. Pode-se sentir esse tipo de coisas quando se tem reumatismo, ou quando se viveu tanto como as tias.

No interior da casa, Gillian sente-se crispada, como as pessoas se sentem antes de cair um raio. Ela está vestindo um velho jeans azul e uma blusa de algodão preta, e seu cabelo está despenteado. E como uma criança que se recusa a se arrumar para visitas. Mas as visitas chegaram, seja como for; Gillian pode sentir sua presença. O ar está espesso como um bolo de chocolate, do melhor tipo, preparado sem farinha de trigo. Na sala de estar, a luz do lustre começou a oscilar. Sua corrente de metal faz um estalido, como se em algum lugar um pião houvesse sido girado depressa demais. Gillian puxa as cortinas para trás e espia.

— Oh, meu Deus — diz ela. — As tias estão na entrada da garagem.

Lá fora, o ar está tornando-se ainda mais denso, como sopa, e tem um sulfúreo cheiro amarelo, que algumas pessoas acham bastante agradável, e outras consideram tão repugnante que fecham com ruído as janelas, em seguida ligam o ar-condicionado no máximo. A noite, o vento será forte bastante para arrastar cachorros pequenos e derrubar crianças dos balanços, mas por ora é apenas uma ligeira brisa. Linda Bennett estacionou em sua garagem, na casa vizinha. Quando desce do carro, equilibra uma sacola de mantimentos no quadril e acena para as tias com a mão livre. Sally mencionara que umas parentes idosas talvez chegassem para uma visita.

— Elas sao um pouquinho esquisitas — advertiu Sally à sua vizinha do lado, mas para Linda elas parecem encantadoras velhinhas.

A filha de Linda, que era Jessie e agora se denomina Isabella, escorrega para fora do banco do carona e franze o nariz — em que passou a usar três aros de prata — como se sentisse o cheiro de algo podre. Ela olha adiante e vê as tias examinando a casa de Sally.

— Quem são esses morcegos velhos? — a pretensa Isabella pergunta à mãe.
Suas palavras são levadas pelo gramado, cada impertinente sílaba caindo na entrada de carro de Sally com um estrondo. As tias viram-se e fitam Isabella com seus claros olhos cinzentos e, quando o fazem, ela sente algo absolutamente estranho nos dedos das mãos e dos pés, uma sensação tão ameaçadora e singular que ela corre para dentro de casa, enfia-se na cama e puxa as cobertas sobre a cabeça. Passar-se-ão semanas antes que essa menina fale em voz alta com a mãe, ou com qualquer outra pessoa, e mesmo então pensará duas vezes, reconsiderará, para em seguida reformular, com um “Por favor” ou um “Obrigada” intercalado.
— Avisem-me se precisarem de algo durante a sua visita — grita Linda às tias de Sally e, imediatamente, ela se sente melhor do que tem se sentido há anos.
Sally foi postar-se ao lado da irmã, batendo de leve na janela para chamar a atenção das tias. As tias olham para cima, piscam e, quando avistam Sally e Gillian do outro lado do vidro, elas acenam, exatamente como fizeram quando as meninas chegaram ao aeroporto de Boston. Para Sally, ver as tias em sua entrada de carro, entretanto, é como ver dois mundos colidirem. Não teria sido menos incomum que um meteorito caísse ao lado do Oldsmobile, ou que estrelas cadentes flutuassem pelo gramado, do que ter as tias finalmente ali.
— Vamos — diz Sally, puxando a manga de Gillian, mas Gillian apenas faz que não com a cabeça.
Há dezoito anos que Gillian não vê as tias e, embora tenham envelhecido tanto quanto ela, nunca reparou inteiramente em como eram velhas. Sempre pensou em ambas juntas, uma unidade, e nesse momento verifica que tia Francês é quase quinze centímetros mais alta do que a irmã, e que tia Bridget, a quem sempre chamaram tia Jet, é efetivamente animada e rechonchuda, como uma pequena galinha vestida com saia preta e botas.
— Preciso de tempo para elaborar isso — diz Gillian.
— É melhor que dois minutos sejam suficientes — informa-a Sally, enquanto vai para fora, receber as visitantes.
— As tias! — grita Kylie, quando vê que elas chegaram.
Ela chama Antonia no andar de cima, que se apressa a acompanhá-la,

descendo os degraus de dois em dois. As irmãs disparam em direção à porta aberta, em seguida se dão conta de que Gillian ainda está à janela.
— Venha conosco — diz-lhe Kylie.
— Sigam — aconselha Gillian às garotas. — Ficarei aqui mesmo.
Kylie e Antonia correm para a garagem e se lançam às tias. Elas gritam, berram e fazem as tias rodopiar até ficarem completamente afogueadas e sem fôlego. Quando Sally telefonou e explicou o problema no quintal, as tias ouviram atentamente, em seguida asseguraram-lhe que estariam no ônibus para Nova York assim que colocassem comida para o último gato restante, o velho Pega. As tias sempre cumpriram suas promessas e ainda o fazem. Elas acham que todo problema tem solução, embora talvez nem sempre seja o resultado com que originalmente se contava ou se esperava.
Por exemplo, as tias nunca esperaram, em todos aqueles anos, que suas vidas fossem tão totalmente alteradas por um único telefonema no meio da noite. Era outubro e fazia frio, e a grande casa tinha correntes de ar. O céu lá fora estava tão sombrio que derrubava qualquer pessoa, que se atrevesse a andar sob ele. As tias tinham sua rotina e a obedeciam a despeito de tudo. Pela manhã davam um passeio, depois liam e escreviam em seus diários, depois almoçavam — o mesmo almoço todos os dias: purê de cenouras e batatas, pudim de talharim e, como sobremesa, torta de maça. A tarde dormiam a sesta e, ao crepúsculo, cuidavam de suas atividades, caso alguém aparecesse na porta dos fundos. Sempre jantavam na cozinha — feijões e torrada, sopa e biscoitos — e mantinham as luzes reduzidas, a fim de economizar eletricidade. Todas as noites enfrentavam o escuro, já que nunca conseguiam dormir.
Seus corações haviam-se partido na noite em que aqueles dois irmãos atravessaram correndo o prado da cidade. Haviam sido fulminados com tanta força e tão subitamente que as tias nunca mais se permitiram ser apanhadas de surpresa, nem pelos raios nem, com certeza, pelo amor. Acreditavam em seus horários e muito pouco mais. De vez em quando, compareciam a uma reunião de eleitores do município, onde sua presença severa podia facilmente influenciar um voto, ou visitavam a biblioteca, onde a visão de suas saias e botas pretas persuadia ao silêncio mesmo os mais turbulentos que iam pegar livros emprestados.
As tias supunham conhecer a sua vida e tudo o que ela traria. Estavam

bem cientes dos próprios destinos, ou assim acreditavam. Estavam inteiramente convencidas de que nada poderia intervir entre o seu presente e as suas mortes sossegadas, na cama, naturalmente, de pneumonia e complicações da gripe, aos noventa e dois e noventa e quatro anos de idade. Mas devem ter esquecido algo, ou talvez seja simplesmente que ninguém pode prever o próprio destino. As tias nunca imaginaram que uma voz fraca e séria telefonaria no meio da noite, pedindo para ser acolhida, rompendo tudo. Foi o fim de cenouras e batatas no almoço. Em vez disso, as tias acostumaram-se a manteiga de amendoim e geleia, biscoitos integrais e sopa de letrinhas, bolinhos Mallomar e punhados de M&M. Que estranho que ficassem gratas por ter de lidar com gargantas inflamadas e pesadelos. Sem aquelas duas meninas, nunca teriam de correr descalças pelo corredor, no meio da noite, para verificar qual estava com um vírus estomacal e qual estava dormindo profundamente.

Francês vai até a varanda a fim de apreciar a casa da sobrinha.

— Moderna, mas muito bonita — declara ela.

Sally sente a ferroada do orgulho. E um elogio tão extremo quanto tia Francês poderia fazer. Significa que Sally fez tudo por conta própria, e fez bem. Sally fica grata por quaisquer palavras e atos amáveis, ela precisa disso. Ficou acordada a noite inteira porque, a cada vez que fechava os olhos, via Gary tão nitidamente que era como se ele estivesse ali a seu lado à mesa da cozinha, na espreguiçadeira, em sua cama. Há uma fita que não pára de rodar dentro de sua cabeça, repetidamente, e ela não consegue interrompê-la. Gary Hallet está tocando-a nesse exato momento, suas mãos estão sobre ela enquanto se inclina para pegar a mala da tia. Quando tenta erguer esta parte da bagagem, Sally fica chocada ao descobrir que não tem força para fazê-lo sozinha. Algo lá dentro chocalha como contas, ou tijolos, ou talvez até ossos.

— Para o problema no quintal — explica tia Francês.

— Ah — diz Sally.

Tia Jet aproxima-se e passa o braço pelo de Sally. Durante o verão em que Jet completou dezesseis anos, dois rapazes das vizinhanças mataram-se por seu amor. Um atou barras de ferro aos tornozelos e atirou-se em uma pedreira. O outro foi liquidado no trilhos ferroviários, fora da cidade, pelo trem de 10:02 para Boston. De todas as mulheres

Owens, Jet Owens era a mais bela e nunca sequer o percebeu. Preferia gatos a seres humanos e rejeitou todas as propostas de casamento de homens que se apaixonaram por ela. O único por que se interessou foi aquele rapaz que foi atingido por um raio, quando ele e o irmão foram atravessar velozmente o prado da cidade, a fim de provar o quanto eram corajosos e ousados. As vezes, tarde da noite, tanto Jet como Francês ouvem o som daqueles rapazes rindo, enquanto correm em meio à chuva, depois tombam no escuro. Suas vozes ainda são jovens e cheias de expectativa, exatamente como soavam quando foram derrubados.

Ultimamente, tia Jet tem de usar uma bengala preta que possui uma cabeça de corvo entalhada. Está curvada pela artrite, mas nunca reclama de como sente suas costas, quando desamarra as botas ao fim do dia. Todas as manhãs, banha-se com o sabonete preto que ela e Francês preparam duas vezes por ano, e sua cútis é quase perfeita. Trabalha no seu jardim e consegue lembrar o nome latino de todas as plantas que crescem ali. Mas não se passa um dia sem que pense no rapaz que amava. Não decorre um momento em que não almeje que o tempo seja uma entidade móvel e que ela possa retroceder e beijar novamente aquele rapaz.

— Estamos tão contentes por estar aqui — declara Jet.

Sally dá um belo sorriso triste.

— Eu devia tê-las convidado há muito tempo. Pensei que nenhuma das duas poderia gostar disso.

— Isso só serve para mostrar que nunca se pode falar sobre uma pessoa por suposição — informa Francês à sobrinha. — E por isso que se inventou a linguagem. Caso contrário, seríamos todos como cachorros, farejando uns aos outros para descobrir a quantas andamos.

— Tem toda raião — concorda Sally.

As malas são arrastadas para dentro, o que não é um trabalho fácil. Antonia e Kylie gritam “Iça!” e trabalham juntas, sob os olhos vigilantes das tias. Aguardando junto à janela, Gillian cogitou de escapar pela porta dos fundos para não ter de enfrentar a crítica das tias a respeito de como enrascou a sua vida. Entretanto, quando Kylie e Antonia conduzem as tias para dentro, Gillian está parada exatamente no mesmo local, seu cabelo claro eletrizado.

Certas coisas, quando se alteram, nunca revertem à maneira como eram antes. Borboletas, por exemplo, e mulheres que se apaixonaram

excessivas vezes pelo homem errado. As tias estalam a língua assim que avistam essa mulher adulta, que outrora fora a sua menininha. Talvez elas não houvessem estabelecido horários pontuais de jantar, ou feito questão de que roupas limpas estivessem dobradas nas cômodas, mas estavam lá. Foi a elas que Gillian recorreu naquele primeiro ano, quando as outras crianças na escola maternal lhe puxavam o cabelo e a chamavam de bruxinha. Gillian nunca contou a Sally como isso era horrível, como a perseguiam, e ela contava apenas três anos. Era embaraçoso, isso ela sabia mesmo então. Era algo que não se admitia.

Todos os dias, Gillian chegava em casa e garantia a Sally que tivera uma tarde adorável, brincara com cubos e tintas e alimentara o coelhinho que observava tristemente as crianças, em uma gaiola próxima ao armário de casacos. Mas Gillian não podia mentir às tias, quando elas iam buscá-la. No final de cada dia, seu cabelo estava emaranhado, o rosto e as pernas tinham arranhões vermelhos. As tias aconselharam-na a ignorar as outras crianças — a ler os seus livros, fazer suas brincadeiras sozinha e comunicar à professora se alguém fosse impertinente ou grosseiro. Até então, Gillian acreditava que merecia o péssimo tratamento que recebia e nunca foi correndo à professora para se queixar. Esforçava-se ao máximo para guardar aquilo.

As tias, contudo, podiam ver o que estava acontecendo pela desolada inclinação dos ombros de Gillian, enquanto ela vestia o suéter, e porque, à noite, ela não conseguia dormir. Posteriormente, a maioria das crianças cansou-se de implicar com Gillian, mas várias continuaram a atormentá-la — murmurando “bruxa” todas as vezes que ela estava perto, derramando suco de uva em seus sapatos novos, agarrando punhados de seu cabelo e puxando com toda a força — e assim fizeram até a festa de Natal.

Todos os pais das crianças compareceram à festa, levando biscoitos, ou bolos, ou poncheiras com eggnog salpicado de noz-moscada. As tias chegaram tarde, vestindo seus casacos pretos. Gillian havia esperado que se lembrassem de levar uma caixa de biscoitos com raspas de chocolate, ou talvez um bolo, mas as tias não estavam interessadas em sobremesas. Foram diretamente às piores crianças, os meninos que puxavam seu cabelo, as meninas que a xingavam. As tias não precisaram usar pragas ou ervas, nem prometer nenhuma espécie de

castigo. Simplesmente postaram-se ao lado da mesa de lanches e toda criança que fora malvada para com Gillian se sentiu imediatamente enjoada. Essas crianças correram até os pais e pediram para serem levadas para casa, depois ficaram dias de cama, tremendo sob cobertores de lã, tão nauseadas e cheias de remorso que sua cútis adquiriu um leve tom esverdeado, e sua pele desprendia o cheiro azedo que sempre acompanha uma consciência culpada.

Depois da festa de Natal, as tias levaram Gillian para casa e a sentaram no sofá da sala de visitas, aquele de veludo com as patas de leão em madeira, cujas garras aterrorizavam Gillian. Elas disseram-lhe que pedaços de pau e pedras podiam quebrar ossos, mas insultos e xingamentos eram somente para tolos. Gillian ouviu-as, mas na verdade não prestou atenção. Dava excessivo valor ao que outras pessoas pensavam e não o valor suficiente à sua própria opinião. As tias sempre souberam que Gillian às vezes necessitaria de ajuda extra para se defender. Enquanto a examinam, seus olhos cinzentos são sagazes e atentos. Podem enxergar as rugas em seu rosto que uma outra pessoa talvez não reparasse, podem saber pelo que ela passou.

— Estou horrível, não é? — diz Gillian.

Ela tem a voz presa. Um minuto atrás, estava corri dezoito anos e pulando pela janela do seu quarto, e agora ali está, completamente esgotada.

As tias estalam a língua mais alto e vão abraçar Gillian. Isso é tão contrário ao seu habitual estilo impassível, que um soluço escapa da garganta de Gillian. Para seu mérito, as tias aprenderam uma ou duas coisas, desde que foram constrangidas a criar duas menininhas. Elas assistiram Oprah , sabem o que acontece quando se oculta o amor. No que lhes diz respeito, Gillian está mais atraente do que nunca, mas afinal de contas as mulheres Owens sempre foram conhecidas por sua beleza, assim como pelas tolas escolhas que fazem quando são jovens. Nos anos 20, sua prima Jinx, cujas aquarelas podem ser encontradas no Museu de Belas-Artes, era voluntariosa demais para prestar atenção a uma palavra que alguém mais dissesse. Ela embebedou-se com champanhe gelado, jogou seus sapatos de cetim sobre um alto muro de pedra, depois dançou sobre vidro quebrado até o amanhecer e nunca andou novamente. A mais querida das tias-avós, Barbara Owens, casou-se com um homem de cérebro tão obtuso quanto o de uma mula, que se

recusava a mandar instalar eletricidade ou encanamento na sua casa, insistindo que tais coisas eram modas passageiras. Sua prima preferida, April Owens, morou durante doze anos no deserto Mojave, colecionando aranhas em frascos cheios de formol. Uma ou duas décadas de dificuldades conferem caráter a uma pessoa. Embora ela nunca pudesse acreditar nisso, essas rugas no rosto de Gillian são sua parte mais bonita. Revelam o que passou, a que sobreviveu e quem ela é exatamente, no mais íntimo.

— Ora — diz Gillian, quando termina de chorar. Ela enxuga os olhos com as mãos. — Quem teria pensado que eu ficaria tão emocionada?

As tias acomodam-se e, em seguida, Sally lhes serve um copinho de gim, que elas sempre apreciaram e de que gostam particularmente para estimulá-las, quando há trabalho a fazer.

— Vamos conversar sobre o sujeito no quintal — diz Francês. — Jimmy.

— Temos de fazê-lo? — geme Gillian.

— Temos — lamenta dizer tia Jet. — Apenas algumas coisinhas a seu respeito. Por exemplo: como ele morreu?

Antonia e Kylie estão engolindo Cocas Diet e prestando atenção, loucamente. Os pêlos em seus braços estão arrepiados. Isso poderia ficar realmente interessante.

Sally trouxe para a mesa um bule de chá de hortelã, junto com uma xícara em estilhas que as filhas lhe deram em um Dia das Mães, que sempre foi sua preferida. Sally não consegue mais tomar café. Seu cheiro evoca Gary tão completamente que poderia jurar que ele estava sentado à mesa, quando Gillian despejava água no filtro, essa manhã. Ela diz a si mesma que é a falta de cafeína que a está deixando letárgica, mas não é esse o problema. Nesse dia, esteve estranhamente calada, macambúzia o bastante para fazer com que Antonia e Kylie reparassem. Ela parece tão diferente. As meninas têm a impressão de que a mulher que foi outrora sua mãe desapareceu para sempre. Não é somente seu cabelo que está solto, em vez de puxado para trás do rosto. E como se mostra triste, distante.

— Acho que não devemos discutir isso na frente das crianças — diz Sally.

Mas as crianças estão com a atenção concentrada. Morrerão se não tomarem conhecimento do que aconteceu em seguida. Simplesmente não poderão suportá-lo.

— Mãe! — gritam elas.
São praticamente mulheres. E não há nada que Sally possa fazer a esse respeito. De modo que ela encolhe os ombros e balança a cabeça para Gillian, dando-lhe seu consentimento.
— Bem — diz Gillian. — Creio que o matei.
As tias entreolham-se. Em sua opinião, essa é uma coisa de que Gillian não é capaz.
— Como? — perguntam elas.
Essa é a menina que gritava estridentemente se pisasse uma aranha com o pé descalço. Se espetava o dedo e saía sangue, ela anunciava que estava prestes a desmaiar e, em seguida, começava a cair no chão.
Gillian admite que usou beladona, uma planta por que sempre teve desprezo quando era criança, fazia de conta que era ambrósia americana para poder arrancá-la, quando as tias lhe pediam que limpasse o jardim. Quando as tias perguntam qual a dosagem que usou, e Gillian lhes diz, elas balançam a cabeça, satisfeitas. Exatamente o que pensaram. Se as tias conhecem algo, elas conhecem beladona. Tal dosagem não mataria um fox terrier, quanto mais um homem de l, 80 m de altura.
— Mas ele está morto — diz Gillian, aturdida ao ouvir que seu tratamento não poderia tê-lo matado. Ela vira-se para Sally. — Eu sei que ele estava morto.
— Indiscutivelmente morto — concorda Sally.
— Não pelas suas mãos. — Francês não poderia estar mais certa disso.
— Não, a menos que ele fosse um esquilo.
Gillian lança os braços em volta das tias. A afirmação de tia Francês encheu-a de esperança. E algo bobo e absurdo de se possuir na sua idade, sobretudo nessa horrível noite, mas Gillian não liga a mínima. Antes tarde do que nunca, é como ela encara isso.
— Sou inocente — grita ela.
Sally e as tias entreolham-se. Quanto a isso, elas não sabem.
— Nesse caso — acrescenta Gillian, ao ver suas expressões.
— O que o matou? —- pergunta Sally às tias.
— Poderia ter sido qualquer coisa. — Jet encolhe os ombros.
— Álcool — sugere Kylie. — Anos disso.
— O coração — aventa Antonia.
Francês declara que bem poderiam parar com esse jogo de adivinhação.

Nunca saberão o que o matou, mas ainda lhes resta um corpo no quintal, e é por isso que as tias trouxeram sua receita para se livrar das muitas coisas nojentas que podem ser encontradas em um jardim — lesmas ou pulgões, os restos ensangüentados de uma gralha despedaçada por seus adversários, ou espécies de ervas daninhas que são tão venenosas que é impossível arrancá-las com a mão, mesmo usando grossas luvas de couro. As tias sabem precisamente quanta lixívia acrescentar à cal, muito mais do que incluem ao fazer ferver seu sabonete preto, especialmente benéfico para a pele de uma mulher, se se banhar com ele todas as noites. Barras do sabonete das tias, embrulhadas em celofane transparente, podem ser achadas em casas de produtos naturais em Cambridge e em diversas lojas de novidades, ao longo da rua Newbury, e isso custeou não só um novo telhado para a sua velha casa, como também modernas instalações sanitárias.

Em casa, as tias sempre usam o grande caldeirão de ferro fundido, que se encontra na cozinha desde que Maria Owens construiu a casa, mas ali a maior panela para macarrão de Sally terá de servir. Têm de ferver os ingredientes durante três horas e meia, de modo que, apesar de Kylie estar sempre temerosa de que alguém lá no Del Vecchio reconheça sua voz como pertencente à sabichona que, há pouco tempo, mandou entregar todas aquelas pizzas na casa do sr. Frye, ela telefona e pede que sejam entregues duas pizzas grandes, uma com anchovas, para as tias, a outra de queijo e cogumelos, com molho extra.

A mistura no queimador de trás começa a borbulhar e, quando o rapaz das entregas chega, o céu tornou-se borrascoso e escuro, embora sob as grossas camadas de nuvens haja uma perfeita lua branca. O entregador bate três vezes e espera que Antonia Owens, a cujo lado se sentou certa vez na aula de álgebra, apareça. Em vez disso, é tia Francês quem abre a porta com um puxão. Os punhos de suas mangas estão tisnados, devido a toda a lixívia que esteve medindo, e seus olhos são frios como ferro.

— O que é? — inquire ela ao rapaz, que já apertou as pizzas firmemente contra o peito, simplesmente ao vê-la.

— Entrega de pizza — ele consegue dizer.

— Esse é o seu trabalho? — quer saber Francês. — Entregar comida?

— Isso mesmo — diz o rapaz.

Ele acha que consegue avistar Antonia na casa. Pelo menos, há uma

pessoa bonita de cabelo vermelho. Francês está olhando-o penetrantemente.
— Isso mesmo, minha senhora — corrige ele.
Francês tira do bolso da saia sua bolsa de dinheiro miúdo e conta dezoito dólares e trinta e três centavos, que ela considera um roubo escandaloso.
— Bem, se é o seu trabalho, não espere uma gorjeta — diz ela ao rapaz.
— Oi, Josh — grita Antonia, enquanto vai recolher as pizzas.
Ela está usando um velho avental por cima de uma camiseta preta e leggings. Com toda essa umidade, seu cabelo enro-lou-se em anéis e sua pele clara parece cremosa e linda. O entregador é incapaz de falar na sua presença, embora, quando retornar ao restaurante, vá falar a seu respeito durante nada menos que uma hora, até o pessoal da cozinha lhe mandar calar. Enquanto fecha a porta, Antonia ri. Ela recuperou um pouco do que havia perdido. Atração, compreende ela agora, é um estado de espírito.
— Pizza — anuncia Antonia, e todas sentam-se para comer, apesar do horrível cheiro que provém da mistura das tias, fervendo no queimador traseiro do fogão. A tempestade está chocalhando as vidraças, e o trovão está tão próximo que consegue sacudir o chão. Um grande relâmpago e metade do bairro fica sem luz. Nas casas ao longo da rua, as pessoas estão procurando lanternas e velas, ou simplesmente desistindo e indo dormir.
— Isso é boa sorte — diz tia Jet, quando a sua eletricidade igualmente desaparece. — Seremos a luz na escuridão.
— Arranjem uma vela — sugere Sally.
Kylie pega uma vela na prateleira perto da pia. Ao passar pelo fogão, ela mantém o nariz tapado com os dedos.
— Puxa, isso realmente fede — diz ela sobre a mistura das tias.
— Deve ser assim — diz Jet, satisfeita.
— E sempre assim — concorda a irmã.
Kylie volta e coloca a vela no centro da mesa, em seguida a acende para que possam continuar o jantar, que é interrompido pela campainha da porta.
— É melhor que não seja aquele entregador de novo — diz Francês. — Eu lhe direi realmente o que penso.
— Eu atendo. — Gillian vai até a porta e escancara-a.

Ben Frye está na varanda, vestindo uma capa impermeável amarela. Está segurando uma caixa de velas brancas e uma lanterna. Só de vê-lo, um calafrio corre pela espinha de Gillian abaixo. Desde o início, tem imaginado que Ben arriscava a sua vida a cada vez que se achava com ela. Com sua sorte e seu passado, qualquer coisa que pudesse dar mau resultado daria. Tivera certeza de que traria desgraça a quem quer que a amasse, mas isso foi quando era uma mulher que matou o namorado em um Oldsmobile, agora é uma outra pessoa. Ela inclina-se para fora da porta da frente e beija Ben na boca. Beija-o de um modo que prova que, se ele algum dia pensou em sair disso, é melhor que pare de pensar imediatamente.

— Quem o convidou a vir aqui? — diz Gillian, mantendo os braços à sua volta. Está com aquele cheiro açucarado, que qualquer pessoa que se aproxime bastante dela não pode deixar de reparar.

— Estava preocupado com você — diz Ben. — Podem chamar isso de tempestade, mas é mesmo um furacão.

Nessa noite, Ben deixou Buddy sozinho para levar as velas ali, apesar de saber como os trovões afligem o coelho. É o que acontece quando Ben quer ver Gillian, ele tem de fazê-lo, não importa quais sejam as conseqüências. Ainda assim, está tão desabituado a ser espontâneo que, sempre que faz algo assim, sente um leve tinido nos ouvidos, não que ele se incomode. Quando Ben regressar à casa, irá encontrar um catálogo telefônico esfrangalhado, ou as solas de seus sapatos de corrida preferidos arrancadas com os dentes, mas isso vale a pena para estar com Gillian.

— Vá embora enquanto é tempo — diz-lhe Gillian. — Minhas tias de Massachusetts estão aqui.

— Ótimo — diz Ben e, antes que Gillian possa impedi-lo, está dentro da casa.

Gillian puxa-lhe com força a manga da capa, mas ele se encaminha para cumprimentar as visitas. As tias têm trabalho sério à frente. Ficarão uma fúria se Ben entrar pela cozinha adentro, supondo que está prestes a conhecer duas caras senhoras. Elas se levantarão das cadeiras, baterão com força os pés e voltarão os frios olhos cinzentos em sua direção.

— Elas chegaram esta tarde e estão exaustas — diz Gillian. — Não é uma boa idéia. Elas não gostam de companhia. Além disso, são idosas.

Ben Frye não presta atenção, e por que deveria prestar? As tias são a

família de Gillian, e isso é tudo o que precisa saber. Entra a passos largos na cozinha, onde Antonia, Kylie e Sally param de comer no minuto em que o avistam. Rapidamente, elas se viram para ver a reação das tias. Ben não nota a sua aflição nem percebe o odor causticante, que se origina da panela sobre o fogão. Deve presumir que o cheiro emana de algum removedor ou detergente especial, ou talvez de algum pequeno animal, um filhote de esquilo ou um velho sapo, que se enroscou para morrer sob a soleira da porta dos fundos.

Ben aproxima-se das tias, enfia a mão na manga da capa e tira um ramalhete de rosas. Tia Jet aceita-as com prazer.

— Lindas — diz ela.

Tia Francês desliza uma pétala entre o polegar e o indicador, para verificar se as rosas são verdadeiras. Elas são, mas isso não significa que Francês se impressione tão facilmente.

— Mais algum truque? — diz ela, com uma voz que pode transformar o sangue de um homem em gelo.

Ben dá o seu belo sorriso, aquele que deixou Gillian com os joelhos bambos desde o início e que, nesse momento, faz com que as tias se lembrem dos rapazes que outrora conheceram. Ele estende a mão por trás da cabeça de tia Francês e, antes que elas o saibam, tirou do ar invisível um lenço de pescoço de chiffon , da cor das safiras, que orgulhosamente lhe oferece.

— Eu não poderia aceitar isso — diz Francês, mas seu tom não é exatamente tão frio quanto antes e, quando ninguém está olhando, enrola o lenço em torno do pescoço.

A cor é perfeita para ela. Seus olhos parecem água de lago, claros e azul-acinzentados. Ben põe-se à vontade, agarra um pedaço de pizza e começa a perguntar a tia Jet sobre a viagem, vindo de Massachusetts. E então que Francês faz sinal a Gillian para chegar mais perto.

— Não ferre esse — diz ela à sobrinha.

— Não pretendo — assegura-lhe Gillian.

Ben fica até as onze. Prepara pudim de chocolate instantâneo como sobremesa, depois ensina Kylie, Antonia e tia Jet a construir um castelo de cartas e a derrubá-lo com um único sopro de ar.

— Dessa vez você teve sorte — diz Sally à irmã.

— Acha que foi sorte? — Gillian sorri largamente.

— E — diz Sally.

— De jeito nenhum — diz Gillian. — Exigiu anos de prática.
Nesse instante, ambas as tias inclinam a cabeça exatamente ao mesmo tempo e fazem um ruído muito baixo no fundo da garganta, uma espécie de estalido tão semelhante ao silêncio que qualquer pessoa que não estivesse ouvindo atentamente poderia confundi-lo com o leve chamado de um grilo, ou o suspiro de um rato sob as tábuas do assoalho.
— Está na hora — diz tia Francês.
— Temos assuntos de família a discutir — diz Jet a Ben, enquanto o conduz à porta.
A voz de tia Jet é sempre afável, no entanto o tom é tal que ninguém ousaria desobedecer. Ben apanha a capa e acena para Gillian.
— Eu lhe telefonarei de manha — declara ele. — Virei para o café da manhã.
— Não ferre esse — diz tia Jet a Gillian, depois de fechar a porta por trás de Ben.
— Não o farei — assegura-lhe Gillian igualmente. Ela vai até a janela e dá uma olhada no quintal. — Está horrível esta noite.
O vento começa a arrancar telhas de ardósia dos telhados, e todos os gatos da vizinhança reclamavam, para serem admitidos dentro de casa ou refugiaram-se em um vão de janela, para tiritar e uivar.
— Talvez devêssemos esperar — arrisca Sally.
— Levem a panela lá para trás — diz tia Jet a Kylie e Antonia.
A vela no centro da mesa emite um círculo de luz oscilante. Tia Jet toma na sua a mão de Gillian.
— Temos de cuidar disso já. Não se adia lidar com um fantasma.
— O que quer dizer, um fantasma? — diz Gillian. — Queremos ter certeza de que o corpo permanece enterrado.
— Muito bem — diz tia Francês. — Se é assim que quer encarar isso.
Gillian quisera ter tomado um gim, quando as tias tomaram. Em vez disso, acaba com o resto do seu café frio, que ficou em uma xícara sobre a bancada, desde o fim da tarde. Na manhã seguinte, o riacho atrás da escola secundária estará profundo como um rio. Os sapos terão de escalar para um terreno mais elevado. As crianças não pensarão duas vezes quanto a mergulhar na água morna e escura, mesmo que estejam vestindo suas roupas domingueiras e usando o seu melhor par de sapatos.
— Está certo — diz Gillian. Ela sabe que as tias estão falando a respeito

de mais do que um corpo: e o espírito do homem, é isso que as está perseguindo. — Muito bem — diz ela às tias e escancaram a porta dos fundos.
Antonia e Kylie carregam a panela até o quintal. A chuva está bastante próxima, elas podem sentir seu gosto no ar. As tias já mandaram as meninas levar sua mala até a sebe de espinhos. Elas mantêm-se bem juntas e, quando o vento farfalha suas saias, o tecido faz um ruído lamentoso.
— Isso dissolve o que antes foi carne — diz tia Francês.
Ela faz um sinal a Gillian.
— Eu? — Gillian dá um passo atrás, mas não há para onde ir. Sally está bem atrás dela.
— Vá — diz-lhe Sally.
Antonia e Kylie estão agarradas à pesada panela. O vento é tão forte que a sebe de espinhos se agita rapidamente, como que tentando cortá-las. Os vespeiros oscilam de um lado para o outro. E indiscutivelmente o momento.
— Ah, cara — sussurra Gillian a Sally. — Não sei se consigo fazer isso.
Os dedos de Antonia estão ficando brancos devido ao esforço para não deixar a panela cair.
— Isso está realmente pesado — dia ela, com voz trêmula.
— Acredite em mim — diz Sally a Gillian. — Você consegue.
Se há uma coisa de que Sally ora tem certeza é como uma pessoa pode surpreender-se com as coisas, que está disposta a fazer. Essas são as suas filhas, as meninas que ela queria que levassem vidas normais, e agora está permitindo que fiquem junto a uma pilha de ossos, com uma panela para espaguete cheia principalmente de lixívia. O que lhe aconteceu? O que se rompeu? Onde está aquela mulher consequente, com que as pessoas podiam contar, dia após dia? Ela não consegue parar de pensar em Gary, não importa com que empenho tente. Até telefonou para o Hide-A-Way, para perguntar se ele partiu, e ele partiu. Foi embora, e ali está ela, pensando nele. Na noite anterior, sonhou com o deserto. Sonhou que as tias lhe haviam mandado uma muda de macieira do seu quintal, e que ela florescia sem água. E, no sonho, os cavalos que comiam maçãs daquela árvore corriam mais rápido do que todos os outros, e qualquer homem que se servisse de um pedaço de uma torta que Sally preparava com essas maçãs seria seu, por toda a

vida.
Sally e Gillian tomam a panela das meninas, embora Gillian mantenha os olhos fechados, enquanto elas a viram e despejam a lixívia. A terra úmida crepita e está quente. Quando a mistura penetra mais profundamente no solo, surge uma névoa; da cor da tristeza, da cor do desgosto profundo, o cinzento dos pombos e do início da manhã.
— Recuem — dizem-lhe as tias, pois a terra começou a borbulhar.
As raízes dos arbustos de espinhos estão sendo dissolvidas pela mistura, assim como as pedras e os besouros, couro e ossos. Elas não conseguem afastar-se depressa o bastante, mas ainda assim algo está acontecendo sob os pés de Kylie.
— Maldito seja — grita Sally.
Logo abaixo dos pés de Kylie a terra está deslocando-se, desabando sobre si mesma, como um desmoronamento, afundando. Kylie o sente, ela o sabe, no entanto fica paralisada. Está caindo em um buraco, está caindo rapidamente, mas Antonia estica a mão para agarrar a parte de trás de sua blusa e, em seguida, puxa. Ela arranca Kylie de volta com tanta força e tão rápido que Antonia pôde ouvir o próprio cotovelo estalar.
As meninas ficam ali paradas, sem fôlego e aterrorizadas. Sem se dar conta, Gillian aferrou-se ao braço de Sally. Está agarrando-se tão firmemente que Sally durante dias terá na pele as marcas dos dedos da irmã. Então todas recuam. Fazem isso prontamente. Fazem isso sem que seja preciso dizer-lhes. Um filete de vapor vermelho-sangue está subindo do lugar, onde haveria estado o coração de Jimmy, um pequeno ciclone de rancor que desaparece ao se encontrar com o ar.
— Isso era ele — diz Kylie sobre o vapor vermelho e, efetivamente* elas podem sentir o cheiro de cerveja e graxa para botas, podem perceber o ar ficar quente como brasas em um cinzeiro. E, depois, nada. Absolutamente nada. Gillian não consegue ter certeza se está chorando, ou se a chuva começou. — Ele realmente se foi — diz-lhe Kylie.
Mas as tias não vão correr risco. Levaram consigo vinte pedras azuis dentro da mala maior, pedras que Maria Owens levara para a casa da rua Magnólia há mais de duzentos anos. Pedras como essas compõem o caminho no jardim das tias, mas havia excedentes amontoadas junto à estufa, suficientes para formar um pequeno pátio no local em que antes cresciam os lilases. Agora que a sebe de espinhos não passa de cinzas,

é fácil para as mulheres Owens assentar um círculo de pedras. O pátio não será ornamental, mas será bastante espaçoso para uma mesinha de ferro batido e quatro cadeiras. Algumas das meninas da vizinhança pedirão que seus chás se realizem ali e, quando as mães rirem e perguntarem por que esse pátio é melhor que o seu, as menininhas insistirão em que as pedras azuis dão sorte.

Não existe uma coisa como sorte, as mães lhes dirão. Tome o seu suco de laranja, coma os seus bolinhos, mantenha sua festa no seu quintal. Contudo, toda vez que as costas das mães estiverem viradas, as meninas arrastarão as bonecas, os ursinhos e os aparelhos de chá de porcelana para o pátio das Owens. — Boa sorte — sussurrarão elas, enquanto tilintam suas xícaras juntas, em um brinde. — Boa sorte — dirão, enquanto as estrelas aparecem acima delas, no céu.

Algumas pessoas acreditam que toda pergunta tem uma resposta lógica. Existe uma ordem para tudo, que é clara e baseada puramente na evidência empírica. Mas, de fato, o que poderia ser se não sorte que a chuva só comece para valer, quando o trabalho está pronto. As mulheres Owens têm lama sob as unhas, e seus braços doem de carregar aquelas pedras pesadas. Nessa noite, Antonia e Kylie dormirão bem, assim como as tias, que de vez em quando têm sido afligidas pela insônia. Elas dormirão a noite inteira, ainda que caiam raios em doze locais distintos de Long Island antes que a tempestade termine. Uma casa em East Meadow será inteiramente queimada. Um surfista de Long Beach, que sempre ansiou por furacões e grandes ondas, será frito. Um bordo que há trezentos anos se desenvolve no campo da ACM será rachado em dois e terá de ser abatido por serras de cadeia, para assegurar que não desabe sobre a equipe da Segunda Divisão.

Somente Sally e Gillian estão acordadas para acompanhar, quando chega o pior da tempestade. Elas não estão preocupadas com boletins meteorológicos. No dia seguinte, haverá galhos juncados pelo gramado, e as latas de lixo rolarão pela rua abaixo, mas o ar estará fragrante e ameno. Elas poderão fazer o desjejum e tomar café do lado de fora, se o desejarem. Poderão ouvir o canto dos pardais, que vêm pedir migalhas.

— As tias não pareceram tão decepcionadas quanto eu pensei que ficariam — diz Gillian. — Comigo.

A chuva está caindo com força. Está lavando as pedras azuis lá no quintal, deixando-as limpas e novas.

— Elas seriam estúpidas, se estivessem decepcionadas — diz Sally. Ela passa o braço pelo da irmã. Pensa que talvez fale a sério o que acabou de dizer. — E as tias decididamente não são estúpidas.

Nessa noite, Sally e Gillian irão concentrar-se na chuva e, no dia seguinte, no céu azul. Elas farão o máximo que puderem, mas serão sempre as meninas que outrora foram, vestidas com seus casacos pretos, voltando em meio às folhas caídas para uma casa, onde ninguém podia enxergar para dentro das janelas e ninguém podia enxergar para fora. Ao crepúsculo, pensarão sempre naquelas mulheres que fariam qualquer coisa por amor. E, apesar de tudo, descobrirão que esse, acima de todos os outros, é o seu momento favorito do dia. E a hora em que se lembram de tudo o que as tias lhes ensinaram. E a hora por que são mais gratas.

Nos arredores da cidade, os campos avermelharam-se, e as árvores estão completamente torcidas e negras. Há geada cobrindo os prados, e fumaça subindo das chaminés. No parque, bem no centro da cidade, os cisnes pousam a cabeça sob as asas em busca de comodidade e quentura. Os canteiros foram deixados em repouso, exceto aquele no quintal das Owens.

As couves estão desenvolvendo-se ali, embora algumas delas venham a ser colhidas dos canteiros nessa manhã, e preparadas com caldo de carne. As batatas já foram desenterradas, cozidas e amassadas e, no momento, estão sendo temperadas com sal, pimenta e raminhos do alecrim que cresce ao lado do portão. A tigela de porcelana, decorada com ramos de salgueiro, foi enxaguada e está secando na prateleira.

— Está usando pimenta demais — diz Gillian à irmã.

— Acho que dou conta de fazer purê de batata.

Sally prepara-o em todo almoço de Ação de Graças que cozinhou, desde que deixou a casa das tias. Tem plena certeza do que está fazendo, embora os utensílios de cozinha sejam antiquados e estejam um pouco enferrujados. Mas, naturalmente, já que Gillian é uma mulher tão mudada, ela dá conselhos livremente, mesmo quando não sabe sobre o que está falando.

— Conheço pimenta — insiste Gillian. — Isso é demais.

— Bem, eu conheço batatas — diz Sally e, no que lhe diz respeito, é melhor que seja assim, sobretudo se querem servir o almoço às três.

Eles chegaram tarde na noite anterior. Ben e Gillian estão acomodados

no sótão, Kylie e Antonia estão dividindo o que era uma sala de estar, e Sally está no pequeno nicho um tanto frio, perto da escada dos fundos, em uma cama dobrá-vel. O aquecimento está com defeito, de modo que eles arrastaram para fora todos os acolchoados de penas, acenderam todas as lareiras e chamaram o bombeiro, sr. Jenkins, para consertar o que estiver com problema. Embora seja manhã do dia de Ação de Graças e o sr. Jenkins não queira abandonar a comodidade de sua poltrona, quando Francês lhe fala ao telefone, todos sabem que ele estará lá até o meio-dia.

As tias não param de reclamar que estão fazendo estardalhaço demais, porém sorriem quando Kylie e Antonia as agarram, beijam-lhes o rosto, e dizem-lhes o quanto as amam e insistem que sempre as amarão. As tias são advertidas de que não precisam preocupar-se com que Scott Morrison esteja pegando o ônibus em Harvard, já que ele trará um saco de dormir e se ajeitará no chão da sala de estar. Elas mal notarão a sua presença e o mesmo vale para os dois colegas de quarto que ele também trará consigo.

O único gato restante é Pega, que está tão velho que só se levanta a fim de chegar até sua tigela de comida. O resto do tempo ele fica enroscado em uma almofada de seda privativa, em uma cadeira da cozinha. Um dos olhos de Pega não abre mais de modo algum, mas o olho são está fixo no peru, que está esfriando em uma travessa de cerâmica, no centro da mesa de madeira. Buddy está sendo mantido no sótão — Ben está lá com ele, dando-lhe de comer as últimas cenouras do pomar das tias —, uma vez que Pega já fora visto apanhando os filhotes de coelho que se encolhem entre os canteiros de couve. Fora visto comendo-os inteiros.

— Nem pense nisso — diz Gillian ao gato, ao vê-lo vigiando o peru, mas assim que ela vira as costas, Sally tira um pedaço de carne branca, que ela própria nunca comeria, e dá de comer ao velho Pega com a mão.

No dia de Ação de Graças, as tias geralmente encomendam uma galinha grelhada do mercado. Um ano elas arranjaram-se com peru congelado e, em outro ano, mandaram ao inferno todo o tolo feriado e comeram uma apetitosa carne assada. Nesse ano, estavam pensando em ter outro assado, quando as meninas insistiram em fazer uma visita no feriado.

— Ah, deixe-as cozinharem — diz Jet à irmã, que não consegue suportar o tinir e tilintar dos objetos de cozinha. — Elas estão divertindo-se.

Sally acha-se à pia, enxaguando o espremedor de batata, exatamente o mesmo que usava quando criança, quando insistia em preparar jantares nutritivos. Pela janela, pode ver o quintal, onde Antonia e Kylie estão correndo de um lado para o outro, afugentando os esquilos. Antonia usa um dos velhos suéteres de Scott Morrison, que ela tingiu de preto e que é tão grande que, quando ela abana os braços para os esquilos, dá a impressão de ter compridas mãos de lã. Kylie está rindo tanto que tem de deitar no chão. Ela aponta para um esquilo que se recusa a se mexer, um genioso vovô que está guinchando para
Antonia, já que considera seu esse pomar. Durante todo o verão e o outono, esteve vigiando as couves que elas estiveram recolhendo.
— Aquelas meninas são muito graciosas — diz Gillian, ao vir postar-se ao lado de Sally. Ela pretendia discutir um pouco mais sobre a pimenta, mas muda de assunto ao ver a expressão no rosto da irmã.
— Elas estão completamente adultas — conclui Sally, com sua / voz prosaica.
— E, isso mesmo — concorda Gillian com veemência. As meninas estão perseguindo o vovô esquilo em um círculo. Elas soltam um grito agudo e passam os braços uma em volta da outra quando ele, subitamente, pula para o portão do jardim e olha-as ferozmente. — Elas parecem realmente amadurecidas.
No início de outubro, Gillian finalmente recebeu notícias do escritório do procurador-geral em Tucson. Durante mais de dois meses as duas irmãs haviam esperado para saber o que Gary faria com a informação que Sally lhe dera. Elas haviam estado mal-humoradas e distantes de todos, exceto uma com a outra. Então, por fim, chegou uma carta, correspondência registrada, de alguém chamado Arno Williams. James Hawkins, escreveu ele, estava morto. O corpo fora encontrado no deserto, onde ele devia ter-se escondido durante meses e, em alguma espécie de estupor embriagado, rolara para a fogueira e fora queimado além de qualquer reconhecimento. A única maneira por que puderam identificá-lo, depois de ser levado ao necrotério, foi pelo seu anel de prata, que derretera um pouco e que estava, então, sendo enviado a Gillian, juntamente com um cheque visado de oitocentos dólares, proveniente da venda do Oldsmobile que haviam apreendido, já que Jimmy a registrara como sua única parente mais próxima, no Departamento de Veículos Motorizados, o que, de certo modo, era mais

ou menos a verdade.
— Gary Hallet — disse Gillian imediatamente. — Ele enfiou aquele anel em algum sujeito morto que não pôde ser identificado. Sabe o que isso significa, não é?
— Ele só queria cuidar de qtie a justiça fosse feita, e foi.
— Ele está inteiramente fisgado. — Gillian parecia não conseguir esquecer isso. — E você também.
— Quer fazer o favor de se calar? — dissera Sally.
Ela recusava-se a pensar em Gary. Realmente o fazia. Esfregava o centro do peito com dois dedos, depois segurava o pulso esquerdo entre o polegar e o indicador da mão direita, para verificar o ritmo da sua pulsação. Não ligava ao que Gillian dizia. Havia indiscutivelmente algo errado com ela. Seu coração dava verdadeiros saltos mortais. Batia rápido demais e, em seguida, lento demais e, se isso não significava que tinha algum tipo de problema, ela não sabia o que significava.
Gillian sacudiu a cabeça e gemeu. Era de tão patética que Sally se mostrara.
— Você não sabe mesmo. Essa coisa de ataque cardíaco que vem sentindo? E amor — tripudiou ela. — E assim que é.
— Está maluca — dissera Sally. — Não pense que sabe tudo porque, deixe-me dizer-lhe, você não sabe.
Mas havia uma coisa que Gillian sabia, sem sombra de dúvida, e foi por isso que, exatamente no sábado seguinte, ela e Ben Frye se casaram. Foi uma cerimônia discreta na prefeitura, e eles não trocaram alianças, mas se beijaram durante tanto tempo, junto ao balcão da sala de registros, que lhes pediram que fossem embora. Dessa vez, estar casada parece diferente para Gillian.
— Quarta vez são as palavras mágicas — diz ela às pessoas que lhe perguntam qual é o segredo de um casamento feliz, mas não é essa a sua opinião a respeito. Sabe que, quando a pessoa não perde a si mesma no acordo, descobre que tem em dobro o amor com que começou, e essa é a única receita que não pode ser falsificada.
Sally vai até a geladeira pegar um pouco de leite para adicionar ao purê de batatas, embora tenha certeza de que Gillian lhe dirá para, em vez disso, adicionar água, já que ultimamente ela é tão sabichona. Sally tem de empurrar vários pratos cobertos e, enquanto o faz, uma tampa cai de um recipiente raso.

— Veja aqui — grita ela para Gillian. — Elas ainda estão em atividade.
No recipiente, há um coração de pombo, perfurado por sete alfinetes.
Gillian vai postar-se ao lado da irmã.
— Alguém está sendo enfeitiçado, sem sombra de dúvida.
Sally repõe cuidadosamente a tampa no lugar.
— Eu queria saber o que aconteceu com ela.
Gillian sabe que ela está falando sobre a moça da drugstore.
— Eu costumava pensar nela sempre que as coisas desandavam — admite Gillian. — Queria escrever-lhe, inteirá-la de que eu lamentava ter-lhe dito todas aquelas coisas naquele dia.
— Ela provavelmente pulou de uma janela — conjetura Sally. — Ou se afogou na banheira.
— Vamos até lá para descobrir — diz Gillian.
Ela coloca o peru em cima da geladeira, onde Pega não pode alcançá-lo, e rapidamente empurra o purê de batatas no forno para mantê-lo aquecido, junto com uma panela com recheio de castanha.
— Não — diz Sally —, estamos velhas demais para xere-tar. — Mas ela se deixa ser puxada, primeiro até o armário de casacos, onde cada uma agarra um velho e grosso casaco com capuz, e depois pela porta da frente afora.
Elas precipitam-se pela rua Magnólia abaixo e dobram para a rua Peabody. Passam pelo parque e o gramado municipal, onde sempre caem raios, e rumam diretamente para a drugstore. Passam por diversas lojas fechadas — o açougue, a padaria e a tinturaria a seco.
— Vai estar fechada — diz Sally.
— De jeito nenhum — garante-lhe Gillian.
Mas, quando chegam lá, a drugstore está às escuras. Elas arregalam os olhos, através da vitrina, para as fileiras de xampu, a estante de revistas, o balcão em que tomaram tantas Coca-colas com baunilha. Nesse dia está tudo fechado na cidade, mas, quando se viram para ir embora, avistam o sr. Watts, cuja família sempre fora proprietária da drugstore e que mora no apartamento em cima. Ele éstá acompanhando a mulher, carregando dois empadões de batata-doce que estão levando para a casa da filha, em Marblehead.
— As meninas Owens — diz ele ao ver Sally e Gillian.
— Correto. — Gillian sorri largamente.
— A loja hoje está fechada — diz Sally. Elas seguem o sr. Watts,

embora sua mulher esteja esperando no carro, fazendo-lhe sinais para que se apresse. — O que aconteceu àquela moça? A que parou de falar?
— Irene? — diz ele. — Ela está na Flórida. Mudou-se para lá cerca de uma semana depois que o marido morreu, na primavera passada. Acho que ouvi dizer que se casou de novo.
— Tem certeza de que estamos falando da mesma pessoa? — pergunta Sally.
— Irene — assegura-lhes o sr. Watts. — Ela tem um café em Highland Beach.
Gillian e Sally correm o caminho todo até em casa. Enquanto correm estão rindo, de modo que, de vez em quando, têm de parar a fim de tomar fôlego. O céu está cinzento, o ar é frio, no entanto isso não as incomoda nem um pouco. Não obstante, quando alcançam o portão preto, Sally pára subitamente.
— O que é? — diz Gillian.
Não pode ser o que Sally pensa. O que pensa que vê é Gary Hallet lá no jardim, agachado, cavucando as couves, e isso simplesmente não pode ser.
— Ora, vejam quem está aqui — diz Gillian, satisfeita.
— Elas o fizeram — diz Sally. — Com o coração da pomba.
Assim que vê Sally, Gary ergue-se, um espantalho de casaco preto que não sabe se deve ou não acenar.
— Não fizeram — diz Gillian a Sally. — Elas nada tiveram a ver com isso.
Mas Sally não se incomoda se, na semana anterior, Gillian telefonou a Gary e lhe perguntou que diabo estava esperando. Não faz mal se ele esteve com o endereço das tias dobrado, dentro do bolso do casaco, desde esse telefonema. No momento em que ela corre pelo caminho de arenito cinzento, não importa nem um pouquinho o que as pessoas pensam ou em que acreditam. Há algumas coisas, afinal de contas, que Sally Owens sabe com toda a certeza: sempre jogue sal derramado sobre o seu ombro esquerdo. Mantenha alecrim junto ao portão do jardim. Adicione pimenta ao purê de batatas. Plante rosas e alfazema, para dar sorte. Apaixone-se sempre que puder.
Este livro foi composto na Editora Rocco Ltda e impresso na Editora JPA Ltda.

Av. Brasil, 10.600 - Rio de Janeiro - RJ em janeiro de 1999 para a Editora Rocco Ltda

BOSTON PUBLIC LIBRARY
jiiiiiiiil»!
3 9999 04186 872

N° longer the property of the Sa ‘ 6 ° f ‘ hÍS ma terial Library.
Aflston Brnnch Libraiy J 300 N. Ni:-,Street Allston, MA 02134

la uma trama habilmente elaborada, repleta de ação e imagens exuberantes, que envolvem o leitor e o conduzem através de mundos diferenciados e interligados entre si: o intangível e o tangível.

Alice Hofífnan é autora, entre outros, dos romances Sétimo céu e Lua dos namorados . Practical magic foi adaptado para o cinema e deu origem ao filme , com Sandra Bullock e Nicole Kidman.
Vive nas proximidades de Boston, com o marido e dois filhos.
Capa: Óleo sobre tela, 1877. Dante Gabriel Rossetti. Coleção particular

Notas

[←1]

* No folclore gaélico, espírito feminino que, com seus lamentos no lado de fora de uma casa, prediz a morte de uma pessoa da família. (N. da T.)